



DENISE FREITAS DE DEUS SOARES

**A RECONFIGURAÇÃO TECNO-ESTÉTICA DO *JORNAL NACIONAL* COMO
FORMA DE REPOSICIONAMENTO NO MERCADO**

Teresina (PI)
2017



DENISE FREITAS DE DEUS SOARES

**A RECONFIGURAÇÃO TECNO-ESTÉTICA DO *JORNAL NACIONAL* COMO
FORMA DE REPOSICIONAMENTO NO MERCADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de concentração: Processos e práticas no Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Lima Dourado

Coorientadora: Profa. Dra. Juliana Fernandes Teixeira.

Teresina (PI)
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S676r Soares, Denise Freitas de Deus.
A reconfiguração tecno-estética do jornal nacional como
forma de reposicionamento no mercado / Denise Freitas de Deus
Soares. – 2017.
224 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) –
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
“Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Lima Dourado”.
“Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Fernandes Teixeira”.

1. Telejornalismo. 2. Economia Política - Jornalismo.
3. Jornal Nacional. I. Título.

CDD 070.195

DENISE FREITAS DE DEUS SOARES

A RECONFIGURAÇÃO TECNO-ESTÉTICA DO JORNAL NACIONAL COMO
FORMA DE REPOSICIONAMENTO NO MERCADO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade Federal do Piauí, em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Mestre em Comunicação


PROFA. DRA. JACQUELINE LIMA DOURADO
Presidente


PROF. DR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS
Examinador


PROFA. DRA. NILSÂNGELA CARDOSO LIMA
Examinadora

**Aos meus pais, Raimundo e Iracema;
Às minhas irmãs, Iranize, Flávia e Karla;
À minha Dani e ao Tiago:
as melhores razões de viver,
tudo por eles e para eles.**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa muito mais do que está escrito nestas páginas. É o ânimo de quem, após 10 anos de formação, decidiu voltar aos estudos com a convicção de que a *práxis* é essencial a um jornalista, mas sair do “piloto automático” não foi fácil. Ainda há resistência por parte da academia em abrir portas para quem habita o mercado de trabalho. O ritmo frenético do mercado também não ajuda a quem decide se aventurar nessa vida dupla: de profissional e de pesquisadora. Mas, à frente de tudo, há sempre Deus, que tudo facilita a quem persevera.

Apareceram, também, nessa jornada, professores como a minha orientadora, prof^a. Dra. Jacqueline Lima Dourado, e a minha coorientadora, prof^a. Dra. Juliana Teixeira, a quem dedico as maiores contribuições nesses últimos dois anos. Agradeço, também, aos professores Murilo César Ramos e Nilsângela Cardoso pelas contribuições, na banca de qualificação, me nortearam a chegar a esta versão que ora apresento. Agradeço, ainda, aos meus colegas de turma do *PPGCOM* por terem encontrado no outro sempre o apoio e o carinho. De forma especial, os agradecimentos vão também à minha família: pais, irmãs; ao Tiago e à minha Dani, por serem muito mais do que incentivos, mas também pela paciência e compreensão da ausência em eventos familiares e, até mesmo, nos acontecimentos simples do dia a dia. Aos amigos que seguem ao meu lado e conseguem se alegrar com as minhas conquistas, o meu respeito e o meu carinho.

RESUMO

No telejornalismo contemporâneo, as transformações no formato do padrão tecno-estético são uma constante e compreender de que maneira essas mudanças têm ocorrido torna-se fundamental. O objetivo desta dissertação foi analisar como as transformações no *Jornal Nacional* foram implementadas de modo a manter e/ou recuperar a hegemonia tecno-estética da *Rede Globo*, sobretudo, a fim de atender a estratégias mercadológicas que visam à manutenção e/ou ampliação da audiência e de anunciantes do telejornal em tempos de busca por inovações. Com base em observações no período compreendido, entre 20 a 25 de abril de 2015 (*antigo formato*), e, 27 de abril a dois de maio de 2015 (*formato recente*), como também em revistas publicitárias, como *Meio & Mensagem* e *Mídia Dados*, foram propostos alguns pontos de partida para a presente dissertação. A hipótese central era que, ao mudar o formato do principal telejornal da emissora, o *Jornal Nacional*, a *Rede Globo* rompeu com a formalidade aparente e com as antigas regras de produção, mas ainda apresenta ao público um telejornalismo com traços de formalidade ao continuar seguindo um padrão tecno-estético, embora esse padrão tenha sido reconfigurado como estratégia de reposicionamento no mercado. Hipótese essa que se confirma ao fim dessa pesquisa. Para tentar apreender essa reconfiguração no telejornal, recorreu-se à Economia Política do Jornalismo como perspectiva teórica e ao estudo de caso como estratégia metodológica.

Palavras-chave: Telejornalismo; Formato; Economia Política do Jornalismo; *Jornal Nacional*.

RESUMEN

En el periodismo televisivo contemporáneo las transformaciones en el formato tecno-estético son una constante y comprender de qué manera esos cambios han ocurrido se vuelve fundamental. El objetivo de esta investigación es analizar cómo las transformaciones en el *Jornal Nacional* se implementaron de modo a mantener y / o recuperar la hegemonía tecno-estética de la red *Globo*, sobre todo a fin de atender a estrategias mercadológicas que apuntan al mantenimiento y / o ampliación de la audiencia y de anunciantes del telediario en tiempos de búsqueda por innovaciones. Fundamentados en observaciones en el período comprendido entre el 20 al 25 de abril de 2015 (antiguo formato) y el 27 de abril a dos de mayo de 2015 (formato reciente), así como en revistas publicitarias, como *Medio & Mensaje* y *Mídia Dados*, se proponen algunos puntos de partida para la presente investigación. La hipótesis central es que al cambiar el formato del principal telediario de la emisora, el *Jornal Nacional*, la red *Globo* rompió con la formalidad aparente y las antiguas reglas de producción, pero aún presenta al público un telediario con trazos de formalidad al seguir un patrón tecno-estético, aunque este patrón ha sido reconfigurado como estrategia de reposicionamiento en el mercado. Hipótesis que se confirma al final de esta investigación. Para intentar aprehender esa reconfiguración en el telediario, se recurrió a la Economía Política del Periodismo como perspectiva teórica y al estudio de caso como estrategia metodológica.

Palabras-clave: Periodismo televisivo; Formato; Economía Política del Periodismo; *Jornal Nacional*.

ABSTRACT

In contemporary telejournalism transformations in the techno-aesthetic format are a constant and understanding how these changes have taken place becomes fundamental. The objective of this research is to analyze how transformations in the National Journal were implemented in order to maintain and / or recover the *Globo* network's technological and aesthetic hegemony, especially in order to meet market strategies aimed at maintaining and / or expanding the audience of television advertisers in times of search for innovations. Based on observations in the period between April 20-25, 2015 (old format) and April 27 to May 2, 2015 (recent format), as well as in advertising magazines such as *Meio & Mensagem* and *Mídia Dados*, some proposals are proposed starting points for the present research. The central hypothesis is that by changing the format of the main television news broadcaster, *Jornal Nacional*, the *Globo* network broke with apparent formality and the old rules of production, but still presents the public with a television journalism with traces of formality by continuing to follow a pattern techno-aesthetic, although this pattern has been reconfigured as a repositioning strategy in the market. This hypothesis is confirmed at the end of this research. In order to try to apprehend this reconfiguration in the newscast, the Political Economy of Journalism is used as a theoretical perspective and the case study as a methodological strategy.

Keywords: Telejournalism; Format; Political Economy of Journalism; *Jornal Nacional*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	43
Gráfico 2	44
Gráfico 3	44
Gráfico 4	45
Tabela 1	46
Tabela 2	46
Tabela 3	47
Tabela 4	48
Tabela 5	48
Gráfico 5	49
Gráfico 6	50
Figura 1	50
Figura 2	67
Figura 3	69
Gráfico 7	71
Figura 4	73
Figura 5	74
Figura 6	74
Gráfico 8	76
Figura 7	94
Figura 8	94
Figura 9	96
Figura 10	96
Figura 11	100
Figura 12	105
Figura 13	106
Gráfico 9	108
Figura 14	114
Gráfico 10	115
Figura 15	117
Figura 16	118

Figura 17	118
Figura 18	119
Figura 19	119
Figura 20	120
Figura 21	120
Figura 22	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Capítulo um – SITUANDO O MERCADO TELEVISIVO	22
1.1 Um breve panorama da concepção de mercado ao longo do tempo	25
1.2 O mercado televisivo e seus desdobramentos tecnológicos	28
1.3 A TV <i>Globo</i> e a construção da hegemonia	31
1.4 A hegemonia como produto do padrão tecno-estético	37
Capítulo dois – A INOVAÇÃO COMO UMA ESTRATÉGIA MERCADOLÓGICA	53
2.1 Inovações graduais: os conceitos de <i>midiamorfose</i> e <i>remediação</i>	53
2.2 Apropriação social da tecnologia	59
2.3 As mudanças como uma constante: um histórico das transformações já aplicadas ao <i>JN</i>	62
2.4 As mudanças no <i>JN</i> e suas relações mercadológicas	78
Capítulo três – PROPOSTA DE CATEGORIAS A PARTIR DA ANÁLISE DO PADRÃO TECNO-ESTÉTICO DO JORNAL NACIONAL EM 2015	83
3.1 Alguns apontamentos metodológicos	84
3.2 Detalhando os procedimentos e técnicas	86
3.3 Categoria <i>autorreferencialidade</i>	88
3.4. Categoria <i>formalidade x leveza</i>	93
3.5 Categoria apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para convenção de outras	98
3.6 Categoria <i>transcomunicação</i>	104
3.7 Categoria <i>conteúdos</i> : uma nova roupagem, mas a mesma abordagem	109
CONCLUSÕES	112
1 Desdobramentos futuros: uma atualização necessária	115
REFERÊNCIAS	125
Anexo – Glossário	132
Apêndice – Decupagem e análise descritiva do <i>Jornal Nacional</i>	100

INTRODUÇÃO

Em abril de 2015, na semana em que a *Rede Globo* de Televisão completou 50 anos¹, o *Jornal Nacional (JN)* apresentou ao público um novo cenário e um *novo formato*, mudanças que são resultado de um longo processo de reconfiguração do Jornalismo da empresa para atender às exigências de mercado. A mudança foi uma tentativa de caber nesses novos tempos em que o *Jornal Nacional* tem a sua hegemonia² ameaçada, não só pelas emissoras concorrentes, bem como pelos dispositivos móveis.

Desde movimentações demarcadas pelo cenário, algo inimaginável na época do telejornalismo de cenário estático e de âncoras de feições sisudas, passando pela aproximação de apresentadores com os repórteres por meio de um telão futurista³ e de alta tecnologia, até diálogos aparentemente informais durante a previsão do tempo com tratamentos cordiais e/ou por apelidos, além de comentários bastante pessoais (“ai que frio!”, “vou colocar meu casaco”), o *Jornal Nacional (JN)* parece ter reformulado um padrão estético para o telejornalismo brasileiro, que logo foi seguido por afiliadas da *Rede Globo* e emissoras concorrentes. Gruas, *steadycams*⁴ e pedestais passaram a compor o aparato tecnológico dos bastidores do programa.

Nos últimos anos, a audiência da *Rede Globo* e do *Jornal Nacional*, como seu principal Telejornal, vem caindo, de forma que, em 2015, a emissora detinha no período noturno 42,1% da audiência e, em 2016, 40, 85%, conforme *Mídia Dados*⁵. Ainda assim, o *JN* permanece como o espaço publicitário mais valioso na televisão brasileira e na mídia de uma forma geral. Segundo a revista publicitária *Mídia Dados*, um pacote com anúncio de 30 segundos durante o intervalo do *Jornal* somente com a marca do anunciante custava R\$1.184.640,00, em 2016. Com patrocínios, como do futebol, tem o valor tabelado de R\$ 255

¹ Data de fundação da *Rede Globo* de Televisão: 26 de abril de 1965, criação oficial. Ver <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-Globo/detalhes-de-verbete.htm>

² Brittos (2001, p. 41-42) trabalha o conceito de hegemonia a partir da visão de Gramsci, como um fenômeno que se constrói com a manutenção da supremacia de dominantes sobre dominados. Trata-se, portanto, de um processo de identificação dos bens simbólicos no interior social ou difusão de uma ideologia. As atuações hegemônicas situam-se como expressão de relações de poder em que as trocas são desiguais e marcadas pela dominação.

³ Monitor *Oled* da *Sony*, cuja marca não aparece, e teclado da *Logitech*, modelo *dinove*.

⁴ *Steadycams* é um sistema em que a câmera é acoplada ao corpo do operador, dando a impressão de que flutua (PATERNOSTRO, 2006)

⁵ Ver MÍDIA DADOS. Disponível em: <https://dados.media/#/dashboards/TELEVISION>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

milhões por cota (dados 2016)⁶. Exibido semanalmente, de segunda a sábado, o *Jornal Nacional* é ainda hoje o Telejornal de maior audiência no horário noturno em TV aberta, de acordo com pesquisas recentes divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

Ao longo dos seus 48 anos de existência, o *Jornal Nacional* da *Rede Globo* se consolida como um espaço hegemônico na televisão brasileira. De 1969 até hoje, o Telejornal sofreu de forma periódica algumas alterações no padrão tecno-estético. O olhar dessa pesquisa é, em especial, para o ano de 2015, período das referidas mudanças, algumas das mais significativas no formato do Telejornal até aqui. Posteriormente, será realizada uma atualização, tendo, como referência, o ano de 2017, uma vez que tal reconfiguração é, em parte, atualizada neste ano. A proposta é lançar o olhar para o espaço de hegemonia da *Rede Globo* ao praticar mudanças no ponto de vista estético do *Jornal Nacional*.

Levando em consideração discussões traçadas nas correntes teóricas da Economia Política da Comunicação (doravante EPC) na perspectiva de Mosco (1999, 2016) e, em específico, da Economia Política do Jornalismo (doravante EPJ), a partir do conceito de Franciscato (2013), a presente dissertação pretende analisar, por um viés operacional e mercadológico, a reconfiguração do Telejornal, lançando, desse modo, as seguintes hipóteses: 1) ao mudar o formato do principal jornal da emissora, o *Jornal Nacional*, a *Rede Globo* rompeu aparentemente com a suposta formalidade e com as antigas regras de produção, mas apresenta, ainda, ao público um telejornalismo com traços de formalidade ao continuar seguindo um padrão tecno-estético; 2) ao buscar um *novo formato*, o *Jornal Nacional* lança muito mais que um simples padrão a ser seguido, mas, visa, principalmente, a uma adaptação e reposicionamento no mercado na busca constante pela manutenção de um espaço de hegemonia e de sobrevivência; e 3) ao lançar o formato atual, o *Jornal Nacional* insere no mercado inovações no Jornalismo, ao inovar na forma, mas não no conteúdo ou na abordagem, considerando que a inovação no Jornalismo pode partir de múltiplas perspectivas.

O *novo formato* ou a nova face apresentada pelo Telejornal de horário nobre da *Rede Globo* representa ainda uma estratégia para atrair o público, seja o telespectador e/ou o anunciante, os quais correspondem a fatias diretas do mercado. Essas hipóteses baseiam-se, ainda, na visão de diferentes autores da EPJ, como Kalikoske (2011), Dourado (2012), Brittos (2001) e Mattos (2010), que analisam o mercado televisivo e suas especificidades.

⁶Ver Mídia Dados. Mercado e Categorias. Disponível em <https://dados.media/#/dashboards/TELEVISION>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

A partir dessa ótica de mercado e de produção de capital, propõe-se uma compreensão das implicações mercadológicas que propiciaram mudanças no formato do *Jornal Nacional* da *Rede Globo* (que, em 2017, completou 48 anos), tendo, como base, o estudo do eixo teórico-metodológico da EPC e, em especial, da EPJ.

Ao longo dos últimos anos, esse modelo do *Jornal Nacional*, principal telejornal da emissora no quesito audiência, foi se reformulando gradativamente, conforme será detalhado a seguir, e traz algumas considerações sobre o *novo formato*, exigido pelo mercado e cujo alicerce é o padrão tecno-estético, o qual, inicialmente, é explicitado por Leroy (1992), ao analisar as tecnologias inseridas à arte teatral, quando procura mostrar as constituintes oposições, polaridades, complementaridades que envolvem arte e tecnologia. Assim, “um sistema tecno-estético pode ser analisado nestes termos como um conjunto coerente de instituições e processos, com um gênero e estilo específico⁷” (LEROY, 1992, p. 241).

A expressão cunhada por Leroy (1992) parte de uma observação sobre a adoção de tecnologias e estruturas socioeconômicas para a elevação da mão-de-obra especializada, empregadas inicialmente ao espetáculo teatral francês e, posteriormente, designada à adoção de características semelhantes nas indústrias culturais. O termo padrão tecno-estético também é acentuado por Kalikoske (2010), que o transpõe para o âmbito televisivo, como resultado de estratégias em amplos níveis, especialmente, político-econômicas, direcionadas à propagação da ideologia da emissora *Globo*. O conceito é pertinente para os esforços de tentar compreender a ligação entre as mudanças no formato do Telejornal e as questões de mercado.

Historicamente, o jornal apresenta mudanças graduais que carecem de uma observação sobre o porquê de promover e ditar novos formatos. É importante considerar que o ambiente político-econômico está imerso nas relações sociais, que atravessam, sobretudo, a comunicação, na qual as leis de troca também incluem as leis do acesso à informação, quem a produz, faz circular ou a consome. “A economia política implica, assim, uma poderosa operação que troca (metonimicamente) a totalidade complexa da vida social pela parte – especializada, racionalizada em termos de custo benefício – da economia” (SODRÉ, 2003, p. 31). A complexidade da vida social é reduzida a recortes de abordagens comunicacionais de um dado contexto.

Durante quatro décadas e meia, o telejornalismo da *Rede Globo* se apresentou de maneira estática em seus enquadramentos de câmeras – apenas frontais, com imagens abertas

⁷ Um système techno-esthétique peut être dans ces conditions analysé comme um ensemble cohérent d’institution et de processos, possédantt em outre um style et um genre spécifiques (LEROY, 1992, p. 243) [Todas as traduções da dissertação foram realizadas pela própria autora].

e fechadas - e formatos de produção da notícia seguindo regras formais e claras de produção. A partir de 2009, a reconfiguração nos moldes de produção da notícia foi ganhando mais flexibilidade com formatos aparentemente mais informais, até mesmo com a inserção de gírias, passando pela implantação de quadros noticiosos dotados de uma ligação estreita com o entretenimento, estabelecendo, assim, formatos cada vez mais híbridos.

No dia 27 de abril de 2015, o programa *Jornal Nacional* trouxe um novo cenário e, aparentemente, um modelo que vem se reformulando e sendo seguido pelas afiliadas da *Rede Globo* em todo o país. O Telejornal, atualmente apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos, ficou aparentemente mais informal, tendo mais diálogos e comentários. A mudança também trouxe, após 45 anos de história, uma apresentadora titular negra no quadro da previsão do tempo. Além disso, o quadro com as previsões meteorológicas, antes gravado no período da tarde, passou a ser feito ao vivo, com visível interação de William Bonner e Renata Vasconcellos com Maria Júlia Coutinho. Contudo, a mudança mais visível nesse formato, também questionada do ponto de vista da inovação, é o fato de os apresentadores não ficarem mais o tempo todo sentados e passarem a circular pelo estúdio. Ao analisar as principais mudanças, há também o esforço de identificar se há a promoção de algo novo no telejornalismo com esse processo de reconfiguração no formato.

A implementação de um modelo aparentemente mais informal de apresentar a notícia pelo *JN*, em 27 de abril de 2015, causou um estranhamento ao público em relação ao modelo anterior e considera-se que isso se configurou em uma problemática de pesquisa: de que maneira tais mudanças foram implementadas justamente visando à manutenção da hegemonia tecno-estética da *Globo*, sobretudo quando é considerada a perspectiva mercadológica das estratégias adotadas pela emissora? O objeto de estudo, aqui, portanto, são as relações entre o atual formato telejornalístico e a busca pela manutenção e/ou ampliação da audiência e dos anunciantes, implicando, para além do conteúdo, em questões de mercado no período de 2015.

Sendo assim, a finalidade principal é compreender de que maneira as mudanças no *Jornal Nacional* foram implementadas de modo a manter a hegemonia tecno-estética da *Rede Globo*, ao se considerar que “a ligação capital-comunicação é histórica e está acentuada” (BRITTOS, 2001, p. 51).

Além disso, pretende-se analisar as principais mudanças no formato do telejornal em estudo, no período compreendido entre 20 e 25 de abril de 2015 (*antigo formato*), e, de 27 de abril a dois de maio de 2015 (*formato recente*); bem como discutir a relação entre os

departamentos da emissora (Jornalismo, *marketing* e comercial) no processo de criação do novo modelo, identificando como o mercado se posicionou diante dessas modificações no *Jornal Nacional*. Estabelecem-se as noções de *mercado* no primeiro capítulo desta dissertação, que levam a outros importantes conceitos como *hegemonia* e padrão *tecnológico*, que serão aprofundados adiante.

Adotando, com certa relatividade, a proposição de Bauman (2006, p. 117), de que “o mercado transforma em produto de consumo tudo aquilo que toca”, ultrapassa-se a discussão da autonomia do trabalho do jornalista e se compreende que o diálogo de jornalistas com os demais departamentos da emissora, tais como comercial e *marketing*, pode ter suscitado a necessidade de reinventar o processo de construção e apresentação do produto *Jornal Nacional*, ou seja, está implícito que a motivação para esse novo modelo possa ter relação com uma adaptação ao mercado.

Este trabalho não buscou concentrar esforços em analisar as minúcias do discurso midiático, nova fala e linguagem dos telejornais, mas, sim, as motivações. Surgiram, então, como questões complementares, as seguintes perguntas: o que realmente provocou essas mudanças? O que mudou no Telejornal e por que mudou? Que mudança é essa? Essa mudança traz algo que pode ser considerado como inovador no telejornalismo ao olhar para as edições do Telejornal e também para as revistas que analisam o mercado publicitário⁸? Mais adiante será detalhado o que se está considerando como inovação.

Há muitos anos na posição de espaço hegemônico televisivo, o *Jornal Nacional* ainda necessita de estudos, principalmente porque é o maior telejornal em audiência, norteia a formação de opiniões, dita modelos em todas as afiliadas da *Rede Globo* e serve, ainda, de parâmetro para emissoras concorrentes, oferecendo, portanto, uma espécie de *insight* para novos estudos em outros telejornais que se reconfiguraram após o *Jornal Nacional* de 2015.

Em um processo de identificação dos bens simbólicos no interior social ou difusão de uma ideologia, acentuando, desta forma, as relações de poder em que as trocas são desiguais, o *Jornal Nacional* serve ora como referência, ora como entrave às demais emissoras do país, ao imprimir um modelo que reverbera por muitas emissoras do mercado, inclusive, as do eixo local. Isso se dá a partir da construção de um espaço hegemônico, proposto por Brittos (2001)

⁸ As revistas foram atualizadas após a qualificação, em função da atualidade necessária, até para poder manter a dissertação mais próxima dos dados mais recentes na área.

como um elemento que se edifica com a sustentação da supremacia de dominantes sobre dominados⁹.

Desse modo, o presente trabalho se coaduna com as perspectivas desenvolvidas pelas pesquisas da linha de Processos e Práticas em Jornalismo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí. Para a academia e os estudos locais, a pesquisa pode contribuir ao lançar um olhar sobre um produto telejornalístico que, de certa forma, reverbera em todo o país. Para o mercado, um possível auxílio na reflexão de processos e práticas que se reconfiguram em torno do capital.

O *Jornal Nacional* foi escolhido também por ser considerado responsável por um imenso apelo de compra, já que disputa diariamente uma parcela significativa do público. É o jornal de maior audiência no horário noturno em TV aberta, muito consumido inclusive no Piauí; e o de maior visibilidade da emissora, com média de 32 pontos de audiência no eixo Rio-São Paulo e de 39 pontos na região Nordeste, de acordo com pesquisas divulgadas pelo Ibope em 2015.

O objetivo geral do presente estudo pode ser assim sintetizado: compreender de que maneira as mudanças no *Jornal Nacional* foram implementadas de modo a manter a hegemonia tecno-estética da *Rede Globo*, sobretudo com o objetivo de atender a estratégias mercadológicas que visam à manutenção e/ou ampliação da audiência e de anunciantes do Telejornal.

São quatro os objetivos específicos estabelecidos, a saber:

- a) Problematizar de que maneira a *Rede Globo* busca manter a sua hegemonia a partir da mudança periódica do seu padrão tecno-estético;
- b) Analisar as principais mudanças no formato do Telejornal em estudo;
- c) Refletir sobre fatores diversos: mercadológicos (anúncios, audiência), políticos e econômicos que participam do processo de construção do modelo de negócio a partir desse *novo formato* de produção de notícias;
- d) Categorizar as mudanças identificadas, levando em conta as análises realizadas na semana de transição dos modelos do *JN*;
- e) Discutir se as mudanças realizadas representam, de fato, inovação no telejornalismo praticado, e em que medida (se no conteúdo, se na abordagem).

É necessário esclarecer as escolhas metodológicas e técnicas adotadas nesta dissertação, assim como os discernimentos que nortearam a construção do *corpus* que compõe

⁹ No contexto do telejornalismo brasileiro a *Rede Globo* ocupa a posição de dominante na medida em que dita padrões aspirados pelas demais emissoras (BRITTOS, 2001).

o trabalho. Em termos teóricos e metodológicos, a discussão será pautada na EPJ e no entendimento de que as relações de trabalho estão imersas no ambiente político, econômico e cultural e ajudam a nutrir a indústria da comunicação, privilegiando as reflexões em torno da análise de mercado e do contexto sócio-político-econômico em que os fenômenos da comunicação incidem.

A pesquisa tem como objeto o *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, a partir da EPC e, em especial, da EPJ, segundo Kalikoske (2011), Dourado (2012), Brittos (2001) e Mattos (2010). O *Jornal Nacional* tornou-se o objeto da pesquisa por ter apresentado, ao longo do tempo, e, de maneira mais incisiva, uma mudança no formato telejornalístico, portanto, foi realizado um estudo de caso baseado em autores como Yin (2005) e Alves-Mazzotti (2006). Para tanto, procedeu-se a criterioso levantamento bibliográfico na literatura científica, a partir da compilação de trabalhos publicados em revistas científicas e livros especializados. Além disso, parte-se da análise desse jornal, a fim de entender qual a relação de todas essas mudanças com o mercado.

Portanto, o propósito da dissertação são as relações desse formato com as questões mercadológicas, tendo, como suporte, a pesquisa analítico-descritiva sobre a forma como as matérias são apresentadas e na disposição de cenário e de apresentadores pelo estúdio. De acordo com Gil (2012), a pesquisa analítica envolve o estudo aprofundado de informações disponíveis, na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno; e se torna descritiva também ao passo em que o estudo procura determinar opiniões ou projeções futuras nas respostas obtidas.

O método aplicado nas pesquisas da EPC é o materialista histórico-dialético, desenvolvido por Karl Marx (1980), capaz de elucidar, cientificamente, os problemas gerais, na medida em que a teoria não considera a sociedade isolada de objetos ou fenômenos políticos, sociais, econômicos e culturais, mas, sim, destaca que essas relações estão interligadas, mantendo relação de dependência umas com as outras. Assim, a disciplina rompe com posicionamentos que desconsideram o papel central dessas relações.

No ambiente da lógica do capital, em que a notícia tem valor de mercado, opta-se pelo método materialista histórico-dialético de Karl Marx (1980) como forma de tentar melhor compreender a realidade que se transforma de modo a atender às necessidades mercadológicas. O materialismo histórico é uma abordagem metodológica ao estudo da sociedade, da economia e da história, segundo a qual o modo de produção da vida material

condiciona o conjunto da vida social, política e econômica, consistindo em um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas.

Essa visão foi chamada de materialismo histórico, segundo a qual não existe indivíduo formado fora das relações sociais; e são essas relações que determinam a produção da vida material, maneira pela qual os homens produzem os meios indispensáveis para a sustentação das sociedades:

O marxismo analítico ocidental tem tido um desenvolvimento importante desde os anos 70. Ele deixou de lado o essencialismo dialético e o apoio nos conceitos tradicionais de dialética. Só é dialético no sentido amplo em que toda filosofia analítica moderna é dialética (LOONE, 1996, p. 456).

Marx (1980) procurou compreender a história dos seres humanos em sociedade a partir das condições materiais nas quais eles viviam, o papel dos homens e da natureza inerente ao ser e do processo de trabalho no desenvolvimento da nossa história. Ao fazer uma análise crítica, o materialismo histórico-dialético lança uma proposição sobre o que vem depois do fenômeno ou acontecimento analisado e como vai ser em seguida.

Hegel (1974) imaginava que as pessoas tinham um mundo de ideias, e esse mundo de ideias acabava refletindo no nosso mundo material, no que temos e somos. Já Marx (1980) acreditava exatamente no contrário e dizia que é o nosso mundo material, tudo que temos e vivemos, que irá influenciar nas nossas ideias. Daí surge o materialismo, em que as questões materiais influenciam na vida das pessoas. Do histórico acreditava que as questões materiais de cada época e as relações entravam em conflito e, assim, iriam gerar algo novo. A dialética considera que o processo de desenvolvimento deve ser entendido não como movimento circular, não como simples repetição do caminho percorrido. Embora seja algo cíclico, nunca será exatamente como já foi apresentado, sempre algo de novo surgirá e são as contradições que darão surgimento ao novo.

Com relação à estrutura da dissertação, além da introdução e da conclusão, a dissertação compreende três capítulos. Cabe salientar que, partindo do pressuposto de que o estudo de caso deve servir como ilustração de argumentos, os resultados obtidos são apresentados pelos diversos capítulos. Ou seja, não é dedicado um capítulo específico para a análise dos dados coletados nas análises, o que, inclusive, gera uma dissociação entre teoria e dados empíricos, prática da qual esta pesquisa pretende se distanciar. Em vez disso, as estatísticas e descrições foram empregadas somente quando necessárias para fundamentar e/ou ilustrar as discussões conceituais desenvolvidas na dissertação; isto é, com o objetivo de evidenciar dados relevantes para os argumentos teóricos da pesquisa. Desse modo, cada

capítulo, ainda que inserido em um conjunto articulado, constitui uma unidade autônoma e apresenta a oportunidade de fazer abordagens teóricas específicas ilustradas com exemplos observados ao longo da análise do *Jornal Nacional*.

No primeiro capítulo, intitulado “Situando o mercado televisivo”, o objetivo foi traçar uma discussão sobre as estratégias mercadológicas envolvidas nos produtos apresentados pelas emissoras de televisão no atual contexto midiático. Para isso, recorreu-se a pesquisas de mercado diversas, até para evidenciar as maneiras de segmentação de mercado, sobretudo diante das tecnologias digitais contemporâneas de comunicação. Além disso, já que nosso objeto é o *Jornal Nacional* da TV *Globo*, haverá uma problematização do conceito de hegemonia, levando em conta sua constituição em um processo histórico. Ao final do capítulo, propõe-se a discussão da busca da manutenção da hegemonia a partir de mudanças constantes no padrão tecno-estético, fundamentando um dos objetivos específicos da pesquisa.

No segundo capítulo, o objetivo foi, inicialmente, apresentar a prática da inovação em telejornalismo como uma estratégia mercadológica. Recorreu-se aos conceitos de *midiamorfose* e *remediação* para identificar a ideia de inovação gradual. Por meio da apropriação social da tecnologia, as mudanças serão apresentadas como uma constante, ao se levantar o histórico das transformações já aplicadas ao *Jornal Nacional*.

No terceiro e último capítulo, são apresentados os resultados da análise em mudanças categorizáveis. Entre as categorias identificadas estão: *Autorreferencialidade; Lormalidade x Leveza; Apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para a convenção de outras; Transcomunicação e Conteúdos: uma nova roupagem, mas a mesma abordagem*.

Nas conclusões, são expostos resultados das análises, bem como são pontuadas novas mudanças no *JN*, apresentadas em 19 de junho de 2017, durante o desenvolvimento da pesquisa, de forma a trazer os seguintes desdobramentos futuros: “aspectos transformadores no telejornalismo contemporâneo: transformações no formato como uma constante”.

Capítulo um **SITUANDO O MERCADO TELEVISIVO**

Se um dia se pensou a mídia como instrumento de vigília da sociedade, a fim de servi-la em detrimento de qualquer outro interesse, esse pensamento ficou apenas em uma proposição imaginária e passageira. Aquilo que poderia ser um fio condutor da liberdade democrática, um meio de difusão dos ideais comuns, tornou-se um fenômeno social em larga escala, que emerge com o surgimento de tecnologias propiciadas pelo capitalismo, que integra, em parte, o mundo que adere à lógica do mercado.

De acordo com Silverstone (2005), os meios de comunicação contemporâneos passam por uma fragmentação dos seus espaços, pela liberalização dos seus mercados e por uma restrição imposta pela alta dos custos numa cultura midiática digital e global. Para compreender as questões mercadológicas envolvidas no ambiente midiático, faz-se necessário apreender, inicialmente, as considerações sobre mercado, desvelando seus contornos em uma abordagem que recorre à história e ao contexto social em que o mesmo se configura.

Mosco (1999, 2016) delinea os contornos dos estudos que, inicialmente, se encarregavam de observar e descrever as práticas das empresas de comunicação e o poder exercido pelas mesmas. Posteriormente, a análise tomou, como base, além das práticas, as estruturas dessas empresas com base na discussão sobre o pós-fordismo¹⁰ e o olhar crítico sobre a passagem do mercado de massa para um específico, que privilegia gostos específicos do consumidor e concebe produtos característicos para tal.

De uma maneira crítica, Andrade (2015) analisa como essa visão de mercado tem alterado os processos e as práticas da sociedade em relação ao comércio nos veículos de comunicação, o que transformou conteúdos e informações em produtos comercializáveis. “O processo de mercantilização tem se estendido a lugares e práticas antes organizados com uma lógica social diferente, baseada em participação social e cidadania, hoje crescentemente reduzidos a uma lógica de mercado” (ANDRADE, 2015, p. 81).

Nessa ambiência político-econômica, não se pode ignorar as práticas do fenômeno jornalístico que também englobam as relações da indústria da comunicação. Em Franciscato (2003), a atualidade jornalística é definida em categorias descritivas particulares do fenômeno jornalístico: *instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública*.

¹⁰ Em acordo com Mosco (1999), o modelo pós-fordista não concentra a produção em escala massiva, característica do fordismo; o modelo posterior apoia-se na ideia de flexibilidade em termos de produção e, assim, trabalha com estoques reduzidos, voltando-se para a fabricação de pequenas quantidades para atender a um mercado segmentado e obtenção de redução de custos.

Ao analisar um dos princípios norteadores do Jornalismo nos últimos anos, o autor também esclarece que o fenômeno temporal ganhou contornos mais nítidos com a evolução da velocidade das atividades sociais. O ritmo de atualização contínua no Jornalismo é intenso e parece colocar o leitor em contato direto com os fatos, porém, Franciscato (2003) adverte que:

Ele não supera a mediação do jornalista e da organização, tanto nas possibilidades técnicas da produção de conteúdo pelas organizações (recursos de transmissão e edição de som e de imagem, por exemplo), quanto no caráter interpretativo do jornalista ao selecionar conteúdos, linguagens e estabelecer conteúdos temáticos (FRANCISCATO, 2003, p. 269).

Mosco (1999) argumenta que esse modelo mercantil amparado pelo consumo se deu no contexto pós Segunda Guerra Mundial, com a corrida dos Estados Unidos visando à acumulação de capital, estabelecendo um modo hegemônico de consumismo, posteriormente, reproduzido em boa parte do mundo, inclusive no Brasil. A homogeneização do mercado parte do produtor e atinge diretamente o consumidor e “entre as implicações da mercantilização dos conteúdos estaria a formação de um sistema tecido ao redor do consumo e da informação ideologizada, preocupando as empresas em produzir o consumidor antes mesmo de produzir os produtos” (ANDRADE, 2015, p. 82).

Ao olhar para o mercado televisivo, Herz (1987) alerta que os recursos injetados na *Rede Globo*, propiciaram altos investimentos tecnológicos aprimorados a um estilo peculiar de fazer telejornalismo. O ex-diretor da *Rede Globo*, Oliveira Sobrinho (2011), deixa claro que, ao longo da sua trajetória, a *Rede Globo* se apresenta com uma maneira específica de conduzir as notícias dos telejornais e hoje é a emissora que possui o maior número de horas de produção própria em todo o mundo, com um “padrão” imposto no sentido da estética, de conteúdo e de mercado. Padrão ou modelo que chega a ser, muitas vezes, inconscientemente absorvido pelo grande público, que parece adotar a expressão “Padrão *Globo* de Qualidade” com total aceitação refletida em números de audiência, uma vez que o público, de uma maneira geral, parece legitimar tal expressão da emissora ao colocá-la no patamar de mais vista no país.

Na prática da atividade jornalística, Traquina (2005) aponta questões relevantes ao campo como, por exemplo, a influência das empresas no trabalho cotidiano das redações, pontos que interferem diretamente no trabalho profissional e social do jornalista. “Há muito mais no Jornalismo, para além do domínio das técnicas jornalísticas, e que os jornalistas fazem parte de uma profissão, talvez uma das profissões mais difíceis e com maiores

responsabilidades sociais” (TRAQUINA, 2005, p. 22)¹¹. Uma equação de forças atuantes que perpassam a produção de conteúdos midiáticos e revelam muito mais do que as rotinas de produção, mas as relações de poder, nos âmbitos social, político e econômico.

Compreende-se que os atos comunicacionais obedecem a processos políticos, de controle e econômicos, já que precisam de aporte financeiro para serem produzidos. Essa dissertação segue o viés da concretude das relações políticas, econômicas e sociais em que acontecem os fenômenos comunicacionais, espectro de relações que levam a transformações. Assim, recorre-se ao conceito da EPC, que investiga “o trabalho nas indústrias de comunicação e o papel da comunicação na criação de uma divisão internacional do trabalho” (MOSCO, 1999, p.97), para tentar entender a teia de relações imersas no ambiente midiático.

Para alcançar essa lógica de mercado e o paradigma que envolve a mídia, faz-se necessário compreender, inicialmente, como o ideal de uma imprensa livre e plural foi radicalmente ocupado por uma noção mais clara da mídia como mercadológica e particular, a serviço de anunciantes, empresários e políticos ao assumir a proposição de que “o que há é uma certeza de que atualmente as corporações midiáticas atravessam uma fase de maior subordinação e interesse por parte do capital” (BRITTOS, 2001, p. 56).

Com base no entendimento de Mosco (1999, 2016) sobre EPC, serão norteadas as reflexões em torno da análise do contexto sócio-político-econômico em que os fenômenos da comunicação acontecem. A economia política hoje (MOSCO, 2016) estende sua visão para incorporar tanto um sentido relativo quanto formativo do termo. A definição prévia (MOSCO, 1999) ganha, na atualidade, caráter ainda mais crítico ao desenvolver a ideia da visão relacional como uma conexão entre negócios e trabalho, colocando o trabalho como uma força independente e o valor de classe medido pelos “que têm” e os que “não têm”.

Segundo Mosco (2016, p. 56), “a economia política tem abordado classe nestes termos, por meio de pesquisas que documentam as desigualdades persistentes nos sistemas de comunicação, nomeadamente no acesso aos meios de comunicação”. Hoje, os economistas políticos sustentam que os negócios auxiliados pelos sistemas de comunicação e de tecnologias transformam os espaços pelos quais transitam pessoas, que realizam serviços e compõem a divisão global do trabalho.

Franciscato (2013), ao inferir especificamente sobre o Jornalismo, propõe uma compreensão científica que evite justaposição de conceitos ou quadros teóricos, exigindo,

¹¹ Quanto às questões que envolvem os bastidores do *Jornal Nacional*, não foi possível contato com a equipe responsável pela produção e edição do programa para investigações mais profundas sobre o assunto. Os contatos foram realizados entre maio e setembro de 2016, quando, diante das negativas, optou-se pelo redirecionamento da pesquisa, excluindo a incursão em campo.

assim, uma “articulação refinada teórico-metodológica que alcance muito mais que uma justaposição de perspectivas macro e micro sociais” (FRANCISCATO, 2013, p. 43), mas que, ao invés disso, considere os processos e fenômenos específicos da atividade jornalística sem desvencilhar-se das ordens conceituais, técnicas e ambiência política, econômica e social nas quais se inserem.

A perspectiva da EPJ oferece, portanto, o aporte teórico necessário para problematizar a atividade profissional e a relação de dependência com o mercado no contexto das produções jornalísticas, o que possibilita transformações periódicas nos produtos jornalísticos em conformidade com pesquisas de mercado. Um exemplo disso está justamente nas mudanças implantadas no *Jornal Nacional*, as quais serão analisadas ao longo da dissertação, visando, especialmente, a compreensão das estratégias empregadas pela *Rede Globo* para manutenção de sua hegemonia.

A seção a seguir é destinada a entender, ainda que de maneira célere, os caminhos percorridos pela noção de mercado, desde as necessidades básicas de troca entre os homens, até o conceito de mercado televisivo.

1.1 Um breve panorama da concepção de mercado ao longo do tempo

A História explica que o mercado surgiu da necessidade do homem em adquirir bens que não era capaz de produzir, em detrimento do que se produzia em excesso. Assim, no contexto histórico europeu, o homem levava o excesso do que produzia a feiras e pontos de troca, ou seja, mercado, e trocava por aquilo que lhe era útil, mas não tinha capacidade de produzir. Em seguida, foi criado o dinheiro para auxiliar e dar mais agilidade àquelas trocas (HOBSBAWN, 1994).

A invenção da moeda contribuiu para a simplificação e promoção do desenvolvimento do comércio. Em Outhwaite e Bottomore (1996), mercado é definido como “a instituição social na qual as pessoas trocam livremente mercadorias (bens, recursos e serviços), em geral usando como meio o dinheiro; o mercado pressupõe uma divisão social do trabalho, a propriedade privada dos meios de produção” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 459).

Hobsbawn (1994) esclarece que o mercado surgiu, portanto, com o fim do período feudal, quando a sociedade começou a produzir em uma escala maior do que o consumo e sentiu a necessidade de comercializar o excedente. Com o avanço da sociedade e da noção de mercado, a sociedade percebeu que seria mais interessante se cada grupo de pessoas se

especializasse na produção de determinado bem. Foi quando o excedente começou a ser a regra e não a exceção ainda no período feudal. Bem mais tarde, no entendimento do pós-fordismo, a lógica é invertida e a regra passa a ser: produzir de maneira segmentada.

Com o advento da II Revolução Industrial, começa-se a ter o que passou a ser conhecido como "sociedade de mercado", ou seja, a maior parte das relações sociais é determinada no mercado. A força de trabalho passa a ser comercializada como mercadoria e não como uma relação natural de servidão, o feudalismo, ou como uma posse, a escravidão. Hobsbawn (1994) pondera que, na “sociedade de mercado”, a posição do indivíduo na sociedade é dada pela sua relação com a posse de meios de produção e, principalmente, pela sua relação com o consumo.

Para a História, o mercado aparece a partir do momento em que se unem grupos de vendedores e de compradores, o que permite que se articule um mecanismo de oferta e de procura. Os primeiros mercados que apareceram na história funcionavam através da troca de produto por produto, essa era a moeda. Com o surgimento do dinheiro, a moeda, começou-se a desenvolver códigos de comércio e o aumento da produção resultou no aparecimento de intermediários entre os produtores e os consumidores finais, complexificando a estrutura do mercado. “A explicação neoclássica padrão para os mercados é hoje compreendida como uma construção imaginária de equilíbrio econômico como tal, não se referindo à efetiva operação de mercados que realmente existam” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 459).

Marx (1980) sustenta que o mercado ideal de concorrência perfeita seria aquele onde nem os compradores, nem os vendedores pudessem interferir no preço final do bem ou do serviço trocado. Tal sistema vê-se afetado com o surgimento de monopólios ou oligopólios que fixam os preços por vontade própria. A existência de um mercado com concorrência perfeita obedeceria, ainda, a determinados requisitos, como a homogeneidade do produto, a existência de transparência. Nesse caso, os participantes têm pleno conhecimento das condições gerais em que opera o mercado e o livre acesso à informação.

Desde a sua concepção aos dias atuais, a televisão nasceu no seio mercadológico com forte impacto social e político. Vale destacar que o advento da televisão no Brasil se deu em 1950, durante período de crescimento industrial do país e época em que tanto civis quanto militares estavam cientes da necessidade de mudanças para desenvolver o Brasil. De acordo com Mattos (2010, p.31), nos anos seguintes, o mercado se consolidou com o crescimento publicitário:

No início dos anos de 1960, existiam 15 emissoras de televisão operando nas mais importantes cidades do país. Entretanto, só quando os efeitos do

consumo e produtos industrializados cresceram e o mercado se consolidou foi que as emissoras de televisão se tornaram economicamente viáveis como empresas comerciais e começaram a competir pelo faturamento publicitário. A fim de receber uma maior quantidade de anúncios, a televisão começou a direcionar seus programas para grandes audiências, aumentando assim seus lucros.

Sobre o mercado televisivo, cabe aqui ressaltar que o mercado pode ser subclassificado, segundo Bolaño (2004), como mercado de audiência, no que tange ao público, e mercado publicitário, ao qual compete a fatia de anunciantes conquistada por tal empresa. Juntos formam uma rede complexa e interdependente.

Já Cannito (2010, p. 122) assim o define: “tradicionalmente, o mercado é dividido entre emissoras, produtoras, agências e anunciantes. Os anunciantes contratam a agência, que por sua vez, contrata uma produtora [...] e negocia com a emissora o custo de mídia”.

Entre 1969 e 1977, o então governo militar concedeu 67 licenças para novas emissoras de TV no país. Foi o “boom da televisão” (MATTOS, 2010, p. 46), período de considerável aumento no mercado publicitário, nas verbas publicitárias, tanto das estatais, quanto das empresas particulares, face ao crescimento na venda de aparelhos de TV, também como reflexo do desenvolvimento econômico brasileiro. Foi também nesse período em que a *Globo* se consolidou como líder de audiência (1968 a 1972). Em estudos recentes, como o de Dourado e Andrade (2013), apontam o governo brasileiro como a principal força econômica, compelindo o desenvolvimento dos meios de comunicação, “além de proporcionar apoio técnico e financeiro e a principal força política exercendo controle sobre os veículos de comunicação (DOURADO; ANDRADE, 2013, p. 93-94).

Para Bolaño (2004, p.74), “é a relação dinâmica entre estratégia e estrutura, política e economia que vai moldando historicamente o mercado”. A estrutura de determinado contexto possibilita a tomada de estratégias, escolhas possíveis que vão dar contorno ao mercado. Durante o período chamado de “milagre econômico” (1969 a 1977), os veículos de comunicação, sobretudo, o rádio e a televisão, foram usados pelos militares para promover a nova ordem social por meio do mercado publicitário.

Na iniciativa privada, também havia a intenção clara de controle do mercado televisivo. “Durante as duas primeiras décadas de nossa televisão, os programas eram identificados pelo nome do patrocinador” (MATTOS, 2010, p. 75). Os telejornais eram chamados de *Telenotícias Panair*, *Repórter Esso*, *Telejornal Bendix*, *Reportagem Ducal*, *Telejornal Pirelli* etc. No Brasil, o governo se tornou o maior anunciante individual em todas

as esferas e também o mantenedor dos veículos de comunicação e, em seguida, as empresas multinacionais, que veiculavam entre 60 e 95% dos investimentos publicitários em televisão.

As comunicações emergem no século XX, com o crescimento dos impressos, aparecimento do rádio, da TV e da *internet*. No século seguinte, as tecnologias agregadas à comunicação alteram até mesmo a concepção de espaço de mercado, com a sua virtualização e a reconfiguração capitalista, tornando a comunicação o palco das transformações em âmbito mundial (ANDRADE, 2015, p. 87)..

Dito isso, compreende-se mercado, aqui, como complexo construto social, que conflui economia, cultura e política, em uma ordem na qual as singularidades de um contexto parecem definir um padrão transitório para a produção, a circulação e a distribuição de bens e de serviços. “A adaptação do Jornalismo ao modelo empresarial, seguindo as lógicas do capital comercial e industrial, representou uma mudança estrutural na atividade jornalística, nas organizações, no seu produto e modos de mediação social com a introdução de lógicas mercantis” (DOURADO; ANDRADE, 2013, p. 39).

1.2 O mercado televisivo e seus desdobramentos tecnológicos

Exatamente em função do contexto de mudanças, os anos 1990 apresentam um panorama de destaque no mercado televisivo. “Com a tendência de desenvolvimento global, na década de 1990 começou-se a estabelecer as bases para o surgimento estruturado da televisão por assinatura, via cabo ou via satélite” (MATTOS, 2010, p. 131). Nessa fase do desenvolvimento da televisão, o bolo publicitário começou a ser dividido entre mais emissoras, inclusive, entre as TV por assinatura. Do outro lado, a TV aberta registrava queda de audiência.

Ao segmentar a produção para atender a determinado tipo de consumidor, paradoxalmente, as indústrias criam produtos ditos diferentes, porém, oriundos dos mesmos grupos e que seguem uma mesma lógica: a mercantil. “Para atender a um mercado cada vez mais segmentado, as indústrias lançam novos produtos de modo contínuo ainda que pertencentes aos mesmos grupos produtores” (ANDRADE, 2015, p. 79). Com a queda do mercado publicitário (anunciantes), conseqüentemente, também houve redução na indústria dos aparelhos de TV no final da década de 1990:

Com o aquecimento do consumo, em 1996, a comercialização de televisores atingiu o pico, chegando a 8,5 milhões de aparelhos. Em 1997, houve uma queda para 6,5 milhões. No ano de 1998, nova redução foi constatada, sendo comercializados seis milhões de aparelhos. Em 1999, houve um decréscimo nas vendas em torno de 25%, com a produção não ultrapassando 4,5 milhões

de televisores, devido aos altos índices de inadimplência, ao grande número de concordatas no varejo, à redução dos financiamentos e às elevadas taxas de juros (MATTOS, 2010, p. 147).

Já sobre as emissoras de TV, Bolaño (2004) aponta as estratégias usadas pelas empresas para se manter em posição privilegiada ou de sobrevivência no mercado. São elas: a popularização da programação na TV de massa, a exemplo do que fez e faz, para uns, o *SBT* – Sistema Brasileiro de Televisão; segmentação para outros grupos; associação com capitais internacionais, com destaque para a *Globo*; oferta de outros serviços convergentes, como *internet* e telefonia; e, ainda, a internacionalização dos serviços.

Conforme Cannito (2010), a definição do mercado de audiência tem implicações, inclusive, estéticas, do que é levado ao público. Ao fazer uma análise minuciosa sobre o mercado brasileiro de televisão, Bolaño (2004) aponta a tecnologia apenas como um dos fatores responsáveis pela configuração do cenário estratégico, posto que a história da televisão brasileira delinea passagens marcantes de progressos tecnológicos, mas também de financiamento para tais avanços de forma que “sua dinâmica competitiva passa muito mais por outras questões que não a tecnológica” (BOLAÑO, 2004, p.76) .

Para Cannito (2010), decidir estrategicamente em determinados tipos de tecnologia, com base na análise de mercado, permite antecipar padrões, tendências e compreender o público-alvo. Os estudos permitem personalizar a mensagem, aumentar a taxa de respostas e transformar a informação recolhida em valor acrescentado para o negócio. Em termos de televisão, diferentemente do que ocorre nas outras indústrias, a inovação técnica está para além da demanda financeira, como bem salienta Bolaño (2004). A questão política na TV é basilar, o que reforça o poder de mercado nesse segmento, no qual a relação de competitividade passa por fatores além da ordem tecnológica. Embora essa seja uma estratégia também considerável, não é preponderante, uma vez que o autor desconsidera o determinismo tecnológico.

Cabe observar aqui que a adoção de uma determinada inovação por uma empresa de TV não se dá em geral com o objetivo de reduzir custos, como em outras indústrias. Dá-se fundamentalmente para servir a uma estratégia de diferenciação de produtos, que é vital para que ela se sustente ou amplie sua participação no que se refere à audiência e ao mercado anunciante (BOLAÑO, 2004, p.77).

O contexto histórico e a estrutura ilustram o cenário do mercado. Nos dias de hoje, ao tentar desvendar esse espaço, é abreviada uma análise que integre televisão, *internet* e as megafusões que convergem para um novo panorama de mercado da televisão brasileira. Cenário esse que Bolaño (2004) define como a fase da multiplicidade da oferta, que brotou a

partir de 1995, com a expansão de canais televisivos e a convergência com outros veículos de comunicação. Esse contexto criou uma tendência de segmentação, tanto na TV aberta como fechada, a exemplo dos canais religiosos e esportivos. Assim, novos mercados implicam novas estratégias.

Ao considerar o *Jornal Nacional* como observável, foi necessário também voltarmos nosso olhar também para o virtual. Afinal, as edições apresentadas na TV são também disponibilizadas no portal *GI* e o conteúdo jornalístico passa a ser compartilhado pelo público.

O ciberespaço se debate entre bases materiais proprietárias e usos imaginativos que fogem ao controle das gestões, pois ainda que estejam apropriadas pelo capital, as possibilidades via *internet* permitem a apropriação por parte do público e usos alternativos (ANDRADE, 2015, p. 86).

Cannito (2010, p. 136) entende que “a tecnologia digital tem influência em todas as etapas do sistema televisivo, seja nas técnicas de captação, seja nas de distribuição, passando pela etapa de finalização e tratamento da imagem”, ou seja, para o autor, a tecnologia concorre para um acirramento do mercado produtor em função da avidez pelo mercado publicitário, o que poderia ser considerado parte do processo democrático televisivo, porém, contraditoriamente “enquanto o mercado se expande, as instituições da democracia representativa experimentam um processo de decadência” (ANDRADE, 2015, p. 86).

No tocante ao consumo, tampouco se pode ignorar a relevância que a tecnologia tem no atual panorama do mercado midiático. Na prática, a forma de assistir televisão mudou a partir dos anos 2000 com o advento da *internet*. A conexão entre a audiência e o aparelho não é mais a mesma. Sentar-se no sofá para acompanhar a programação televisiva é cada vez mais raro. A televisão não concorre mais só com ela mesma, nem muito menos entre as emissoras de TV. Há inúmeros dispositivos tecnológicos ao alcance das mãos e dos olhos dos espectadores e até mesmo os números da audiência que medem quantos aparelhos estão ligados em determinada emissora podem não ser fidedignos. Um olho na TV, o outro no celular e uma mente contraditoriamente conectada e dispersa nessa rede midiática.

Empreendimento sustentado por publicidade (e venda de horários para igrejas), a TV comercial aberta no Brasil sempre recorreu à métrica da audiência e ao perfil socioeconômico dos espectadores para estabelecer parâmetro. Quanto maiores os números e mais qualificado o público, mais dinheiro. Os tempos são outros - e a lógica de funcionamento desse modelo está em completa transformação (STYCER, 2016, p. 45).

Mais adiante, será tratado com maior profundidade o aspecto tecnológico que apresenta uma ressignificação das formas de produção, circulação e consumo da notícia.

1.3 A TV *Globo* e a construção da hegemonia

Para auxiliar a nossa compreensão sobre o histórico de domínio da TV *Globo*, é necessário entender primeiramente o conceito de *hegemonia*, que esclarece a respeito da influência e controle do mercado por parte da emissora. O conceito de *hegemonia* elucida muito o contexto em que a *Globo* se formou e se firmou do ponto de vista mercadológico.

No século XX, o uso da palavra *hegemonia* amplia utilizações anteriores, que indicavam o domínio de um país ou de governantes sobre outros, e passa a ser compreendida de uma forma geral: como a liderança de uma classe sobre outras em um sistema de alianças. Outhwaite e Bottomore (1996) se ajustam às ideias do pensador marxista italiano Antonio Gramsci, que ampliou o conceito de forma significativa (1929-35) e também passou a sugerir o termo como o princípio organizador de uma sociedade, na qual uma classe se sobrepõe às outras, não apenas por meio da força, mas também mantendo a sujeição da massa da população. O enriquecimento do significado de *hegemonia* estaria relacionado à crescente complexidade da sociedade moderna, na qual a política mudou.

Cada vez mais as exigências e necessidades da sociedade passaram a ser consideradas como responsabilidade dos governos, quando antes podiam ser relegadas à esfera privada definida como exterior à política. As ideias, a cultura e o modo como as pessoas veem a si mesmas e suas relações com as outras e com as instituições são de importância capital para a forma como uma sociedade é governada e organizada e justificam a natureza do poder – que o detém e de que maneiras (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 350).

Hegemonia, na perspectiva de Gramsci (1971), surge como desígnio de uma rede viva de constituição recíproca de significados e valores que parecem se confirmar mutuamente. No entender do autor, a *hegemonia* pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a *hegemonia* tem a ver com percepções, juízos de valor e princípios entre atores da ação política. Para o pensador, quase nunca é possível o domínio bruto de uma classe sobre as demais, a não ser nas ditaduras abertas e terroristas. Uma classe dominante, para ser também dirigente, deve articular em torno de si um bloco de alianças e obter, pelo menos, o consenso passivo das classes e camadas dirigidas.

Em Gramsci (1971), a *hegemonia* nasce e é consolidada em disputas que comportam não apenas questões ligadas à estrutura econômica e à organização política, mas envolvem

também pontos éticos e culturais, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que objetivam legitimar. Assim, a *hegemonia* inclui traços da cultura e da aceitação social a um universo de persuasões, regras de conduta etc.. Tal pensamento é complementado com a proposição de Mosco (2016, p. 58) para o entendimento de *hegemonia* como “aquilo que será incorporado e dado como natural, senso comum, modo naturalizado de pensar sobre o mundo, incluindo tudo, desde a cosmologia até a ética das práticas sociais diárias” (MOSCO, 2016, p. 58).

Compreende-se, assim, que na medida em que a própria natureza da política e da sociedade mudou, o significado de *hegemonia*, como comando, domínio ou influência, por sua vez, também se alargou. “A palavra hoje implica liderança intelectual e moral e se relaciona à função de sistema de ideias ou ideologias na manutenção ou contestação da estrutura de uma sociedade em particular” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 350).

Brittos (2001) trabalha o conceito de *hegemonia* a partir da visão de Gramsci¹², como um fenômeno que se constrói com a manutenção da supremacia de dominantes sobre dominados. As atuações hegemônicas situam-se como expressão de relações de poder em que as trocas são desiguais e marcadas pela dominação. O autor aponta a *hegemonia* como um conceito chave para se entender os *media*, com base na percepção de que o conceito *gramsciano* de hegemonia é fundamental no entendimento de que o sentido não é imposto, mas negociado.

Nesta realidade, as trocas são desiguais e marcadas pela dominação, cabendo à classe hegemônica a direção da sociedade. Note-se bem que a concepção *gramsciana* de hegemonia não exclui a ideologia, mantendo-se esta nas produções culturais, um entendimento comum mesmo a novas concepções do fenômeno, apesar das variações de formulação e verificação (BRITTOS, 2001. p. 41-42).

Assim, a *hegemonia*, em acordo com Brittos (2001), também se situa como a difusão de ideologia, embutida entre esses bens culturais capitalistas, podendo obter resultados positivos. Mesmo prevendo resistências por parte do público, o conceito de *hegemonia* admite acertos e desacertos típicos do processo de recepção, já considerando a noção do receptor como sujeito ativo.

Para Laclau e Mouffe (2015), toda posição hegemônica é baseada em um equilíbrio instável, situado em conjunturas políticas que trazem aspectos positivos e negativos. “É

¹²Ver GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 7. ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1989.

construída a partir da negatividade, mas apenas na medida em que consegue ser consolidada a positividade do social. Estes dois momentos não se articulam teoricamente¹³ (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 236).

Os autores analisam diferentes categorias teóricas com o propósito de formular o conceito de *hegemonia*, que vai consagrar o campo geral da hegemonia de emergência, que seria o articulatório às práticas, ou seja, um campo em que os "elementos" não se cristalizaram em "momentos".

Em um sistema fechado de identidades relacionais, no qual o sentido de cada momento é absolutamente fixo, não há lugar para uma prática hegemônica. Um sistema totalmente caracterizado por diferenças, que excluía todo significativo flutuante, não abrirá o campo a nenhuma articulação: o princípio da repetição iria dominar toda prática no interior do mesmo, e não haveria nada a hegemonizar. É porque a hegemonia supõe o caráter incompleto e aberto do social, que só pode se constituir em um campo dominado por práticas articulatórias¹⁴ (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 178).

Nesse sentido de trazer o contexto para a atualização do conceito, Dourado e Andrade (2013) defendem o reposicionamento da hegemonia: a hegemonia neoliberal, “com a adoção da desregulamentação das relações econômicas, com o objeto de estabelecer a mínima intervenção do Estado (e também da sociedade) sobre a ação da iniciativa privada – inclusive sobre os meios de comunicação” (DOURADO; ANDRADE, 2013, p. 154). Para as autoras, são as pressões políticas e econômicas que levam o Estado a controlar os meios de comunicação no Brasil, onde o financiamento da mídia tem controle estatal, uma vez que os bancos são administrados direta ou indiretamente pelo governo, seja estadual ou federal.

Para compreender um pouco da construção do que viria a ser um império das comunicações no Brasil, urge entender sobre o surgimento da *Rede Globo* e como ela se projetou no mercado e criou um próprio modelo de fazer televisão. As bases do império têm origens norte-americanas. O diferencial para a consolidação da *Globo* e do modelo por ela implementado tem início em 1962, antes mesmo da inauguração da emissora, quando da associação com o grupo *Time Life*: “Para além dos benefícios financeiros, o principal saldo trazido com essa associação foi de ordem técnica e administrativa (BORELLI; PRIOLLI,

¹³ Toda posiciona hegemônica se funda, por tanto, em hum equilíbrio inestable: se construye a partir de la negatividade, pero sólo se consoloda em la medida em que logra constituir la positividad de lo social. Estos dos momentos no se articulan teoricamente. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 236)

¹⁴ En un sistema cerrado de identidades relacionales, en el que el sentido de cada momento esta absolutamente fijado, no hay lugar alguno para una práctica hegemónica. Un sistema plenamente logrado de diferencias, que excluyera a todo significativo flotante, no abrirá el campo a ninguna articulación: el principio de repectición dominaria toda práctica em el interior del mismo, y no habría nada que hegemonizar. Es porque la hegemonía supone el carácter incompleto y abierto de lo social, que sólo puede constituirse em um campo dominado por prácticas articulatórias (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 178)

2010, p. 59). O grupo norte-americano trouxe ao Brasil, por meio da *Globo*, uma nova mentalidade de fazer televisão; de maneira que o grupo empresarial colocado à frente da *Globo* passou a gerir o produto televisivo como um produto de qualquer outra empresa, enquanto as demais emissoras à época viam a televisão como um meio cultural, somente.

Herz (1987) explica que o então acordo entre *Globo* e *Time Life* foi denunciado como ilegal. Assim que o empresário Roberto Marinho adquiriu a concessão da TV *Globo*, em 1962, firmou uma parceria com o grupo norte-americano, que garantiu à *Globo* um capital vultoso para compra de equipamentos e construção da emissora. Em contrapartida, cabia à *Time Life* uma participação nos lucros da empresa. Dois meses depois da inauguração da *Globo*, em 1965, a relação comercial das empresas foi denunciada como ilegítima, visto que a participação estrangeira em empresas nacionais não era permitida na época.

O acordo entre as empresas feria o artigo 160 da Constituição brasileira, que proibia a participação de capital estrangeiro na gestão ou propriedade de empresas de comunicação. Foi assim que “a *Rede Globo* impôs um padrão de produção de televisão com inovadores recursos de linguagem e com níveis de qualidade técnica que fundaram um modo brasileiro de produção de televisão” (HERZ, 1987, p. 206).

A presença física do consultor do grupo *Time Life*, Joe Wallach, na *Globo*, levantou suspeitas sobre o controle do grupo norte-americano no conteúdo e nas decisões estratégicas da emissora. Só em 1970, Joe Wallach desligou-se oficialmente do grupo *Time Life* e ficou exclusivamente na *Globo*, como diretor-executivo. Dois anos depois, em 1967, o consultor-geral da República, Adroaldo Mesquita da Costa, em uma decisão estritamente política, considerou que não havia uma sociedade entre as duas empresas, parecer que deixava a situação da *Rede Globo* legal no país. Em 1971, o acordo entre as empresas foi oficialmente desfeito. O caso também foi investigado pela CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) na Câmara dos Deputados, conforme pontuam Bolaño (2004) e Dourado (2012).

Em seu depoimento à CPI, Roberto Marinho afirma que, na assinatura do contrato entre TV *Globo* e *Time Life*, em 24 de julho de 1962, o grupo norte-americano assume o compromisso de repassar 300 milhões de cruzeiros via promissória, embora o contrato de participação nunca tenha entrado em vigência [...]. Embora Marinho sustente que o contrato principal não segue adiante, admite o competente treinamento técnico da equipe e a assessoria contábil recebidos do grupo estrangeiro (DOURADO, 2012, p. 104-105).

De acordo com Bolaño (2004), o polêmico acordo com a *Time Life* foi importante para a *Globo* em dois sentidos: primeiro porque trouxe um suporte de capital necessário para a implantação de uma televisão; e segundo porquanto permitiu à emissora criar um modelo de

televisão comercial altamente competitiva, ao dispor de recursos e de orientações técnicas e administrativas abrangendo setores-chave da empresa, fundamentais para o despontar da *Globo*.

Ao lado de nomes como Walter Clark e Joe Wallach, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, criou a programação da *Globo*. Com quase 60 anos de carreira, Boni atuou como câmera e iluminador, dirigiu programas e shows de auditório. Como superintendente de produção e programação, foi desafiado a desenvolver o primeiro programa exibido em rede para todo o país. Era o *Jornal Nacional*, que foi ao ar em 1969, criado em parceria com Armando Nogueira e Alice Maria. Na época, as emissoras exibiam conteúdos regionais, não havia recursos técnicos nem dinheiro para financiar tal sugestão de fazer um telejornal que fosse exibido em todo o país.

A implantação de um telejornal desse tipo não dependia apenas da existência desses recursos técnicos. Havia dois outros aspectos fundamentais: era preciso conseguir dinheiro para pagar o custo da transmissão – pois a Embratel, para se ressarcir do investimento feito na rede, cobrava preços extorsivos pelo minuto usado – e convencer os afiliados a substituir o telejornal local, que dava prestígio às suas emissoras, por um telejornal de rede que, em tese, só daria prestígio à *Globo* (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011. p. 239-240).

Tal proposta de fazer televisão priorizou investimentos nas telenovelas e no telejornal em rede que mostrava o país de ponta a ponta, além de inserções de cenas mundiais (o *Jornal Nacional*). Sobre o que se chama aqui de “proposta”, pode-se entender ainda como modelo ou padrão coadunado como um paradigma jornalístico: o padrão *Globo* de qualidade:

Nos anos 1970, a *Globo* implantou seu padrão de qualidade e trabalhou muito para consolidá-lo. Até hoje, em alguns momentos, ele é lembrado, mas apenas em parte. Esse padrão poderia ser definido por duas características: apuro técnico e “bom gosto”. Hoje, depois de a *Globo* entrar na era Big Brother, esse padrão restringe-se ao apuro técnico. Este está na qualidade de imagens, dos figurinos, das locações (CANNITO, 2010, p. 32).

Na apreciação de Borelli e Priolli (2010), esse padrão imposto pela TV *Globo* foi um modelo vencedor em termos de audiência e de faturamento publicitário, ou seja, em questões de mercado, e que norteou as demais emissoras no país.

Padrão de qualidade define-se por uma injunção de alguns fatores que podem ser historicamente observados. Trata-se de uma articulação entre padrão de produção, tecnologia e uma proposta específica, capaz de criar uma personalidade na programação aceita, em um determinado momento, como a melhor entre produtores e receptores (BORELLI; PRIOLLI, 2010, p. 79).

Por um lado, Cannito (2010) define esse padrão como bom e, do outro, como ruim. É considerado bom porque permitiu a *Globo* uma imagem com melhor qualidade técnica e ruim por ser uma tendência centralizadora, por diferenciar o conteúdo pelo poderio financeiro. O autor explica, ainda, que o referido “bom gosto” está relacionado a uma estética da classe média, que recusa o popularesco, a espontaneidade. Sobre esse padrão, Oliveira Sobrinho (2011, p. 432) afirma que “diretores intolerantes e com um nível elevado de exigência de qualidade foram importantíssimos na conquista do nosso padrão”. Conforme já comentado, padrão esse que se consolidou em termos de especialização da indústria televisiva no Brasil a partir do modelo norte-americano.

Na década de 1970, a *Rede Globo*, já com o público consolidado, passa a ter como objetivo a “qualificação” da audiência e se estabelece uma divisão clara entre o “padrão *Globo*” e o “padrão popularesco”. “É sob a égide desse padrão que se consolida a brutal concentração de audiência em favor da *Rede Globo*” (BOLAÑO, 2004, p. 127). Em 1972, o popularesco deixa de ser priorizado na grade de programação das emissoras. A expansão do ensino superior e a consolidação da audiência na televisão foram alguns dos fatores que puseram fim a programas como o do Chacrinha, da TV *Globo*, por exemplo, o que deu novo impulso e nova roupagem aos programas da emissora.

Sobre o “padrão *Globo* de qualidade”, Bolaño (2004) aponta que é peça fundamental para se entender qual o público prioritário que a emissora pretendeu atingir, além de se constituir como um forte entrave à concorrência, à medida que eleva os custos para atingir o setor primordial do público e estreita o mercado para as concorrentes. Esse padrão versa sobre a ampliação do espaço conquistado, com abertura de novas faixas e ênfase na sofisticação técnica e de linguagem para atrair os extratos de renda mais altos, em termos de audiência e de publicidade. Essa opção por uma linguagem e por técnicas sofisticadas representa uma estratégia clara de mercado. Tal entendimento coaduna-se com o princípio seguido ao longo desta pesquisa, pois, antes de tudo, auxilia na compreensão do processo social, no qual se encontra o fenômeno comunicacional, estritamente ligado às questões mercadológicas.

É importante frisar que a adoção do “Padrão *Globo*” não significa nenhuma especialização da líder. Significa, antes de mais nada, a opção por uma forma muito mais sofisticada do ponto de vista técnico e de linguagem. Essa opção vai definindo ao longo do processo de construção de barreiras da *Globo* para defender sua posição de rede (BOLAÑO, 2004, p. 130).

Nesse contexto, o lançamento do *Jornal Nacional*, no dia primeiro de setembro de 1969, representa não apenas o início da operação efetiva da primeira *Rede* de televisão

nacional do Brasil, mas também os caminhos pelos quais a emissora percorrerá rumo à consolidação de seu predomínio aliado ao seu padrão de qualidade. Assim, as duas décadas seguintes são o contexto da construção de um espaço de hegemonia da *Rede Globo*.

Até hoje a família de Roberto Marinho possui grande influência política, além dos domínios da própria emissora, pelo fato de que muitas afiliadas da *Rede Globo* no país pertencem a famílias de políticos que atuam no Senado e na Câmara Federal, mantendo, assim, até hoje, sua posição de hegemonia. Dourado e Andrade (2013) analisam essa relação entre a *Rede Globo* e a questão política levando em conta, inclusive, a escolha do sistema da TV digital: “O ministro das Comunicações, à época da escolha do padrão base para a TV digital brasileira Hélio Costa, fez parte dos quadros da *Rede Globo*, trabalhou como correspondente internacional nas décadas de 70 e 80, e desenvolvendo projetos na década de 90” (DOURADO; ANDRADE, 2013, p. 238).

1.4 A hegemonia como produto do padrão tecno-estético

Esse padrão hegemônico da *Rede Globo* é acentuado por Kalikoske (2010) como resultado de estratégias em amplos níveis, mais especialmente político-econômicas, direcionadas à difusão da ideologia da emissora. O modelo hegemônico cultural é consolidado pelo padrão tecno-estético. Ainda que o termo padrão tecno-estético de Leroy (1992) não tenha sido idealizado para o mercado televisivo, parte de Bolaño (2004) a correlação sobre as mutações concorrenciais vigentes neste mercado, especialmente a partir dos anos 70 do século XX, que identificou que a produção simbólica está subordinada às dimensões estéticas e ideológicas e seguem juntas num contexto oligopolístico, que incorpora ações culturais e econômicas.

O padrão tecno-estético representa a imbricação dos segmentos cultural, estético e político no teatro. Daí a noção se estende para as demais produções culturais, incluindo as produções televisivas.

Pode-se observar no sistema do show, como em qualquer subsistema, ambos dizem estruturas tecno-econômicas e estruturas socio-econômicas. Através do primeiro tipo de estruturas difundem mudanças tecnológicas destinadas à atividade artística e alteram as informações de que esta atividade foi estabelecida com os diversos setores da economia e relações existentes entre as várias fases da produção ou desvios e intercâmbio artístico¹⁵ (LEROY, 1992, p. 241-242).

O termo estética é derivado do grego *aisthesis*, *aistheton* (sensação, sensível) e denota sensação, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível. A primeira definição de estética, no sentido moderno, foi feita por Alexander Baumgarten (1714-1762), como ciência do conhecimento sensível. A estética foi trazida para a Filosofia em meados do século XVIII pelo filósofo alemão, que debateu sobre uma ciência de cognição que se materializa pelos sentidos. A definição aparece em 1750, na obra *A esthetica*, e marca a aparição como uma disciplina filosófica, ao lado da Lógica, da Metafísica e da Ética, disciplina preocupada primeiramente com a definição de beleza e de caráter intelectualista. “O surgimento da estética como uma disciplina filosófica vincula-se também a um momento em que havia desacordo sobre o que é arte, o que é gosto, o que é criação artística, o que é belo” (HERMANN, 2005, p. 26).

A estética levou algum tempo para ser aceita por estudiosos. Como assinalam Outhwaite e Bottomore (1996), o significado tradicional de estética só se tornou conhecido no século XIX pela influência de Hegel (1770-1831). Reconhecendo evidente, no sentido moderno, a estética é compreendida como:

uma disciplina filosófica que é uma filosofia dos fenômenos estéticos (objetos, qualidade, experiências e valores), uma filosofia da arte (da criatividade, da obra de arte e da sua percepção), uma filosofia da crítica da arte tomada de maneira ampla (metacrítica) ou, por fim, uma disciplina que tem uma preocupação filosófica com todas essas três esferas conjuntamente (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p.265).

Em Hermann (2005), as possibilidades da estética parecem compor uma forma de compreender as novas exigências éticas diante da pluralidade. A estética modifica quem a vivencia e permite ver o mundo sob uma nova sensação. Nesse sentido, “tem uma finalidade aberta que permite configurar múltiplas possibilidades de comportamentos mais adequadas às exigências do mundo contemporâneo” (HERMANN, 2005, p. 31).

¹⁵ On peut observer dans le système du spectacle, comme dans tout système partiel, aussi bien de structures dites techono-économiques, que des structures socio-économiques. A travers le premier type de structures se propagent les mutations technologiques visant l’activité artistique et se modifient les rapports que cette activité a pu établir avec les différents secteurs de l’économie et les rapports existants entre les différents stades ou détours de la production et de l’échange artistique (Leroy, 1992, p. 241-242).

A estética é a ciência que estuda a ideia do belo, mas nunca dita o que é belo ou não. Conforme já mencionado, o termo foi desenvolvido pelo filósofo Baumgarten no século XVIII, para denominar e definir um campo de estudos que deveria tomar a percepção e as sensações como princípios de um conhecimento sensível do mundo. Mas, é importante ressaltar que o conceito passou por várias mudanças de pensamentos e valores, por meio de fundamentos de filósofos como Kant, Hegel e Adorno.

A história da estética nesses filósofos, por exemplo, traz esforços em modos diferenciados, mostrando que a experiência estética não é compreensível por critérios científicos ou racionais, nem pode ser subsumida por uma faculdade humana tomada isoladamente. E é precisamente essa possibilidade contida no estético, que escapa à reflexão de natureza meramente racional, o que vai lhe confiar novos modos de relação com a ética, o que também significa dizer que “as tentativas de romper as barreiras existentes contra a experiência sensível criam as condições para que nossas ideias sobre o bem viver também passem a considerar a fusão do sensível com o espiritual” (HERMANN, 2005, p. 26).

Seguindo esse mesmo espectro, Outhwaite e Bottomore (1996) inferem que a estética não deve ser aplicada com precisão lógica e linguística, ao tempo em que não pode ser abreviada à análise de conceitos e dos modos como estes são usados. “É um equívoco aplicar à estética as exigências aplicadas à ciência ou à matemática. Além disso, mesmo nas ciências naturais, não existe nenhum paradigma único e universal de exatidão científica” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p.267-268). É necessário ainda dar-se conta de que quaisquer generalizações com respeito a fenômenos tão diversos e mutáveis quanto à arte e à experiência estética são muito arriscadas. Outhwaite e Bottomore (1996) evitam considerações normativas que ameçam a liberdade de criação.

No contexto da apreciação da estética, dois conceitos aparecem em oposição: o belo e o feio. Em suas obras sobre a história da beleza e da feiura, Eco (2007; 2013) esclarece como essas noções foram entendidas no decorrer do tempo, trazendo, para exemplificar sua perspectiva de belo e de feio, obras de arte e a literatura de diferentes eras. Segundo o autor italiano, o cerne para a compreensão dessas noções está unido a uma determinada época, assumindo, portanto, um caráter relativo. A primeira constatação entre as duas noções é sua relação antagônica, uma vez que assume a ideia de que a noção de beleza está associada a um prazer estético pelo gosto, enquanto a noção de feio seria o oposto disso, ou seja, o desprazer, o incômodo, o grotesco, a repulsa.

Os conceitos de beleza e de feiura como valores estéticos associados ao gosto são, para Eco (2007; 2013), tão variáveis quanto às formas que assumiram no decorrer dos tempos. Durante a Antiguidade, por exemplo, havia uma visão idealizada do belo, que estaria ligado às percepções do sublime, do maravilhoso, de vários indicativos subjetivos daquilo que agrada a visualidade sensitiva e o imaginário das pessoas. Assim sendo, a beleza era percebida como o que desperta sentimentos de prazer e admiração e o que era belo também era bom. À luz da ideia da beleza proporcional, divina e bela, tudo aquilo que não encarnava tais proporções era visto como feio. Por conseguinte, ao mesmo tempo, há um mundo dominado pelo mal e povoado por criaturas feias, assustadoras e más. Já na arte de vanguarda, a apreciação estética encontra-se aquém das novas manifestações artísticas e, por isso, não é capaz de compreender seus elementos.

Conforme Eco (2007), é a estética o que desconcerta e reordena os padrões aos quais se estão acostumados e é, facilmente, confundida com o belo ou com o feio. As vanguardas artísticas condenavam o passado, rejeitavam os conceitos clássicos de harmonia e bom gosto aplicados à arte: é quando a feiura atinge seu maior momento. É a vitória do feio, o momento da negação. Nega-se o lógico, defende-se o absurdo, combate-se a ordem, defende-se o caos, rejeita-se a pureza, exalta-se a sujeira da desordem. Assim, as vanguardas não tinham a intenção da realização da harmonia e, portanto, do belo, sugerindo uma quebra do padrão anteriormente estabelecido.

Nesta dissertação, entende-se, como padrão, tipos pré-determinados para a ação, o desempenho de papéis ou relações sociais que apresentam algumas opções específicas, antes que o caso tenha uma definição determinada. No caso do padrão tecno-estético, são as orientações para o uso de técnicas específicas que norteiem as relações sociais.

Na década de 1990, enquanto a TV *Globo* priorizava o que chamava de “bom gosto”, as concorrentes, como o *SBT*, apostavam no popularesco das novelas mexicanas, no informativo “*Aqui, agora*” e no programa de auditório do “*Ratinho*”. Nesse período de enfrentamento da audiência, o *Jornal Nacional* vê-se abalado e aparecem as críticas quanto ao formato engessado do programa (MATTOS, 2010).

Tal estrutura vencedora do ponto de vista da audiência vem ser abalada como parte do acontecido, no processo eleitoral de 1989, quando, segundo Conti (1999), a emissora veiculou versão editada de debate entre os principais candidatos à presidência da República. Fato que vem a ser colocado a público alguns anos depois pela própria *Globo*. De acordo com o autor, no referido período, era possível notar o engajamento da emissora na preferência por

um lado político durante a campanha. “Superexposição na fase de crescimento acelerado nas pesquisas, referências rápidas e sempre simpáticas no período em que, atingido o patamar máximo, a estratégia adotada pelo candidato [Fernando Collor] passou a ser se ausentar do vídeo” (BOLAÑO, 2004, p. 213).

Tais acontecimentos remetem mais uma vez ao conceito de hegemonia para tentar compreender o fenômeno comunicacional como um encadeamento de:

posições, fatos, estruturas e dinâmicas em que empresas, majoritariamente privadas, produzem e distribuem produtos culturais tendo em vista imperativos econômicos, como forma de mais rentabilizarem seus ativos e maximizarem seus lucros, recusando as visões de que o presente movimento de fusões, incorporações e acordos, entre corporações midiáticas, tendo em vista o reforço de posições, em direção a um oligopólio mundial, deve-se a um projeto maior, de conspiração mundial. Não se assentando com acepções que defendem onipotência ou passividade de alguma das partes, constata-se que a comunicação requer alguma transação (BRITTOS, 2001, p. 43).

Em nossas análises do dia 22 de abril de 2015, está a seguinte resposta para tal episódio político acima citado em um capítulo da série de aniversário do *Jornal Nacional*, que começa com vários trechos de passagens de repórteres, coberturas referentes à época, como: morte de Tancredo Neves, morte de Ayrton Sena, tetracampeonato da seleção brasileira de futebol e a polêmica cobertura política nas eleições de 1989. Sobre esse último assunto e a polêmica edição no debate do segundo turno das eleições de 1989 entre Collor e Lula, vale ressaltar a fala de William Bonner durante a série:

Resumir um debate, como se faz numa partida de futebol, como foi a ideia na época, é um risco enorme porque qualquer seleção de trechos sempre vai poder ser questionada e foi isso que aconteceu. Isso sem contar que a edição deu mais tempo à fala de Collor que à de Lula. Foi um aprendizado para a *Globo*. A *Globo* reconheceu o erro de tentar editar um debate político, isso foi público e os textos e vídeos que esclarecem esse episódio estão no memoriaGlobo.com.br (BONNER, 2015).

Também sobre esse episódio, Oliveira Sobrinho (2011), que trabalhou na emissora por cerca de 30 anos e criou a programação da *Globo*, reforça, nas entrelinhas de seu livro, os deslizes de cunho editorial da emissora acima mencionados:

Em 1983 a empresa teve problemas com a campanha Diretas Já e em 1989, com a campanha de Fernando Collor. Como seqüela desse segundo episódio o Armando Nogueira acabou deixando a empresa e o Alberico de Sousa Cruz assumiu a Central *Globo* de Jornalismo, de 1990 a 1995, tendo dado continuidade à performance de audiência do *JN* em todo o Brasil (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p. 246).

Entre os anunciantes, o prestígio do *Jornal Nacional* se manteve até 1999, quando o Telejornal se reconfigurou por uma questão de sobrevivência no mercado, já que “se registra

uma queda no valor dos anúncios” (BORELLI; PRIOLLI, 2010, p. 73). Os preciosos segundos de publicidade na abertura, encerramento e nos intervalos do jornal, começaram a cair. Além da investida na estética do programa (apresentadores e cenário), como será visto mais tarde, o *Jornal Nacional* passou a investir em notícias sobre saúde, consumo e solidariedade, o que, à época, fez surgir algum efeito em termos de audiência com oscilação de pico.

No período em que Bolaño (2004) define como “fase da multiplicidade da oferta”, a linha jornalística da emissora, incluindo o *Jornal Nacional*, abandona o lema da eficiência informativa, que priorizava o máximo de informações em um tempo mínimo, para adotar uma “linha acentuadamente ideológica (com o mínimo possível de informação e a introdução de comentaristas para observações superficiais, de senso comum ou até decididamente doutrinárias)” (BOLAÑO, 2004, p. 212).

Com as operadoras de TV paga, a audiência das TVs abertas despencou, “opções de lazer estão acessíveis a mais gente, a TV paga oferece mais variedade, o consumo de games disparou” (STYCER, 2016, p. 45). Os anos seguintes são de constantes quedas na audiência e mudanças no cenário e nos apresentadores, como será abordado ainda ao longo deste trabalho.

O mercado, até então dominado, passa a se expandir entre as concorrentes e leva a *Globo* a mudar para sobreviver. Assim, “problematizar a questão da mercantilização no Jornalismo, na comunicação e na produção cultural em geral é determinante para tentar compreender a dimensão desse processo que implica em grandes mudanças na imprensa” (ANDRADE, 2015, p. 87).

O retrato dessa situação acima mencionada é desenhado em números por algumas revistas publicitárias, que analisam o mercado brasileiro. É o caso, por exemplo, da revista *Mídia Dados*.

Conforme *Mídia Dados*, em 2014, apenas 19% da programação era dedicada ao Jornalismo na *Globo*. Em 2015 e em 2016, o percentual da *Rede* dedicado ao Jornalismo subiu para 21% e o *Jornal Nacional* abocanhou alguns minutos a mais (em média três a cinco minutos). Nesse mesmo período, o percentual de tempo destinado às novelas reduziu de 50% em 2014 para 13% em 2015 e em 2016, mostrando uma possível preocupação em dar mais visibilidade aos telejornais. O gráfico a seguir sintetiza essas informações.

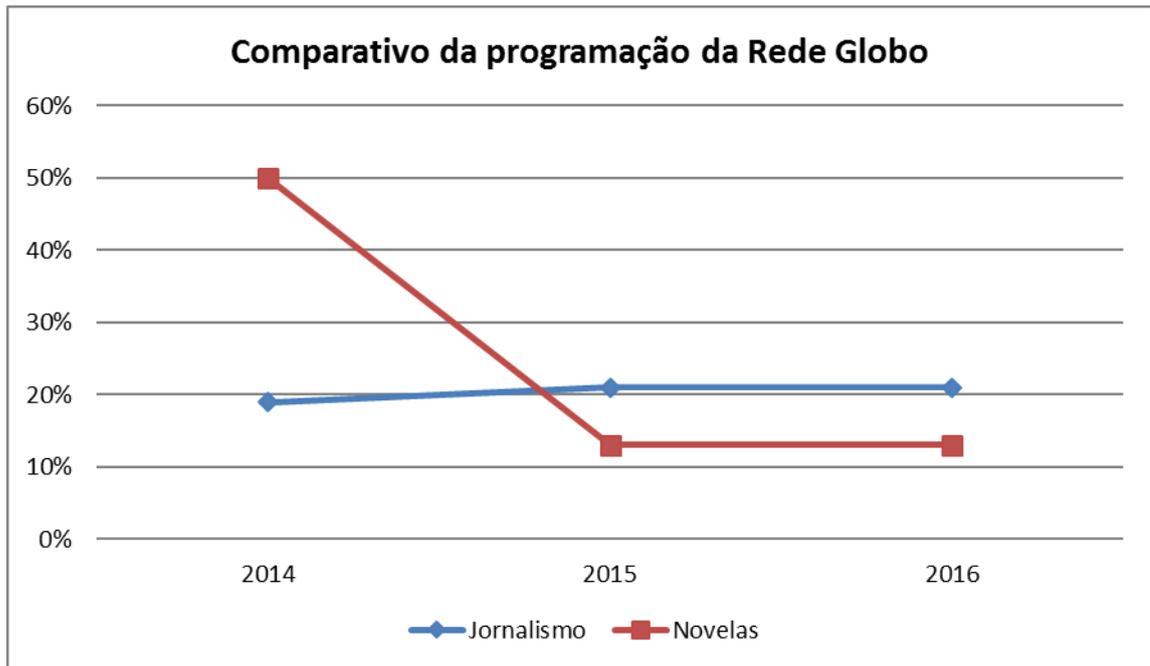


Gráfico1- Comparativo da programação da *Rede Globo*, tomando como parâmetro o Jornalismo e as Novelas (Fonte: autora)

Quanto à evolução dos *shares* das redes, que se refere ao número de aparelhos ligados nas emissoras, a revista *on-line Mídia Dados* traz informações que revelam, de uma forma geral, a diminuição da audiência da *Globo*, embora essa ainda esteja à frente das demais. Em escala anual, a *Globo* que, em 2010, tinha 46,6% da audiência no país, chegou a 2015 com 36,9%. A queda foi gradual, uma vez que, em 2011, a *Rede Globo* detinha 45,3% de participação da audiência. Já, em 2012, o percentual foi para 44,7, no ano seguinte, 2013, baixou para 42% e, em 2014, o índice da *Rede Globo* do *share* já havia caído para 37,8%. Ainda não há dados sobre 2016 nem especificamente sobre cada programa das redes.

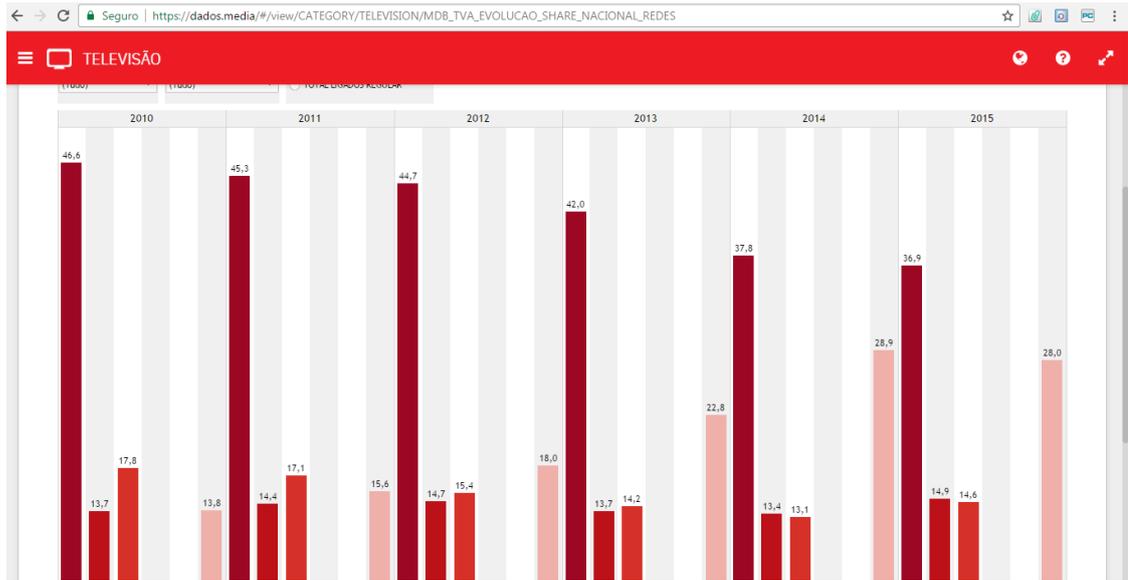


Gráfico 2 - Share 2010 a 2015 - A *Rede Globo* é representada no gráfico pela cor vinho (Fonte: Mídia Dados)

Em relação ao horário noturno, das 18h às 24h, horário que compreende a exibição do *Telejornal* em estudo, em 2014, a *Globo* tinha 48,22% da audiência em comparação às outras emissoras que, juntas, ficavam com apenas 20,37%; em 2015, o percentual da *Globo* baixou para 42,28% e, em 2016, ficou em 40,28%, conforme evidencia o gráfico que se segue.

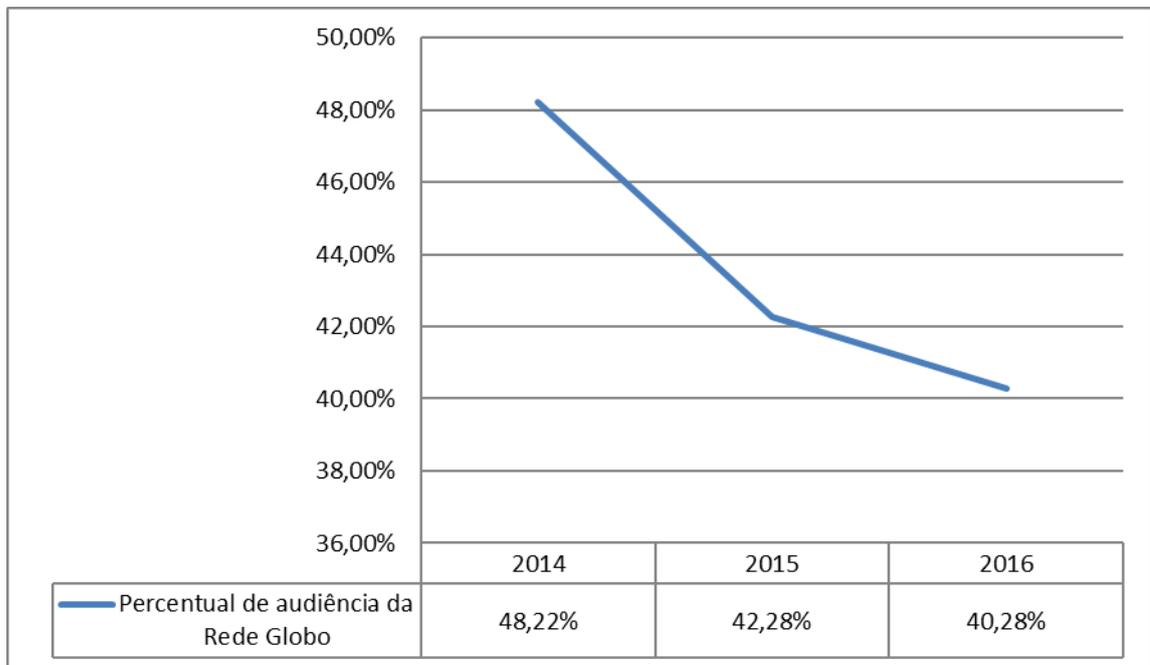


Gráfico 3 - Queda da audiência da *Rede Globo* no horário noturno (Fonte: autora)

Sobre as ações de *merchandising*, a revista *Mídia Dados* traz os números de 2010 a 2015, com maior volume de inserções de *merchandising* em termos crescentes no período de 2014, com queda em 2015. São colocados na planilha da análise os seguintes tipos de *merchandising*: **testemunhal**: com interrupção do conteúdo do programa que está sendo exibido, explicação sobre o produto, normalmente possui duração superior a 45 segundos, tem a participação de um apresentador (não ocorre nos programas telejornalísticos); **estímulo visual**: aparição de marca ou produto, sem envolvimento, sem consumo ou manipulação do mesmo e **ação integrada**: ação de consumo e ou manipulação do produto, atribuições, qualidades, características (desde que a marca apareça).

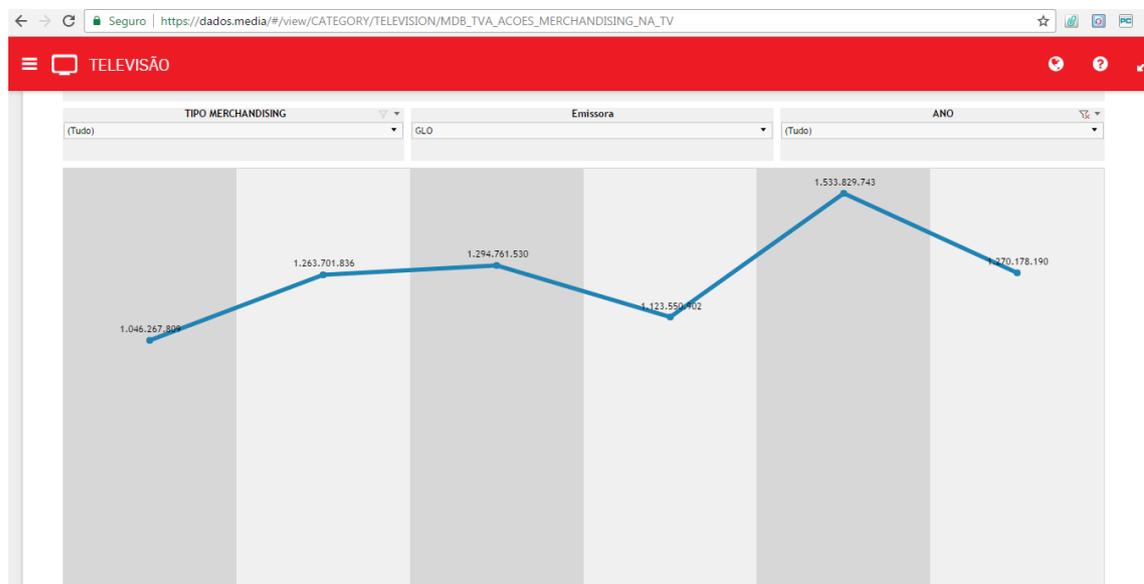


Gráfico 4 - Ações de merchandising de 2010 a 2015 da *Rede Globo* (Fonte: *Mídia Dados*)

Sobre os maiores anunciantes em TV, *Mídia Dados* traz informações de 2013 a 2015. Em 2013 e 2014, que aparecem juntos na planilha abaixo, os 15 maiores anunciantes em televisão aberta foram: *Genomma*, *Via Varejo*, *Unilever Brasil*, *Caixa*, *Ambev*, *Hipermercadas*, *Petrobrás*, *Reckitt Benckiser*, *Cervejaria Petrópolis*, *Banco do Brasil*, *Nestlé*, *Oi*, *Procter e Gambler*, *Claro* e *Telefônica*.

Já nos anos de 2014 e 2015 (2014 aparece nas duas planilhas), de acordo com *Mídia Dados*, aparecem os seguintes anunciantes: *Hipermercadas*, *Via Varejo*, *Net Comunicação*, *Supermercado Guanabara* (na ordem dos quatro maiores). Daí, a planilha salta para o sétimo maior anunciante, *Claro*, e seguem a sequência: *Bradesco*, *Fiat*, *Banco do Brasil*, *Ford*, *Anhanguera Educacional*, *CVC*, *Porto Seguro*. As seguintes marcas: *Coca cola*, *Tim Brasil* e *Time For Fun*, aparecem abaixo, mas sem numeração no ranking dos anunciantes. Todos os

anunciantes ranqueados aparecem antes das chamadas das matérias do *Jornal Nacional* dispostas em *GI/piaui*.

MAIORES ANUNCIANTES POR MEIO
LARGEST ADVERTISERS

Top 15 Anunciantes de: TELEVISÃO

2013		2014	
R\$ (000)	US\$ (000)	R\$ (000)	US\$ (000)
2,54M	1,17M	3,45M	1,47M
2,50M	1,19M	2,89M	1,23M
3,39M	1,57M	2,81M	1,22M
1,34M	0,61M	1,86M	0,80M
1,29M	0,60M	1,20M	0,52M
0,77M	0,35M	1,20M	0,51M
1,08M	0,49M	1,03M	0,45M
0,75M	0,34M	0,82M	0,35M
0,74M	0,34M	0,79M	0,34M
0,68M	0,31M	0,78M	0,33M
0,48M	0,22M	0,76M	0,33M
0,65M	0,29M	0,75M	0,32M
0,52M	0,24M	0,74M	0,32M
0,24M	0,11M	0,71M	0,31M
0,71M	0,32M	0,70M	0,29M

2014: Investimento em R\$ (000)

Tabela 1 - Maiores anunciantes em TV - 2013-2014 (Fonte: *Mídia Dados*)

MAIORES ANUNCIANTES POR MEIO
LARGEST ADVERTISERS

Top 15 Anunciantes de: TELEVISÃO

2014		2015	
R\$ (000)	US\$ (000)	R\$ (000)	US\$ (000)
0,36M	0,16M	0,39M	0,12M
0,11M	0,05M	0,11M	0,03M
0,06M	0,03M	0,05M	0,01M
0,05M	0,02M	0,05M	0,02M
0,05M	0,02M	0,05M	0,01M
0,04M	0,02M	0,06M	0,02M
0,04M	0,02M	0,04M	0,01M
0,04M	0,02M	0,03M	0,01M
0,03M	0,01M	0,03M	0,01M
0,03M	0,01M	0,03M	0,01M
0,03M	0,01M	0,04M	0,01M
0,03M	0,01M	0,03M	0,01M
0,00M	0,00M	0,03M	0,01M
0,00M	0,00M	0,03M	0,01M
0,00M	0,00M	0,03M	0,01M

2014: Investimento em R\$ (000)

Tabela 2 - Maiores anunciantes em TV - 2014-2015 (Fonte: *Mídia Dados*)

As informações sobre os custos de mídia com os programas de maior audiência, divididos por emissora, também revelam dados significantes. Como era esperado, os dados

mostram que, quanto maior a audiência, mais as emissoras arrecadam em mídia. Nas planilhas apresentadas pela revista, não há um detalhamento sobre os nomes dos programas de maior audiência, mas se pode assegurar que o *Jornal Nacional* está entre os cinco maiores programas que mais arrecadam em mídia, pela *TV Globo*, senão o maior deles.

Nos anos explicitados na revista (2014, 2015 e 2016), a *Rede Globo* apresentou as maiores cifras de custos em mídia. *Mídia Dados* traz um mapa levando em conta um pacote de anúncios de 30 segundos. Em 2014, ano anterior à mudança do formato no *Jornal Nacional*, o pacote no programa de maior audiência da *Rede TV* custou até R\$ 115. 110, 00, a *Record* aparece em seguida com R\$ 218. 400,00, na *TV Bandeirantes* o pacote saiu por até R\$ 281. 455, 00, no *SBT* R\$ 372. 774, 00 e na *TV Globo* (o maior valor), R\$ 595. 400,00 (em ordem crescente de custos).

CUSTOS DE TELEVISÃO - NACIONAL TELEVISION COSTS - BRAZIL						
Mdb Year	Emissora					
MDB 2014	(Tudo)					
PROGRAMAS DE MAIOR AUDIÊNCIA NO TARGET - AS ABCDE 18 E + ANOS						
RK	Programas de Maior Audiência_AS 18+	BAND	GLOBO	REC	REDE TV!	SBT
1ª	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 281.425,00	R\$ 595.400,00	R\$ 218.400,00	R\$ 115.110,00	R\$ 372.774,00
	CPP NO TARGET	R\$ 93.808,33	R\$ 31.107,63	R\$ 39.493,67	R\$ 110.682,69	R\$ 90.699,27
2ª	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 107.500,00	R\$ 593.300,00	R\$ 395.900,00	R\$ 36.230,00	R\$ 288.824,00
	CPP NO TARGET	R\$ 63.609,47	R\$ 41.870,15	R\$ 79.818,55	R\$ 38.956,99	R\$ 74.247,81
3ª	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 85.020,00	R\$ 461.900,00	R\$ 227.100,00	R\$ 115.110,00	R\$ 286.488,00
	CPP NO TARGET	R\$ 50.307,69	R\$ 33.302,09	R\$ 50.354,77	R\$ 157.684,93	R\$ 79.801,67
4ª	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 269.320,00	R\$ 103.719,00	R\$ 245.080,00	R\$ 146.100,00	R\$ 159.093,00
	CPP NO TARGET	R\$ 167.279,50	R\$ 7.665,85	R\$ 65.354,67	R\$ 224.769,23	R\$ 45.325,64
5ª	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 281.425,00	R\$ 341.400,00	R\$ 226.000,00	R\$ 59.480,00	R\$ 257.493,00
	CPP NO TARGET	R\$ 175.890,63	R\$ 26.568,09	R\$ 60.589,81	R\$ 99.133,33	R\$ 82.529,81

Tabela 3 – Custos publicitários por emissoras de TV em 2014 (Fonte: *Mídia Dados*)

Nos anos seguintes, a *Globo* permanece com o maior custo em mídia e o cenário pouco se altera, com destaque apenas para a *Rede Record*, que cresce, saindo da quarta em custos em 2014, para terceira em 2015 e em 2016.

Em 2015, ano das referidas mudanças no formato do *Jornal Nacional*, a *Rede Globo* aumentou os custos com o referido pacote de 30 segundos no maior programa de audiência para até R\$ 676. 500,00; em seguida veio o *SBT* com R\$ 465. 180,00; depois a *Rede Record* com R\$ 445. 000, 00; a *TV Bandeirantes* com R\$ 288. 745, 00; e a *Rede TV* com R\$ 115. 750,00.

CUSTOS DE TELEVISÃO - NACIONAL
TELEVISION COSTS - BRAZIL

Mdb Year: MDB 2015 Emissora: (Tudo)

PROGRAMAS DE MAIOR AUDIÊNCIA NO TARGET - AS ABCDE 18 E + ANOS

RK	Programas de Maior Audiência_AS 18+	BAND	GLOBO	REC	REDE TV!	SBT
1º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 288.745,00	R\$ 676.500,00	R\$ 445.000,00	R\$ 115.750,00	R\$ 465.180,00
	CPP NO TARGET	R\$ 105.381,39	R\$ 40.388,06	R\$ 92.323,65	R\$ 115.750,00	R\$ 104.067,11
2º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 320.295,00	R\$ 672.300,00	R\$ 93.500,00	R\$ 130.300,00	R\$ 454.656,00
	CPP NO TARGET	R\$ 132.353,31	R\$ 52.197,20	R\$ 26.867,82	R\$ 132.959,18	R\$ 125.249,59
3º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 289.740,00	R\$ 379.200,00	R\$ 256.700,00	R\$ 51.980,00	R\$ 321.549,00
	CPP NO TARGET	R\$ 191.880,79	R\$ 33.857,14	R\$ 74.622,09	R\$ 74.257,14	R\$ 99.550,77
4º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 111.600,00	R\$ 385.200,00	R\$ 445.000,00	R\$ 68.000,00	R\$ 323.042,00
	CPP NO TARGET	R\$ 76.438,36	R\$ 34.891,30	R\$ 137.345,68	R\$ 103.030,30	R\$ 114.553,90
5º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 152.340,00	R\$ 376.500,00	R\$ 181.300,00	R\$ 101.420,00	R\$ 225.186,00
	CPP NO TARGET	R\$ 111.197,08	R\$ 34.446,48	R\$ 58.863,64	R\$ 169.033,33	R\$ 84.024,63

Tabela 4 – Custos publicitários por emissoras de TV em 2015 (Fonte: *Mídia Dados*)

Em 2016, a *Rede Globo* apareceu em primeiro, mais uma vez, com R\$ 715.000,00 dos custos em mídia; em seguida o *SBT*, com R\$ 486. 113,00; depois a *Rede Record* com o valor de R\$ 397. 300,00; a *Bandeirantes* com R\$ 320. 295, 00 e, por último, a *Rede TV* com R\$ 191. 470, 00.

CUSTOS DE TELEVISÃO - NACIONAL
TELEVISION COSTS - BRAZIL

Mdb Year: MDB 2016 Emissora: (Tudo)

PROGRAMAS DE MAIOR AUDIÊNCIA NO TARGET - AS ABCDE 18 E + ANOS

RK	Programas de Maior Audiência_AS 18+	BAND	GLOBO	REC	REDE TV!	SBT
1º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 320.295,00	R\$ 715.000,00	R\$ 397.300,00	R\$ 191.470,00	R\$ 486.113,00
	CPP NO TARGET	R\$ 144.277,03	R\$ 47.319,66	R\$ 49.662,50	R\$ 141.829,63	R\$ 100.023,25
2º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 315.000,00	R\$ 708.000,00	R\$ 465.000,00	R\$ 116.640,00	R\$ 384.215,00
	CPP NO TARGET	R\$ 130.165,29	R\$ 54.461,54	R\$ 93.000,00	R\$ 138.857,14	R\$ 104.690,74
3º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 288.745,00	R\$ 405.500,00	R\$ 465.000,00	R\$ 102.390,00	R\$ 475.116,00
	CPP NO TARGET	R\$ 180.465,63	R\$ 32.080,70	R\$ 103.333,33	R\$ 152.820,90	R\$ 130.885,95
4º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 111.600,00	R\$ 550.200,00	R\$ 268.300,00	R\$ 177.710,00	R\$ 164.563,00
	CPP NO TARGET	R\$ 79.714,29	R\$ 50.803,32	R\$ 67.075,00	R\$ 286.629,03	R\$ 45.967,32
5º	BASE 30" - VALORES EM R\$	R\$ 152.340,00	R\$ 297.200,00	R\$ 189.500,00	R\$ 75.595,00	R\$ 384.215,00
	CPP NO TARGET	R\$ 111.197,08	R\$ 27.698,04	R\$ 55.735,29	R\$ 123.926,23	R\$ 107.925,56

Tabela 5 – Custos publicitários por emissoras de TV em 2016 (Fonte: *Mídia Dados*)

A *TV Globo* permaneceu durante os três anos com o maior custo em mídia, a *Rede TV* na quinta colocação, o *SBT* na segunda posição e a *Rede Record* e a *Bandeirantes* oscilando entre a terceira e a quarta colocações com maiores custos para a *Rede Record*, que

dos três anos em análise, cresce mais em custos de mídia do que a *TV Bandeirantes*. Sistematizamos esses resultados no gráfico que se segue.

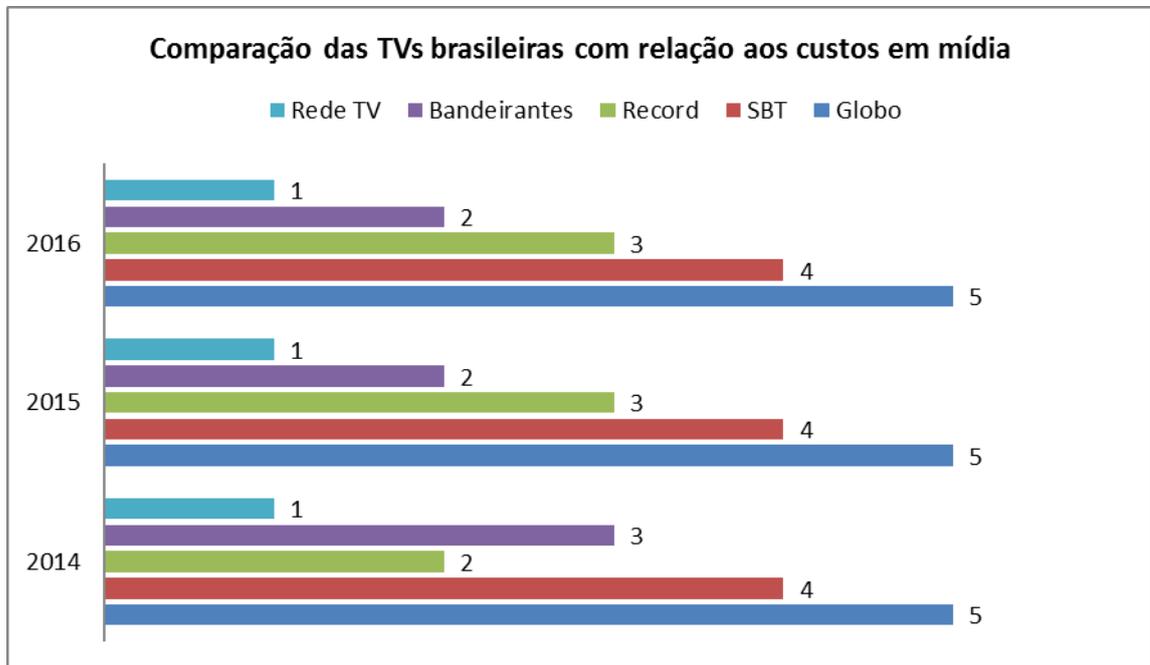


Gráfico 5 - Comparação das TVs brasileiras com relação aos custos em mídia (Fonte: autora)

Outro importante balizador para as ações efetivadas pela equipe do *Jornal Nacional* são os dados desenvolvidos por pesquisas próprias da emissora. Na página, Negócios da *Rede Globo*, por exemplo, é possível encontrar pesquisas a respeito do perfil da audiência do *Jornal Nacional*. Sobre a faixa etária, a maior parte dos telespectadores, 46%, tem mais de 50 anos. 36% dos telespectadores têm entre 25 e 49 anos. Apenas 7% são jovens, entre 18 e 24 anos. A respeito da classe social, quase a metade dos telespectadores, 49%, se enquadram na classe “C”. As classes “AB” compreendem 33% dos telespectadores e as classes “DE”, 17%. Já sobre o sexo, a maioria dos telespectadores do *Jornal Nacional* é mulher (60%) e 40% são homens.

JORNAL NACIONAL

| Perfil

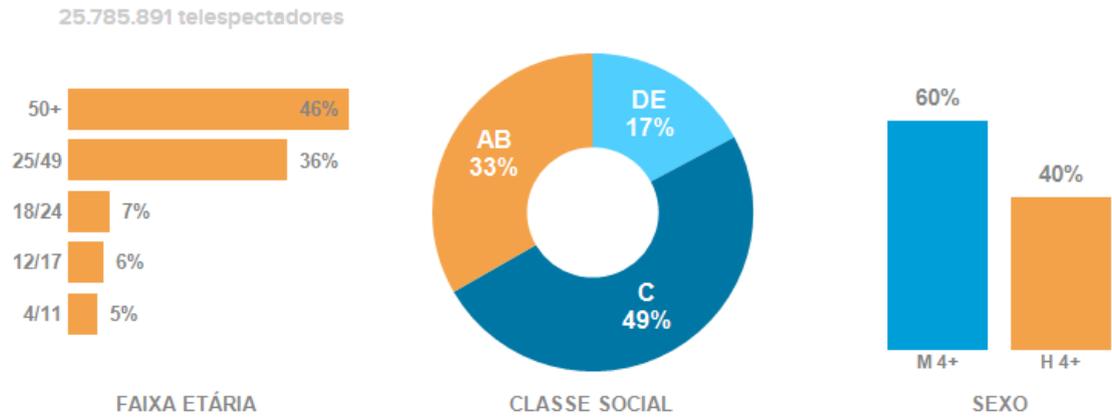


Gráfico 6 - Perfil (faixa etária, classe social e sexo) *Jornal Nacional* 2016 (Fonte: *Rede Globo Negócios*)

A *Rede Globo* está presente em 5.490 municípios (*Rede Globo Negócios*), do total de 5.570 cidades brasileiras (*IBGE*), por meio de 123 emissoras irradiadas pelo país, o que significa que a emissora está presente em praticamente 98% das cidades do país.

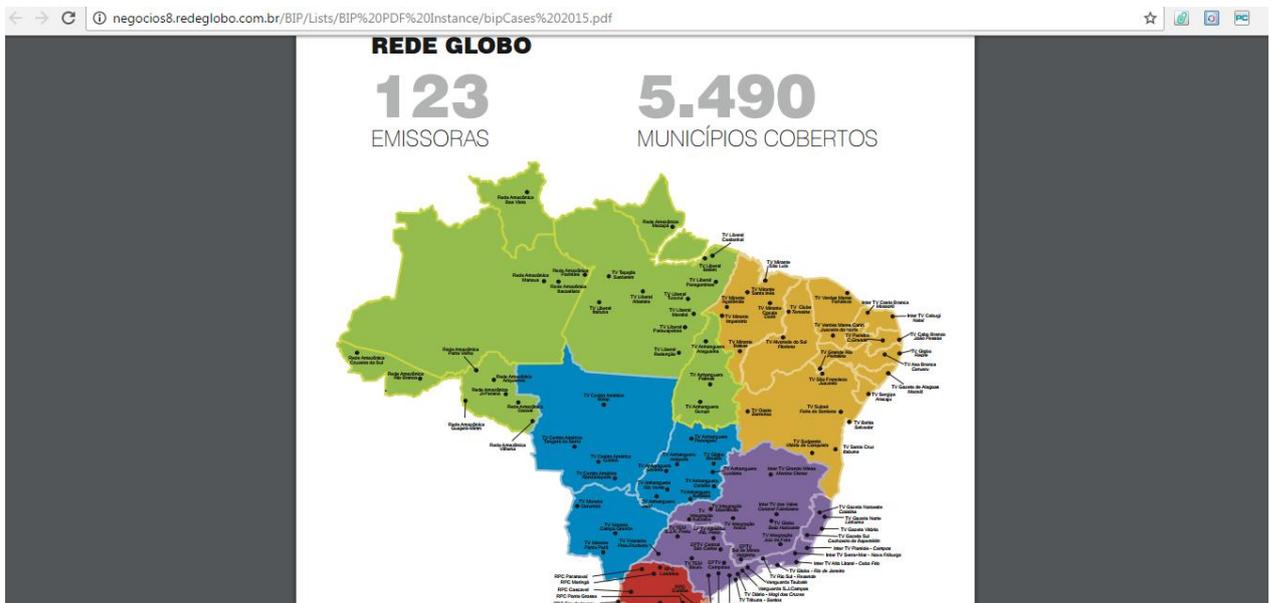


Figura 1 - Perfil demográfico 2016 (Fonte: *Rede Globo Negócios*)

De uma forma geral, todos esses números corroboram a visão de um espaço hegemônico na televisão brasileira, na medida em que a TV *Globo* ainda ocupa notadamente os espaços publicitários mais caros e continua sendo a emissora que mais arrecada com mídia na televisão brasileira. Apesar da queda em audiência, a TV *Globo* ainda ocupa posição hegemônica e tem adotado estratégias para mantê-la, tais como: investimentos em maior tempo na programação para o Jornalismo, adequação do formato dos telejornais, de acordo com o perfil do público.

Em pesquisa desenvolvida no contexto mundial, Storyhunter (2016) concluiu que, se os editores de vídeo querem ficar relevantes para os consumidores de hoje e no futuro, eles precisam não apenas criar mais conteúdo de vídeo, mas também criar vídeos envolventes do ponto de vista técnico e emocional. Já Newman (2017) prevê que tanto a *internet* quanto a televisão devem investir em notícias boletins de rápida duração e com imagens, principalmente para atrair os jovens, misturando sempre que possível informações e humor.

Ao analisar, também no contexto norte-americano, um caso específico recente, sobre como a tecnologia está mudando e afetando a qualidade da informação e o estado da democracia, notadamente ao citar a chegada de Donald Trump à Casa Branca, Newman (2017) destaca que a mídia tradicional continua a perder tanto a influência como dinheiro para as plataformas digitais de comunicação, o que aquece o debate sobre o papel e o tamanho de plataformas de tecnologia e até que ponto as suas atividades devem ser regulamentadas.

Mas, por que o crescimento das mídias digitais preocupa a televisão? Na pesquisa sobre tendências e previsões para 2017, “o crescimento do vídeo on-line está abocanhando o tempo gasto com a televisão tradicional, mas, ao mesmo tempo, também está oferecendo novas oportunidades para entregar vídeos de qualidade para qualquer tela”¹⁶ (NEWMAN, 2017, p.22).

Entre as tendências mundiais para 2018, está o cruzamento de informações e conteúdos nos meios de comunicação como forma de garantir aumento de consumo por parte da mídia tradicional, mais entendido como convergência, conceito que será discutido ao longo dessa dissertação:

¹⁶ The growth of online video is eating into the time spent with traditional television, but at the same time it is also providing new opportunities to deliver professional, high quality long-form content on any screen (NEWMAN, 2017, p.22)

Novas métricas de plataforma cruzada para a TV: O panorama da mídia mais fragmentado está se tornando cada vez mais crítico, uma vez que assistir televisão é feito de forma independente de plataforma. No Reino Unido, este ano vai ver a implantação do Projeto Dovetail, que vai misturar medição baseada em painel tradicional com novas etiquetas de análise das principais emissoras. Eventualmente, isso vai proporcionar uma visão abrangente de como o conteúdo é visto por diferentes dados demográficos entre dispositivos¹⁷ (NEWMAN, 2017, p.23).

Assim como se entende o Jornalismo convergente como um curso do Jornalismo hoje, enxerga-se a inovação como um importante canal do modelo de Jornalismo contemporâneo, conforme será tratado a seguir.

¹⁷ New cross-platform metrics for TV: The more fragmented media landscape is making it increasingly critical that television viewing is captured in a platform independent way. In the UK, this year will see the roll out of Project Dovetail which will blend traditional panel based measurement with new analytics tags from the main broadcasters. Eventually this will provide a comprehensive picture of how content is viewed by different demographics across devices (NEWMAN, 2017, p.23)

Capítulo dois

A INOVAÇÃO COMO UMA ESTRATÉGIA MERCADOLÓGICA

Se há pelo menos 15 anos nenhum estágio da produção de um programa televisivo poderia ser iniciado antes que o anterior tivesse sido concluído, hoje, com a implantação de computadores modernos, vários profissionais podem trabalhar no mesmo vídeo ao mesmo tempo, nas chamadas ilhas de edição não lineares. Com os adventos tecnológicos, possibilitados pela indústria, os vídeos não precisam mais ser armazenados em fitas magnéticas grandes e pesadas, que custavam muito caro para a aquisição e armazenamento. Passaram a ser registrados da mesma forma que os processadores de texto, ou seja, em arquivo de dados, não precisando ser transportados fisicamente, nem necessitando de circuitos de comunicação especializados e caros. Antes de analisar as mudanças no telejornal em estudo, faz-se necessário uma revisão teórica de conceitos que podem nos ajudar a elucidar se a reconfiguração no jornal consiste em uma inovação no telejornalismo. Entre eles: inovação (PALACIOS; BARBOSA; FIRMINO; CUNHA, 2015); *midiamorfose* (FIDLER, 1997) e *remediação* (BOLTER; GRUSIN, 2002).

2.1 Inovações graduais: os conceitos de *midiamorfose* e *remediação*

No contexto norte-americano, por exemplo, segundo Keirstead e Keirstead (1999), até o final de 1980, o sistema de computador da redação jornalística tinha se tornado um "integrador de sistemas", que fornece meios para eliminar as equipes de produção e operações, poupando custos.

Como um "integrador de sistemas", o sistema de computador da redação de radiodifusão tinha se tornado um instrumento necessário em uma indústria de radiodifusão/cabodifusão, que foi tornando-se extremamente consciente dos custos¹⁸ (KEIRSTEAD; KEIRSTEAD, 1999, p.21)

Em cada país, a história delinea contornos específicos quanto à inserção voraz de recursos tecnológicos aliados à TV, ainda que todos os casos se relacionem com a reconfiguração do capitalismo, iniciada na década de 1970 e pautada por uma mudança tecnológica de amplo sentido. Nesse contexto, a segmentação dos programas televisivos surge

¹⁸ “As a “system integrator” the broadcast newsroom computer system had become a necessary tool in a broadcasting/cablecasting industry, which was becoming extremely cost conscious” (KEIRSTEAD; KEIRSTEAD, 1999, p.21).

como um acontecimento que se exprime em oscilações nos índices de audiência e no ganho das emissoras de televisão aberta nos principais mercados.

De 1970 até os dias atuais, duas características ganham força no mercado televisivo. Para Bolaño e Brittos (2007), a criatividade e a originalidade do produto são primordiais no processo competitivo de conquista do telespectador.

A equação da televisão digital envolve o funcionamento afinado dos elementos produtores de conteúdo, plataformas de distribuição, fabricantes de equipamentos industriais e domésticos e regulamentadores, com vistas na conquista do receptor, sem o qual uma mídia não se configura efetivamente. A importância dos conteúdos, exigidos pela própria expansão das condições técnicas de distribuição, é crescente (BOLAÑO; BRITTOS, 2007, p. 26).

Há uma complexa variedade de terminologias e de conceitos que denominam essa reestruturação do Jornalismo, da lógica e da rotina de produção, distribuição e consumo das notícias e que são repensadas até em função do próprio tempo e do modo híbrido entre os meios e as diversas variáveis, que comandam as práticas jornalísticas. Castells (1999) reforça que as transformações do Jornalismo não são unidimensionais já que estão sujeitas a um amplo conjunto de variantes econômicas, organizacionais e culturais, impulsionadas por diferentes aplicações tecnológicas.

Deuze (2004) pontua que todos os fatores anteriormente mencionados devem ser considerados de modo combinado, já que as atividades dos jornalistas têm moldado e estão sendo moldadas pelos diferentes contextos. Em relação ao panorama tecnológico, o contexto digital ocasiona novas modalidades de produção, transformações nos sistemas de difusão, maneiras diferentes na recepção que fragmentam as audiências estabelecendo outros modelos de interação entre emissores e o público, renovações das redações jornalísticas.

Entre essas transformações no Jornalismo, a redução do tempo para a produção jornalística, em função do exagero e da necessidade de produzir e distribuir informações em tempo real leva a uma problemática salientada por Peralta (2005, p.33) ao dizer que, “em alguns casos, a necessidade de imediatismo leva a uma tendência perigosa: a antecipação dos fatos”.

Essas reconfigurações no Jornalismo podem ainda ser compreendidas como parte de um processo evolutivo no qual a mídia se apropria de outra já existente. Fidler (1997) apresenta o conceito de *midiamorfose* como o modo pelo qual novas mídias constituem-se como evoluções graduais dos meios existentes, ou seja, configuram-se a partir do entrecruzamento das características das mídias anteriores com os propósitos de dar novo suporte.

A evolução dos meios de comunicação decorrentes do processo de convergência foi nomeada por Roger Fidler (1998) de *midiamorfose*. O conceito define as transformações ocorridas em determinadas mídias devido a transformações de natureza social, política, econômica e tecnológica que envolve os meios de comunicação.

A integração das tecnologias, por exemplo, permite a mudança de comportamento do público. E essa mudança que irá refletir no processo de *midiamorfose*, que segundo Fidler (1997) levam os meios de comunicação a buscar novas formas de produção, bem como pensarem novos formatos e de forma a criar novas possibilidades de relações entre a notícia e a audiência que a consome.

Já Bolter e Grusin (2002) articulam que as mídias digitais partem dos meios anteriores para aperfeiçoar aspectos e para acrescentar novos recursos, operando de modo híbrido e que a tendência atual é a que os conteúdos aliam elementos existentes a formas esquecidas e/ou novas, portanto, não existe uma maneira inédita de se produzir conteúdos jornalísticos, posto que sempre são utilizados conceitos provenientes de práticas jornalísticas anteriores e para os autores o termo usado para expressar essa ideia seria o de *remediação*, o que, de certa forma, desconstrói a concepção de inovação.

Assim, para Bolter e Grusin (2002), as mídias apenas se reformulam, nenhuma mídia é capaz de criar algo novo, original. O que se tem de original nas novas mídias digitais são os modos como elas reformulam e restauram as mídias antigas.

Sobre a proposição de uma comunicação inovadora, de uma maneira geral, os estudiosos não a veem como um estado e sim como um processo que envolve muitos setores. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação tem sido um ajuste entre inovações em diferentes segmentos, como os produtos, os processos, o mercado e as formas de uso, a apropriação, entre outros. Em uma sociedade cada vez mais destinada a trocar as matérias-primas tradicionais por conhecimento ou informação, a criatividade, a inovação e a originalidade, decorrentes de estímulos da imaginação, constituem-se como elementos fundamentais no processo de produção comunicacional. Conforme alerta Rossetti (2013), o conceito de inovação não apresenta uma única definição, na medida em que os entendimentos acerca da ideia são bastante diferentes e o número de termos correlatos talvez seja ainda maior. Rossetti (2013, p. 64) elenca alguns desses termos:

Novo, novidade e mudança; criação, invenção, alteração, modificação, transformação, multiplicação, diferenciação, diversificação, salto, transposição, tradução, evolução, ruptura, mutação, variação, incremento, adaptação, apropriação, experimentação, renovação, recriação, transubstanciação, transmutação, deformação, reformulação, transfiguração,

metamorfose, transmutação, transverter, legítimo, genuíno, singular, diferenciado (ROSSETI, 2013, p. 64).

Não há aqui a pretensão de exaurir tal dimensão, propor conceitos definitivos sobre inovação. Nosso objetivo é apenas colocar algumas noções em torno do conceito, que sirvam a nosso desígnio de investigar e de tentar mapear o que de novo tem sido criado no *Jornal Nacional* diante da oferta dos dispositivos tecnológicos e da apropriação que se faz deles. Rogers (2003), por exemplo, considera a inovação enquanto uma ideia, prática ou objeto sentido como novo. Em outras palavras, não basta ser inovação, a sociedade tem de perceber como inovação.

O que importa, para alguns estudiosos, é a percepção da novidade pelo indivíduo, independentemente do lapso de tempo entre essa percepção e o primeiro uso ou descoberta da inovação:

A inovação não implica necessariamente em rupturas ou bruscas discontinuidades, embora tais eventos possam ocorrer. Em alguns casos, ela pode apresentar-se sob a forma de sucessivas ondas de mudanças e *upgrades* que funcionam como um contínuo e gradual desenvolvimento de um produto ou de métodos de produção (PALACIOS; BARBOSA; FIRMINO; CUNHA, 2015, p. 14).

Ainda sobre a questão da inovação, há de se observar outra diferença entre inovação no Jornalismo e Jornalismo de Inovação, termos cunhados por Nordfords (2004), quando contextualiza que o Jornalismo de Inovação é aquele que aborda a temática inovação. No Jornalismo de Inovação, a temática inovação é trazida, mas não há inovação na linguagem, no conteúdo nem na forma e esse seria o tipo mais comum. Já a inovação no Jornalismo requer mudanças no conteúdo, na linguagem ou na forma, sendo essa a configuração mais rara de inovação. Machado (2010) acrescenta que essa diferenciação é clínica para se observar os fenômenos jornalísticos produzidos hoje:

A discussão sobre as diferenças entre Inovação no Jornalismo e Jornalismo de Inovação não é apenas um trocadilho. Na realidade, cada um dos conceitos identifica um fenômeno específico relacionado ao Jornalismo nas sociedades contemporâneas¹⁹ (MACHADO, 2010, p. 65).

Propõe-se, aqui, observar a inovação no Jornalismo, não nos interessando à temática, mas, sim, a forma inovadora de produção, distribuição e consumo das notícias²⁰. “Ainda que a

¹⁹La discusión de las diferencias entre Periodismo de Innovación e Innovación en el Periodismo no es un simple juego de palabras. En la realidad cada uno de los conceptos identifica un fenómeno concreto relacionado al periodismo en las sociedades contemporáneas (MACHADO, 2010, p. 65).

²⁰ Apesar de tratarmos das etapas dos processos do jornalismo (produção distribuição e consumo) não, necessariamente, implica dizer que se trata de um estudo de recepção, e sim uma análise dos processos envolvidos nessas etapas (políticos e econômicos).

hegemonia do Jornalismo de inovação como *modus operandi* da atividade seja improvável, ela vem para fortalecer o dever em informar da melhor maneira possível, dentro do comportamento vigente de consumo de notícia” (FLORES, 2017, p.183).

Tourinho (2010) aponta que, para inovar, um conteúdo comunicacional precisa ter planejamento e adequação ao contexto e às demandas sociais, para além do domínio das questões tecnológicas. É necessário, ainda, adotar novas formas de linguagem e possuir mecanismos para contato com o público, pesquisas. Conhecer a dinâmica da inovação: os objetivos, as formas e os sujeitos da inovação, permitirá que o conteúdo ou formato esteja baseado de modo mais sólido para suas imprescindíveis transformações.

Tuchmann (1978) já destacava que a prova de habilidade de um jornalista é superar as formas narrativas aceitas pelo público de modo criativo. A autora defendia que para inovar, você tem de ir ao ponto do que é aceito, mas não ao que é considerado padrão, algo que vai agregar. Para gerar inovação, outra condição é a liberdade e a disposição para ousar, mesmo que isso leve a equívocos, já que, para Tuchmann (1978), os erros também podem representar crescimento.

Tem-se discutido também uma abordagem além da inovação: a reinovação; que reestrutura serviços e produtos já disponíveis. Já Flores (2017) compreende que, inovar e renovar são conceitos de mesma natureza, já que a inovação não é uma fórmula fixa ou única, e sim um processo de movimento constante. “Interessante perceber que nas áreas afins à Comunicação e ao Jornalismo, a inovação sugere ser mais percebida em ordem qualitativa do que quanto em margem de lucro, eficiência e resultados” (FLORES, 2017, p.166).

É preciso ainda ter cuidado com a necessidade, muitas vezes, exagerada com o novo. Segundo Rezende (2000), a exigência de permanente substituição de modelos em busca do “sempre novo” não faz com que necessariamente emerja o novo. É falacioso se tomar como regra. Rossetti (2013) completa essa linha de raciocínio ao crer que a inovação total, a qual se aproxima das ideias de criação e invenção, costuma ser mais rara; sendo a inovação parcial a mais recorrente.

De acordo com Machado (2010), desde meados da década de 70 do século XX, o conceito de inovação tem sido incorporado nas discussões dos processos de produção de empresas jornalísticas. “Hoje são fóruns internacionais cada vez mais frequentes sobre a

inovação no Jornalismo com a universalização dos meios digitais²¹” (MACHADO, 2010, p. 64).

É necessário considerar que muitas inovações, mesmo aquelas que apresentam vantagens irrefutáveis, necessitam de longos períodos desde a sua disponibilização até quando se tornam, finalmente, seguidas. Assim, pode-se destacar “a regra dos 30 anos, ou seja, a constatação de que as descobertas e inventos quase sempre levam mais tempo do que todos esperam – e seus criadores admitem – para se tornarem produtos ou serviços bem sucedidos” (FIDLER, 1997, p. 10).

Destaca-se ainda aqui, a inovação no Jornalismo, conforme Teixeira (2015) como uma ação social que inclui qualquer novidade independentemente de quem seja seu produtor, englobando transformações nas tecnologias, linguagens, processos, equipes, dispositivos ou modelos de negócios que visem potencializar a produção e a circulação de notícias. Considera-se que, mais importante do que tecnologia no processo de produção, é apropriação social que se faz dessa, uma vez que se rejeita a ideia de Jornalismo disruptivo, que muda tudo de uma vez, sendo clara a ideia de que o processo é gradual e “apesar de todas as dificuldades encontradas e cautelas necessárias para se inovar, a solução para agregar qualidade aos conteúdos, provavelmente, continua sendo a persistência em inovar” (TEIXEIRA, 2015, p. 129).

Rogers (2003) entende que a difusão de inovações segue em um grupo e para Raymond (2010) os grupos podem ser divididos em: 1) inovadores; 2) adotantes iniciais; 3) maioria inicial; 4) maioria tardia; 5) maioria mais tardia e 6) retardatários. Inicia-se como uma ideia de serviço ou produto, e com um inovador que a insere para um grupo nomeado de adotantes iniciais. Estes se adaptam rapidamente à ideia e a transmitem ao grupo maioria inicial, que transmite a um grupo maior, a maioria tardia, e, por último, este leva a inovação ao grupo de retardatários, que são as pessoas mais resistentes a mudanças.

Ao lançar um *novo formato* e fixar-se no grupo de inovadores, o *Jornal Nacional* dissemina, conseqüentemente, uma tendência e, assim, a *Rede Globo* reforça o interesse de manter a hegemonia:

Ao segmentar os veículos jornalísticos poderíamos considerar como inovadores e adotantes iniciais os jornais de referência, por terem margem de investimento financeiro e serem, de fato, lançadores de tendências. Também podemos considerar pertencente a esse grupo os novos veículos jornalísticos com modelos de negócio flexíveis e posicionamento editorial especializado. As demais empresas jornalísticas estariam nos grupos seguintes (entre

²¹“Hoy cada vez más son frecuentes los foros internacionales sobre innovación en periodismo con la universalización del soporte digital” (MACHADO, 2010, p. 64).

Maioria Inicial e Retardatários) absorvendo a popularização das técnicas e avaliando a resposta do público através dos resultados da concorrência (FLORES, 2017, p.183)

Para fins deste trabalho, considera-se a proposta de Machado (2010) quando discerne inovação no Jornalismo como qualquer alteração em técnicas, tecnologias, processos, linguagens, formatos, equipamentos, dispositivos e aplicações, ativos e modelos de negócios projetados para simplificar e aumentar a produção e consumo de notícias.

Inovação em Jornalismo é um fenômeno que se volta para o Jornalismo como uma indústria e que se concentra na busca de soluções conceituais ou tecnológicos que, ao mesmo tempo, maximizar a produção e atender as demandas sociais por informação de qualidade. No mesmo instante, o menor custo possível, consistente com o rigor dos melhores comportamentos profissionais e acessíveis por todos os meios disponíveis²² (MACHADO, 2010, p. 67).

A inovação está alicerçada em processos constantes e seu próprio conceito tem sofrido alterações. A questão mercadológica mais intrigante e desafiadora para os meios de comunicação é como viabilizar a inovação, como rentabilizar um conteúdo ou uma forma de produção diferenciada, o que nos leva a encarar a inovação para além da tecnologia. Tal inovação requer investimento em todas as áreas da produção jornalística, desde a elaboração de pesquisas até uma alta aquisição de dispositivos tecnológicos.

2.2 Apropriação social da tecnologia

Para empreender as investigações necessárias, a pesquisa baseou-se ainda nos estudos da Comunicação sobre os efeitos das novas tecnologias, uma vez que ao longo de sua experiência, o homem desenvolveu meios tecnológicos que possibilitaram estreitar as relações sociais e trocar ideias, informações e conhecimentos. O desenvolvimento científico e tecnológico veio associado a um processo contínuo de socialização da informação. Assim, as tecnologias digitais têm sido implantadas em todas as áreas da Comunicação nas últimas décadas, atingindo grande parte dos seus espaços de produção, distribuição e consumo de notícias. Apoiando-se em Franciscato (2013), a EPJ deixa evidente que a atividade jornalística

²²La innovación en el periodismo es un fenómeno que se vuelve para el periodismo como una industria y que se centra en la búsqueda de soluciones conceptuales o tecnológicas capaces de, al mismo tiempo, maximizar la producción y atender a las demandas sociales por información de calidad y instantánea, al menor costo posible, en consonancia con el rigor de las mejores conductas profesionales y accesible por todos los medios disponibles (MACHADO, 2010, p. 67).

nunca se dissocia de seu contexto e a apropriação da tecnologia pelo Jornalismo não está apenas ligada a aspectos técnicos. É necessário pontuar que sempre que ocorre um desenvolvimento social, político, econômico ou tecnológico, o Jornalismo também sofre transformações na sua linguagem, nos seus códigos, nas suas operações de produção, na forma de distribuição e nos seus valores de consumo.

Já nos anos 2000, Ramos (2000) anunciava uma inevitável “estrada eletrônica” em que todo o mercado da comunicação seria inserido. Estrada essa, que representaria a terceira transição político-econômica em escala mundial a qual a humanidade não escaparia. Após a agricultura e a indústria, o terceiro ponto da estrada levaria as tecnologias digitais de comunicação. E, quanto mais a inserção do aparato tecnológico nas comunicações, maior a concentração de várias formas de comunicação, tornando cada vez mais híbrido o produto comunicacional.

Daí a necessidade imperiosa, para qualquer país, da atualização das suas "estradas eletrônicas", da sua infra-estrutura nacional de comunicações, já na perspectiva da convergência que está a juntar, talvez para sempre, o entretenimento da televisão, dos videoclubes e videogames, com a informação do Jornalismo, das bibliotecas e outros serviços assemelhados, com a telefonia e transmissão de dados, isto tudo mediado pelo computador (RAMOS, 2000, p.115-116).

A introdução de qualquer nova tecnologia contribui para a transformação das práticas comunicacionais e para a criação de outras, mas sempre em conjunto com o desenvolvimento de novas habilidades pelos indivíduos e pela sociedade. Nos anos 2000, por exemplo, a adoção de computadores modernos permitiu o armazenamento de grandes quantidades de informação que passaram a ser tratadas, gerenciadas e recuperadas com facilidade e agilidade pelos profissionais. Esse período representou um marco para as transformações nas práticas de comunicação. Para Brittos e Bolaño (2007), a preocupação era que essas possibilidades trazidas pelo desenvolvimento tecnológico, principalmente no Jornalismo digital, continuassem reproduzindo os mesmos modelos:

os novos meios devem encontrar modelos que estimulem uma produção diferenciada [...]. Quem sabe, uma produção terceirizada, alternativa e local que incentive a desconcentração do mercado produtor, o surgimento de novos realizadores, a diversidade cultural e o reposicionamento das identidades locais e não hegemônicas. O futuro do Jornalismo digital passa pela ruptura com o passado e com a migração plena para o ciberespaço. Uma ruptura que, sem deixar de incorporar os conhecimentos acumulados, parte do pressuposto que, por mais experiente que seja, um jornalista dos meios convencionais parece um foca no mundo das redes (BRITTOS; BOLAÑO, 2007, p. 40, p. 42-43).

Deve-se salientar que os impactos da tecnologia no Jornalismo não são apenas advindos de questões tecnológicas, assim, como a velocidade das transformações causadas pelas novas tecnologias de comunicação não dependem somente de avanços técnicos, mas também de todo um contexto que permite tais reconfigurações. Embora as tecnologias digitais criem novos produtos, mercados e consumidores para os meios de comunicação, elas não possuem um valor intrínseco, inseparável de um contexto. A importância da tecnologia depende de como as pessoas se apropriam dela em determinado contexto político, econômico, social e cultural.

A tecnologia não muda tudo, o que também não significa dizer que não muda nada. Cannito (2010) entende que há uma matriz humana que permanece intacta, com as mesmas necessidades e mesmos anseios: demandas de fantasias e momentos de relaxamento. Assim, “o desenvolvimento da televisão pode ser resumido como um gradual autoconhecimento de como suas potencialidades tecnológicas e estéticas podem atender com mais eficiência às eternas demandas culturais da espécie humana” (CANNITO, 2010, p. 213).

Entre sociedade e tecnologia há um dualismo a ser observado, o que quer dizer que, ao mesmo tempo em que a tecnologia é influenciada, modificada e experimentada pela sociedade em que se insere, também a influencia. Para Castells (1999), as tecnologias devem ser compreendidas em sua complexa interação com os indivíduos e com as instituições, principalmente, quanto à distribuição de informações. Agamben (2009) destaca ainda uma preocupação com uma super utilização de dispositivos tecnológicos, a qual os *media* se debelam e também submetem ao público, mas que esses não representam um fenômeno revolucionário nem esgotam as possibilidades dos processos midiáticos. “No lugar do anunciado fim da história, assiste-se, com efeito, ao incessante girar em vão da máquina” (AGAMBEN, 2009, p. 50).

Ao falar de televisão, Cannito (2010, p. 212) alerta que “aqueles que apenas defendem o uso do potencial tecnológico sem pensar em como ele é apropriado pelo público estão longe de entender o que realmente vai acontecer”. Não é apenas em função da tecnologia que o produto será considerado bom, a apropriação, o uso dessa tecnologia, é o diferencial.

Essa relação entre tecnologia e comunicação concorre com a ideia de tentar compreender a televisão em seus aspectos multifacetados, muitas vezes, invisíveis como expõe Bourdieu (1997):

A televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem entre as relações

sociais entre os jornalistas, relações de concorrência encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também relações de convivência, de cumplicidade objetiva, baseados aos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social à sua formação (BORDIEU, 1997, p. 50-51).

Isso acontece porque cada vez mais “a informação tornou-se fonte alimentadora de engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital, isto é, o lubrificante dos ciclos de troca e de lucro, nesse sentido a mercadoria mais importante” (MORAES, 1997, p.14).

Sempre muito criticada por “requestrar” modelos da TV norte-americana desde o início de sua história, a *Rede Globo* diz tentar buscar novos caminhos. O diretor-geral da *Rede Globo*, Carlos Henrique Schroder, revelou em Stycer (2016) no início de abril de 2014 ter implantado cinco fóruns internos para avaliar a programação e propor novidades. Os grupos são formados por oito a dez pessoas, entre autores e diretores da própria emissora:

Quatro desses fóruns (seriados, novelas, programas de auditório e humor) dizem respeito a áreas que a *Globo* tem notório domínio e saber, mas entende que precisa renovar e aperfeiçoar. O quinto fórum é o que mais me chamou a atenção. É dedicado, como disse Schroder, a “formatos”. Além de designar características de um determinado gênero, a palavra é hoje utilizada no mercado de TV para se referir a programas idealizados por produtoras estrangeiras e vendidos, sob licença, para emissoras do mundo inteiro (STYCER, 2016, p. 225).

Nas palavras de Flores (2017, p.165), “ao perceber a própria essência em fluxo do Jornalismo, é possível constatar que, em algum sentido, inovar sempre fez parte da atividade”. Assim, compreende-se, inicialmente, a inovação como um fenômeno incessante pela busca do novo, encontrando na novidade, seu combustível fundamental.

2.3 As mudanças como uma constante: um histórico das transformações já aplicadas ao JN

Esta seção é destinada a mostrar que as mudanças sempre ocorreram no percurso da história do telejornal em análise. Tudo foi mudando muito devagar, mas de maneira definitiva. No aspecto mercadológico, o desenvolvimento e aprimoramento de formatos de TV em escala mundial têm constituído um importante meio de lidar com a audiência à medida que não é raro que emissoras troquem o formato do programa para alavancar os números da audiência e, conseqüentemente, de anúncios publicitários. “Os programas adquirem o formato de telejornal quando um apresentador chama reportagens pré-gravadas e editadas e até faz entrevistas em estúdio” (ARONCHI DE SOUSA, 2004, p. 175). Todas as categorias

(entretenimento, educação e informação) se valem desse formato, até mesmo a publicidade, a exemplo de programas eleitorais.

O telejornalismo foi tomado por ser essa forma mercadológica de produção de forma muito rápida. Machado (2001) explica que a abordagem é dual e distingue duas maneiras principais de tratar a televisão, as quais ele denomina de o modelo de Adorno e o modelo de McLuhan: “Se para Adorno a televisão é congenitamente 'má', não importando o que ela efetivamente veicula, para McLuhan a televisão é congenitamente 'boa' nas mesmas condições” (MACHADO, 2001, p. 18).

Aronchi de Souza (2004), em sua pesquisa, compreendeu que qualquer que seja a categoria de um programa de TV, ele tem como função sempre entreter, mas pode também informar. Pode ser informativo, mas também se apresenta sob a forma de entretenimento “o que leva a concluir que a definição dada pelas emissoras tem como objetivo principal atrair o telespectador, em vez de se restringir à essência do gênero” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 36). Assim, os programas de TV ou mesmo a televisão pode ser considerada híbrida na medida em que:

Pode-se tomá-la como um fenômeno de massa, de grande impacto na vida social moderna, e submetê-la a uma análise de tipo sociológico, para verificar a extensão de sua influência. [...] Mas também se pode abordar a televisão sob um outro viés, como um dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os voos de sua imaginação (MACHADO, 2001, p. 10-11).

Sobre o programa jornalístico televisivo especificamente, Gomes (2012a) acredita que é preciso compreendê-lo como uma forma cultural própria de lidar com a informação na TV. Já Machado (2001) analisa a existência de muitas teorias sobre o que é ou o que pode ser a televisão: algumas concebem a televisão atrelada à vida cotidiana, outras à cultura, e ainda ao espaço público; e diversas outras associadas a mecanismos de mediação entre emissor e receptor. Para o autor, são proposições convenientes, se adotadas com seriedade.

Paulatinamente, com o surgimento das teorias, a televisão sai da amargura experimentada pelos sociólogos, tecnólogos e estrategistas de *marketing*, e passa a ser enfrentada como um fenômeno cultural que acompanha os passos da nossa existência. “A televisão é e será aquilo que nós fizemos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa” (MACHADO, 2001, p. 12-13).

Destarte, na tentativa de conquistar novos públicos e de fidelizar os que já existem, os programas telejornalísticos têm passado por um processo de reinvenção dos seus formatos

já notadamente classificados dentro da programação televisiva com características e normas específicas. De acordo com Gomes (2012b, p. 39), os telejornais podem ser considerados uma variação específica na programação da televisão, na medida em que adotam determinados formatos e regras específicos do campo jornalístico em interseção com o campo televisivo.

Em relação à classificação do *Jornal Nacional*, segue-se a categorização de telejornalismo, em conformidade com Gomes (2011), que desenvolve um conceito salutar sobre o gênero televisivo que engloba o fenômeno comunicacional e toda a conjuntura de questões macroestruturais. Ao mesmo tempo, identifica as particularidades que apresentam os produtos como gênero televisivo e nos ajuda a desvendar como essas questões macro reverberam nos produtos e nos modos em que eles são destinados ao público.

O conceito de gênero televisivo permite compreender as regularidades e as especificidades em produtos que se configuram historicamente – ele permite dizer tanto do Jornalismo como ideologia, valores, normas quanto das formas culturais historicamente dadas e, sobretudo, vincular nosso objeto de análise ao processo comunicacional – gênero televisivo é uma estratégia de comunicabilidade (GOMES, 2011, p. 18).

Gomes (2012a) investiga o telejornalismo procurando construir uma metodologia de análise que articule dois elementos óbvios e, ao mesmo tempo, fundamentais para a análise do telejornalismo: o Jornalismo e a televisão, numa investida que implique a consideração de aspectos ainda históricos, sociais, ideológicos e culturais do telejornalismo.

Atualmente, a emissora aposta em um modelo de *Jornal Nacional* no qual profissionais aparecem menos formais e mais ligados à tecnologia, possivelmente para atrair a atenção do telespectador, anunciantes, garantir a audiência e, portanto, o lucro. A quebra no “padrão” sugere um programa mais informal, pelo menos do ponto de vista estético. O que merece ainda mais observação é de que forma essa mudança vem acontecendo e conhecer como o mercado tem influenciado nos conteúdos e no formato do telejornal, que ainda se configura como um espaço hegemônico.

Ressalta-se a consideração de formato a partir de uma associação ao gênero e este à categoria. Em Aronchi de Sousa (2004), Barbosa Filho (2003) e Gomes (2011), as categorias de um programa (educativo, entretenimento e informativo) abrangem vários gêneros, que podem ser compreendidos como estratégias de comunicabilidade articulados com a forma de apresentação do conteúdo. O formato, por sua vez, é a forma geral de um programa de TV. É importante ressaltar que o conceito de formato ainda é pouco abordado em obras científicas, notadamente destinado à referência do mercado de produção.

Apesar da falta de referencial teórico para o estabelecimento da nomenclatura formato e da sua coexistência com o gênero, de uma maneira simples, porém objetiva, Aronchi de Sousa (2004, p. 45) estabelece a seguinte relação: “em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa e os gêneros agrupados formam uma categoria”. É possível, ainda, em um mesmo gênero, a existência de vários formatos. Dentro do gênero telejornalismo, observável dessa pesquisa, há formatos diversos como reportagem, inserções ao vivo, notas, editoriais, indicadores, bem como a forma pela qual eles são apresentados, conforme será visto ao longo desta pesquisa.

Conforme Aronchi de Souza (2004), o formato pioneiro no gênero telejornal foi o noticiário, com a figura do apresentador lendo textos sem imagens ou ilustrações; inicialmente, chamando as reportagens gravadas ou as inserções ao vivo do repórter na rua. Tal formato é de influência norte-americana, até então predominante no telejornalismo brasileiro, apesar de vir sendo reconfigurado. O autor esclarece ainda que “dentro do próprio gênero telejornalismo, há formatos que se firmam como gêneros por sua importância” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.153), tais como programas de debate ou de entrevista e documentários.

Com o tempo, o telejornalismoEPC está atenta a questões de mercado que impõem adaptações à lógica capitalista e aos modos de se comunicar de uma sociedade. Desta forma, Mosco (1999) ajuda-nos a entender de uma maneira crítica como essas mudanças no formato de produção, circulação e consumo da notícia podem ter interesses econômicos e políticos embutidos quando chama a atenção para os produtos das comunicações que liga “uma cadeia de produtores iniciais a distribuições, retalhistas e consumidores, cujas aquisições, alugueres e cuidados vão alimentar novos processos de produção” (MOSCO, 1999, p. 98).

O *Jornal Nacional* ainda se configura como o telejornal mais assistido em todo o país e, por isso, acaba por ditar regras e modelos:

Na condição de soberano em audiência por mais de quatro décadas, atua como grande centro de encontro público, por onde circulam temas os mais distintos, em consonância com as demandas dos cidadãos pertencentes a qualquer estrato social: do futebol à economia internacional; da política à defesa do meio ambiente; da juventude obesa à sobrevivência como “flanelinha” (DOURADO, 2012, p. 230).

Há 17 anos, Borelli e Priolli (2000) analisaram a TV *Globo* e as novas formas de mídia, que, em consonância com “as novas formas de lazer e informação também influem nessa nova maneira de ser do telespectador” (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 252). Com isso,

os autores mostram que já enxergavam as transformações de mercado ou de pelo menos uma fatia dele, o público, que, de certa forma, impõe transformações mercadológicas e vai modificando processos e práticas tradicionais do Jornalismo.

Ao analisar com minúcia a programação geral da *Rede Globo* como estratégia de mercado ou de cidadania, Dourado (2012, p. 336) conclui que “é indubitável sua parcela de contribuição para a continuidade do capitalismo, como produtora e distribuidora de produtos, que se inserem na esfera da indústria cultural, e mais, líder de audiência no universo televisivo nacional”. O que reafirma que, embora os conteúdos ora apresentados possam ser questionados, esse modelo de fazer telejornalismo tem se configurado forte no quesito audiência. Por isso, essa face atual do telejornalismo da *Rede Globo*, embora pareça somente estética, revela muito mais do que o visual, guarda motivos políticos e econômicos. Ao analisar as estratégias políticas e econômicas da *Rede Globo*, Dourado (2012) esclarece ainda que:

Com vistas à consecução de maior audiência/ mais anunciantes/ maiores lucros, a emissora pauta-se por diferentes pesquisas de audiência, como as que estão sob a responsabilidade do Ibope. São dados que balizam os planos de qualquer meio de comunicação (não somente a *Globo*), para estabelecer preços de espaços publicitários; programação orientada para diferentes gêneros; estabelecimentos de horários; extinção dos programas; mudanças em seus formatos, quanto à duração ou aos conteúdos (DOURADO, 2012, p. 333).

Apresentado na *Rede Globo*, do estúdio do Rio de Janeiro, o *Jornal Nacional* leva ao público fatos do dia no Brasil e no mundo há 48 anos. O *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional e foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969. Foi transmitido ao vivo, simultaneamente, para algumas capitais de estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Durante muitos anos, a apresentação foi feita de forma fixa em uma bancada, por dois jornalistas sentados em um cenário simples, em um estúdio fechado. Inicialmente, o programa tinha 15 minutos de duração e era transmitido de segunda-feira a sábado. Sobre os apresentadores, os primeiros, em 1969, que constam em *Memória Globo* (2004), foram Hilton Gomes e Cid Moreira, que ainda apareciam ao telespectador em imagem em preto e branco.



Figura 2 - Cid Moreira e Hilton Gomes no primeiro cenário do *Jornal Nacional*, em setembro de 1969 (Fonte: *Memória Globo*)

Em pouco tempo, o jornal se autoafirmou como o mais importante noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência, o maior nessa faixa de horário das 20h. De acordo com *Memória Globo* (2004, p. 56), os apresentadores Hilton Gomes e Cid Moreira abriram a primeira edição do *JN* anunciando "O *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". Cid Moreira encerrou: "É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite". Nessa época, o *Jornal Nacional* exibia apenas 15 minutos de veiculação de notícias e era precedido pelos jornais locais.

Sobre o "Padrão *Globo* de Qualidade", expressão que se tornou emblemática no meio jornalístico e no meio popular, Oliveira Sobrinho (2011) revela que a frase, espécie de *slogan* popular da emissora, não nasceu no seio da *TV Globo*.

Ela foi sendo usada pela imprensa e nós acabamos assimilando o rótulo. Embora muitos atribuam a mim a criação desse padrão – como o próprio Walter Clark em entrevista à *Veja* e em seu livro *O campeão de audiência* -, e também meus amigos Joe Wallach e Daniel Filho. Na verdade o padrão *Globo* de qualidade não foi criado por ninguém, resultou de uma exigência comum a quase todos os funcionários da empresa em todos os escalões (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p. 431).

O autor refere-se a um padrão ligado à perfeição, nível de exigência de qualidade, ao zelo pelo trabalho, perceptível pela qualidade estética dos programas da emissora, mas, aqui, propõe-se a análise da expressão "Padrão *Globo* de Qualidade", segundo Bolaño (2004), conforme já citado, pela ótica da indústria da comunicação. No que diz respeito à estética, a preocupação com certas normas na emissora são bem antigas:

O cuidado com a aparência era tal que, em janeiro de 1985, a diretora executiva da CGJ, Alice Maria, enviou um memorando aos apresentadores e principais repórteres do *JN* dando alguns conselhos sobre as roupas a serem usadas no vídeo [...] Entre outras coisas, recomendava-se evitar listras muito

fortes, coloridas e de contraste violento, assim como quadriculados de cores vivas. Ficavam proibidas roupas com estampas gráficas ou figurativas ou com dizeres de qualquer espécie. As apresentadoras não deveriam usar blusas de alça ou com grandes decotes. Deveriam evitar joias e bijuterias grandes demais, ostensivas e brincos pingentes e brilhantes. Os apresentadores não poderiam usar paletós nos tons brancos e gelo e deveriam evitar gravatas lisas ou de acetato, que faíscam no vídeo (RIBEIRO, 2004, p. 149-150).

Isso foi em 1985, e muitos aspectos desse padrão foram se adaptando aos novos tempos. Nessa época, por exemplo, havia dois apresentadores homens no comando da bancada, Sérgio Chapelin e Cid Moreira, com um tom de fala emblemático ditado pela formalidade e regras de conduta. Com o passar dos anos e mudanças no cenário do programa e de apresentadores, o *JN* foi, de certa forma, reduzindo a sua formalidade sem abrir mão das regras. Ribeiro (2004) lembra que, em 2002, por exemplo, o jornal começou a exibir diariamente vídeo charges de Chico Caruso, com sátiras aos fatos políticos da época e com média de 30 segundos de duração.

Em uma análise histórica do telejornal, Borelli e Priolli (2000, p.50) observam focos constantes de investimento e citam entre eles “a inserção do cenário [...] e a priorização do investimento tecnológico como padrão casado de qualidade e confiabilidade”. Ainda no surgimento, a proposta do *JN* era romper com o padrão do então programa jornalístico das 20h, o *Repórter Esso*, da extinta *TV Tupi*, que já tinha público cativo. Autores como Borelli e Priolli (2000), Mattos (2010) e Herz (1987) apontam ainda nessa época uma limitação do telejornal da *Globo*, em relação à exibição do conteúdo político em função da ditadura militar que vivia o país.

Do embrionário *JN* de 1969 ao telejornal de 2015, foram mudanças graduais e, muitas vezes, imperceptíveis. Os iniciais 15 minutos de jornal com edições divididas em três partes: local, nacional e internacional, com manchetes lidas de forma alternada pelos apresentadores deram lugar a um telejornal que preserva dois apresentadores, mas, agora, com um casal no comando da bancada, muitas cores e tecnologia em um cenário, que utiliza imagens reais e virtuais, além de um espaço amplo, por onde os apresentadores se movimentam em um programa de cerca de 40 minutos.

“As estruturas tecno-estéticas levam em conta o material de alicerce para dados estéticos (cenário, iluminação, palco, gestão de pessoal artístico, etc), isto é, a projeção sobre

a infra-estrutura material de produção estética propriamente dita”²³ (LEROY, 1992, p. 242). Para entender os aspectos tecno-estéticos que ora caracterizam o telejornal, é imprescindível lembrar um pouco a trajetória visual e tecnológica do *JN*.

O *teleprompter*²⁴, por exemplo, importante aparelho que projeta para os apresentadores o texto a ser lido, só chegou à emissora em 1971, dois anos após o lançamento do telejornal, que era feito ao vivo e na base do improvisado. No referido ano, Hilton Gomes foi substituído por Ronaldo Rosas, que permaneceu no posto de apresentador por apenas um ano. Na sequência, Sérgio Chapelin assumiu a bancada ao lado de Cid Moreira. Os dois formaram uma parceria marcante na bancada, Chapelin permaneceu no telejornal até 1983 e, depois, retornou em 1989. Em 1983, Celso Freitas substituiu Chapelin e passou a apresentar o jornal ao lado de Cid Moreira. Até aqui, apenas homens de vozes emblemáticas e timbres notadamente graves ganhavam espaço na bancada do telejornal.

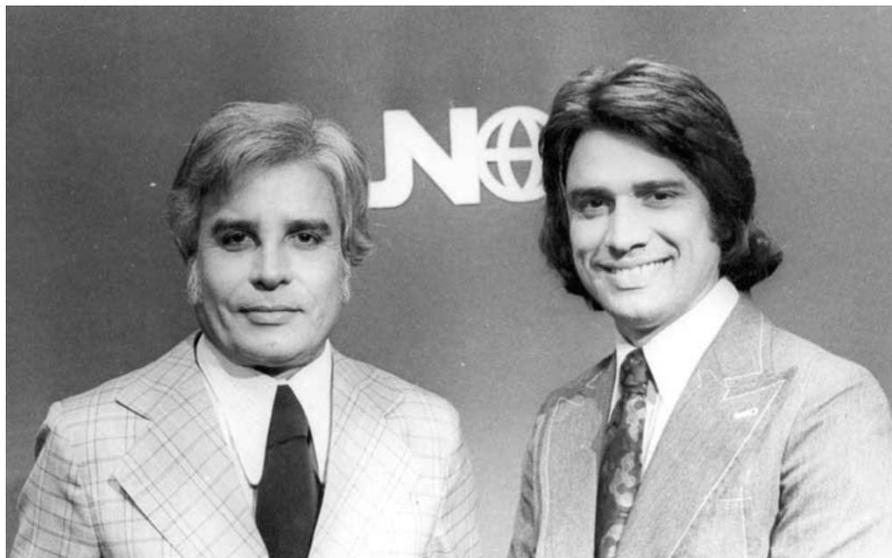


Figura 3 – Cid Moreira e Sérgio Chapelin eram os donos das vozes que noticiavam o Brasil e o mundo - *Jornal Nacional*, abril de 1982 (Fonte: Memória Globo)

Aos sábados, sempre houve revezamento na bancada do telejornal que, na década de 1970, era apresentado por Heron Domingues e, em seguida, por Marcos Hummel. Em 1972, foi a chegada da cor que deu vida ao *JN*: “A primeira transmissão colorida ocorreu em *Rede*

²³Les structures techono-esthétiques prennent en compte les données esthétiques dan sleus soubassement material (décors, éclairages de scène, gestion du personnel artistique, etc...), c’est-à-dire la projection sur l’infrastructure matérielle de la production esthétique proprement dite (LEROY, 1992, p. 242).

²⁴*Teleprompter* – equipamento adaptado às câmeras de estúdio que permite a visualização dos textos, lido à distância por quem está na bancada (BISTANE; BACELAR, 2014, p. 137).

nacional, via Embratel, no dia 10 de fevereiro [...] a festa da Uva na cidade de Caxias, no Rio Grande do Sul” (MEMÓRIA *GLOBO*, 2004, p. 51).

Em setembro de 1984, quando o jornal completou 15 anos, a então dupla de apresentadores (Celso Freitas e Cid Moreira) exibiu uma série de reportagens contando a história do Telejornal. Havia na emissora uma fonoaudióloga e auxílio-roupa para os profissionais do vídeo: apresentadores e repórteres, em uma clara preocupação com a imagem e a voz do telejornal.

Em 1996, Cid Moreira e Sergio Chapelin foram substituídos por Lillian Witte Fibe e William Bonner. Era o início da formação de um homem e uma mulher na bancada. Ela permaneceu no posto até 1998; foi quando Sandra Annenberg substituiu Lillian Witte Fibe ao lado de William Bonner de forma provisória. Em 1998, William Bonner passou a apresentar o *Jornal Nacional* ao lado de Fátima Bernardes. O casal permaneceu junto na bancada por 13 anos.

Em dezembro de 2011, Fátima Bernardes foi substituída por Patrícia Poeta, que passou pouco tempo ao lado de William Bonner. Em 2014, Renata Vasconcellos passou a ocupar a cadeira de apresentadora do *Jornal Nacional*. Até então, os dois, William e Renata, permaneciam sentados, fixos à bancada durante a apresentação.

Stycer (2016) faz um apanhado sobre o tom crítico no noticiário televisivo, citando como referência os personagens centrais na história do Jornalismo americano Murrow e Cronkite, homenageados na abertura de *The newsroom*, série da *HBO*, também exibida no Brasil. Murrow e Cronkite buscaram imprimir um novo rumo para o telejornal americano ao incentivar um tom mais crítico ao noticiário e causaram grande impacto no modelo padrão do telejornalismo americano de “só notícias”. As emissoras concorrentes perderam em audiência e em espaço no mercado, como, por exemplo, a *CNN*.

O telejornalismo brasileiro já ensaiou algumas experiências com âncoras, no sentido discutido em *The newsroom*. Mas poucas prosperaram. O pioneiro Boris Casoy (Band) eventualmente manifesta sua opinião sobre determinados fatos, mas o modelo hegemônico ainda é o “só notícias” (STYCER, 2016, p. 98).

Durante esses anos, vinhetas, bancadas e cenários foram se reestruturando ao longo da trajetória do Telejornal. O cenário e as vinhetas acompanharam as transformações da indústria da tecnologia, com adesão a efeitos virtuais e cores ao longo dessas últimas décadas. Por outro lado, imitações de conteúdo e partidarismos políticos, que, por sua vez, marcaram a história do telejornal, sobretudo nas duas primeiras décadas de jornal. Na opinião de Borelli e

Priolli (2010, p. 53), “sustentando-se na otimização tecnológica, [para] reverter um impacto negativo das limitações conteudísticas entre a audiência”. Audiência essa retratada no gráfico a seguir, que compara os números de telespectadores por região em 2015. Desta forma, durante muitos anos, o *Jornal* se valeu da adesão tecnológica que propiciava boas imagens em detrimento da veracidade delas.

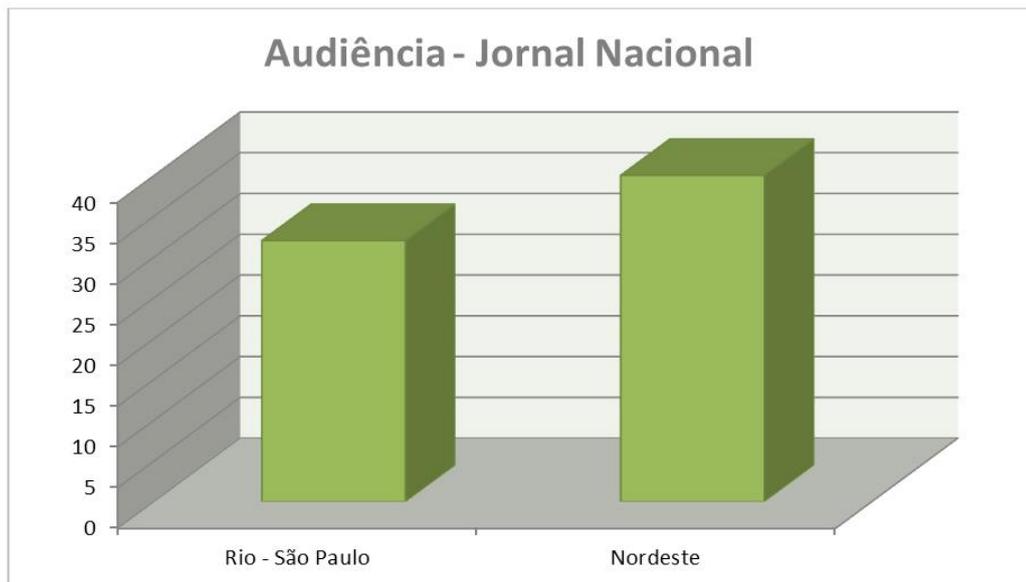


Gráfico 7- Comparação da audiência por regiões (Fonte: *IBOPE* 2015)

Voltando aos anos 1990, duas grandes novidades marcam aquela década de *JN*. A primeira delas, em 1991, um quadro com a previsão do tempo, apresentado por Sandra Annenberg, gravado em São Paulo nos moldes da previsão do tempo apresentada pela *BBC* de Londres, a emissora precursora da previsão do tempo no mundo. Em 1992, a outra mudança foi a inserção de reconstituição de fatos em forma de desenhos ou de gravações com atores, muito usada em assuntos policiais, trabalho realizado pelo departamento de arte da *Central Globo* de Jornalismo, que contava com uma equipe de 20 pessoas.

Depois de gravadas, as cenas reconstituídas por atores passavam por um processo de computação denominado “solarização” e posterização, que acentuava o contraste da imagem, tornando-a um negativo. No caso de menores de idade, eram utilizados pequenos quadrados para desfocar o rosto, o chamado “efeito mosaico” (*MEMÓRIA GLOBO*, 2004, p. 232)

Nos anos 1990, a redação do *Jornal Nacional* foi toda informatizada, o que representou um ganho de tempo para a produção do Telejornal, os computadores passaram a

interligar todas as afiliadas²⁵ do Brasil e do mundo. Foi um ganho em termos visuais do “sistema tecno-estético [que] pode ser analisado nestes termos como um conjunto coerente de instituições e processos, com um gênero e estilo específico”²⁶(LEROY, 1992, p. 241).

No início dos anos 2000, mais precisamente, em 2002, Heraldo Pereira se tornou o primeiro negro a apresentar o *JN* e ele dividia a bancada com Renato Machado aos sábados. Pouco antes, no dia 26 de abril de 2000, quando a *Globo* comemorava 35 anos, o *Jornal Nacional* passou por uma reformulação, deixou o estúdio fechado e tradicional para ser apresentado dentro da redação. De acordo com *Memória Globo* (2004), a bancada foi transformada em área de trabalho, com um monitor e um computador. Na abertura do *JN*, uma grua²⁷ passou a mostrar as atividades da redação, passeando, lentamente, no sentido da bancada. Nesse movimento, entraram em cena sete painéis de 12 metros de largura, presos ao teto. Ao final, formavam um grande mapa-múndi estilizado, com o Brasil no centro, que cinco anos depois ganhou movimento.

Muitas mudanças vieram acompanhadas de inovações tecnológicas. Nos anos 2000, as ilustrações, por exemplo, passaram a ser projetadas por um refletor. Em vez de inseridos por *chromakey*²⁸, os selos passaram a ser sobrepostos, misturando-se ao fundo real da redação. A imagem era formada à medida que o apresentador começava a falar no referido assunto.

Em 2005, a bancada dos apresentadores foi trocada por uma outra um pouco mais alta. Já em agosto de 2009, o cenário do *Jornal Nacional* passou por significativa mudança do ponto de vista estético, para comemorar os 40 anos do telejornal (*vide* figura 4). O *Globo* terrestre, acima da redação de Jornalismo, ganhou movimento. Foi instalado um telão para mostrar imagens e ilustrações complementares às reportagens do *JN* e os apresentadores ganharam uma bancada maior e iluminada. No cenário, predominavam as cores azul e vermelho, que também compõem a logomarca do Telejornal.

²⁵ Afiliadas: emissoras de TV que retransmitem a programação da principal emissora de uma rede. Elas têm normas estabelecidas, seguem a programação original, mas podem produzir programas próprios (PATERNOSTRO, 2006, 192).

²⁶ Um système techno-esthétique peut être dans ces conditions analysé comme un ensemble cohérent d’institution et de processos, possédantt em outre un style et um genre spécifiques (LEROY, 1992, p. 243).

²⁷ Captura de imagem estática ou dinâmica, com possibilidade de movimentação *pan* (horizontal) e *tilt* (vertical) em gama de posições superior ao *Camera Man* (CURI, 2014, p.16).

²⁸ O *chroma-key* [...] consiste na identificação de partes da imagem de primeiro plano onde é encontrada uma determinada cor, chamada cor chave, que é então substituída por uma imagem de fundo. Esta técnica considerada clássica na área de manipulação de imagens (SEMENTILLE, PIROLO; SANCHES; RODELO; BREGA, 2007, p.2)



Figura 4 –William Bonner e Fátima Bernardes no cenário de comemoração aos 40 anos de *Jornal Nacional*, em agosto de 2009 (Fonte: Memória Globo)

Apesar da inserção de cores, de tecnologias e de uma mulher na bancada do *Jornal Nacional*, os apresentadores continuavam sentados, fixos à mesa até 2015. Só depois de quatro décadas de *Jornal Nacional* e de índices negativos de audiência, os apresentadores passaram a levantar dos assentos e a circular pelo estúdio.

Como parte das comemorações pelo cinquentenário da *Globo*, no dia 27 de abril de 2015, data que marca as semanas de análises desta pesquisa, o *Jornal Nacional* ganhou um novo cenário (*vide* figuras 5 e 6). Um programa com uma embalagem moderna e destinado a agradar o público, passou a combinar notícias e entretenimento, modelo já testado em outros telejornais a exemplo do *Jornal Hoje*, também da *Rede Globo*.

Renata Vasconcellos e William Bonner começaram a apresentar o Telejornal em uma nova bancada, mais moderna. O espaço, mais amplo, garantiu mobilidade e permitiu que os jornalistas circulassem livremente pelo estúdio, transmitindo notícias na bancada e também de pé, em diversos ângulos. As conversas em tempo real, ao vivo, com correspondentes internacionais e equipes de reportagem no Brasil, passaram a ser feitas pelo telão, monitor *Oled* da *Sony*, cuja marca não aparece no *Jornal Nacional* (é coberta com a logomarca da emissora, e teclado da *Logitech*, modelo *dinove*²⁹).

As informações meteorológicas passaram a ser transmitidas ao vivo e direto da redação de Jornalismo da *Globo*, em São Paulo. Com uso de alta tecnologia, a redação do *Jornal Nacional* passou a contar com um segundo telão ainda maior, no qual são exibidas imagens em alta resolução em sintonia com os assuntos tratados nas reportagens.

²⁹Os dados sobre a inserção de tecnologia constam nas revistas publicitárias.



Figura 5 –William Bonner e Renata Vasconcellos ainda em bancada fixa - *Jornal Nacional*, dezembro de 2014, antes das últimas mudanças (Fonte: Memória Globo)



Figura 6 –William Bonner e Renata Vasconcellos em ângulo lateral - *Jornal Nacional*, abril de 2015, após as mudanças (Fonte: Memória Globo)

Em função da delimitação do nosso *corpus*, de 20 a 25 de abril de 2015 e entre 27 de abril e 02 de maio de 2015, o primeiro período será chamado de *antigo formato*, e o posterior de *novo formato*; somente para facilitar a denominação, uma vez que o que é dito aqui como “novo” ainda será tensionado durante as análises.

No *antigo formato*, o *Jornal Nacional* usava planos³⁰ frontais: geral, médio, médio curto, *close* e *close up*. Já no *novo formato*, a angulação é diversificada com a inserção de ângulos laterais, onde os apresentadores passam a ser vistos de perfil e não mais apenas frontalmente.

Essa reformulação nos moldes de apresentação da notícia, em 2015, no *Jornal Nacional*, vale-se da capacidade da televisão de se manifestar como uma plataforma tecnológica que, na visão de Bolaño e Brittos (2007), tem o potencial de realizar a convergência de inúmeros serviços de comunicações, podendo restringir as fronteiras entre os países.

Os enquadramentos também foram se diversificando, sendo possível, em 2015, acompanhar o movimento lateral das câmeras, que permitem a visualização dos apresentadores em todos os ângulos. Essa reconfiguração consiste na opinião de Aronchi de Souza (2004), em um processo de adaptação ao mercado. Para atender a um mercado em constante evolução, “a televisão brasileira tem procurado acompanhar o exemplo das grandes redes internacionais que montaram o que se pode chamar de ‘indústria de produção de programas para TV’” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 24).

O *Jornal Nacional*, hoje, dura em média 42 minutos no ar e é dividido em três blocos, podendo se estender até quatro, dependendo da ordem dos assuntos do dia. Somente às quartas-feiras o programa é menor, com média de 28 minutos e com apenas dois blocos, devido à exibição de jogos de futebol, responsáveis por grande fatia do mercado publicitário e de telespectadores. Quanto ao horário de início do programa, também há uma variação em função da grade de programação da emissora, mas, em geral, o *Jornal Nacional* começa por volta das 20 horas e 30 minutos.

Em relação ao tempo de exibição das edições das duas semanas em análise, é possível perceber o mesmo tempo total de produção médio, com mudança de tempo apenas na quarta-feira, quando a edição costuma ser menor, em média 28 minutos, divididos em dois blocos. Já nos demais dias, a edição varia de 40 a 42 minutos com três e podendo se estender até quatro blocos. Nos dois sábados analisados, a edição foi maior, o tempo de produção chegou a 48 minutos. Nas edições analisadas, é possível perceber que a produção do Telejornal busca a adequação do tempo usado para transmitir a mensagem com o tempo total disponível para a apresentação das notícias (*vide* gráfico 8).

³⁰ Plano: angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano (*close*), primeiríssimo plano (*close-up*) (PATERNOSTRO, 2006, p. 214).

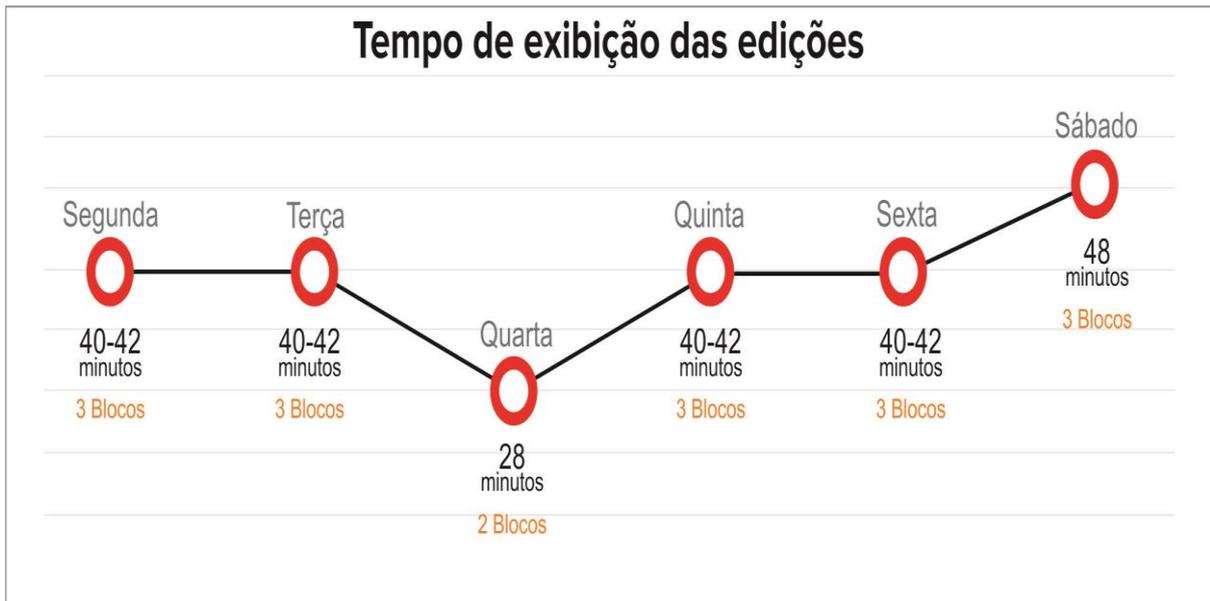


Gráfico 8 – Tempo de exibição das edições (Fonte: autora)

Quanto ao tempo destinado aos conteúdos, permanece equilibrado nas duas semanas em análise, com maior tempo dedicado às notícias de política, economia, saúde, educação, institucional (assuntos ligados à emissora, como aniversário do jornal e morte de funcionário da empresa *Globo*) e assuntos do mundo, em detrimento das notícias de variedades como esportes, cultura, apesar de sempre presentes. Estabelecendo, portanto, uma necessidade de suscitar assuntos ligados ao que Bourdieu (1997) denomina de *fatós-ônibus*, os quais devem interessar a todos e não deve chocar ninguém, apenas distrair e, enquanto isso é dito, na visão do autor, outros assuntos preciosos são omitidos, uma vez que tempo é preciosamente caro na televisão.

Nos dois sábados analisados, a bancada é ocupada por apresentadores diferentes dos titulares da semana como acontece desde o lançamento do Telejornal. No sábado da primeira semana em análise, 25 de abril de 2015, o jornal foi comandado por Chico Pinheiro e Cristiane Pelajo. No sábado da segunda semana em análise, a edição de 2 de maio de 2015, foi apresentada por Ana Paula Araújo e Alexandre Garcia. A partir do *novo formato*, o conteúdo do *Jornal Nacional* no portal *GI* traz um vídeo exclusivo para assinantes, sobre o qual não se teve acesso por ser exclusivo para assinantes à época da exibição do Telejornal. É sempre o último vídeo publicado em cada edição.

Tais mudanças no jornal se apresentam de tal forma que se torna difícil a distinção das estruturas visuais, estéticas, econômicas e políticas, por reiteradas vezes, coadunando o olhar dessa pesquisa ao padrão tecno-estético, que coloca todas as estruturas em jogo.

É um jogo constante entre as estruturas tecno-estético, estruturas técnico-económicas e estruturas socio-económicas no sistema econômico global. Assim, pode-se considerar a criação do trabalho no século XX, ou no século XIX, não só porque as estruturas econômicas e as estruturas técnicas evoluíram, mas também porque a ideologia e estética têm evoluído concomitantemente³¹(LEROY, 1992, p. 245).

Cerca de 95% da população brasileira consome em torno de quatro horas e trinta minutos de televisão por dia (BRASIL, 2015), o crescimento de outras plataformas e de aparelhos tecnológicos está criando uma nova rede de relacionamentos. Os novos rumos da sociedade e o consumo em múltiplas telas (*smartphone, smart TV, tablete e notebook*, só para citar algumas) sinalizam a necessidade de os produtores de TV investirem em conteúdos variados, em mais de uma tela.

Jenkins (2008) reforça que a *convergência*, em si, é um fenômeno inacabado, ou seja, em alteração contínua. A principal implicação é a reconfiguração das relações do público com o conteúdo. Aperfeiçoando-se, assim, uma *cultura participativa*, termo cunhado por Jenkins para nomear as relações que se estabelecem entre a tecnologia digital, os conteúdos consumidos pelo público e as possíveis alterações no mercado da mídia. Cannito (2010), por sua vez, entende que a *convergência* reconfigura os moldes de produção em comunicação:

A convergência remodela tudo: da linguagem à organização das empresas, que estão revendo seu plano de negócios e reorganizando seu modelo de produção. Uma tendência crescente no mundo da convergência é o desenvolvimento de produtos e serviços cruzados entre empresas de diferentes setores da indústria de comunicação e entretenimento (CANNITO, 2010, p. 84).

Registra-se que existem outras definições de convergência, mas é adotada, como referência, a linha de Salaverría, Avilés e Masip (2010), e é expresso o interesse em observar, por enquanto, dois tipos específicos: a *convergência empresarial* e a *convergência tecnológica*. Em relação ao primeiro tipo, empresas têm se travestido nessa lógica de convergência, mas têm investido pouco. Para Saad Corrêa (2008), as empresas informativas brasileiras pouco têm caminhado na direção da *convergência empresarial*, a integração de suas redações se dá, comumente, apenas no âmbito físico.

Sobre a *convergência tecnológica*, Gomes (2011) identifica que, ao passo em que ela implica uma reorganização do processo de produção jornalística, as tecnologias digitais têm

³¹It y a um jeu constant entre les structures techno-esthétiques, les structures techno-économiques et les structures socio-économiques dans le système économique général. Ainsi, it ne peut être envisage de créer au XX éme siècle les mêmes oeuvres qu'au XIX éme siècle, non seulement parce que les structures économiques et les structures techniques se sont transformées, mais aussi parce que l'idéologie et l'esthétique ont évolué de leur côté (LEROY, 1992, p. 245).

favorecido a disponibilização de foto e imagens que tendem a reconfigurar a relação entre jornalistas e telespectadores, fazendo desse último também um produtor.

Verificamos, por exemplo, que cada vez mais as grandes emissoras têm utilizado imagens de amadores, em particular de filmes produzidos com telefones celulares – imagens, portanto, que não seguem quaisquer dos critérios profissionais de controle e verificação da informação – como modo justamente de ampliar a autenticidade e a veracidade dos programas telejornalísticos (GOMES, 2011, p. 23).

Após a análise minuciosa também de reportagens e demais produtos jornalísticos do Telejornal, que se encontram em apêndice, destaca-se, ainda, a presença da *convergência de conteúdos*, na qual a hibridização de gêneros é cada vez mais fulgente, reportagens, por exemplo, que unem literatura e informação; informação e entretenimento; ficcional e realidade. Esses aspectos serão abordados nas categorias que serão apresentadas no terceiro capítulo da dissertação.

2.4 As mudanças no JN e as suas relações mercadológicas

Os vultosos recursos para equipamentos e assistência técnica permitiram a *Globo* um padrão que se consolida pela supremacia tecnológica e obscuridade da negociação com o grupo norte-americano Time-Life (HERZ, 1987). Levando em consideração a relevância econômica e política que a comunicação e a cultura ganharam ao longo do processo de valorização capitalista, com maior notoriedade a partir dos anos 1970, com a chamada reestruturação dos veículos de comunicação, de acordo com Herz (1987), novos desafios políticos e mercadológicos foram colocados aos agentes de construção da notícia: os jornalistas e a própria sociedade.

Para tentar apreender essa reconfiguração no Telejornal, recorre-se à EPJ para avaliar os fenômenos ditos comunicacionais, que se dão, especialmente, no domínio das relações de poder, ampliadas nos processos de produção, distribuição e consumo de recursos. Entender esses processos, que envolvem os meios de comunicação e a produção de notícias, é fulcral para analisar os conglomerados comunicacionais, bem como as mutações dos produtos da indústria da comunicação.

Durante as primeiras décadas do século XX, os estudos em comunicação seguiram a abordagem das ciências do comportamento, que, segundo Melo & Melo (2013), buscavam entender as necessidades e motivações dos atos interativos entre os indivíduos, insuficientes para desvendar a complexidade das relações comunicativas. Já, a partir da segunda metade do

século passado, houve a inserção dos reforços das ciências da sociedade com a Sociologia Política e a Antropologia Cultural, por meio de contribuições interdisciplinares.

Disciplina-fronteira, a Economia Política da Comunicação (EPC) configurou-se academicamente no fim do século XX, embora variáveis econômicas tenham sido focalizadas, pelos cientistas sociais, desde muito antes, na elucidação dos fenômenos midiáticos. Existe, portanto, uma defasagem histórica entre o “campo” acadêmico e o “objeto de pesquisa” (MELO; MELO, 2013, p.14).

Autores também analisam especificamente os produtos eminentemente jornalísticos, nascendo, assim, a EPJ. Para Franciscato (2013), ela surge como uma especialidade emergente, que tem gerado disputas e tensões ideológicas dentro do próprio campo da comunicação, no tocante à autonomia e à identidade da área: “mesmo assim localizamos possibilidades reais e construção de uma Economia Política do Jornalismo” (FRANCISCATO, 2013, p. 44). Não é sem motivo que, nesta dissertação de mestrado, optou-se por empregar a EPC e a EPJ enquanto perspectivas teóricas, na medida em que o objetivo é observar, sistematizar e categorizar mudanças ocorridas no telejornalismo, sobretudo, o hegemônico.

A EPJ vai dar conta do avanço de práticas mercantilistas na atividade jornalística, também compreendidas como processos de mercantilização dos produtos jornalísticos que fizeram com que a atividade deixasse de lado seu papel primordial de auxiliar na defesa da democracia para tornar-se parte de um balcão de negócios. Nesse panorama dual e contraditório, encontram-se os jornalistas:

A ambiguidade da condição jornalística – indústria e sacerdócio – pressupõe risco em confiar seu produto final: o discurso. Há um aparato retórico no Jornalismo que deseja conquistar a confiança dos leitores e ouvintes, aparato este elaborado a partir de técnicas de redação jornalística que visam a dignificar a atividade de forma a dar a ela o status de entidade acima do bem e do mal (MELO; MELO, 2013, p. 88).

Assim, por ser um produto histórico, o Jornalismo tem suas facetas aperfeiçoadas por processos estruturais que vão sendo configurados e reconfigurados, seguindo a lógica do sistema capitalista. Tais adaptações na atividade jornalística afeta, nas palavras de Franciscato (2013, p.38), suas organizações, seus produtos e seus modos de mediação social, a partir da introdução das lógicas do capital comercial e industrial.

Nessas lógicas mercantis, cabe ressaltar a inserção das tecnologias por parte da indústria da comunicação de forma que fazem com que as empresas se reestrutem e ainda reconfigurem seus modos de apropriação por parte do público. Assim, ao longo dos anos, a EPJ tem alertado para a necessidade de compreender a mudança social e a transformação

histórica nas indústrias de comunicação. Nos dias atuais, a preocupação em analisar o avanço das indústrias culturais, que ascendem mergulhadas no capitalismo, é preponderante ao olhar da EPJ, uma vez que “a evolução das empresas de comunicação para indústrias culturais significa um momento de transição profunda, de mudança de paradigmas no Jornalismo” (ANDRADE, 2005, p. 156).

A EPJ enfatiza, pois, a preocupação em descrever e observar as formas estruturais que regulam a produção, distribuição e troca dos produtos midiáticos e os seus usos como estudo da sociedade em sociedade. Nas palavras de Andrade (2005, p. 156), a EPC “argumenta a favor de uma comunicação mais democrática e inclusiva” (ANDRADE, 2005, p. 156).

No campo de estudos, há ainda um recurso didático proposto por Melo e Melo (2013), que definem, em duas, as linhas de raciocínio dessa corrente teórica. A primeira delas é a pragmática, vinculada às abordagens que tratam do sistema econômico-hegemônico na sociedade; e a segunda é de viés crítico, sob forte influência do Marxismo, a fim de instigar uma problematização das estruturas vigentes. Diante do presente objeto de estudo, tratar-se-á da primeira abordagem no sentido pragmático do sistema econômico hegemônico.

Faz-se ainda necessário um procedimento analítico que integre os estudos em EPC e que reconheça ainda a especificidade dos estudos em Jornalismo e EPJ enquanto corrente teórica “que indica um certo nível de integração entre duas especializações de pesquisa no campo da comunicação” (FRANCISCATO, 2013, p. 24).

Para Franciscato (2013), os estudos sobre Jornalismo se expressam na diversidade de propostas teóricas e fenômenos estudados e envolvem a comunidade de pesquisadores, a comunidade acadêmica e o profissional inserido no mercado de trabalho. A EPJ, que nasce no ambiente histórico da Revolução Industrial, adquire notoriedade com a centralidade da comunicação e da informação no novo molde capitalista do final do século XX. Abalizado nessa integração entre EPC, EPJ e os estudos em Jornalismo é que Franciscato (2013) reconhece que essas “disputas” sobre o modo de pensar o Jornalismo acabam por afetar as formas como ele se estrutura, de modo que as lógicas comerciais do capital representaram e ainda concebem mudanças na produção jornalística com a introdução de modelos mercantis.

Entender até que ponto o Jornalismo é capaz de preservar os efeitos de mercado, evitando a transformação da informação em apenas mercadoria, é o desafio do trabalho de Camponez (2009): “esse desafio é tanto maior quanto os conteúdos jornalísticos comungam de uma dupla realidade que resulta do fato de que eles podem ser, simultaneamente,

entendidos como um bem comum e/ou um produto comercial e/ou um produto comercial” (CAMPONEZ, 2009, p. 232). Dourado e Andrade (2013) apontam alguns termos que seriam apropriados para indicar essa aproximação entre Jornalismo e EPC: “interação, integração, diálogo e aplicação” (DOURADO; ANDRADE, 2013, p.33).

Com base na EPJ, em particular, este trabalho encontrou os pontos de partida para tentar entender empiricamente os processos atuais de transformação midiática, levando em consideração as relações de trabalho, o capitalismo e a sobrevivência dos meios de comunicação ou, em outras palavras, as estruturas e dinâmicas que envolvem os processos de produção, distribuição e consumo da notícia.

A EPJ ainda é considerada nova entre as correntes teóricas que procuram enquadrar os fenômenos da área em uma abordagem científica. Seus teóricos, entre os quais se destacam, Brittos (2001); Bolaño (2004); Camponez (2009) e Franciscato (2010, 2013); Dourado (2012) e Marques de Melo e Melo (2013) se encontram em afinamento com os problemas fundamentais da sociedade, não deixando de dissociar questões políticas, econômicas e sociais, e tornando compreensível a necessidade da EPJ para entender os fenômenos midiáticos.

Por outro lado, a EPJ se encontra em constante renovação epistemológica, simultaneamente aos fenômenos que intenta investigar, pelo surgimento de novas tecnologias e pela amplitude das mídias; embora a discussão sobre o estatuto epistemológico indique um desgaste do termo “ciência” na abordagem comunicacional.

Não é possível fechar o pensamento crítico da EPJ em uma única forma de pensamento. No seu âmago, encontram-se diversas ênfases, opiniões e perspectivas. De uma forma geral, a EPJ procura perceber os meios de comunicação e suas formas de produção, distribuição e consumo no contexto da sociedade vigente. Os estudos nessa área têm posto em destaque como as formas de propriedade, bem como as relações de classe a elas associadas, podem influenciar as formas de produção e elaboração dos conteúdos dos meios. Nesta dissertação, foi adotada a linha da EPJ, unificando-se aos estudos interdisciplinares.

Ao se tomar como base a EPJ, considera-se o telejornalismo em suas especificidades, formadas por questões macro, como política, economia e sociedade; e procura não dissociar o olhar que configura e reconfigura os processos de construção da notícia, ao passo em que também os define como gênero o telejornalismo. Assim, entende-se também que “o telejornalismo é construído processualmente e, assim, acessa a emergência de novas características que ainda não se cristalizaram em ideologias, convenções, normas, fórmulas,

gêneros” (GOMES, 2011, p.18). Isso nos leva a encarar as mudanças no telejornalismo como algo típico da sociedade na qual se está inserido.

Capítulo três

PROPOSTA DE CATEGORIAS A PARTIR DA ANÁLISE DO PADRÃO TECNOLÓGICO DO *JORNAL NACIONAL* EM 2015

É mister que se desenvolva uma visão social, cultural, política, econômica e também tecnológica sobre a teia de questões que envolve a reconfiguração dos processos de produção, distribuição e consumo das notícias. Como em qualquer desenvolvimento tecnológico, os efeitos da tecnologia dependem das diversas formas de sua apropriação pela sociedade. Assim, rejeita-se o determinismo tecnológico baseado em simplificações, de impactos particularmente tecnológicos dissociados do contexto econômico e político. A hipótese de que existem inovações no Jornalismo na forma, mas não no conteúdo, ou seja, na abordagem, foi confirmada, uma vez que se observam traços de inovação na linguagem e uma tentativa de inovação na forma, denominada aqui de *inovação conservadora*, na medida em que essa inovação apenas reproduz padrões e não se liberta de fórmulas já testadas e mercadologicamente aceitas.

Considera-se, portanto, que a inovação no telejornalismo é o resultado dessa imbricação de segmentos, sendo importante destacar que essa inovação é resultado de mudanças graduais, não há rupturas bruscas nem impensadas no telejornal em análise. Propõe-se que há que se considerar uma inovação no Jornalismo de forma conservadora no sentido de que o *Jornal Nacional* apropria-se de uma lógica que dá certo em outros espaços, programas da emissora e até em outros países.

A reconfiguração do *Jornal Nacional* potencializa a polêmica e fecunda relação entre Jornalismo e entretenimento, remetendo-nos à crítica do Jornalismo que se nega a assumir tal lado do divertimento e se escondendo na roupagem da seriedade. É com base naquilo que diverte, normalmente vista como necessária oposição à informação, que se volta ao público em um espaço notadamente marcado pelo hibridismo.

É defendida, ainda, a ideia de que se há um aprisionamento ao gênero não há inovação. Não é viável enquadrar o telejornalismo em regras estáticas, visto que não há um gênero puro, nem uma consonância dessa ideia com as características do mercado, o que traduz o Jornalismo como balcão de negócios em tentativas constantes de inovação.

As análises do *Jornal Nacional* mostram ainda que o telejornalismo da *Rede Globo* também teve de se adaptar, criando “produtos jornalísticos” em conformidade com a nova sociedade de consumo e de entretenimento que se configura na contemporaneidade. Entre as

categorias identificadas estão: *Autorreferencialidade*; *Formalidade x Leveza*; *Apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para a convenção de outras*; *Transcomunicação* e *Conteúdos: uma nova roupagem, mas a mesma abordagem*.

3.1 Alguns apontamentos metodológicos

Antes de adentrar nas categorias, é importante oferecer informações acerca da metodologia empregada. Ao olhar especificamente para o *Jornal Nacional* e para suas regularidades e transitoriedades estéticas, Gomes (2012b) analisa, para além do texto verbal, os enquadramentos de câmera que, segundo a autora, se configuram em uma cena comunicativa que pode aproximar apresentadores e telespectadores.

Além do enquadramento padrão do telejornal, da câmera parada na altura da bancada, recorre-se ao *travelling* que sai do close no mediador e se distancia de modo vagaroso até o plano americano, enquanto a cabeça do VT é proferida, movimento que desenha o percurso do olhar do telespectador que se aproxima e se afasta dos apresentadores. Ao mesmo tempo, explora-se o plano geral, que enquadra Fátima e Bonner [apresentadores à época] numa mesma cena, reforçando uma situação de conversa entre os dois e entre eles e os telespectadores. (GOMES, 2012b, p.53).

Gomes (2011) também realiza provocações acerca da investigação sobre o Jornalismo contemporâneo, na tentativa de compreender como duas questões centrais do século XXI (a tecnologia digital e os processos de globalização) interagem com o Jornalismo e que efeitos têm sobre o Jornalismo enquanto uma atividade social. É primordial investigar como se dá a conjunção entre Jornalismo, sociedade e cultura, como interagem e reconfiguram os valores jornalísticos tomados como universais: interesse público, objetividade, atualidade, credibilidade, independência, legitimidade.

A proposta é pensar nos modos de estruturação das notícias, além do tempo dado a determinado assunto. “A notícia tem, também, um modo de composição formal característico. Por exemplo: cabeça – *off* – passagem – sonoras e nota pé, se pensarmos na organização mais clássica da matéria televisiva no Brasil” (GOMES, 2011, p.26). Porém, essa não é a única forma de estruturação no gênero televisivo da notícia.

Cita-se aqui, ainda, transmissões ao vivo, nota coberta com imagens (gravada), *loc off* (nota coberta com imagens inseridas ao vivo), *stand-up* (gravações de informações pelo repórter inseridas ou não com imagens) ou sonoras (entrevistas), previsão do tempo etc. Ao analisar o conteúdo dos telejornais brasileiros, Aronchi de Souza (2004, p.153) identifica os

seguintes formatos da notícia: nota, reportagem, entrevista, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica.

Essa variação da estruturação das notícias em televisão com elementos próprios do campo jornalístico, que se dá nos processos de produção, também se revela nos processos de reconhecimento social do telejornalismo. O processo político de disputa sobre as escolhas ou sujeições do telejornalismo se submete às variações de gêneros de programas telejornalísticos, também chamadas de subgêneros, que, de acordo com Gomes (2012a), sempre existiram:

Os telejornais, programas de entrevistas, documentários televisivos, as várias formas de Jornalismo temático (esportivos, rurais, musicais, econômicos) são variações dentro do gênero: podemos chamá-los subgêneros, e demandam ser abordados em categorias que impliquem considerá-los, ao mesmo tempo, como um produto de Jornalismo televisivo (GOMES, 2012a, p. 39-40).

De tal modo, propõe-se a análise do *Jornal Nacional* a partir de 27 de abril de 2015, como uma atualização do gênero programa televisivo e do subgênero telejornal, ao passo em que se procura compreender como essa atualização se deu sob o viés mercadológico. Admite-se que esse gênero é um produto da cultura e, por isso, mutável; um produto que se transforma ao longo do tempo e assume novos e diferentes formatos em distintos momentos históricos brasileiros, ao tempo em que também se propõe um breve resgate histórico das atualizações no formato do programa.

Entende-se por formato, aqui, o sentido amplo da disposição da apresentação das notícias, como *performance* dos jornalistas e movimentação de câmeras, além de cenário, perfil dos apresentadores, e não apenas como a estruturação das notícias. É assumida a trajetória metodológica proposta por Gomes (2012b), quando apresenta “a concepção de gênero televisivo como uma categoria de análise cultural e, na sequência, exercitamos olhar a trajetória do *JN* a partir dessa perspectiva” (GOMES, 2012b, p.41).

Ao tomar como base a EPJ, compreende-se que a televisão movimenta uma indústria milionária, alimentada pela audiência, medida na maioria das vezes pelo *IBOPE*. São as pesquisas quantitativas que balizam o trabalho nas redações e as cifras de investimentos por parte de anunciantes. “Ibope é sinônimo de audiência e, para muita gente, também de mistério. Sua pesquisa de audiência é a maior fonte do planejamento de programação das emissoras de TV e das estratégias de anunciantes” (PEREIRA JÚNIOR, 2002, p. 75).

É essa relação comercial que intriga o conhecimento sobre o ficcional e a realidade dos programas de TV, bem como as regras que norteiam a produção e as atualizações desse gênero:

Qual o limite entre ficção e realidade na TV? O que é fato, evento naturalmente acontecido, e o que é simulacro, evento programado para parecer natural? O que merece ser notícia, por carregar-se de verdade e interesse coletivo, e o que é noticiado só para suscitar emoções na audiência, tenha ou não compromisso com o real? (PEREIRA JÚNIOR, 2002, p.189).

Essa atualização do formato do *Jornal Nacional* tem razão de ser na necessidade de cumplicidade com o público construído. Sobretudo, a partir da familiaridade que a audiência já tem com o programa, tanto em razão dos 48 anos ininterruptos de transmissão, “quanto pela ratificação cotidiana das marcas que caracterizam o *JN* – vinhetas, apresentadores, modo de organização temática, estratégias narrativas de humanização do relato sofreram mudanças, mas elas não são nunca nem muito abruptas, nem muito drásticas” (GOMES, 2012b, p. 54).

Porém, acredita-se que a mera descrição dos modos em que as notícias se apresentam não é suficiente para compreender as estratégias de configuração das informações. Isso coloca a presente pesquisa diante da necessidade de construção de categorias que podem ajudar a compreender os processos que envolvem a produção, a distribuição e o consumo de notícias a partir do *JN*. Assim sendo, a ideia foi desenvolver categorias ao analisar de forma crítica as mudanças nos enquadramentos do jornal, na disposição da apresentação das notícias e no formato, relacionando esses fatores à questão mercadológica, que, como se vê, costuma motivar reconfigurações no telejornalismo. Durante as análises do telejornal nessas duas semanas, foram identificadas e sistematizadas cinco categorias: 1) *Autorreferencialidade*, 2) *formalidade x leveza*; 3) *Apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para a convenção de outras*, 4) *Transcomunicação*; 5) *Conteúdos: uma nova roupagem, mas a mesma abordagem*.

3.2 Detalhando os procedimentos e técnicas

Em relação às estratégias de observação, o norte é o Estudo de Caso do tipo instrumental de Alves-Mazzotti (2006, p. 641-642), no qual “o interesse no caso deve-se à crença de que ele poderá facilitar a compreensão de algo mais amplo, uma vez que pode servir para fornecer *insights* sobre um assunto”. Trata-se, portanto, de um estudo de caso a partir da análise da disposição do conteúdo do telejornal e de documentos.

A pesquisa também se norteia na observação da técnica específica de áudio-visual, uma vez que não há consenso sobre métodos de investigação nessa área. Gomes (2011), por

exemplo, ressalta que se, por um lado, a televisão ostenta notoriedade no Brasil em termos de produção e de consumo, por outro, na academia, ainda não produziu o desenvolvimento de métodos de análise adequados de seus produtos. Assim, o mais comum é que a televisão seja observada a partir de questões mais gerais, macroeconômicas, históricas ou sociais, e que o programa televisivo, enquanto um produto fruto da nossa cultura, com tamanhas especificidades, seja, muitas vezes, negligenciado.

Tais estudos têm o mérito de reconhecer a televisão como objeto de interesse científico e de produzir conhecimento relevante sobre a televisão no Brasil, em especial quanto ao seu caráter histórico, social e econômico, mas a pouca ênfase nos produtos televisivos, tomados eles mesmos como objeto empírico, tem resultado numa certa fragilidade teórica e metodológica, quando se trata de descrever, analisar, interpretar os modos de funcionamento, as especificidades, as características do programa televisivo (GOMES, 2011, p. 17).

Desenvolve-se, desse modo, uma pesquisa analítico-crítico-descritiva. Bardin (2011) define descrição analítica apresentando as prováveis aplicações da análise de conteúdo como um método de categorias que permite a classificação dos componentes da mensagem, propondo, assim, uma análise do conteúdo e uma análise documental que procura conhecer aquilo que está por trás do significado das palavras. Segundo a autora, técnicas e procedimentos da análise de conteúdo recorrem também à análise documental como forma de condensação das informações, para consulta e armazenamento. Cabe ressaltar, fazendo uso das palavras de Bardin (2011, p. 158), que “a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa”. Desta forma, foram também analisadas, além das edições do telejornal, as revistas que tratam do mercado publicitário de televisão, a fim de entender qual a relação da mudança ou reconfiguração do jornal com as questões de mercado³².

As reflexões expostas tomaram como base a análise do *Jornal Nacional* no período anterior à mudança e também posterior. Para tanto, foi analisado o período compreendido entre 20 e 25 de abril de 2015 (*antigo formato*) e de 27 de abril a 2 de maio de 2015 (*novo formato*); sendo, portanto, 12 edições analisadas. A justificativa do período escolhido deve-se à transição do formato do referido programa. O dia 27 de abril de 2015 marcou o início das recentes mudanças. Foram feitas as análises descritivas, “brutas”, com decupagem de todas as reportagens, inserções ao vivo e notas e anotações sobre cenário, enquadramentos de câmeras,

³² As revistas publicitárias *Mídia Dados* e *Meio & Mensagem* serviram como fontes de dados para a pesquisa.

comentários de apresentadores e repórteres, conforme constam em apêndice e, em seguida, as análises observacionais para a constituição de categorias.

Considera-se o fato de que alguns elementos do *novo formato* já podem ter sido ajustados, ou melhor, adequados de acordo com as demandas do mercado e/ou da maior familiaridade dos profissionais envolvidos. Mas, o objetivo da presente dissertação é verificar justamente quais eram as propostas iniciais do formato. Por isso, a semana imediata da implantação foi priorizada nesta dissertação e foram preteridas semanas posteriores, as quais já poderiam apresentar pequenas mudanças ou ajustes. Fez-se necessária uma atualização somente em junho de 2017, quando novamente o *Jornal* tem o formato reconfigurado, sendo realizada a análise do dia 19 de junho de 2017, data de mais uma reconfiguração.

Em função do recorte do *corpus* do observável no passado (2015), a pesquisa recorreu às gravações do período delimitado disponíveis no site *gl.com.br*, que catalogam a programação da *Rede Globo*, inclusive todos os vídeos do *Jornal Nacional* no link *gl.com.br/jornalnacional*, com as chamadas dos patrocinadores, na abertura de matérias.

No decorrer das análises, percebe-se que as notícias dispostas no *site GI* não obedecem à ordem de apresentação dos assuntos veiculados na televisão, uma vez que os créditos de apresentação dos apresentadores ou nome dos mesmos, que marcam o início do Telejornal, estão, algumas vezes, em notícias publicadas no *site* no decorrer da edição e não no início. Não se pode, portanto, hierarquizar a ordem de disposição de notícias na edição veiculada na TV, o que acontece nas duas semanas de análise.

Outro importante detalhe a ser observado é que os anúncios publicitários que antecedem os vídeos publicados em *GI* podem mudar de acordo com o horário de visualização do internauta. Um mesmo vídeo acessado por meio do *site*, ora é precedido por um anúncio publicitário, ora por outra propaganda, nos levando a acreditar que esse mesmo anúncio não, necessariamente, foi o divulgado também na televisão. Na edição apresentada na TV, os anúncios precedem a abertura do jornal e são divulgados ainda nos intervalos do mesmo, não precedendo as matérias, como acontece em *GI*.

3.3 Categoria Autorreferencialidade

À medida que se autorreferencia ou faz referência à emissora *Globo* ou aos demais produtos dela, como é o caso do *GI* citado acima, o *Jornal Nacional* busca construir o *status*

de credibilidade, com um padrão tecno-estético que legitima a fala de outros, ao mesmo tempo em que se valida, em um claro desígnio de *autorreferencialidade*.

Ao longo das semanas analisadas é também comum repórteres encenarem brincadeiras com apelidos carinhosos, diminutivos, em situações em que a emissora e os repórteres fazem referência a si mesmos e não à notícia. Logo no primeiro dia após as mudanças no formato do *Jornal Nacional*, Maria Júlia Coutinho, que vem a ser a nova apresentadora da previsão do tempo, é apresentada como “Maju”. Renata Vasconcellos, sentada à bancada, diz: “Agora a gente vai ver a previsão do tempo de um jeito diferente”. Em seguida, a apresentadora se levanta em direção ao telão e vai falando: “Porque a partir de agora quem vai tratar da previsão do tempo é Maria Júlia Coutinho, que vai falar com a gente aqui ao vivo todos os dias no *Jornal Nacional*. Boa noite, Maria Júlia! Como fica o tempo?”. Da bancada, Bonner faz uma pergunta à jornalista Maria Júlia Coutinho, tratando a apresentadora pelo apelido Maju. O tempo destinado à previsão do tempo, agora ao vivo e direto de São Paulo, ultrapassa os dois minutos, tem em média 2 minutos e 40 segundos, dobro do tempo dado ao quadro na semana anterior.

Nesse âmbito, destaca-se ainda o conceito de *Autorreferencialidade*, no qual se percebe a predominância da função fática como parte de uma emissão contínua, em que “o discurso televisivo dominante, erigido em universo autossuficiente, tende, necessariamente, a não falar de outra coisa que de si mesmo³³” (REQUENA, 1992, p. 96). Para Requena (1992), o fenômeno da *Autorreferencialidade*, que não é novo, deve ser analisado sob o ponto de vista da comunicação que poderia ser mais eficaz quantitativa e qualitativamente, à medida que a informação, na televisão, é apenas um ponto de referência ou ainda uma “colcha de retalhos”.

Não se oferece informação alguma sobre o mundo, mas só sobre a televisão, que se constitui em um ponto de referência - espetacular - absoluto. Mas nem mesmo informação real sobre o conteúdo dos programas pode ser vista, mas sim, uma salada de pedaços de fragmentos escopicamente tentadores, mas semanticamente esvaziados. Tudo se esgota, em suma, à promessa de prolongamento interminável do contato espetacular.³⁴ (REQUENA, 1992, p. 96-97)

³³ “El discurso televisivo dominante, erigido en universo autosuficiente, tiende, necesariamente, a no hablar de otra cosa que de sí mismo” (REQUENA, 1992, p. 96).

³⁴ No se ofrece información alguna sobre el mundo sino, tan sólo, sobre la propia televisión constituida en referente – espectacular – absoluto. Pero ni siquiera información real sobre el contenido de los programas que podrán verse sino, más bien, una ensalada de trozos, de fragmentos escópicamente incitantes pero vaciados semánticamente. Todo se agota, en suma, en promesa de la prolongación incesante del contacto espectacular (REQUENA, 1992, p.96-97).

No dia 27 de abril de 2017, data que marca a mudança no formato, o *Jornal Nacional* abre a edição com William Bonner chamando os repórteres Carol Barcelos e Clayton Conservani, direto de Nepal, para depoimento sobre a situação na região diante de um terremoto. Enquanto o apresentador fala, ele se levanta da bancada e vai até o telão à direita do estúdio, onde fala com os repórteres. Ao longo da conversa, Renata Vasconcellos também levanta da bancada e vai até o local.

William Bonner diz: “O número de mortos do terremoto fortíssimo de sábado no sul da Ásia subiu para quatro mil. Os feridos são mais de sete mil. Os repórteres Carol Barcellos e Clayton Conservani contam que houve mais um tremor durante a noite no Nepal e como está a atual situação no local”. O texto é lido por William Bonner, em plano fechado, ao fundo aparecem imagens que lembram um terremoto, e, em seguida, ele levanta e vai explicando que a conversa com os repórteres que estão no Nepal terá longas pausas devido à distância e dificuldade de comunicação, o *delay*³⁵.

O bate-papo entre apresentadores e repórteres nos deixa em dúvida se é uma entrevista ou tomada de depoimentos. Durante toda a entrevista, Carol Barcelos (repórter mais nova) segura o microfone para Clayton Conservani (veterano da emissora), mas ela também dá o depoimento e as impressões sobre o que está vivendo no Nepal, ao tempo em que também entrevista Clayton Conservani. Não há inserção de imagens durante essa passagem ao vivo do programa. Durante a entrevista, os repórteres falam de toda a equipe da *Globo* que está no Nepal e das dificuldades deles diante do fenômeno. O tempo destinado a essa passagem é de 5 minutos e 45 segundos.

É importante destacar também que em algumas chamadas de notícias, ao invés de imagens relacionadas à temática, é usada a logomarca do Jornal no telão ao fundo, também fazendo uso do conceito de *Autorreferencialidade*. Conforme dito, tal categoria também marca a primeira semana de análise. Nos cinco dentre os seis dias, houve reportagens especiais dedicadas a promover a *Rede Globo* em seu aniversário pelos 45 anos de *Jornal Nacional*, numa tendência da emissora que alia Jornalismo e *marketing* em um mesmo meio. Em notícias que chegam a ocupar quase 40% do tempo total de toda a edição, o programa destaca o aniversário do *Jornal Nacional* e da *Rede Globo*, com a presença de repórteres e apresentadores que estiveram em grandes coberturas no Telejornal. Nos cinco primeiros dias, William Bonner sai da bancada para conversar no estúdio do Projac, em uma mesa redonda

³⁵ Delay é a falta de sincronia entre áudio e vídeo, que acontece em transmissões via satélite. A imagem chega primeiro que o som. Esse atraso decorre do tempo que o sinal leva para chegar até o satélite, que está a 36 mil km da Terra, e retornar para outro ponto de recepção (BISTANE e BACELLAR, 2014, p. 133).

com diversos repórteres, como Sandra Passarinho, Ernesto Paglia, Ilze Scamparine, entre outros nomes que compuseram a equipe do Telejornal ao longo dos seus então 46 anos.

Da bancada, Renata Vasconcellos abre o assunto: “Nesta semana, a *Globo* vai comemorar 50 anos e a comemoração aqui no *Jornal Nacional* vai ser inédita. Nós resolvemos provocar a memória dos autores das principais reportagens ao logo dessas cinco décadas e escolhemos 16 repórteres que representam os profissionais da emissora para dividir emoções, informações e para relembrar os bastidores”.

Em seguida, William Bonner aparece com 16 repórteres em torno de uma grande mesa, no estúdio do Projac, relembrando as principais coberturas nacionais e internacionais de 1969 até 2015, sempre exaltando a presença dos profissionais e da emissora no Brasil e no mundo. É uma espécie de bate-papo comandado pelo apresentador do *Jornal Nacional* com os repórteres do programa, intercalado com imagens dos acontecimentos lembrados. O quadro é gravado e totaliza, em média, 20 minutos, quase a metade do tempo total do jornal naquela semana, é dedicado ao aniversário da emissora, assunto de interesse institucional e no reforço da estratégia da *Autorreferencialidade*.

No último dia de “homenagens” da série de reportagens sobre o aniversário do *JN*, dois dos primeiros âncoras³⁶ do telejornal, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, voltam a ocupar a bancada do jornal para recordar os anos em que estiveram no comando do *JN* em um momento em que o assunto institucional se sobressai diante do social. Em vez de William Bonner e Renata Vasconcellos, estão na bancada Cid Moreira e Sérgio Chapelin. O último bloco do telejornal nesse dia, 24 de abril de 2015, começa com imagens dos dois ex-apresentadores, depois fecha imagem no Cid Moreira, que diz:

No próximo dia 26, domingo, a TV *Globo* completa 50 anos. O *Jornal Nacional* é mais jovem. Em setembro, comemora 46. Eu tive a honra de inaugurar o *JN*, ao lado do colega Hilton Gomes, em 1969. E estive aqui nos primeiros 27 anos. Foi um período de construção do Jornalismo da *Rede Globo*, do próprio *Jornal Nacional*, e também da relação dos brasileiros com a *Globo* e com o *JN*. Foram muitos anos vivendo o Jornalismo. Vendo a notícia chegar à redação nas anotações de um apurador, de um produtor, um repórter, um cinegrafista, um editor. Foram anos participando desse processo com entusiasmo e paixão até o momento em que cabia a nós levar a informação aos cidadãos. Ao longo dessa semana, enquanto os nossos repórteres relembavam momentos especiais da história e da carreira de cada um, alguns milhões de brasileiros fizeram o mesmo e se emocionaram com eles. E entre esses milhões que se emocionaram, estamos eu e o Chapelin. Relembrar esses momentos foi muito emocionante para nós, e para todos os colegas que, um dia, tiveram a responsabilidade enorme de ocupar essa bancada (MOREIRA, 2015).

³⁶Âncora ou *anchorman*: o apresentador do telejornal que interpreta as notícias com base em conhecimento próprio. O *anchorman* amarra o programa. *Anchorwoman*: apresentadora. (PATERNOSTRO, 2006, p, 193)

Em seguida, é exibido um vídeo que mostra todos os apresentadores que passaram pela bancada do *Jornal Nacional* com notícias que marcaram os 46 anos do jornal, com tempo de 5 minutos e 6 segundos. Após o vídeo, volta para o estúdio, imagem aberta nos dois âncoras, mas só Sérgio Chapelin fala:

Eu tenho mais de 40 anos no Jornalismo da *Globo*. Quase metade desse tempo aqui no *Jornal Nacional*. Eu, o Cid e todos que têm ou tiveram essa missão nos telejornais e nos programas da *Globo* temos todos os motivos para sentir orgulho por esse cinquentenário. Ter estado aqui, nesta bancada, durante todos aqueles anos, vivendo esse processo desafiador de levar os fatos aos telespectadores da melhor maneira possível, da maneira que todos entendam claramente, foi algo que é e sempre será inesquecível. Jornalismo é sempre uma obra coletiva e fazer parte disso é algo realmente especial. O Jornalismo trata de assuntos que afetam a vida das pessoas, direta e ou indiretamente. Afeta as nossas vidas. Talvez por isso as memórias dos repórteres, que nós acompanhamos nessa semana, tenham emocionado tanta gente. É como se as memórias deles fossem as suas. As minhas. E nem importam as diferenças de opinião que cada um tenha sobre os fatos lembrados por eles. Porque a opinião é de cada um. Mas a história é de todos (CHAPELIN, 2015).

A câmera volta para Cid Moreira com imagem aberta: “Agora, nós vamos ver o último capítulo dessa série especial dos 50 anos do Jornalismo da *Globo*. A quinta década de lembranças, de informações de bastidores”. Sérgio Chapelin diz: “A quinta década dessa história que é de todos nós”, dando ao público, uma pretensa sensação de pertencimento.

Em seguida, entra o vídeo que mostra o último quadro da série e começa mostrando a morte do papa João Paulo II. William Bonner conversa com Ilze Scamparine, que fez a cobertura. Depois, apresentador e repórteres conversam sobre as coberturas que marcaram a última década no Jornal, como o furacão nos EUA, eleição no Brasil, “*JN no ar*” (que circula pelo país em um ônibus contando histórias dos desejos dos eleitores do Brasil), manifestações de rua em 2013 antes e durante os jogos da Copa América, entrevistas com os candidatos a presidente do país no estúdio. A série encerra com imagens de repórteres cinematográficos, que estão há décadas na emissora e que fazem as imagens que o telespectador assiste.

Ao citar o “*JN no ar*”, vale ressaltar que esse é um quadro específico com o nome do próprio Telejornal, exibido em 2010, que visava a *autorreferencialidade* em vários aspectos, como mostrar o poderio da empresa que circula o país em um jatinho. Evidenciava que a empresa busca, ainda que falaciosamente, representar todo o país e remete ao início da história do telejornal da *Globo*, quando o *Jornal Nacional* se apresentava como “unificador do território nacional”.

Após a apresentação dessa série de quadros do *JN* ao longo dos anos, a exibição do jornal volta para o estúdio, onde estão os quatro apresentadores na bancada (William Bonner e Renata Vasconcellos, Cid Moreira e Sérgio Chapelin) e Renata Vasconcellos fala: “Um momento histórico termina de um jeito inédito. Quatro pessoas na bancada, encerrando uma edição do *Jornal Nacional*. E com a emoção de reunir de novo dois símbolos da televisão brasileira”. William Bonner diz: “a dama primeiro”, Renata Vasconcellos se despede, depois William Bonner dá boa noite, depois Sérgio Chapelin e, por último, emocionado Cid Moreira se despede.

Enquanto os créditos³⁷ sobem, os jornalistas se abraçam. O tempo destinado ao aniversário nesse dia é maior ainda que nos dias anteriores. São 28 minutos e 20 segundos de um tempo total de produção do telejornal de 42 minutos e 4 segundos, naquele dia. Esses exemplos que envolvem os apresentadores evidenciam a existência da categoria da *Autorreferencialidade*.

3.4 Categoria *Formalidade x Leveza*

Na primeira semana de análise, de 20 a 25 de abril de 2015 (*antigo formato*), os apresentadores William Bonner (à esquerda) e Renata Vasconcellos (à direita) sentam-se à bancada alta, na qual, no fundo, aparece a redação da emissora em imagens nas quais os demais profissionais mostram-se trabalhando, de certa forma, discreta, e um cenário virtual com o *Globo* terrestre, que se movimentava. Neste *Globo*, surgem cores, palavras, frases e imagens de acordo com o assunto tratado e são imagens extraídas das reportagens que são chamadas pelos apresentadores. Há a predominância das cores azul e vermelho, que compõem a logomarca do Telejornal, que se apresenta ao público dessa forma desde 2009 (*vide* figuras 7 e 8).

³⁷ Crédito: identificação (o nome) de repórteres, entrevistados, cidades, estados ou países. É usado também para a relação de nomes dos profissionais que trabalham no telejornal. Os créditos da equipe aparecem no *roll* final do programa (PATERNOSTRO, 2006, p. 200)



Figura 7 – Apresentadores em plano aberto mostrando a bancada no alto e a redação embaixo ao fundo - *Jornal Nacional* de 23/04/2015 (Fonte: Memória Globo)



Figura 8 – Renata Vasconcellos em close, enquadramento mostra o *Globo* girando ao fundo e a redação - *Jornal Nacional* de 23/04/2015 (Fonte: Memória Globo)

Em relação aos planos/enquadramentos³⁸ dos apresentadores, os ângulos são basicamente os mesmos, sem muita variação, com imagens abertas nos dois apresentadores frontalmente ou fechadas em um ou outro, geralmente, quando eles leem notas, notícias sem imagens. Eles se movimentam apenas com as mãos e pescoço, não se levantam da bancada em momento algum. Os movimentos são, basicamente, com as mãos e com a cabeça, enquanto falam ou escutam o outro falar e olham para o lado.

Apesar de sentados, os apresentadores gesticulam bastante com as mãos e com a cabeça e também é possível perceber a expressão facial, como o levantamento de sobrancelhas em temas que os assustam e os preocupam, pelo menos aparentemente. A formalidade no período da primeira semana em análise pode ser percebida na maneira de

³⁸ Planos-enquadramentos feitos pelo cinegrafista. Existem, entre outros, o plano geral (imagem aberta), médio, americano, primeiro plano (*close*) ou primeiríssimo plano (imagem muito fechada ou *close up*) (BISTANE; BACELLAR, 2006, p.136)

vestir, priorizando a discrição e fugindo dos excessos de cores e de acessórios. Nesse contexto, “certos sociólogos tentam destacar o implícito não verbal da comunicação verbal: dizemos tanto pelos olhares, pelos silêncios, pelos gestos, pelas mímicas, pelos movimentos dos olhos, etc., quanto pela própria palavra” (BOURDIEU, 1997, p. 44).

Na segunda semana em análise, nota-se a presença de enquadramentos laterais, ao invés de somente ângulos frontais, o que nos leva a perceber um movimento bem maior de câmeras no estúdio, mesmo quando os apresentadores se encontram sentados. Os enquadramentos também são reinventados para acompanhar a caminhada dos apresentadores. Quase sempre que um apresentador se levanta da bancada em direção ao telão, a câmera à esquerda acompanha o apresentador ou a apresentadora. Anteriormente, o enquadramento era de uma câmera central. Denomina-se essa mudança de categoria *Formalidade x Leveza* que contempla as cores, os enquadramentos, os movimentos e mostram como esses aspectos mudaram da formalidade para a leveza entre as duas semanas analisadas. É importante ressaltar que essa leveza foi propiciada pela inserção de cada vez mais dispositivos tecnológicos associados ao formato do Telejornal.

O *Jornal Nacional* é reestruturado, claramente, para manter os telespectadores ligados até o final da edição, como todo produto televisivo. Na segunda semana de análise, de 27 de abril a dois de maio de 2015 (formato atual), observa-se que a programação precisou se reinventar para continuar atrativa comercialmente. A bancada passa a ser menor e de cor neutra, o *Globo* não existe mais e o telão que ficava abaixo dele, agora, é maior e imagens relacionadas às notícias são expostas enquanto os apresentadores as leem. Porém, é importante destacar que essas imagens são as mesmas de acordo com a temática. Por exemplo, sempre que há um assunto relacionado à economia, a imagem que aparece no telão é de um gráfico de moedas, nos levando a perceber que são artes criadas de maneira padrão, em acordo com a temática e não imagens extraídas das reportagens como na semana anterior. No caso dos terremotos (*vide* figuras 9 e 10), destaque em toda a segunda semana em análise, a imagem que aparece no telão é a mesma durante toda a semana.



Figura 9 – William Bonner levanta da bancada para chamar o repórter ao vivo no telão à direita do vídeo, ao fundo imagens do terremoto em arte - *Jornal Nacional* de 27/04/2015 (Fonte: Memória Globo)



Figura 10 – William Bonner e Renata Vasconcellos em enquadramento aberto, com imagens do terremoto ao fundo, assunto ao qual se referem - *Jornal Nacional* de 27/04/2015 (Fonte: Memória Globo)

O que determina o tipo de linguagem do telejornal, seja ela corporal ou textual, é a formalidade que o *Jornal Nacional* impõe. Independentemente da seriedade imposta, as palavras são bem entoadas e pronunciadas, não comprometendo o entendimento do telespectador. Essa formalidade impõe a postura ereta dos apresentadores, o tom de voz mais sério e a ausência de movimentos corporais descontraídos na maioria das notícias. Nesse sentido, a grande exceção é o quadro da previsão do tempo. Apesar de tal formalidade, durante as reportagens de teor mais leve, como as de futebol ou de cultura, por exemplo, é possível perceber comentários e risadas, antes bem mais contidas ou mesmo não permitidas.

O falar alegre, mais sério, o ar de indignação são técnicas construídas e exercitadas no processo de sedução do público.

Ao tentar desvendar o atual panorama da apresentação do *JN*, Stycer (2016) reconhece as mudanças recentes no jornal, como indicativo de inovação, porém, não considera que a mesma acrescente um tom crítico ao Telejornal.

Sinal do atraso em que a discussão sobre a qualidade do telejornalismo se encontra no Brasil é uma novidade recente na *Globo* – o esforço para fazer seus apresentadores parecerem mais naturais e informais. William Bonner e suas companheiras de bancada (Fátima Bernardes, depois Patrícia Poeta e, em seguida, Renata Vasconcellos) passam a noite trocando olhares no *Jornal Nacional*, enquanto Evaristo Costa e Sandra Annenberg ganharam manchetes por conta de piadas feitas ao vivo no *Hoje* (STYCER, 2016, p. 98).

Também durante o quadro da previsão do tempo, é possível perceber essa formalidade sendo deixada de lado. A leveza para tratar do assunto meteorológico parte da apresentadora Maria Júlia Coutinho, que usa palavras mais informais, fica mais “solta” no estúdio, comumente se movimentando mais que os apresentadores da bancada, William Bonner e Renata Vasconcellos. É destacado ainda o seu ritmo de fala bem mais acelerado que o dos apresentadores, porém, os gráficos e mapas ajudam na compreensão do que ela fala. Apesar da rapidez, com a qual se expressa, Maria Júlia Coutinho costuma encerrar a frase sempre com a última palavra falada bem pausadamente, como se estivesse fazendo uma separação silábica (como “um FU-RA-CÃO!”, “GE-LEI-RA” e “CA-LOU-RÃO!”). Nesse momento da apresentação das condições climáticas, a apresentadora do quadro e os apresentadores assumem uma postura corporal mais relaxada, com maior gesticulação e linguagem menos formal.

A relação entre formal e informal não é vista somente dentro do estúdio, mas nas reportagens e demais elementos telejornalísticos isso também fica claro. Assuntos institucionais e mais leves, como futebol, são tratados de forma mais literária. As reportagens são produzidas de modo a contar uma história e, em algumas situações, o repórter assume uma linguagem literária. Nesse caso, a narrativa é construída de modo a envolver o telespectador, fazendo uso de metáforas. A reestruturação na forma de apresentar e dispor ao público as notícias se apresenta alinhada a recursos tecnológicos, mas sem perder a essência do formato que fidelizou o público ao longo dos anos, reforçado pelo padrão estético da emissora. Assim, “no contexto da economia globalizada e de cultura mundializada que caracteriza o capitalismo tardio, as tecnologias propiciam ao campo da comunicação um dinamismo sem precedentes” (MORAES, 1997, p. 19).

A adoção de tecnologias específicas e de estruturas socioeconômicas que elevaram a mão-de-obra especializada, características semelhantes às indústrias culturais, caracterizam, conforme explanado por Kalikoske (2010), o padrão tecno-estético.

3.5 Categoria *Apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para convenção de outras*

Apreende-se que a prática da atividade jornalística é heterogênea e mutável de acordo com seu contexto. No atual, parece cada vez mais corriqueiro ligar a televisão e ver o apresentador do telejornal com uma simpatia fora do convencional, ou, ainda, bastante indignado com o que mostra. É chamada a atenção para as possibilidades desse telejornalismo que parece próximo e transforma o apresentador em uma pessoa íntima do telespectador.

O mundo vive em constante transformação: dispositivos tecnológicos em ação e em desenvolvimento e uma quase sempre aceleração, ou ainda, o tempo “encurtou” para quem está do outro lado da telinha. Na sociedade contemporânea, há uma crescente busca por conteúdos marcados pela distração, uma possível tentativa de representar leveza em meio a um turbilhão de informações, sejam elas midiáticas ou não. É quando o conceito de informalidade aliado a uma revista eletrônica se torna cada vez mais presente.

A televisão estreita as ligações. Para isso, possui os chamados interlocutores, que é o meio termo entre o real e a ficção, como os apresentadores de programas de TV, os telejornalistas. Os programas, jornais, em especial o Jornal do Almoço, através deles, simulam uma conversa informal, para manter uma proximidade. Além disso, a televisão provoca a sensação do imediatismo, como é o dia-a-dia (GUEDIN; DA CRUZ, 2014, p. 4).

Sob a perspectiva de Silva (2009), essa informalidade foi uma tendência que se popularizou no Brasil na década de 1980, a partir da ideia de um programa de conversação, naquilo que se convencionou chamar *talk show*. Para Silva (2009), os *talk shows* reconfiguraram o sentido de esfera pública, permitindo que as pessoas passassem a ter assuntos pessoais discutidos em programas de televisão, de modo que passou a ser possível se informar e entreter, agregando informação e subjetividade, até então antagônicos, como novos parâmetros.

Em pesquisa realizada com o Jornal do Almoço, da *RBS TV*, no Rio Grande do Sul, Guedin e da Cruz (2014) concordam que o horário condiz com a proposta atual, do estilo jornalístico marcado pela informalidade: “Conforme foi comprovado com a pesquisa, é interessante o padrão estabelecido de telejornais mais leves durante o dia, como é o Jornal do Almoço, e deixar um jornal mais tradicional, com vocação do *hard-news*” (GUEDIN; DA

CRUZ, 2014, p. 4). Porém, o que se vê ao assistir o *Jornal Nacional* são características cada vez mais crescentes dessa informalidade também nos formatos *hard-news*.

De forma paradoxal, pode-se dizer que o informal também é formal. De uma maneira geral, apesar das investidas em trazer um formato informal ao público, na maior parte do programa, é possível notar o envolvimento com o formalismo, tendo apenas leves traços de despojamento na fala em determinadas situações ou assuntos, como em situações de chamadas ao vivo e no quadro da previsão climática. Aqui, é uma categoria denominada de *Apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para convenção de outras*.

Tais posturas que passam a ser assumidas no *JN*, consideradas informais, leves, ainda assim, são resultados como parte daquilo que os dispositivos tecnológicos permitem, ou seja, a reconfiguração do *Jornal* não foge a um conjunto de regras de controle do que deve ser dito e de como deve ser dito através da postura dos apresentadores frente à câmera. Entendem-se essas regras como convenções, que são determinadas a partir de normas que definem o que é permitido e o que é interdito. Essa “liberdade” ou não do jornalista é limitada e controlada por um conjunto de poderes muitas vezes invisíveis. Mesmo nessas situações de aparente informalidade, é possível analisar que a maioria das perguntas e ou comentários são previamente combinados e acertados pela equipe de produção do Telejornal, destacando, aqui, também, a ideia de uma categoria *Apresentação da notícia como a simulação do rompimento de normas*, em que o formato se reconfigura, mas continua preso a regras.

O mesmo é percebido sobre a saída da bancada, por parte dos apresentadores, principal ponto da reconfiguração do *Jornal*. É importante colocar que os apresentadores só saem da bancada em momentos pontuais, como chamadas ao vivo de repórteres e no quadro da previsão do tempo, também ao vivo (*vide* figuras 9 e 11). Na visão de Bourdieu (1997), o trabalho, assim, tende a homogeneizar, banalizar, conformizar e despolitizar, já que obedece a normas estabelecidas em lutas arbitradas pelo índice de audiência, o que nos remete também à categoria *Apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas*.



Figura 11 – William Bonner conversa ao vivo com a apresentadora do quadro da previsão do tempo, Maria Júlia Coutinho, direto da *Globo* São Paulo em tamanho real - *Jornal Nacional* de 27/04/2015 (Fonte: Memória *Globo*)

Ao conversar ao vivo com repórteres em locais muito distantes, os apresentadores dispõem de ferramentas tecnológicas que “permitem a colagem e as interconexões de bens e espaços mundializados” (MORAES, 1997, p. 20), ao colocar, lado a lado, e, em tamanho real, os jornalistas que parecem estar bem próximos e não a quilômetros de distância (*vide* figura 11).

Deste modo, a busca por novas formas de apropriação das tecnologias digitais pelos meios de comunicação torna-se cada vez mais essencial e urgente, na medida em que é fundamental o desenvolvimento de um processo produtivo adequado às particularidades dos conteúdos produzidos. Alsina (2009, p.54) alerta que “cada meio deve procurar sua própria identidade, particularidade e especificidade de funções” e que o campo da comunicação precisa enfrentar o desafio de adaptação das organizações e dos modos tradicionais de Jornalismo aos formatos e ferramentas que os dispositivos tecnológicos, entre eles, a *internet*, impõem.

Nesse contexto, deve-se salientar, ainda, que o telejornalismo, de acordo com Gomes (2011), não se conforma somente a partir das ofertas tecnológicas, mas na junção das possibilidades tecnológicas com o contexto de condições históricas, sociais, econômicas e culturais e “isso de modo algum significa conceber o Jornalismo como cristalização, mas, bem ao contrário, afirmar seu caráter de processo histórico e cultural” (GOMES, 2011, p. 19-20), nos levando a questionar o que pode ser considerado novo nesse processo de reconfiguração do Telejornal.

Hoje, o entretenimento atinge o até então sisudo campo do Jornalismo, ao acompanhar uma mudança de visão de mundo, sobre o que os produtores acreditam que seja

importante para o público. A atual reconfiguração de bens simbólicos obriga os produtos jornalísticos a mudar sua forma de exposição, tornando-a mais atrativa para os consumidores ou mais questionada pelos críticos. Essa reorganização na forma de apresentar as notícias pode ser denominada de *infotainment*, um termo que tem menos aceitação que convergência e inovação no meio acadêmico, mas que parece pertinente para entender a reconfiguração nos modos de produção do telejornalismo brasileiro.

No telejornalismo, o impasse se materializa no embaralhamento cada vez mais aparente entre informação e entretenimento, fenômeno discutido contemporaneamente como *infotainment*. [...] Nesta concepção, a noção de falso, fruto da aproximação da notícia com aspectos relacionados ao entretenimento, remeteria a uma radical oposição ao sentido de verdade, pressuposto das construções noticiosas (GUTMANN, 2008, p.3).

Briggs e Burke (2004) explicam que o *infotainment* se dá pelas grandes mudanças advindas com a globalização, devido a dois fatores. O primeiro deles é a consolidação do neoliberalismo como opção política hegemônica no final do século XX, o que teve como uma de suas consequências a desregulamentação dos sistemas nacionais de comunicação e, com isso, o segundo fator, que foi a acentuada ampliação das possibilidades tecnológicas de produção, distribuição e consumo dos produtos midiáticos. O *infotainment* seria, então, o resultado desse cenário global, que se dá nos anos 80 e 90 do século XX, com a consolidação de grandes conglomerados da mídia, que deram impulso no sentido de utilizar o Jornalismo para promover outras instâncias, em função de uma cada vez mais alta exigência de audiência e de lucro na indústria da cultura, que evidenciaram o estreitamento entre informação e entretenimento.

O termo surgiu num duplo conceito e sem ligação direta com o Jornalismo. Briggs e Burke (2004) lembram que, nas engenharias da computação e na indústria automobilística, *infotainment* se reporta a uma gama de aplicações de multimídias digitais em tempo real, que permitem aos motoristas e seus passageiros acessarem informações meteorológicas, condições da estrada, mapas e estatísticas em tempo real, mas também filmes, músicas, fotos, e-mails e *sites* de relacionamento. Nas Ciências Sociais, em especial na Comunicação, ele se refere ao fim de fronteiras de áreas presumivelmente distintas da mídia como informação e entretenimento.

Como foi visto, o termo *infotainment* carrega um sentido amplo e não pode, portanto, ser restrito à informação jornalística. Nos estudos sobre Comunicação e Cultura, entretenimento é amplamente definido de um ponto de vista depreciativo. Muitas vezes, também sob a expressão *infotainment*, acolhe-se não só a informação e entretenimento, mas

também realidade e ficção, como as dramatizações e simulações nos programas telejornalísticos. Bakhtin (1997) afirma que, em concomitância aos gêneros padronizados, sempre existiram, e continuarão a existir, gêneros mais livres, o que viabiliza uma reestruturação criativa do seu uso. Aronchi de Sousa (2004, p. 149) complementa essa visão ao afirmar que “os programas do gênero telejornalismo apresentam múltiplas funções em face do desenvolvimento e aprimoramento do jornalismo no mundo”.

O escopo do *infotainment* é, entre outros eventos secundários, necessariamente mercadológico, e traz uma estratégia midiática de oferecer informação que seja não só relevante, mas interessante para chamar a atenção da audiência. Vale ressaltar que *infotainment* não é um gênero, só serve, portanto, para classificar a realidade. Porém, como estratégia mercadológica, o *infotainment* pode produzir novos gêneros na cultura comunicacional, mas não configura, em si, um novo gênero, tampouco é fenômeno recente.

A maior crítica dos estudiosos em relação ao *infotainment* é que o embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento, que parece caracterizar a cultura dos produtos jornalísticos, representaria perda de qualidade. O modelo dominante no Jornalismo brasileiro do século XX ficou marcado pelo paradigma da objetividade e de um estilo textual caracterizado pelo privilégio de fatos em detrimento de comentários e de opiniões. Outras formas de Jornalismo que se desenvolveram no final do referido século, como o sensacionalismo, por exemplo, eram consideradas inferiores. Na tentativa de buscar uma legitimidade, o campo jornalístico se autoafirmou como um “não entretenimento”, acolhendo apenas a racionalidade como norma de procedimento, uma vez que o entretenimento seria um valor subornável e uma ameaça, portanto, à credibilidade jornalística. Assim, o *infotainment*, seria uma ameaça à seriedade necessária ao Jornalismo. Tarapanoff (2012) esclarece que o *infotainment* é visto por muitos pesquisadores como mera distração ao tempo que se justifica pela lógica de mercado:

Na defesa de um Jornalismo sério, o campo profissional tem argumentado que o *infotainment* deprecia sua natureza, inserindo nas narrativas “estratégias de amenização do relato”, que se aproximam de discursos mais ligados ao entretenimento enquanto indústria (cinema, quadrinhos, música, moda e teledramaturgia). No entanto, em um contexto mediático que se pauta pela tabloidização dos noticiários televisivos, a própria fronteira que separa os gêneros realista e ficcional parece se esvaír. As notícias têm seguido essa lógica de mercado e utilizam do entretenimento como forma de atrair mais telespectadores. A crítica racional é substituída pelo êxtase da comunicação e pela sedução banal. (TARAPANOFF, 2012, p. 2)

Ao definir categorias dos programas de televisão de acordo com as funções de entreter e informar, Aronchi de Sousa (2004) propõe que a própria separação dos programas de TV em categorias tem como propósito atender ao processo de identificação do produto do mercado de televisão. Em geral, essas categorias costumam ser padronizadas pela ótica de uma indústria que tem seus produtos à venda e “o comprador desses produtos é o mercado publicitário, que precisa identificar um público-alvo e não se dispõe a correr grande risco” (ARONCHI DE SOUSA, 2004, p. 52).

Particularmente, recusa-se o maniqueísmo, levando em conta que o *infotainment* designa uma estratégia de produção midiática que não pode ser considerada nem benéfica nem maléfica e que resulta de uma complexa articulação de conteúdos, tecnologias, formas e estratégias de mercado.

Ao se valer de simulações de crimes ou de denúncias nas reportagens ou mesmo quando dramatiza a vida cotidiana, embaralhando o real e o ficcional, o *Jornal Nacional* usa da estratégia do *infotainment*. A grande crítica de estudiosos das relações entre comunicação e política é acerca dos efeitos do *infotainment* sobre o funcionamento da esfera pública, sobre os processos de democratização, de formação do cidadão, da participação política. Os estudiosos do Jornalismo inquietam-se no que se refere às consequências das grandes mudanças econômicas, tecnológicas e regulatórias do campo midiático em transformação.

Em relação aos conteúdos, o *infotainment* também está presente nas reportagens do *JN*. Não há um só conteúdo específico em uma reportagem, por exemplo. Uma mesma matéria pode trazer violência e futebol, sendo, portanto, inviável dividir os assuntos em uma só temática, fato que pode ser observado na dificuldade da pesquisadora em elencar as temáticas das reportagens e demais produtos do Telejornal, visto que também há um embaralhamento dos conteúdos. Adota-se a ideia de que *infotainment* dá a noção de hibridismo, não é preciso, portanto, se opor.

Nas notícias em que o entrevistado conta a história em estilo documental e há pouca inserção do repórter, como pouco *off*, também nos remete à ideia de *infotainment*, na medida em que o estilo jornalístico se confunde com o documental. Isso fica claro na sequência de reportagens e participações ao vivo dos repórteres Carol Barcelos e Clayton Conservani, quando tratam do terremoto no Nepal, contam o drama dos moradores da região e também se colocam como vítimas daquela situação, uma vez que estavam lá em cobertura para outro programa da emissora de aventura e também foram surpreendidos pelo terremoto, na segunda semana de análise.

O conceito de *infotainment* reforça o sentido de categoria de apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas, na medida em que a tríade "informação, entretenimento e educação" pode ser elencada com todos juntos em uma mesma notícia. Isso pode ser compreendido como estratégia de mercado para atrair um número maior de público, porém, com um destaque maior a um dos segmentos de acordo com o que se pretende destacar pelo Telejornal a determinado assunto ou notícia. Ao passo em que o público é seduzido pelo entretenimento, o que pode ser priorizado é a informação e vice-versa, causando ao telespectador uma falsa impressão de um rompimento na forma de apresentar a notícia.

3. 6 Categoria *Transcomunicação*

Conforme já mencionado anteriormente, pode-se destacar os apresentadores explicando termos e questões técnicas, ao mesmo tempo em que simplificam para o telespectador a demora, por exemplo, para os repórteres que estão do outro lado do mundo ouvir e responder às perguntas (o que em TV se denomina *delay*³⁹). Isso é o que é titulado, na presente dissertação, de categoria *transcomunicação*, na qual “a distância entre o próximo e o distante desaparece” (MORAES, 1997, p. 28). (*vide* figura 12)

Já na década de 90 do século XX, Moraes (1997) discutia o processo de *transcomunicação*, um fenômeno em que a comunicação apresenta um produto que pode atuar em qualquer lugar e rompe as barreiras de origem e de consumo. O produto, quando é produzido, é pensado em qualquer tipo de consumidor, onde quer que ele esteja. Quando são pensadas as edições do Telejornal em estudo, concebe-se a ideia da *transcomunicação*, quando se ampliam as possibilidades de consumo do produto jornalístico. Com os dispositivos tecnológicos às mãos da comunicação, o Telejornal trata, ainda, de manter um estado de poder hegemônico.

Quando Moraes (1997) apresenta o fenômeno da *transcomunicação*, que rompe as barreiras de origem e de consumo, remete-se à ideia de apropriação social da tecnologia aqui já discutida, que possibilita as transmissões ao vivo e anula as distâncias para as notícias. Durante as 12 edições em análise, foram 19 coberturas ao vivo, o que significa dizer que houve edições com mais de uma entrada ao vivo, sendo que isso aconteceu com mais frequência na segunda semana de análise, que marca o *novo formato*.

³⁹ É a falta de sincronia entre áudio e vídeo, que acontece em transmissões via satélite. A imagem chega primeiro que o som. Esse atraso decorre do tempo que o sinal leva para chegar até o satélite, que está a 36 mil km da Terra, e retornar a outro ponto de recepção (BISTANE; BACELLAR, 2006, p.136)



Figura 12 – Ao chamar os repórteres Clayton Conservani e Carol Barcelos, que estavam no Nepal, William Bonner dá ao telespectador explicações sobre o *delay*, tempo que leva para que os repórteres escutem a pergunta do apresentador - *Jornal Nacional* de 27/04/2015 (Fonte: Memória Globo)

Jenkins (2008) apresenta a narrativa transmídia como referência ao surgimento de uma nova estética que corresponde à convergência das mídias, exigindo mais de seus consumidores e das comunidades produtoras, conforme já discutido pormenorizadamente. Para o autor, essa narrativa está intimamente ligada à criação do ficcional, na qual consumidores assumem diversos papéis enquanto observadores e tornam maior essa experiência de entretenimento e isso só é possível mediante a existência e o uso de múltiplos suportes midiáticos.

Ainda sob o olhar da *transcomunicação*, pontua-se, aqui, que a maioria das entradas ao vivo do *novo formato* do *Jornal Nacional* passa a ser com o repórter aparecendo no telão de corpo todo, dando a sensação de que ele está de pé ao lado do apresentador em estúdio e que não há quilômetros de distância. Na edição do dia 27, por exemplo, Renata Vasconcellos, que estava no estúdio do Rio de Janeiro, conversava com Roberto Kovalick, em Tóquio-Japão, sobre os cuidados que os japoneses têm diariamente com os terremotos. O repórter, que aparece no telão, e a apresentadora, no estúdio, são enquadrados de tal forma a parecem estar lado a lado. Essa é uma cena que passa a ser frequente em entradas ao vivo e, até mesmo, no quadro da previsão do tempo, no qual Maria Júlia Coutinho também aparece em tamanho real e do lado de um dos apresentadores: Renata Vasconcellos ou William Bonner.



Figura 13 – Renata Vasconcellos, no estúdio do Rio de Janeiro, conversa com Roberto Kovalick, em Tóquio-Japão - *Jornal Nacional* de 27/04/2015 (Fonte: Memória Globo)

Diante da análise das 12 edições do telejornal, observa-se que o *Jornal Nacional* remete a uma busca da convergência em vários sentidos, que tende a ficar ainda mais evidente com as alterações tecno-estéticas do Jornal. Serão vistas primeiro as definições dadas a esse conceito de forma que se possa, em seguida, expor situações que exemplificam tal constatação.

A *convergência* é um conceito polissêmico, ou seja, ainda não existe uma definição estável ou padronizada. A cultura da convergência é um fenômeno amplamente elucidado por Jenkins (2008), de modo que o termo pode ser empregado para definir transformações de ordens distintas, sejam elas tecnológicas, mercadológicas, culturais, políticas, profissionais ou legais e regulatórias e se constitui como um ponto chave para se pensar os efeitos das novas tecnologias nas práticas comunicacionais atuais, em especial, no Jornalismo. Os meios convergentes deslocam as barreiras entre as mídias e complexificam os sistemas de informação, de modo que um veículo se apropria do outro, um assunto remete a outro, uma empresa se expande para a seguinte em muitas possibilidades e tipos de convergência.

Salaverría, Avilés e Masip (2010) entendem que a *convergência* se constitui enquanto um fenômeno atual, mas não recente, uma vez que a literatura acadêmica sobre ela remonta do final dos anos 1970. Embora a *convergência* não seja uma consequência do surgimento da *internet*, é inegável que a sua emergência potencializou e enriqueceu esse fenômeno. Busca-se, aqui, empregar uma definição que abranja seus distintos âmbitos, não restrita, portanto, ao aspecto tecnológico. Daí, a adoção da seguinte definição de *convergência* jornalística:

um processo multidimensional, que facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológicos, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregados (SALAVERRÍA; AVILÉS; MASIP, 2010, p. 20).

Salaverría, Avilés e Masip (2010) identificam quatro tipos de *convergência*: a tecnológica, que se refere à infraestrutura técnica, aos computadores, servidores, câmeras, gravadores, usados para garantir a produção; a empresarial, que diz respeito aos próprios grupos, sejam multinacionais, nacionais, regionais, locais, e às alianças, fusões, absorções ou novas empresas que resultam dessas composições; a profissional, que ocorre quando, em uma redação unificada ou em redações independentes de distintos meios trabalhando em cooperação, se elaboram conteúdos e produtos para mais de um meio, adaptados de acordo com as linguagens específicas de cada um; e a de conteúdos, que ocorre quando se explora a hibridização de gêneros jornalísticos para a criação de trabalhos informativos.

A respeito do Telejornal em estudo, ele nos remete a uma busca da *convergência* em escala ampla. O próprio fato de a equipe do *Jornal Nacional* utilizar reportagens de afiliadas em todo o país e correspondentes no exterior remete às *convergências profissional e tecnológica*, na medida em que profissionais das afiliadas, por exemplo, trabalham para o *Jornal Nacional* e também para o jornal local; e *convergência tecnológica*, porque os dispositivos tecnológicos garantem a produção e a exibição de material jornalístico de um lugar para outro rapidamente por meio da *internet*.

Para Fechine e Figueirôa (2010), as transformações mais significativas da TV aberta brasileira decorrem de dois processos: o desenvolvimento acelerado e contínuo das tecnologias digitais e a intensificação dos fluxos midiáticos. Foi a partir desse período que os telejornais também passaram a desdobrar nas suas páginas na *internet* e *sites*, as reportagens do dia, além de textos complementares e conversas com especialistas. Ao mesmo tempo em que emergiu o ambiente de convergência dos meios, a aproximação entre TV e *internet* também foi estimulada pela implantação da TV digital no Brasil:

A convergência dos meios, propiciada por sua digitalização, também levou a televisão brasileira, nos anos 2000, a investir mais em estratégias de produção “cross media” e a operar de modo sinérgico com outros meios (*internet*, celular, cinema) (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2010, p.282).

A característica clássica de exaltar o nome de produtos da empresa *Globo* e, até mesmo da própria empresa, também nos leva a identificar a busca da convergência, nesse caso, a empresarial, que também une os produtos da TV e do portal *GI*. Durante as 12 edições

analisadas, o *Jornal Nacional* citou o portal *G1*, também pertencente ao grupo *Globo*, 32 vezes; 2,6 por edição, sendo só na segunda semana, do *novo formato*, citado 22 vezes, por determinadas vezes ao fim de alguma reportagem e ainda no final do *Telejornal* como forma de chamar o público a rever a edição. De forma tal que:

Não há mais sentido em separar as mídias, tudo é conteúdo digital e pode ser convertido em suportes diferentes; as empresas não se definem mais como produtoras de uma mídia (revista, *internet*, televisão etc), e sim como produtoras de conteúdo (CANNITO, 2010, p. 84).

Ainda no âmbito da *convergência empresarial*, o *Jornal Nacional* também citou o nome *Globo* por 40 vezes: três vezes na primeira semana, quando da morte de um diretor de entretenimento da emissora, Roberto Talma, em 23 de abril de 2015; 26 vezes durante a série de reportagens especiais sobre os 46 anos do *Telejornal* e os 50 anos da emissora, também na primeira semana de análise; 06 vezes na segunda semana de análise do *novo formato*, evidenciando as mudanças “na cara do jornal” logo no primeiro dia da mudança do formato (27 de abril de 2015); e 05 vezes em um terremoto que aconteceu no Nepal e atingiu uma equipe da *Globo*, no mesmo dia.

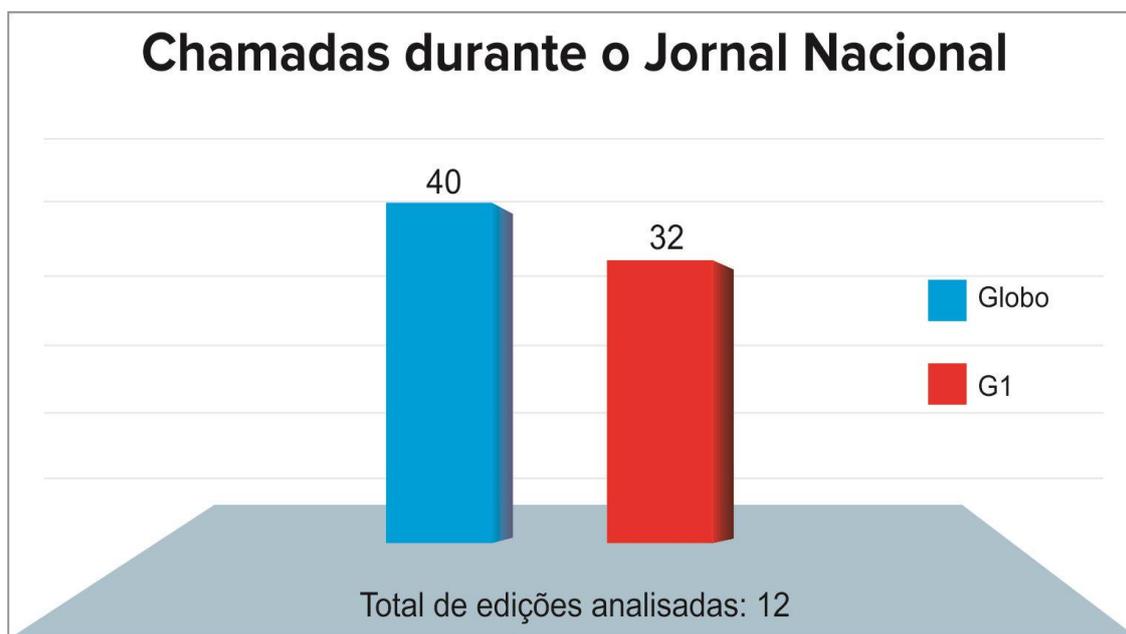


Gráfico 9 - Chamadas durante o *Jornal Nacional* (Fonte: autora)

Sobre a aproximação entre os dois veículos, TV e portal *G1*, identificou-se, também, a presença da *convergência empresarial*, a fim de aproximar a empresa do público. Gomes (2012, p.53) destaca que “esse pretendido efeito de proximidade também tem sido provocado pela inserção do espectador no lugar de fala da produção, por meio da inclusão de VTs cuja

sugestão de pauta parte da recepção”. Usando-se da *convergência empresarial*, o *Jornal Nacional* também se apropria dos recursos tecnológicos e, assim, da *convergência tecnológica* para se aproximar da audiência. Os telespectadores podem rever os conteúdos do Telejornal e ainda podem enviar, pelo portal *GI*, sugestões de reportagens, fazer críticas ou ainda ter acesso a vídeos exclusivos. De acordo com Gomes (2012, p. 53-54):

Essa estratégia e o modo como o discurso é elaborado em torno da participação do telespectador demonstram o interesse do telejornal em comunicar sua inserção em novos parâmetros possibilitados pela *internet* e pela chegada da televisão digital ao Brasil, muito mais do que efetivamente uma abertura para outras formas de enunciação.

Diante desse cenário de convergência midiática e mercadológica, cabe aos meios de comunicação diferenciar os produtos de forma a serem apreciados e consumidos pelo mercado. Brittos (2001, p.50) aponta que a centralidade da mídia, considerando-se todo o processo de convergência, atinge tanto as organizações (que se expandem transnacionalmente), quanto os indivíduos (que experienciam a realidade cada vez mais através dos meios de comunicação).

3.7 Categoria conteúdos: uma nova roupagem, mas a mesma abordagem

Sobre o conteúdo, durante as duas semanas de análise, percebeu-se um teor diversificado, entre notícias do país e do mundo, que vão diariamente da política ao esporte e que se enquadram na categoria *Conteúdos: uma nova roupagem, mas a mesma abordagem*, alinhada à manutenção ao padrão *Globo* de qualidade, termo justificado por Bolaño (2004) como o conjunto de regras, implícitas e explícitas, que norteiam as operações da *Rede Globo*. O balanceamento entre assuntos mais leves, como esporte, cultura e música, e os mais pesados, como política, economia e saúde, é feito de forma a prender a atenção do telespectador e, conseqüentemente, o anunciante, necessidades-chave do mercado televisivo. As reportagens continuam seguindo a mesma linha ou padrão, o que muda é apenas a forma de apresentá-las, ou seja, a embalagem.

Nessa reconfiguração das notícias, juízos de valor permanecem nem sempre sendo ditos de forma declarada. Aparentemente, para o público menos instruído ou mesmo disperso, essas posições do Telejornal não são evidentes, mas estão sempre presentes nas falas de repórteres e de apresentadores. Ao contrário de opiniões claramente expressas, têm-se ideias e posições ideológicas difundidas de forma suave, nos gestos, levantar de sobrancelhas, expressando susto ou não aceitação.

Bourdieu (1997, p. 38) assegura que “sobre a televisão, o índice de audiência exerce um efeito inteiramente particular: ele se traduz na pressão da urgência” e, ao longo das edições analisadas, nota-se, por diversas vezes, como a pressão pela urgência leva ao pensamento e à elaboração rápida das notícias, com a reprodução de ideias feitas sobre determinados assuntos.

Sobre a operação Lava Jato, por exemplo, um dos principais assuntos em destaque durante as edições, citado em 29 notícias em 12 edições, observa-se o acompanhamento de assuntos do dia, relacionados a denúncias e discussões na Câmara dos Deputados e no Senado. Um claro sinal de urgência da notícia é o vazio das respostas dos envolvidos no assunto em retornos que são chamados aqui de “notapés clássicos” como: “os envolvidos no caso não foram encontrados para falar ou não quiseram se posicionar sobre o assunto”, levando ao que Bourdieu (1997) atribui como *fast food* cultural. A notícia instiga, mas não esclarece com precisão.

Além disso, sobre essas frases prontas, em acordo com Marcondes Filho (2009), são enunciados que trazem a realidade sobre ela mesma, uma representação sobre a realidade que leva o indivíduo a consumir sem refletir:

Não produz um indivíduo pensante e sim dá frases prontas, dessa forma, a realidade da imprensa brasileira cada vez mais se rende aos domínios do capitalismo na medida em que o perfil da empresa é dar uma resposta ao público sobre todos os envolvidos na notícia, seja ela qual for, há um esvaziamento da informação ao assumir uma literatura automatizada, que reduzia o mundo a sensações [...] vendendo a individualidade a baixo preço (MARCONDES FILHO, 2009, p.18).

Por fim, as edições do *Jornal Nacional*, que entram diariamente em milhões de casas, imprimem sua agenda, de mídia hegemônica, em um cenário complexo que contempla todas as demais categorias citadas, a partir da ótica que a emissora configura e reconfigura os moldes de apresentar a notícia com a finalidade de se sustentar forte no mercado televisivo e se apresentar como referência ainda para as emissoras concorrentes, na medida em que, apesar das perdas de audiência, ainda sobrevive no mercado de modo a ditar modelos.

O diretor-geral da *Rede Globo*, Carlos Henrique Schroder, afirma não ter mais metas de audiência. A nova postura da emissora é dizer que a *Rede Globo* vive tempos de tirar da frente a obrigação de entregar a pontuação e priorizar a entrega do produto, para que a audiência venha como consequência. Diante de um discurso desse tipo, Stycer afirmaria que “Os mais céticos dirão que o discurso é somente uma questão de sobrevivência, falta de outra opção. Pode ser. Mas vejo de forma positiva” (STYCER, 2016, p. 45).

É possível que o discurso do diretor geral da *Rede Globo* possa ser uma questão de sobrevivência diante dos números da audiência, mas também uma nova direção:

O frenesi das notícias sobre “recordes negativos” de audiência não vai diminuir, a despeito do discurso de Schroder. Mas, se nestes novos tempos, a programação da emissora seguir, de fato, numa direção menos óbvia e até ousada, o espectador terá motivos para agradecer (STYCER, 2016, p. 45).

Tal categoria se configura em máquinas integradoras do telejornalismo contemporâneo alicerçado pelo capitalismo, que transforma a grande mídia em um espaço central de forças visíveis e invisíveis que compõem um cenário, onde a prioridade é ocupar posição de privilégio no mercado.

As categorias *autorreferencialidade; formalidade x leveza; apresentação da notícia como simulação do rompimento de normas para convenção de outras; transcomunicação e Conteúdos: uma nova roupagem, mas a mesma abordagem* indicam, de forma clara, o entrelaçamento de questões econômicas e políticas aos produtos que são produzidos, distribuídos e consumidos no espaço televisivo.

CONCLUSÕES

É necessário evidenciar que, diante dos capítulos apresentados, as intenções pretendidas e apontadas na introdução foram alcançadas. No primeiro capítulo, foi feita uma reflexão sobre os fatores diversos (mercadológicos, políticos e econômicos) que participam do processo de construção do modelo de negócio a partir desse *novo formato* de produção de notícias, além de uma problematização sobre de que maneira a *Rede Globo* busca manter a sua hegemonia a partir da mudança periódica do seu padrão tecno-estético, de forma que a hipótese apresentada no início dessa pesquisa se confirmou: de que, ao buscar um *novo formato*, o *Jornal Nacional* lança muito mais que um simples padrão a ser seguido, mas visa, principalmente, a uma adaptação e reposicionamento no mercado na busca constante pela manutenção de um espaço de hegemonia e de sobrevivência.

No segundo capítulo, foram analisadas as principais mudanças no formato do Telejornal em estudo, bem como foi observado se as mudanças realizadas representam, de fato, inovação no telejornalismo praticado, e em que medida (se no conteúdo, ou se na abordagem). O resultado encontrado foi a ênfase na inovação apenas na forma, corroborando a hipótese de que, ao lançar o formato atual, o *Jornal Nacional* insere inovações no mercado do Jornalismo, ao inovar na forma, mas não no conteúdo ou na abordagem, considerando que a inovação no Jornalismo pode partir de múltiplas perspectivas.

Já, no capítulo três, ao categorizar as mudanças identificadas, levando em conta as análises realizadas na semana de transição dos modelos do *JN*, foi ratificada a hipótese central desta pesquisa: ao mudar o formato do principal Telejornal da emissora, o *Jornal Nacional*, a *Rede Globo* rompeu aparentemente com a formalidade e as antigas regras de produção, mas ainda apresenta ao público um telejornalismo com traços de formalidade ao continuar seguindo um padrão tecno-estético.

Em junho de 2017, praticamente dois anos após as mudanças que motivaram esta pesquisa, o *Jornal Nacional* apresentou mais uma reconfiguração, por meio da qual ele passou a ser integrado à redação com uma janela panorâmica para a rua, nos moldes dos noticiários norte-americanos. Gruas, *steadycams* (sistema em que a câmera é acoplada ao corpo do operador, dando a impressão de que flutua) e pedestais, já presentes na estrutura de 2015, foram substituídos por câmeras robóticas em que toques sutis na tela dão movimento e colocam os enquadramentos no ar.

Com a reconfiguração, uma das principais mudanças é o fim do telão para a interação de apresentadores com os repórteres e com a apresentadora do quadro da previsão do tempo. Em vez disso, a emissora trouxe projeções holográficas, uma tecnologia que insere o repórter, distante fisicamente, praticamente dentro do cenário. Desta forma, William Bonner e Renata Vasconcellos passaram a ficar frente a frente com repórteres em qualquer lugar do Brasil e do mundo.

Para esse *JN* de 2017, a emissora construiu um novo prédio que integra as redações dos demais telejornais e fica anexo à Central de Jornalismo, no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, no cruzamento entre as ruas Pacheco Leão e Von Martius.

Essa nova proposta necessita ser analisada a longo prazo, porém, nos chama a atenção para o fato de que as atualizações no formato passaram a ser mais constantes, confirmando uma das categorias que constam como um dos resultados da presente pesquisa de mestrado. Durante quatro décadas, o Telejornal foi estático em seus enquadramentos. Na última década, as atualizações passaram a ser recorrentes e estritamente ligadas à tecnologia. Vale ressaltar que a inovação não contempla a linha editorial, visto que as reportagens permanecem seguindo a mesma linha de produção e o mesmo formato de apresentação.

A preocupação em atualizar a formatação do programa de forma recorrente pode ser justificada pelos números da audiência. Mesmo após os investimentos de 2015, com a mudança no formato, os números voltaram a despencar, conforme matéria divulgada no site Plantão Brasil, apresentada anteriormente. Cerca de três meses depois dessa divulgação, o *Jornal Nacional* sofreu novamente uma mudança em seu formato, o que denominamos aqui de ***categoria repaginada recorrente***, levando-nos a apreender essa categoria como algo ainda mais amplo no telejornalismo atual diante de uma necessidade social e mercadológica. (*vide* figura 14).



Figura 14 - Captura de tela da repercussão da queda da audiência em março de 2017 (Fonte: plantaobrasil.net)

Sobre os dados atuais, segundo pesquisa interna encomendada pela TV Cidade Verde, afiliada do *SBT* no Piauí, ao IBOPE, em maio de 2016 (conforme sistematizamos no gráfico a seguir), o *Jornal Nacional* ocupava a primeira colocação no ranking da audiência domiciliar no Estado, com 46,86% da audiência. Era seguido da novela das 21h da *Rede Globo*, com 42,53% da atenção do público e do jornal local da TV Clube, afiliada da *Rede Globo* no Piauí, o Piauí TV Segunda Edição, com 41,84% da audiência.

Em maio de 2017, os dados mostram uma queda do *Jornal Nacional* em termos de audiência no Piauí: de primeiro para terceiro lugar no ranking de audiência. Um ano depois, a novela das 19h aparece em primeiro lugar no ranking com 47,23% de audiência e, em seguida, o Piauí TV Segunda edição com 46,52% e o *Jornal Nacional* com 44,98%. Em termos percentuais, a queda é de 1,88% e, em termos absolutos, a perda é de quase 40 mil telespectadores, sendo que o ponto percentual corresponde a 20 mil espectadores, de acordo com a pesquisa.

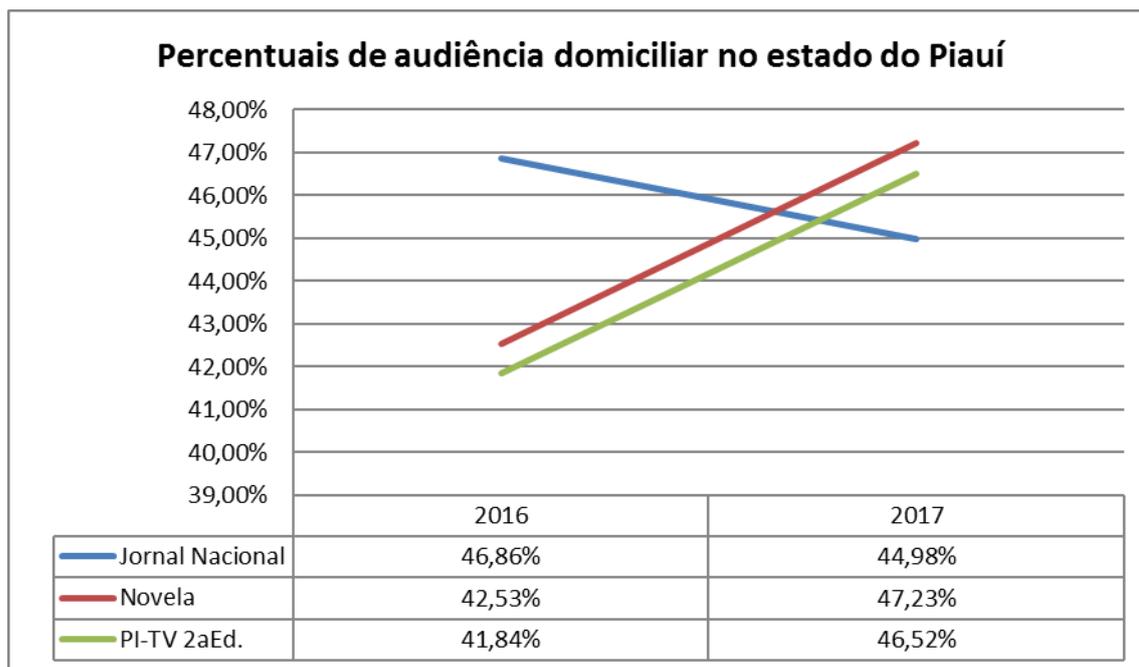


Gráfico 10 - Percentuais de audiência domiciliar no estado do Piauí (Fonte: autora)

Apesar da perda de audiência do *Jornal Nacional* no Piauí, ele continua entre os três programas de televisão mais assistidos no Estado e a *Rede Globo* permanece com forte audiência no Piauí. Ainda segundo a pesquisa realizada pelo Ibope, em maio de 2017, dos 40 programas mais assistidos no Estado, 39 são da *Rede Globo* ou da afiliada local, *Rede Clube*. A exceção é o programa *Balanço Geral*, da TV Antena 10, afiliada da *Rede Record* no Piauí, que ocupa o trigésimo lugar no ranking com 18,05% da audiência piauiense.

Esse panorama tem conduzido a autora da presente pesquisa de mestrado a buscar compreender os aspectos transformadores no telejornalismo contemporâneo, que consistem em transformações no formato como uma constante, a partir da perspectiva de se encaixar nas mutações da tecnologia, da sociedade e nas necessidades do mercado. Cabe reforçar que essa *categoria repaginada recorrente* surgiu em momento posterior à análise empreendida para esta dissertação, mas não poderia ser aqui ignorada, até porque, pode indicar possíveis desdobramentos deste estudo, conforme será abordado a seguir.

1. Desdobramentos futuros, uma atualização necessária: “Aspectos transformadores no telejornalismo contemporâneo: transformações no formato como uma constante”.

A estratégia de fazer com que a equipe de reportagem do *Jornal Nacional* se desprenda cada vez mais da redação física vai além de almejar a agilidade do Jornalismo. A ação faz parte do plano de ter uma sintonia com a forma pela qual parte do público consome

notícia, agregando a televisão à *internet* e outras tecnologias. Tendo em mente que grande parte do público lê notícias por meio de dispositivos móveis como *smartphones* e afins, integrar-se às redes sociais, a portais de notícias, bem como trazer desses o formato tecnológico para a TV, torna-se uma necessidade cultural e também mercadológica.

O crescimento da leitura e de acesso à informação de uma maneira geral, por meio de vídeos, no meio digital, sobretudo pelo celular, fez com que ações fossem implementadas no sentido de levar o conteúdo da TV para outras plataformas, de forma a permitir um acesso maior a esse conteúdo, além de proporcionar mudanças no formato da TV para atrair o público internauta e transformá-lo também em telespectador. Dessa maneira, o formato televisivo adota tecnologias já usadas no meio digital, tanto que a nova redação, no sentido físico, foi toda pensada para funcionar nesse ritmo de desenvolvimentos tecnológicos.

Até pouquíssimo tempo, para a existência de um telejornal viável economicamente, priorizava-se conteúdo e a audiência, que geravam anúncios. Hoje, além do quesito conteúdo, também é necessária excelência de tecnologia. A decisão de mudar, contudo, não representou redução do time de profissionais envolvidos? O investimento em tecnologia ampliou ou reduziu a oferta de vagas na equipe ao integrar portal e TV? De certo, trouxe, a nosso ver, a implementação de um novo conceito que envolve os processos de produção, distribuição e consumo da notícia no país: o de *transformação*.

Percebe-se que o projeto editorial não foi reformulado, não houve identificação de uma maior atenção ao contexto dos fatos e fortalecimento das áreas de opinião. Apesar de alguns comentários pontuais registrados por parte dos apresentadores, o telejornal continua investindo em um Jornalismo factual, e não em algo que conduza o telespectador a compreender melhor a situação, com uma reorganização de editorias e maior aproveitamento de conteúdo, focando na compreensão de tendências e de futuro, ajudando a antecipar os principais movimentos do país e do mundo.

Com as últimas reconfigurações, os telespectadores foram impelidos a aderirem ao formato. A transição é uma questão geracional que adere mais facilmente à tecnologia e a novas estéticas. Prova disso é que, em dois anos, o *Jornal Nacional* investiu novamente em tecnologia, o que sistematiza aspectos transformadores no telejornalismo contemporâneo: transformações no formato como uma constante.

A estreia de mais uma transformação, em 19 de junho de 2017, chamou a atenção por detalhes tecno-estéticos: nova trilha sonora, nova cenografia e efeitos de luz. A inauguração do novo cenário, em novas instalações, ocupou boa parte do *Jornal Nacional* em que o

público assistiu a trechos da cerimônia de inauguração, que contou com a participação dos jornalistas e de diretores da alta cúpula da *Rede Globo*.

A mudança de 2017 no formato do *JN* começa logo na apresentação da vinheta, com sonoplastia mais lenta. Tanto o efeito de imagem quanto a trilha sofreram alterações. A logomarca “*JN*” aparece maior que em 2015, as cores permanecem (azul e vermelho), mas o vermelho aparece com menor destaque e inserção da cor prata. O *Globo* e a logomarca continuam se movimentando ao fundo dos apresentadores, mas agora de maneira mais lenta a rotação. Artes, como bandeiras de países e imagens ilustrativas das reportagens, continuam ao fundo do cenário, delineando os assuntos aos quais as matérias se referem com novas artes em três dimensões.



Figura 15 - Arte em 3D ao fundo de dinheiro sendo derramado por canos em alusão à reportagem sobre a operação Lava Jato, da Polícia Federal - *Jornal Nacional*, 19/06/2017 (Fonte: *G1*)

No estúdio, os enquadramentos da escalada são mais próximos dos apresentadores; quase não há margem entre a bancada e a imagem do enquadramento. As notas são lidas em plano bem fechado.



Figura 16 - Renata Vasconcellos em close após a escalada, na primeira chamada de reportagem - *Jornal Nacional*, 19/06/2017 (Fonte: G1)



Figura 17 - Bonner em close ao ler nota - *Jornal Nacional*, 19/06/2017 (Fonte: G1)

Os apresentadores estão no meio da redação: deixam de ocupar uma posição mais no alto e passam a se posicionar ao centro da nova redação do Jornalismo da *Globo* com 1.370 metros quadrados, o dobro do tamanho da redação anterior. Ao trazer de maneira integrada profissionais da *Globo*, incluindo *Globo News* e *internet*, a emissora reforça o sentido de convergência, conforme já citado nas análises das edições de 2015.



Figura 18 – *Jornal Nacional* no centro da redação integrada, em 19/06/2017, após as mudanças (Fonte: G1)



Figura 19 – Bancada do *Jornal Nacional* ao fundo no centro da redação integrada com *Globo news* e *internet*, em 19/06/2017 (Fonte: G1)

O formato aprimorou enquadramentos, que se tornaram bruscos com a mudança realizada em 2015. Em 2017, os enquadramentos passam a ser comandados por profissionais que operam câmeras robóticas e não mais pelos tradicionais cinegrafistas de estúdio. Além disso, a partir dessa última configuração, são poucas as chamadas de matérias com enquadramento parado: praticamente todas têm movimentos feitos com câmeras com braços giratórios.



Figura 20 - Enquadramentos laterais feitos por câmeras robóticas - *JN* no centro da redação, em 19/06/2017 (Fonte: *GI*)

O telão de 2015 para chamada de repórteres e da apresentadora da previsão do tempo foi substituído por uma projeção, em mais um alto investimento em tecnologia cujo valor não foi divulgado.



Figura 21 - Participação de Maria Júlia Coutinho, de São Paulo, em projeção holográfica, momento em que ela parabeniza a equipe pela “nova casa” - *Jornal Nacional*, em 19/06/2017 (Fonte: *GI*)

As ilustrações do *Jornal Nacional* passaram a ter três dimensões, uma vez que o novo cenário se forma por duas camadas de imagens: um vidro de 15 metros em curva, que varia do fosco para o transparente e dá acesso às imagens da redação, e, ao fundo, um telão de três metros de altura por 16 de largura, usado para transmissões ao vivo e apresentação do quadro da previsão do tempo.

O movimento das tarjas de caracteres também mudou. Não surge mais da esquerda para direita. As tarjas passaram a surgir do centro do rodapé da tela com a logomarca e se organizar à esquerda do vídeo e não mais no centro. Os créditos dos entrevistados e repórteres (dentro das reportagens) seguem as cores do cenário, mas em tamanho menor que em 2015, mais minimalista.

Em 2017, o jornal se apresenta como "nova casa do JN". Em 19 de junho, o JN repetiu a expressão três vezes: na escalada, na previsão do tempo e na chamada da matéria sobre o novo cenário. A chamada para o último bloco da edição anunciou o *novo formato*, o título da chamada escrita foi "casa nova" e a foto foi a logo do jornal, o que remete à categoria *autorreferencialidade*, já identificada nessa pesquisa e que continua forte, ou seja, o *Jornal Nacional* falando de si mesmo.

As passagens de bloco mostram a redação com tarjas, que trazem frases sobre as matérias que serão exibidas a seguir. A chamada de intervalo passou a ser feita com imagem encobrindo parte do cenário e com o texto escrito "no ar" sobre a redação, com tarjas em perspectiva e não mais na horizontal como em 2015.

A logomarca do *Globo play* em nota de rodapé chamando de maneira fixa durante boa parte da edição do dia 19 de junho remete à questão da manutenção da hegemonia e também da convergência. Nota-se que, em 2015, o destaque da convergência era para o site de notícias *G1*, enquanto em 2017, a atenção nesse sentido é para o aplicativo que disponibiliza todo o conteúdo da emissora: o *Globo play*.



Figura 22 - Chamada do *Globo play* ao final do programa - *Jornal Nacional*, em 19/06/2017 (Fonte: G1)

Mas a edição do conteúdo audiovisual em si permanece inalterada, com exceção da última reportagem falando sobre o cenário com longo discurso oficial, uma reportagem falando exclusivamente do *novo formato*, que remete a palavras-chave como: tecnologia, informação e integração. A reportagem de Pedro Bassan ressalta detalhes da nova redação, em números e em estética. “São 1.370 metros quadrados, o dobro do espaço anterior, 189 postos de trabalho” é um dos trechos da reportagem. Além disso, a matéria jornalística não traz entrevistas nos moldes tradicionais, em que o repórter leva à boca do entrevistado o microfone. Em vez disso, todas as falas são reproduzidas dos discursos lidos em tribuna na solenidade de inauguração do novo cenário.

Já o tempo da edição em 19 de junho de 2017, total de 42 minutos e 25 segundos, segue o mesmo padrão das edições analisadas em 2015. A disposição das notícias (polícia, política, esporte e mundo) também ocupa relativamente o mesmo espaço, com maior parte da edição dedicada à cobertura política brasileira.

A reportagem final daquela edição, assinada pelo repórter Pedro Bassan, conforme já mencionado, chama a atenção pelo discurso oficial de duas pessoas ligadas diretamente à direção da *Rede Globo*: o diretor-geral da TV *Globo*, Carlos Henrique Schroder, que diz que “o objetivo de tudo isso, é você, que nos assiste”, e do presidente do grupo *Globo*, Roberto Irineu Marinho, que afirma que “é um momento adequado para refletir com vocês sobre o que isso representa para todos nós e reafirmar nossos compromissos com o Jornalismo, com a continuidade dos nossos negócios e com o Brasil”.

O trecho do discurso de Roberto Irineu Marinho, presidente do grupo *Globo*, completa o raciocínio desta pesquisa ao atrelar a mudança do formato a uma questão mercadológica, assumindo a postura de empresa. A palavra “empresa”, inclusive, é citada por cinco vezes em seu discurso, reproduzido na reportagem de cinco minutos e 23 segundos. A fala do presidente do grupo *Globo* é de três minutos.

Somos e queremos continuar sendo uma empresa familiar, que olha para o longo prazo e - como diz um dos nossos valores - investe hoje para construir o futuro onde queremos viver. A preservação e a continuidade de nosso grupo de empresas é, portanto, o nosso segundo compromisso (MARINHO, 2017).

Com essa fala, Roberto Irineu Marinho confirma a hipótese inicial desta dissertação: a de que as transformações nos formatos, compreendidas agora como transformações, estão diretamente ligadas a uma questão empresarial, o que confirma que as mudanças visam à manutenção do padrão hegemônico da *Globo*.

Aqui, na íntegra, segue o texto e as observações da reportagem que encerrou aquela edição de 19 de junho de 2017. O texto da cabeça é lido com imagem aberta nos dois apresentadores, mas só William Bonner chama, enquanto Renata Vasconcellos sorri:

Cabeça: Pois bem. Desde o início desta edição do *Jornal Nacional*, você foi conhecendo, aos pouquinhos, a nossa casa nova. Mas nós ainda temos muito mais para mostrar.

Reportagem: Pedro Bassan

Off: São tantos monitores, tantas luzes, tanta inovação que, no primeiro momento, a tecnologia parece a estrela principal. Mas a nova redação do Jornalismo da *Globo* foi feita pensando em gente. Tudo a serviço da informação. Um espaço maior para unir, aproximar, integrar.

São 1.370 metros quadrados, o dobro do espaço anterior, 189 postos de trabalho, juntando os olhares, o talento e a experiência dos profissionais da *Globo*, da *Globo News*, e do *GI*, o portal de notícias na *internet*.

A notícia começa a nascer na sala de apuração. Nas telas, imagens do mundo inteiro, de canais internacionais e das equipes que estão na rua, prontas para entrar ao vivo.

O cenário do *Jornal Nacional* está no centro desse novo espaço. As câmeras robóticas têm os braços giratórios operados por controle remoto.

Passagem: Pedro Bassan: Como você já viu, as ilustrações do *Jornal Nacional* agora têm três dimensões. E isso é possível porque o novo cenário é formado por duas camadas de imagens. Primeiro um vidro de 15 metros em curva, que varia do fosco para o transparente. E, ao fundo, um telão gigante o de três metros de altura por 16 de largura. Uma janela para o mundo.

Off:

O processo é mais ágil do início ao fim, com as 18 novas ilhas de edição e as novas cabines de locução.

No teto, uma área verde que ajuda a controlar a temperatura do prédio, diminuindo o consumo de energia.

Hoje a nova redação viveu aquele clima de estreia de um grande cenário.

O diretor-geral da TV *Globo*, Carlos Henrique Schroder, disse que o objetivo de tudo isso, é você, que nos assiste.

Sobe-som discurso (na tribuna) Carlos Henrique Schroder, diretor geral da TV *Globo*: “E isso é tão importante porque ajuda a mudar a vida do brasileiro. Ajuda a trazer mais de perto esse bem maior que é a informação. E, ao olhar para o futuro, a gente vê que o Jornalismo de qualidade é o que permanecerá. E eu tenho certeza que juntos estamos construindo muito bem, com muita solidez esse caminho para o futuro”.

Off:

O presidente do grupo *Globo*, Roberto Irineu Marinho, deu as boas-vindas a todos.

Sobe-som discurso (na tribuna): Roberto Irineu Marinho, presidente do grupo *Globo* “Hoje é um dia para comemorar. Mais uma vez colocamos de pé um sonho, representado por essas fantásticas instalações que são fruto do esforço e da criatividade de tantas pessoas. Este é um momento adequado para refletir com vocês sobre o que isso representa para todos nós e reafirmar nossos compromissos com o Jornalismo, com a continuidade dos nossos negócios e com o Brasil. Nosso primeiro compromisso é com o Jornalismo e é significativo que, no auge de um período crítico da vida nacional, estejamos inaugurando um moderno estúdio de Jornalismo na *Globo*. Este investimento feito na quadra pela qual estamos passando significa reafirmar nossa paixão pelo Jornalismo e o compromisso com nossos princípios editoriais. O grupo *Globo* faz 92 anos este ano. A partir do meu avô, Irineu Marinho, fundador do jornal ‘O *Globo*’ em 1925, estamos na terceira geração a conduzir as nossas empresas. Nosso trabalho principal é cuidar da saúde do grupo de empresas e do exercício de sua missão e princípios, para entregá-lo saudável à próxima geração que continuará a mesma tarefa. Somos e queremos continuar sendo uma empresa familiar, que olha para o longo prazo e - como diz um dos nossos valores - investe hoje para construir o futuro onde queremos viver.

A preservação e a continuidade de nosso grupo de empresas é, portanto, o nosso segundo compromisso. Geramos 19 mil empregos diretos e 15.800 indiretos em prestadoras de serviços e pagamos R\$ 14,5 bilhões em impostos nos últimos cinco anos. Fazemos tudo isso com muito orgulho, pois assim fomos construídos pelos que nos antecederam. E nem saberíamos ser diferentes. Estamos totalmente

comprometidos com a sociedade brasileira. Só com uma empresa que permanece e se sustenta conseguimos produzir Jornalismo independente. Só com a busca incessante da verdade - essência do Jornalismo - se pode compreender nossas mazelas e identificar caminhos. E só uma sociedade que se reconhece e se valoriza constrói um caminho sólido para um futuro melhor. Parabéns a todos. Muito obrigado”. O discurso dura três minutos.

A reportagem encerra com um sobe-som de palmas e imagens da equipe. Após o encerramento da reportagem, William Bonner e Renata Vasconcellos se despedem da bancada com o tradicional “boa noite”.

Essa mudança periódica no formato do Telejornal aponta a necessidade de repensar questões de produção e consumo, por um lado, e, por outro, as questões de gêneros, formatos e os termos utilizados para denominá-los e classificá-los. Os novos modos de produção e de realização das adaptações desses modelos também oferecem um novo tema de reflexão: nem sempre as transformações ou transposições são garantia de sucesso. A estética dos programas de televisão vai sendo modificada das formas mais diversas e sob a influência de outras mídias.

Uma das propostas possíveis de classificação e que poderia ser desenvolvida em futuras pesquisas, decorrentes dessa dissertação de mestrado, é a inserção do prefixo "trans" para fazer referência aos formatos emergentes. Afinal, é necessário pensar as novas formas adotadas pelo Jornalismo a partir de uma perspectiva que leve em conta as mutações da sociedade e as necessidades do mercado, que, apesar das mudanças, vêm aderindo ao padrão tecno-estético da emissora.

O prefixo *trans*, em latim, significa: “além, para além; de um lado a outro” e é comumente empregado no sentido de trânsito, de variedade, de integração entre questões, em geral, compreendidas de maneira isolada. Remete, portanto, a algo passageiro, efêmero, não permanente: um estado transitório. Aponta-se, aqui, que esse prefixo também pode ajudar a explicar as mudanças contemporâneas sofridas pelo campo midiático, incluindo o telejornalismo. Isso significa que, bem como as atualizações no formato, devem ser constantes as pesquisas a respeito do assunto.

Tanto que tem sido recorrente o uso do termo *transmídia*, sobretudo com o advento da *internet*, embora nem sempre essa característica seja, de fato, explorada. De todo modo, um desdobramento possível para essa pesquisa pode estar nesse caminho; afinal, a transformação implica em multiplicidade de visões e de interpretações. Talvez essa seja uma das maiores necessidades do Jornalismo atual.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. [Trad. Vinicius NikastroHonesco]. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso.** Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p.637-651, set./dez. 2006.
- ANDRADE, Samária Andrade. **Jornalismo em mutação:** estudo sobre a produção de conteúdo na fase do capitalismo avançado. Teresina: EDUFPI, 2015.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.
- BARBOSA FILHO, **Gêneros radiofônicos:** os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Trad: Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zigmunt. **La Vie Liquide.** Rodez: le Rouergue/Chambon, 2006.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV.** São Paulo: Contexto, 2006, p.131-137.
- BOLAÑO, Cesar. **Mercado Brasileiro de Televisão.** 5. ed. Sergipe: UFS, 2004.
- BOLAÑO, César; BRITTOS, Valério. **A Televisão brasileira na era digital.** São Paulo: Paulus, 2007.
- BOLTER, J. David; GRUSIN, Richard. **Remediation:** Understanding new media. Cambirdge: MIT Press, 2002.
- BORELLI, Sílvia; PRIOLLI, Gabriel. (coords.). **A Deusa Ferida.** Por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da comunicação.** In: Verso e reverso, XXV(58): 62-77, janeiro-abril, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIAS 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2015. Disponível em: [http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-](http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de)

pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf. Acesso em: 22 jun. 2015.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRITTOS, Valério Cruz. **Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional**. Tese (Doutorado) em Comunicação. Universidade Federal da Bahia. Orient.: Sérgio Mattos. Salvador, 2001, 425 páginas.

CAMPONEZ, José Carlos, **Fundamentos de Deontologia do Jornalismo: a auto-regulação frustrada dos jornalistas portugueses (1974-2007)**. Dissertação de Doutorado em Letras na área científica de Ciências da Comunicação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009, p.323-395.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1990.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad.: Maria Luiza Borges. Revisão: Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

DEUZE, Mark. **What is Multimedia Journalism? Journalism Studies**, vol. 5, n. 2, 2004, p. 139–152.

DOURADO, Jacqueline Lima. **Rede Globo. Mercado ou cidadania?** 2ªed. Teresina: EDUFPI, 2012.

_____. (Org.). **Economia Política do Jornalismo: campo, objeto, convergências e Jornalismo**. Teresina: EDUFPI, 2013.

DOURADO, Jacqueline Lima; ANDRADE, Samária de Araújo. **Caminhos cruzados do Jornalismo e mercado: a produção de conteúdo do Jornal do Piauí**. In: DOURADO, Jacqueline (org.). **Economia Política do Jornalismo: campo, objeto, convergência e Jornalismo**. Teresina: EDUFPI, 2013.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **História da Beleza**. Trad. Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FECHINE, Yvana e FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema e Televisão no contexto da tranmediação. IN: Ribeiro, Sacramento e Roxo (orgs.), **História da Televisão no Brasil**. Do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010. (p. 281-310).

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis: Understanding New Media**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

FLORES, Ana Marta M. Jornalismo de inovação: um conceito múltiplo. **Brazilian Journalism Research**. V.13, n.2. 2017, pp.164-187.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. **Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción**. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em Jornalismo**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 7, no. 1, 2010, pp. 8-18.

FRANCISCATO, Carlos. Eduardo. **Possibilidades da Economia Política do Jornalismo nas interfaces entre estudos sobre Jornalismo e Economia Política da Comunicação**. In: DOURADO, Jacqueline. (Org.). Economia Política do Jornalismo: campo, objeto, convergência e regionalismo. Teresina: EDUFPI, 2013,

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012a.

_____. **Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo***. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos. Salvador: EDUFBA, 2012b, p. 39-58.

_____. **Metodologia de análise de telejornalismo**. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 17-47.

GRAMSCI, Antonio. **Seleções Front the Prison Notebooks**. New York: International Publishers, 1971

GUEDIN, Giorgio Rosso e DA CRUZ, Fábio Souza. **Informalidade e Credibilidade no Jornal do Almoço do Rio Grande do Sul: Um Estudo de Recepção**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Palhoça - SC – 8 a 10/05/2014, p. 1-15.

GUTMANN, Juliana Freire. Aspectos audiovisuais do *infotainment*: o CQC como propósito de análise. **Colóquio internacional. Televisão e Realidade**. Bahia. p.1-19. Outubro. 2008.

HEGEL, Georg. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Coleção Os Pensadores, 1ª ed. Editora: Abril Cultural, 1974.

HERMANN, Nadja. **Ética e Estética: a relação quase esquecida**. EDIPURCS, Porto Alegre, 2005.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo**. “Sim eu sou o poder” Roberto Marinho. Brasília: Tchê, 1987. Disponível em: http://www.4shared.com/account/file/22991446/9ce50810/Daniel_Heiz_A_historia_secreta_da_Rede_Globo.html. Acesso em: 01 de junho de 2015.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad.: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KALIKOSKE, A. Padrões tecno-estéticos e hegemonia televisiva no Brasil. In: **Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na região sul**, 11, 2010, Novo Hamburgo. São Paulo; Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul_2010/resumos/R20-1313-1.PDF>. Acesso em: 07 jul. 2016.

KEIRSTEAD, Philip O.; KEIRSTEAD, S-K. **Automating television news: a generation of change**. Tallahassee, Florida: Castle Garden Press, 1999.

LOONE, **Dicionário do pensamento social do século XX**. In: OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, T., Zahar, Rio de Janeiro, 1996, p. 453-456.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2001.

MACHADO, Elias. **Creatividad e innovación en el periodismo digital**. In: II Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010, pp.64-72.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINO, Luiz Cláudio. Abordagens e representação do campo comunicacional. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 3, n. 8, p. 33-54, nov. 2006.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica social e política** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MELO, José Marques de; MELO, Patrícia Bandeira de (org). **Economia Política da Comunicação: vanguardismo nordestino**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2013.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editores, 2004.

MÍDIA DADOS. Disponível em: <https://dados.media/#/dashboards/TELEVISION>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

MORAES, Dênis de. **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MOSCO, Vicent. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. **Comunicação e Sociedade I**: Cadernos do Nordeste, Braga, v.12, n1-2, p.97-120, 1999.

_____. Economia Política do Jornalismo. In: DOURADO, Jacqueline; LOPES, Denise; MARQUES, Renan (orgs.). **Economia Política do Jornalismo** - Tendências - Perspectivas e Desenvolvimento Regional. Teresina, EDUFPI, 2016, p. 43-68.

NEGÓCIOS REDE GLOBO. Disponível em: <http://negocios8.RedeGlobo.com.br/BIP/Paginas/home.aspx>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

NEWMAN, Nic. **Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2017**. Digital News Project. Reuters Institute for the Study of Journalism. 2017.

NORDFORS, David. The concept of innovation journalism and a programme for developing it. **Innovation Journalism**. vol1.n1. Maio 3, 2004.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de Oliveira. **O livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Eds.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PALACIOS, Marcos; BARBOSA, Suzana; FIRMINO, Fernando; CUNHA, Rodrigo. Aplicativos jornalísticos vespertinos para tablets: cartografia do fenômeno ante o desafio de uma produção original e inovadora. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre Jornalismo**. Vol.3, n°2, 2014, p.40-55.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV** - manual de telejornalismo - 2ª ed. Rio de Janeiro, Campus, 2006.

PLANTÃO BRASIL. *Jornal Nacional* bate recordes negativos de audiência e assusta a *Rede Globo*. Rio de Janeiro, 18 de março de 2017. Disponível em: <http://www.plantaobrasil.net/news.asp?nID=97027>. Acesso em 25 de março de 2017.

PERALTA, Miquel. **Teleinformatius**: la transmissió televisiva de l'actualitat. Barcelona: Trípodos, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa (org.). **A vida com a TV** – o poder da televisão no cotidiano. 2ª ed. Senac. São Paulo, 2002.

RAMOS, Murilo César. **Às margens da estrada do futuro**: Comunicações, políticas e tecnologia. Brasília: Coleção FAC, 2000.

RAYMOND, M. **Tendencias**: qué son, como identificarlas, en qué fijarnos, como leerlas, Londres: Promopress, 2010.

RD1. “Novo “*JN*” terá holograma de Maju, câmera que “treme” e vista panorâmica”. Rio de Janeiro, 18 de março de 2017. Disponível em: <http://rd1.com.br/novo-JN-tera-holograma-de-maju-camera-que-treme-e-vista-panoramica/> Acesso em 18 de março de 2017.

REQUENA, Jesus Gonzalez. **El discurso televisivo**: espectáculo de la posmodernidad. Madri: Cátedra, 1992.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula. Goulart; et al. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ROGERS, Everett M. **Diffusion of Innovations**. 5a ed. Nova York: The Free Press, 2003.

ROSSETTI, Regina. **Categorias de inovação para os estudos em Comunicação**. Comunicação & Inovação, v. 14, n. 27. São Caetano do Sul: jul-dez 2013, pp.63-72.

SAAD, Beth. **Estratégias para a mídia digital**: *Internet*, informação e comunicação. São Paulo: Senac, 2003.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCIA AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere Masip. **Concepto de convergencia periodística**. In: LÓPEZ GARCIA, Xosé; PEREIRA FARIÑA, Xosé (Orgs.). *Convergencia Digital: Reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

SEMENTILLE, PIROLO; SANCHES; RODELO; BREGA. **A Utilização da Técnica de Chromakey para Composição de Cenas em Ambientes de Realidade Aumentada**. Disponível em: <http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/svr/2007/0024.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2016.

SILVA, Fernanda Mauricio. **Talk show**: um gênero televisivo entre o Jornalismo e o entretenimento. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O globalismo como neobarbarie**. In: Moraes, Denis (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

STORYHUNTER. **The state of video in 2016**. Disponível em: <https://videostrategist.com/the-2016-video-report-6d4e81ff1d4a>. Publicação e acesso em: 6 dez. 2016.

STYCER, Mauricio. **Adeus, controle remoto**: uma crônica do fim da TV como a conhecemos. Arquipélago editorial, Porto Alegre, 2016.

TARAPANOFF, Fabíola. *Infotainment*: hibridismo de gêneros. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto-MG. p. 1-13. Junho. 2012.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes. **Jornalismo audiovisual para dispositivos móveis**: um estudo das formas de inserção de conteúdos audiovisuais. Tese (Doutorado) em Jornalismo. Universidade Federal da Bahia. Orient: Marcos Silva Palacios. Salvador-BA. 2015

TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Telejornalismo**: Em busca de um novo paradigma. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 7, no. 1, 2010, pp. 19-29.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed., v. 1, Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMANN, Gaye. **Making news**. New York: The Free Press, 1978.

TVFOCO. “*Jornal Nacional*” explode em audiência. *tvfoco*. São Paulo, 16 de março de 2016. Disponível em: <http://otvfoco.com.br/jornal-nacional-bate-recorde-em-sp-e-rio-confira-os-consolidados-desta-quarta-feira-160316>. Acesso em 02 de junho de 2016.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO

Glossário

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2006, p.131-137.

Âncora – apresentador de telejornal. Emite comentários e/ou faz análise dos assuntos abordados nas reportagens. Também pode ser o editor-chefe.

Arquivo – departamento do Jornalismo que seleciona e guarda imagens, exibidas ou não, e que poderão ser reutilizadas em perfis, retrospectivas ou quando for lembrar um episódio para contextualizar a matéria.

Arte - ilustrações com mapas, gráficos, vinhetas. Podem ser ou não animadas.

Audioteipe – texto gravado por telefone. É coberto com imagens ou com a foto do repórter e um mapa localizando o lugar de onde ele está naquele momento.

BG ou background – som de fundo. Ruídos do ambiente da gravação ou a música usada para sonorizar a matéria.

Blocos – segmentos do jornal separados por anúncios publicitários.

Break – intervalo comercial.

Cabeça – texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

Chamada – apresentador antecipa, numa entrada na programação ou em outro telejornal, os principais assuntos que serão exibidos.

Cinegrafista/repórter cinematográfico – é o profissional que opera a câmera e registra as imagens que vão ilustrar uma reportagem.

Close – plano de enquadramento fechado na cena, no objeto ou na pessoa que se quer destacar.

Deadline – Prazo para o repórter mandar para a redação fitas [cartões] com imagens, entrevistas e textos feitos na rua. O editor também tem tempo limitado para finalizar o trabalho. Para que o editor-chefe possa assistir ao VT e fechar o jornal com segurança, é ideal que a matéria esteja pronta, pelo menos quinze minutos antes da exibição.

Decupagem – Descrição por escrito, feita pelo editor de texto, com indicação dos minutos e segundo em que as imagens, entrevistas e passagem do repórter podem ser encontrados na fita [cartão].

Delay – é a falta de sincronia entre áudio e vídeo, que acontece em transmissões via satélite. A imagem chega primeiro que o som. Esse atraso decorre do tempo que o sinal leva para chegar até o satélite, que está a 36 mil km da Terra, e retornar a outro ponto da recepção.

Deixa final – identificação do que encerra a matéria – pode ser uma frase, uma imagem ou um sobe-som. Deve ser precisa, pois indica ao diretor de TV o momento de fazer um corte com o jornal no ar.

Edição – montagem de áudio e vídeo.

Editor-chefe – responsável pelo jornal. É dele a palavra final, a decisão, no fechamento, do que deve cair ou ser exibido.

Editor de imagens – técnico que monta a matéria ao lado do editor de texto.

Editor de texto – é o jornalista que faz a ponte entre a redação e o repórter. Troca ideias com a equipe que está na rua, ajuda na apuração e monta a matéria na ilha de edição, junto com o editor de imagem.

Edição linear – feita com equipamento em que é preciso rodar a fita para selecionar imagens que serão usadas [em desuso].

Edição não linear – ao contrário da edição linear, permite acesso direto às imagens, por utilizar equipamentos digitais em que as cenas são armazenadas no computador.

Escalada – manchetes sobre os principais assuntos do dia que abrem o jornal. São frases curtas cobertas ou não com imagens.

Espelho – previsão do que será o jornal, com a ordem de entrada das matérias e o tempo estipulado para cada uma delas. Ajuda a equipe a visualizar o conjunto da obra e o editor-chefe a não estourar o tempo previsto para o jornal.

Estourar – ultrapassar o tempo de produção do jornal ou deixar a matéria maior do que o previsto.

Fade – para editores de texto significa o tempo total do telejornal. Para os editores de imagem é um recurso técnico, um escurecimento na tela.

Flash-frame – Piscada branca e rápida que aparece nos pontos de corte de uma entrevista.

Frame – Media eletrônica. No Brasil trinta frames correspondem a um segundo de imagens gravadas.

Frisar – congelar a imagem.

Fusão – recurso de edição para suavizar cortes; sobreposição de imagens.

Gancho – atualidade ou informação que justifica realizar uma reportagem.

Geração – transmissão de imagens via satélite.

Gerador de caracteres – equipamento para inserir indicações escritas sobre imagens. Podem ser os nomes e as profissões dos entrevistados, tarjas com números citados numa reportagem ou a identificação do local de onde fala o repórter.

Ilha de edição – ambiente onde ficam os equipamentos de videoteipes [computadores] para a montagem das matérias.

Link – ligação entre dois ou mais pontos para transmissão, ao vivo, das imagens.

Matéria – o mesmo que reportagem.

Matéria bruta – não editada.

Mixagem – mescla de vários sons.

Monitor – aparelho usado em links e no estúdio para dar retorno de áudio e vídeo ao apresentador ou repórter que entrará ao vivo. Permite também avaliar a qualidade da transmissão.

Narração – gravação do texto.

Net – Indicação no espelho para uma entrada ao vivo. O mesmo que link.

Nota seca ou pelada – Texto curto sem imagens, lido ao vivo pelo apresentador.

Nota pé – vem depois da matéria e traz informações complementares.

Off – Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

Off-the-record ou em **off** – informação obtida de uma fonte que não quer se identificar.

Página – Lauda de antigamente, que agora aparece no computador. Redigida pelo editor, traz a cabeça que será lida pelo locutor, o tempo e a deixa de um VT. Fornece também indicações para o operador de caracteres: identificação dos entrevistados e dos repórteres, as imagens de arquivo e/ou tarjas com números.

Paginar – espécie de diagramação eletrônica. O editor-chefe prevê o que abre e o que fecha o jornal e separa as demais matérias por blocos.

Passagem de bloco – textos e imagens que encerram um bloco do jornal e chamam reportagens que serão apresentadas depois do intervalo.

Pauteiro – a função do pauteiro é marcar entrevistas, pedir autorização para a gravação de imagens, levantar dados por telefone, organizar essas informações e fazer um roteiro de trabalho para a equipe de reportagem.

Plano sequência – gravação ininterrupta, sem que a câmera seja desligada ou que sejam feitos cortes na edição.

Planos – enquadramentos feitos pelo cinegrafista. Existe, entre outros, o plano geral (imagem aberta, médio, americano, primeiro plano (*close*) ou primeiríssimo plano (imagem muito fechada ou *close up*).

Plantão – entrada na programação para noticiar um fato relevante que acaba de acontecer.

Ponto eletrônico – aparelho usado (no ouvido) por apresentadores se repórteres para receber orientações dos editores.

Povo-fala – entrevistas feitas aleatoriamente com pessoas na rua para colher uma amostragem de opinião sobre tema específico.

Press-release – material de divulgação elaborado por assessorias de imprensa.

Produtor – produtor é aquele que fareja a notícia, que corre atrás da informação até juntar as peças do quebra-cabeça que compõe uma investigação. Ele é capaz de reconhecer temas relevantes que podem se transformar em matérias e que passariam despercebidos para os outros. Exerce a função de repórter, embora não apareça no vídeo. São os produtores que descobrem matérias capazes de diferenciar um telejornal do outros.

Radioescuta – em busca de informações sobre a rotina na cidade os apuradores fazem as chamadas “rodas telefônicas”: ligam várias vezes ao dia para a polícia, Corpo de Bombeiros, associações de bairro, Câmara de Vereadores e dezenas de outras “fontes fixas”. Acompanham, ainda, os noticiários das emissoras de rádio, função que dá nome ao setor.

Repórter – jornalista que recolhe as informações, redige o texto e faz entrevistas para a construção de uma reportagem. Realiza também entradas ao vivo.

Retranca – Indica o assunto da matéria.

Slow motion – efeito usado na edição para deixar a imagem mais lenta.

Sonora – entrevista gravada.

Stand-by – matérias que não são necessariamente exibidas. São usadas pelo editor-chefe para afinar o tempo do jornal. Se for preciso preencher um buraco, elas entram. Se o jornal estiver estourado, permanecem em *stand-by*.

Stand-up – o mesmo que flash ou boletim. Recurso usado para dar uma notícia importante em cima da hora ou que não tenha imagens.

Swicher – sala de controle com mesa de corte. É de onde o diretor de TV e o editor-chefe coordenam as entradas das matérias, dos links e o movimento das câmeras do estúdio.

Take – cena, tomada.

Teaser – texto curto, gravado pelo repórter para chamar a atenção para as matérias na escala. Podem ser usadas também cenas do VT que mereçam destaque.

Teleprompter – equipamento adaptado às câmeras de estúdio que permite a visualização dos textos, lido à distância por quem está na bancada.

VT ou videoteipe – equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo. Mas o termo VT é comumente empregado para se referir à matéria editada.

Viewfinder – retorno de vídeo da câmera que permite ao cinegrafista ver o que está sendo gravado e checar a qualidade da recepção.

APÊNDICE

Decupagem e análise descritiva do *Jornal Nacional*

Jornal Nacional 20 de abril 2015 (segunda-feira)

Assunto 1

Terremoto

Loc off (imagem aberta nos dois apresentadores, Renata Vasconcelos lê, mas William Bonner também aparece na chamada da notícia)

“Uma pessoa morreu e outra ficou ferida em um terremoto em Taiwan”. A notícia é coberta com imagens do *Globo* terrestre e uma arte que localiza Taiwan no *Globo*. Não aparecem imagens da localidade propriamente dita.

Tempo: 00:21

Assunto 2

Temporal

Loc off (Em seguida é o contrário: imagem aberta nos dois apresentadores, Renata Vasconcelos aparece, mas William Bonner chama a notícia)

“Aqui no Brasil um temporal causou a morte de duas pessoas em Xanxerê, ao oeste de Santa Catarina hoje à tarde”.

Nas imagens entra um pequeno mapa que localizada a região, e aparecem ainda imagens das casas atingidas, ginásio que desabou, das casas sem luz e escolas sem aula. 100 pessoas ficaram feridas e 15, em estado grave.

Tempo: 00:23

Assunto 3

Temporal e saúde

Loc off (Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Renata fala)

“Em São Luiz quase 50 crianças tiveram de ser transferidas do hospital municipal depois da chuva do fim de semana”. As imagens da chuva são de “cinigrafista amador”, assim creditadas. A posição da Secretaria Municipal de Saúde é falada enquanto as imagens são mostradas. Em seguida, são mostradas imagens já feitas pela emissora dos outros transtornos causados pela chuva nas demais regiões da cidade.

Tempo: 00:21

Assunto 4

Polícia

Reportagem de César Galvão, São Paulo

(Começa aberto nos dois apresentadores e fecha depois na âncora)

“A polícia de São Paulo anunciou que tem os nomes de dois suspeitos da chacina de torcedores do Corinthians no Pavilhão nove. Oito homens foram executados no sábado à noite e o motivo pode ter sido a disputa por tráfico de drogas”.

A reportagem mostra a sede trancada com imagens feitas por cima do muro. Em seguida, entram imagens das câmeras de segurança de um posto de combustíveis que fica do lado da quadra da escola e mostram o corre-corre durante a ação dos bandidos. A reportagem também dispõe de simulação virtual que exhibe torcedores pintando a bandeira do Corinthians, quando três homens armados entraram e balearam os oito homens. Um delegado é ouvido a respeito da disputa de um ponto de venda de drogas entre os envolvidos.

Tempo: 02:50

Assunto 5

Religião

Loc off (imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Bonner chama a notícia)

“O arcebispo de Brasília, Dom Sérgio da Rocha, foi eleito presidente da CNBB”. 400 bispos participaram da eleição no santuário de Aparecida. As imagens mostram Dom Sérgio e o antigo arcebispo, Dom Raimundo Damasceno.

Tempo: 00:20

Assunto 6

Mundo – Tráfico humano

Reportagem de Ilze Scamparini, Roma

(Cabeça fechada no Bonner)

“Autoridades maltesas e italianas estão tentando resgatar embarcações que partiram com centenas de migrantes e afundaram perto do litoral da Líbia e da Grécia”.

A reportagem começa mostrando um vídeo de um site e dá crédito ao mesmo, depois usa uma arte com um mapa para localizar as regiões dos afundamentos das embarcações. A repórter mostra ainda uma reunião em Luxemburgo, onde autoridades criticam a Europa pelo controle a chegada de migrantes e pouca preocupação com as vidas das pessoas. Na passagem a repórter finaliza dizendo: “Tragédia humana exige soluções urgentes, mas por enquanto a política não tem uma solução”.

Tempo: 02:41

Assunto 7

Mapa tempo com Eliana Marques

Fala do feriado do dia seguinte, se movimenta pelo estúdio. À direita fala de fenômenos como “zona de convergência intertropical” e à esquerda mostra as temperaturas mínimas e máximas no mapa. Participação visivelmente gravada e sem interação com os apresentadores.

Tempo: 01:21

Assunto 8

Política

Stand-up intercalado com imagens e uma sonora

Imagem fechada em Bonner que chama a notícia

“Cunhada do ex-tesoureiro do PT prestou hoje depoimento a força tarefa da operação lava jato. Ela negou ter recebido propina em nome de João Vacari Neto”.

A repórter Malu Magal, de Curitiba, dá as informações sobre o depoimento, duração, local: “O interrogatório de Marice Correia de Lima durou mais de 2 horas...”, fala que ela negou as acusações, mostra imagens de quem o acusava e a posição do advogado de defesa rapidamente. Em seguida, ela fecha a notícia falando que foi decretada a prisão temporária da cunhada de Vacari.

Tempo: 01: 10

Assunto 9

Política

Loc off (Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Renata chama a notícia)

“O Ministro da Fazenda, Joaquim Levi, falou que a divulgação do balanço da Petrobrás vai marcar a reconstrução da estatal”. Entram imagens e a apresentadora narrando “...Falando em inglês, o ministro disse que a divulgação deve diminuir a desconfiança de investidores...”

Volta Renata em notapê: “Levi também defendeu a presença de profissionais do mercado no conselho da Petrobrás em vez de indicações motivadas por interesses políticos”.

Tempo: 00:35

Assunto 10

História

Reportagem sobre Tiradentes de Ismar madeira, Minas Gerais

(Imagens fechadas no Bonner)

“Amanhã é dia de Tiradentes, um dos líderes da inconfidência mineira, condenado a morte há mais de 200 anos. Na *internet*, agora é possível encontrar detalhes da condenação”.

A reportagem mostra as relíquias, documentos do século XVIII guardados cuidadosamente, e que a partir de então, foram digitalizados, por meio do portal da transparência.

Tempo: 02:02

Com notapé tempo 02:06

“O caminho para o portal da inconfidência tá na página do *Jornal Nacional* na internet”. Nos créditos entra o endereço do portal: *GI.com.br/jornalnacional*.

Um veículo servindo como suporte para o outro, a televisão “alimentando” o portal em publicidade, o que pode ainda ser entendido como *convergência empresarial* e de conteúdo.

Assunto 11

Política – Reportagem de Carlos de Lanoy, Rio de Janeiro.

A cabeça começa fechada na Renata, depois a imagem abre e mostra os dois apresentadores: “O *Jornal Nacional* teve acesso a relatório do Tribunal de Contas da União sobre obras da Petrobrás investigadas na operação Lava Jato...”

O repórter Carlos de Lanoy explica o que são aditivos e como eles contribuem com a corrupção, como contratos, valores e prazos, são alterados após o processo de licitação. A reportagem mostra as obras em todo o país, valores antes e após os aditivos, e ao informar os valores, é usado o barulho de uma máquina registradora. O repórter não faz passagem, mas aparece em uma entrevista.

Tempo: 02:24

Assunto 11 (Continua o assunto por isso permanecemos com o número 11, porém há uma intervenção do âncora)

Política – Reportagem de Carlos de Lanoy, Rio de Janeiro

Agora William Bonner chama mais uma reportagem do mesmo assunto e feita pelo mesmo repórter.

Cabeça: “Além da corrupção, especialistas apontam a falta de planejamento como outro problema, em grandes obras da Petrobrás.

A reportagem começa mostrando o complexo petroquímico do Rio de Janeiro, uma simulação virtual é usada para explicar como o aditivo foi usado nessa obra. A reportagem mostra ainda que falhas nos projetos estão entre as principais causadoras de aditivos. Um especialista fala que os partidos políticos não deveriam ter tanta influência em empresas políticas, apontando essa com uma das principais causas da corrupção.

Tempo 03:46

Em notapé a vem oposição da Petrobrás sobre as denúncias.

Essas duas reportagens feitas pelo mesmo profissional e sobre o mesmo assunto totalizam cerca de 6 minutos dedicados aos escândalos envolvendo a Petrobrás.

Assunto 12

Aniversário de 50 anos da emissora

O assunto começa com uma imagem aberta nos apresentadores, depois fecha na Renata.

Cabeça: “Nesta semana a *Globo* vai comemorar 50 anos e a comemoração aqui no *Jornal Nacional* vai ser inédita. Nós resolvemos provocar a memória dos autores das principais reportagens ao logo dessas 5 décadas e escolhemos 16 repórteres que representam os profissionais da emissora para dividir emoções, informações e pra lembrar os bastidores”.

William Bonner entra com os 16 repórteres em torno de uma grande mesa, no estúdio do Projac, lembrando as principais coberturas nacionais e internacionais de 1969 até 2015, sempre exaltando a presença dos profissionais e da emissora no Brasil e no mundo. É uma espécie de bate papo comandado pelo âncora do *Jornal Nacional* com os repórteres do programa, intercalado com imagens dos acontecimentos lembrados. O quadro foi gravado e totaliza 20 minutos e 55 segundos, quase a metade do tempo total do jornal naquele dia dedicado ao aniversário da emissora, assunto de interesse institucional.

Jornal Nacional 21 de abril 2015 (terça-feira)

Publicidade que abre o jornal de 15 segundos do novo amaciante Downy concentrado (“Vista-se de perfume o dia todo com Downy”)

O jornal começa falando sobre a crise econômica e o cenário contraditório de aumento de verba para partidos políticos.

Assunto 1

Política – Reportagem sobre aumento de verba para partidos políticos, de Zileide Silva, Brasília.

A notícia é lida por William Bonner, mas a imagem mostra os dois apresentadores. Renata ajeita os papéis sob a bancada e, depois, olha para William.

Cabeça: “O orçamento federal deste ano triplica dinheiro público destinado a partidos. Justamente no momento me que o governo tem anunciado corte de gastos”.

Entra a reportagem de Zileide Silva, mostra que, na proposta original, o governo falava em R\$ 289 milhões para o fundo. Agora vão ser R\$ 867 milhões. Um gráfico apresenta os dados. A reportagem mostra um economista que diz que tal medida é um erro, segundo o economista José Matias-Pereira. O líder da oposição no Senado também critica a medida e o líder do governo na Câmara defendeu o aumento.

Zileide Silva encerra a reportagem com a passagem: “Se vetasse o aumento, a presidente Dilma teria que mandar uma medida provisória para o Congresso com um novo valor para o fundo partidário. O que abriria uma nova discussão com os parlamentares. Agora, ela vai ter 30 dias para anunciar o corte no orçamento que pode chegar a R\$ 80 bilhões. E nesta terça-feira (21), em Portugal, o vice presidente Michel Temer lembrou que o fundo partidário também poderá ser cortado. Ou seja, mesmo aprovado, parte do dinheiro não seria entregue aos partidos este ano”. A passagem é gravada à noite já em frente ao Palácio do Planalto.

Tempo: 02:02

Assunto 2

Reportagem de Márcio Gomes, de Tóquio

Imagem aberta nos dois, mas só Renata chama:

Cabeça: “O trem de levitação magnética que está em teste no Japão bateu, nesta terça-feira, o recorde mundial de velocidade. O chamado Maglev vai substituir o trem bala”.

Texto da reportagem feita só com imagens, off, áudio do trem e passagem do repórter. Sem sonoras:

Off

O recorde mundial foi batido pela composição em uma pista experimental fora de Tóquio: 603 km/h. A marca anterior: 590 km/h. Vai tão rápido que é mais fácil olhar do alto. O trem literalmente voa, pois usa a tecnologia de levitação magnética. A uma distância de cerca de dez centímetros do chão, o Maglev flutua, impulsionado por um sistema de campos magnéticos, como ímãs que se repelem.

Nesse trecho do texto: o repórter exalta o fato de *Jornal Nacional* testemunhar o que eles chamam de “trem do futuro”.

O *Jornal Nacional* já esteve nessa pista, e testemunhou a fascinação que o trem do futuro e sua incrível velocidade exercem sobre os japoneses.

Passagem de Márcio Gomes

“O teste serve para verificar não apenas a velocidade, mas também a estabilidade do trem. Mas ainda está longe o dia em que essa nova tecnologia vai substituir os atuais trem-bala. O plano dos japoneses é de que a primeira composição de Maglev entre em operação ligando as cidades de Tóquio e Nagoia no ano de 2027”.

Tempo:01:18

Assunto 3

(Publicidade 15 segundos antes da vinheta – promoção première play Bhrama e futebol)

Política

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Renata chama a notícia, depois imagem fechada nela.

Reportagem de Ismar Madeira, São João Del Rei-MG, sobre as homenagens ao primeiro presidente civil eleito no país, Tancredo Neves. Reportagem também exalta o fundador do partido político, PMDB. O assunto é destacado em um tempo relativamente grande em relação aos demais assuntos.

Cabeça: “Neste 21 de abril, dia de Tiradentes, herói da Inconfidência, Minas Gerais lembrou também a importância de um líder político que morreu há exatos 30 anos. O primeiro civil que ocuparia a presidência da República depois do ciclo de generais presidentes do golpe de 64 não chegou a assumir o cargo”.

Reportagem

Começa com sobe-som

Off

Banda de música e cavalgada. Em São João del Rei a estátua de Tiradentes fica em frente à de Tancredo Neves. Os dois são personagens da história brasileira e mortos em 21 de abril. Tiradentes, no século XVIII e Tancredo, há exatos 30 anos, quando o Brasil vivia um momento de reabertura política.

Passagem:

Tancredo Neves foi o primeiro civil eleito presidente da República depois da ditadura militar, mas não chegou a tomar posse. A carreira política começou em São João del Rei, como vereador, em 1935.

Off

Tancredo foi eleito deputado estadual e várias vezes deputado federal. Exerceu o cargo de ministro da Justiça de Getúlio Vargas. E, mais tarde, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, foi primeiro-ministro, no curto período do parlamentarismo no Brasil.

Tancredo ajudou a fundar o PMDB. Foi senador, governador de Minas Gerais e participou ativamente do movimento pelas Diretas Já, ao lado de Ulysses Guimarães.

Com a derrota no Congresso Nacional da emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas para presidente, em 1984, Tancredo foi lançado candidato à presidência da República, para a eleição indireta. Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente da República pelo colégio eleitoral.

“Com enorme capacidade política, liderou um movimento de conciliação nacional, que permitiu a transição de um regime fechado para a democracia dentro dum clima de paz e de entendimento”, afirma Francisco Dorneles, sobrinho de Tancredo Neves.

A chapa era formada por partidos reunidos na Aliança Democrática. O vice era José Sarney.

“Eu acho que ele saiu do patamar de grandes políticos brasileiros, dos grandes estadistas, para se colocar em outro patamar, que é o patamar dos heróis”, destaca Sarney.

Mas na véspera da posse, Tancredo foi internado. Durante 38 dias, o Brasil viveu uma vigília pela saúde do presidente eleito. Ele morreu aos 75 anos, em 21 de abril de 1985.

Milhares de brasileiros se despediram do presidente em São Paulo, em Brasília, em Belo Horizonte e em São João del Rei, onde o corpo foi sepultado.

Nesta terça-feira, uma missa lembrou a data. No túmulo de Tancredo, as homenagens de quem faz questão de recordar um momento histórico do país.

Tempo: 03:02

Assunto 4

Prestação de serviços

Imagem aberta nos dois, mas só Renata chama a reportagem.

Cabeça: “Receber ofertas comerciais por telefone já deixou de ser novidade há muito tempo no Brasil. É uma estratégia de venda comum, aqui e no exterior. Mas tem empresa por aí abusando”.

Reportagem de Lílian Teles, Rio de Janeiro, sobre direitos do consumidor que recebe ofertas comerciais por telefone.

Reportagem:

Começa com sobe-som telefone tocando

Off

O toque do celular pode anunciar uma grande dor de cabeça. São muitas as chances da ligação ser de algum call center pelo Brasil. Chamadas de empresas tentando vender algum produto, oferecendo vários pacotes de *internet*. “Minha mulher diz: 'Olha, estão ligando pra você'. Digo: 'Já sei me oferecendo alguma coisa'. Faça-me o favor, né?”, conta o aposentado Mairlo da Silva. Em qualquer ponto do país, tem sempre alguém reclamando.

O problema de Eduardo, de Florianópolis, é com uma operadora de telefonia, oferecendo um pacote com muita insistência. “Desde dezembro, eu venho recebendo de três a sete ligações por dia de telemarketing agressivo”, afirma o empresário Eduardo Luz.

Essa facilidade de acesso ao consumidor gera curiosidade. “Não sei como eles descobrem o telefone”, diz uma mulher.

Marcus é diretor de tecnologia na área de informática e conta que muitas empresas compram listas de cadastros, com informações de consumidores, incluindo o número do telefone.

“Tem uma máquina que vai lá e disca centenas, dezenas de ligações por segundo e aí repassa a ligação pro atendente”, explica o diretor de tecnologia Marcus Cavalcanti.

Passagem: “Na legislação nacional, não há uma referência específica sobre publicidade de empresas em telefones particulares. Nem o Código de Defesa do Consumidor prevê uma punição para esse tipo de atividade. Mas isso não significa que o consumidor esteja de mãos atadas e seja obrigado a aturar esse tipo de situação”.

“A Constituição prevê o direito à privacidade. Então, o consumidor não pode ter a sua privacidade violada em nenhum momento. O consumidor pode buscar, primeiro, a própria agência que faz este tipo de publicidade para que seja retirado o nome. Seria a maneira mais rápida. Mas caso a empresa se negue ou simplesmente ignore este tipo de pedido, o consumidor deve buscar os órgãos de defesa do consumidor ou o Poder Judiciário”, explica o advogado da Proteste Weberth Costa.

O mineiro Wagner finalmente conseguiu falar com o atendente da operadora que fez 15 chamadas diárias durante 45 dias.

“Às vezes, o comando não levava a uma pessoa, até um atendente um ser humano. Porque era uma máquina. Eu tive a felicidade de ouvir a promoção e ser atendido por uma pessoa e aí sim ela fez a retirada do meu telefone, do meu número dessa lista”, diz o produtor de eventos Wagner Fonseca.

Tempo sem notapé: 02:48

Notapé: (fechada na Renata)

Em nota, a Associação Brasileira de Telesserviços afirmou que as empresas cumprem as normas estabelecidas pelo Programa Brasileiro de Autorregulamentação do Setor de Relacionamento. Uma delas limita o contato com os clientes ao horário comercial.

Tempo: 03:01

Assunto 5

Política

Reportagem de Malu Mazza, Curitiba.

Imagem fechada em William Bonner, que chama a matéria

A reportagem mostra as imagens de Marice, cunhada de João Vaccari Neto, apresentadas pelo Ministério Público, que denunciariam o envolvimento dela com o depósito da “mesada” da irmã. A reportagem fala o tempo todo do juiz Sérgio Moro, mostra documentos apresentados por ele, mas ele não dá declarações a repórter.

Cabeça: “A Justiça Federal do Paraná prorrogou por mais cinco dias a prisão de Marice Correa de Lima, cunhada do ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto, que também está preso”.

Reportagem

Off:

Na decisão, o juiz Sérgio Moro disse que a cunhada de João Vaccari Neto faltou com a verdade no depoimento dado na segunda-feira (20) à Polícia Federal.

(Os documentos são mostrados na reportagem com destaque em tamanho maior na tela)

O juiz concluiu que foi Marice quem depositou em espécie e em pequenos volumes, um total de R\$ 583 mil, entre 2008 e 2014, na conta da irmã dela, Giselda Rousie de Lima, que é esposa de João Vaccari Neto.

No depoimento, os investigadores perguntaram a Marice se ela realizou depósitos em espécie na conta da irmã - inclusive no ano de 2015. Marice afirmou que não.

Mas o Ministério Público apresentou imagens, registradas no mês passado, do sistema de segurança do banco em que Giselda tem conta. Segundo o Ministério Público, a mulher do vídeo fez um depósito no caixa automático.

Depois de analisar as imagens, o juiz Sergio Moro concluiu que elas não deixam qualquer margem para dúvida de que a pessoa em questão é Marice Correa de Lima.

De acordo com o Ministério Público, tudo indica que Giselda recebe uma espécie de mesada de fonte ilícita e que os pagamentos são feitos por Marice.

Passagem da repórter: “O juiz Sérgio Moro destacou ainda que a cunhada do ex-tesoureiro do PT teria continuado a fazer os depósitos na conta da irmã, mesmo com o início da Operação Lava Jato. O Ministério Público identificou registros de pagamentos nos meses de março, junho e dezembro do ano passado. Nos próximos dias, Marice vai prestar um novo depoimento. Os investigadores querem saber a origem do dinheiro dos depósitos”.

Notapé fechado no Bonner com a posição do advogado de Marice.

Tempo: 01:57 com notapé

Assunto 6

Mundo/ Tráfico humano

Reportagem de Ilze Scamparini sobre tráfico de pessoas

Imagem fechada na Renata, que chama a notícia:

Cabeça: “O capitão do barco que naufragou com imigrantes da Líbia no domingo (19), no Mar Mediterrâneo, foi preso na Itália, acusado de múltiplos homicídios. Mais de 900 pessoas estão desaparecidas”

A reportagem começa com imagens cedidas por TV Corrieri, com o devido crédito, e só depois imagens próprias da emissora. A reportagem usa ainda imagens do site www.rodaki.br do momento do naufrágio.

Reportagem:

Off:

Chicoteados como escravos porque a família não pagou livrá-los do castigo. Assim são tratados na Líbia os que fogem dos países em conflito no norte da África ou no Oriente Médio. O vídeo foi gravado por um jovem que conseguiu chegar à Europa. Brutalidade, extorsão e racismo são comuns por parte dos traficantes de seres humanos.

O capitão do barco, o tunisiano Mohamed Al Malek, estava bêbado durante a viagem, segundo os passageiros. A procuradoria siciliana afirmou que ele abandonou o leme quando se aproximou do cargueiro português, para não ser reconhecido. Houve o choque contra o navio, as pessoas se assustaram e a embarcação virou.

A polícia italiana prendeu o capitão e um dos marinheiros. E está investigando a identidade de uma poderosa quadrilha que atua na Líbia e tem ramificações em vários países mediterrâneos.

Nesta terça-feira (21), foram divulgadas as imagens do momento do naufrágio do barco perto da Ilha de Rodas.

O primeiro-ministro da Itália, Matteo Renzi, obteve apoio de outros líderes europeus para bombardear os barcos que os traficantes usam para transportar os migrantes. Mas a decisão depende da aprovação da ONU.

Passagem: “Os mortos pesam na consciência da Europa. Mesmo assim, a estratégia escolhida deverá ser o controle da entrada dos migrantes. Na quinta-feira (23) os líderes do bloco vão anunciar uma ação comum para combater a imigração clandestina. Uma representante do Vaticano considerou monstruoso que essas pessoas sejam impedidas de fugir da guerra e da fome”.

Tempo: 01:49

Notapé: (Fechado na Renata)

A guarda costeira italiana informou que, entre segunda-feira (20) e esta terça-feira (21), resgatou 750 imigrantes que estavam abandonados no mar, em botes de borracha. Outros 446 foram retirados de um barco pesqueiro e levados para a Itália.

Tempo: 02:12

Assunto 7

Transporte aéreo

Imagem aberta nos dois, mas só Bonner chama a reportagem de César Galvão, São Paulo.

Cabeça: “Balões no céu de São Paulo provocaram a interrupção do tráfego aéreo no Aeroporto de Congonhas nesta terça-feira (21) de manhã”

A reportagem usa imagens do Serviço Regional de Proteção ao Voo para mostrar os balões no aeroporto, mas, em seguida, usa imagens próprias em que o repórter diz que a equipe também “flagrou” os balões.

Reportagem

Off

De repente, um balão cai no meio do Aeroporto de Congonhas. Ventava forte e ele foi arrastado da pista até o gramado, bem na hora em que um avião pousava.

Dois centros de controle da Aeronáutica e a torre do Aeroporto de Congonhas passaram a manhã em estado de alerta. Os pilotos dos aviões que se aproximavam eram avisados sobre o perigo. Um deles recebeu a ordem para interromper o pouso.

Sobe-som: da conversa do piloto com a torre de controle.

Torre de Comando: 0-7, a torre.

Piloto: Na escuta. Prossiga.

Torre de Comando: A gente vai precisar fazer a retirada do balão. Inicia o procedimento de aproximação perdida. Subindo conforme a carta e chama o controle.

Piloto: Ok, descendo a aproximação perdida.

Outros aviões que estavam na fila para pousar são avisados:

Torre de Controle: Só para informação: o Air Bus da companhia à frente arremeteu. No momento, aguarde novas instruções e prepare-se para uma possível arremetida.

Piloto: Ciente.

Off

O operador corre para evitar mais riscos. Quando ele chega perto, o balão pega fogo. E ele recolhe o que sobrou. Na mesma hora, nossas equipes flagraram outros nove balões, bem perto dos aviões que sobrevoam São Paulo. Um deles caiu no meio da mata. Por sorte, já estava apagado. A polícia Ambiental disse que quem for flagrado soltando balão é indiciado. E ainda paga R\$ 5 mil de multa. Mas, nesta terça-feira, ninguém foi preso.

O operador corre para evitar mais riscos. Quando ele chega perto, o balão pega fogo. E ele recolhe o que sobrou. Na mesma hora, nossas equipes flagraram outros nove balões, bem perto dos aviões que sobrevoam São Paulo. Um deles caiu no meio da mata. Por sorte, já estava apagado. A polícia Ambiental disse que quem for flagrado soltando balão é indiciado. E ainda paga R\$ 5 mil de multa. Mas, nesta terça-feira, ninguém foi preso.

Tempo: 01:28

Assunto 8

Meio ambiente / Tornado

Publicidade Downy

Começa aberto nos dois, mas só William chama a reportagem de Kíria Meurer, Xanxerê- SC Cabeça: “O governo de Santa Catarina decretou estado de calamidade pública na cidade de Xanxerê, que fica no oeste do estado, e foi atingida por um tornado na tarde de segunda-feira (20). Duas pessoas morreram e mil estão desabrigadas. Dos mais de 100 feridos, 23 continuam internados. Três em estado grave”.

A reportagem começa com um vídeo de um cinegrafista amador, que mostra o início do tornado, a edição usa uma arte de um funil para explicar o fenômeno. A repórter faz três passagens do tipo presencial, em que mostra como o tornado aconteceu e os estragos que vieram com ele.

Off

Foram quase três minutos de terror. Segundo os meteorologistas, os ventos podem ter ultrapassado 250 km/h.

Passagem 1:

“O tornado veio da direção de montanhas e arrancou a copa de árvores, deixando tudo destruído. A força do vento foi tão grande que um caminhão chegou a tombar”.

O vídeo de um cinegrafista amador mostra o início do tornado. Ele surgiu a partir do choque térmico de uma massa de ar frio vinda do Sul e de outra de ar quente que já estava sobre Santa Catarina. S ventos formaram um funil gigante, que saía da base da nuvem e tocava o solo.

Na cidade de 47 mil habitantes, 2,6 mil casas foram atingidas. Uma delas voou cerca de dez metros e foi parar no meio da rua.

Amarildo estava em casa quando o tornado chegou. “Me esconde dentro do banheiro da casa, porque foi um susto. Quando eu abri a porta, o vento levou tudo para cima. Eu vi telha. Fechei o olho e comecei a rezar, pensei que ia morrer”, ele conta.

Passagem 2:

A repórter mostra os estragos.

O principal ginásio de esportes Xanxerê desabou. O vento forte também derrubou dez torres de transmissão de energia, cada uma pesando em torno de 15 toneladas.

Pelo menos mil moradores de estão desabrigados. “A nossa prioridade é restabelecer o acesso às residências. Estamos cortando árvores, ajudando na retirada de entulho, para que as pessoas consigam acessar seus bens e suas residências”, explica um bombeiro.

O Corpo de Bombeiros levou 140 feridos para os hospitais. Duas pessoas morreram.

Passagem 3:

“Nesse ponto aqui, um homem morreu tentando salvar o filho de 4 anos. Quando o tornado chegou, ele se jogou sobre a criança, mas foi atingido pelos escombros e não resistiu. O menino está internado no hospital estado grave”.

Tempo: 02:54 Notapé fechado no Bonner

“O município de Ponte Serrada, que fica no oeste de Santa Catarina, a 60 quilômetros de Xanxerê, também foi atingido por outro tornado na tarde de segunda-feira. Duzentas casas ficaram danificadas e a cidade está sem luz. Em Xanxerê, 30% dos moradores estão sem energia elétrica”.

Tempo: 03:09

Assunto 9:

Publicidade Downy amaciante 15 segundos

Loc off

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Renata chama.

Cabeça: “No Amazonas foi registrado um outro fenômeno”

Cobre com imagens: Um tornado formado sobre o rio Amazonas causou uma tromba d’água que durou menos de 10 minutos e não causou estragos”.

As imagens usadas no loc off são cedidas por Kássio Júnior. O jornal usa imagens de particular.

Tempo: 00:12

Em seguida, cai direto para a vinheta do mapa tempo (sem chamada dos apresentadores) com Eliana Marques informando a previsão de temporal no país para o dia seguinte. Quadro gravado e sem diálogo com os apresentadores.

Tempo: 01:03

Assunto 10

Futebol

No site há a chamada de um loc off

“Barcelona ganha novamente, despacha PSF e está na semi da liga dos campeões da Europa”. Ao lado a foto de Neymar comemorando gol marcado pelo Barcelona, mas ao clicar no vídeo, encontramos a seguinte informação: “Conteúdo não disponível. Infelizmente este vídeo não está mais disponível. Desculpe-nos pelo inconveniente”. Não há informações sobre o motivo pelo qual o vídeo não está mais disponível.

Assunto 11

Cabeça fechada na Renata: “Nesta semana em que a *Globo* completa 50 anos, o *Jornal Nacional* está provocando a memória de 16 jornalistas, repórteres que testemunharam a história relembram trabalhos que fizeram, os bastidores desses trabalhos. No segundo episódio da série, eles nos levam numa viagem de volta a 1975”.

Na segunda reportagem da série gravada no estúdio do Projac, no Rio de Janeiro, William Bonner e 16 repórteres falam sobre o trabalho no período de 1975 a 1984, da ditadura militar. Mortes censuradas, segundo Bonner “não se podia dizer sobre cassação”, mas também foi um período de início de mudanças, quando presidente Geisel concedeu entrevista a *Globo*. Segundo os repórteres que participam daquela série, naquela época dos presidentes não davam entrevistas. A série fala das dificuldades de trabalhar, cobrir política no período da ditadura, e do que eles consideram mérito, avanços, conquistas nas coberturas. O bloco 4 é integralmente dedicado ao aniversário da emissora a exemplo do dia anterior.

Tempo: 21:49

Jornal Nacional 22 de abril de 2015 (quarta-feira)

Publicidade de 30 segundos da Crefisa, financeira de créditos.

Curto com apenas um temática: política. Um ao vivo, um stand-up e uma nota seca.

Assunto 1

Política

Imagem aberta nos dois apresentadores. Renata: “Olá, boa noite”, Bonner: “Boa noite”!

Renata chama a notícia.

Cabeça: “A Petrobras divulgou, na noite desta quarta-feira (22), o balanço auditado da empresa, que tinha sido adiado duas vezes. Esse balanço financeiro traz o tamanho das perdas provocadas pela corrupção investigada na Operação Lava Jato. O repórter Paulo Renato Soares está na sede da Petrobras, no Centro do Rio”.

Ao vivo do Rio de Janeiro, em frente à sede da Petrobrás, o repórter Paulo Renato Soares, dá as informações. Discretamente, ele olha para o celular enquanto fala, como se estivesse lendo algumas informações ali escritas. Durante a fala dele entra uma arte com destaque dos principais pontos do documento divulgado e chama uma fala do presidente da Petrobrás.

Texto do ao vivo

“O balanço foi divulgado depois das 19h30 e revela que a Petrobras teve um prejuízo bilionário no ano passado. A empresa fechou 2014 no vermelho, em R\$ 21,6 bilhões. O balanço foi aprovado por auditores externos e inclui as perdas com corrupção. Pelas contas da empresa, R\$ 6,2 bilhões em desvios apurados pela Operação Lava Jato. A Petrobras também perdeu 44 bilhões no valor de seus investimentos. Deste total, quase 31 bilhões foram pelo cancelamento de projetos nas refinarias Abreu e Lima, em Pernambuco, e no Comperj, no Rio de Janeiro.

Houve ainda perdas de R\$ 10 bilhões com a desvalorização nos preços do petróleo. E de quase R\$ 3 bilhões na área petroquímica. A Petrobras divulgou o balanço anual e também o do terceiro trimestre, que estava atrasado há cinco meses, justamente porque os auditores externos não queriam assinar o documento. Esse atraso acabou provocando problemas para empresa, como perda de valor de mercado e desconfiança dos investidores.

O presidente da Petrobras espera que, com a divulgação do balanço auditado acionistas, fornecedores e a sociedade voltem a confiar na empresa”

Repórter chama a fala do presidente da Petrobrás:

“Ao apresentarmos o resultado operacional e contábil da companhia no ano passado, estamos dando um passo fundamental em direção ao pleno resgate da credibilidade da Petrobras junto aos seus acionistas, fornecedores, ao mercado e à sociedade. A Petrobras não vai parar. Ela não vai entrar em marcha ré. Ela vai continuar trabalhando efetivamente. Estamos aguardando e colaborando com as investigações necessárias, e isso vai nos ajudar muito no aprimoramento do nosso modelo de governança”, destaca Aldemir Bendine, presidente da Petrobras.

As fala do presidente, vai direto para o estúdio, onde Bonner fala:

“Esses dados foram divulgados depois do fechamento das bolsas de valores, então a reação do mercado vai ser vista somente amanhã”.

Tempo: 02:21

Assunto 2

Política

Stand-up de Malu Mazz, Curitiba parte coberto com imagens.

A cabeça é lida com imagem fechada no Bonner.

Cabeça: “A Justiça Federal condenou o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa, o doleiro Alberto Youssef e mais seis pessoas por desvio de dinheiro nas obras de uma refinaria”.

Stand-up repórter

A Justiça concluiu que houve superfaturamento e desvio de recursos nas obras da refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco.

A partir daqui coberto com imagens: O ex-diretor de Abastecimento Paulo Roberto Costa foi condenado a sete anos e meio de prisão por lavagem de dinheiro e organização criminosa. Ele vai continuar em prisão domiciliar até outubro e depois irá para o regime semiaberto por mais um ano. Já o doleiro Alberto Youssef foi condenado a nove anos e dois meses. Youssef, que está preso, terá que cumprir pelo menos mais dois anos em regime fechado.

Volta para imagem da repórter: As penas só não foram maiores porque os dois fizeram acordos de delação, mas, como respondem a mais processos na Operação Lava Jato, podem ter novas condenações. Outras seis pessoas foram condenadas à prisão no mesmo processo. No total, os oito condenados terão que devolver à Petrobras R\$ 18 milhões.

Tempo: 01:05

Assunto 3

Política

Nota Seca

Renata lê a nota sem inserção de imagem alguma. O enquadramento é fechado, a apresentadora é vista durante toda a nota, lê a notícia enquanto o *Globo* terrestre se movimenta ao fundo do cenário.

“O vice-presidente Michel Temer admitiu nesta quarta-feira (22) que não vai ser possível deixar de repassar aos partidos políticos o dinheiro do fundo partidário. Foi o próprio governo que incluiu o repasse aos partidos entre as despesas que não podem sofrer cortes no orçamento deste ano. Mesmo neste momento de corte de gastos no governo, o fundo partidário triplicou, chegando a R\$ 870 milhões. Michel Temer tinha dito na terça-feira (21) que esse repasse poderia ser menor, para ajudar no ajuste das contas públicas”

Tempo: 00:30

Assunto 4

Publicidade de 15 segundos Faculdade São Judas

Mundo/ Ciclone

Loc off

Imagem aberta nos dois, mas só Renata lê, imagens entram e quando volta para o estúdio a imagem é novamente aberta nos âncoras, William Bonner faz o seguinte comentário após a notícia: “Deu um riachinho”. Renata: “é”. Diante da morte de quatro pessoas, o tal “riachinho” citado pelo apresentador soa estranho.

Texto do loc off: “Um ciclone matou quatro pessoas na costa leste da Austrália. O vento de 135 quilômetros por hora provocou inundações e o corte de energia em mais de 200 mil casas na região de Sydney. Voos internacionais foram desviados. Em uma estação de trem, a água cobriu a linha férrea em 45 minutos”

Tempo: 00:23

Assunto 5

Publicidade apartamento Mota Machado de 30 segundos.

Mundo / Material radioativo

Reportagem de Márcio Gomes, de Tóquio

No estúdio imagem aberta nos dois, enquanto William Bonner lê a introdução da notícia, a bandeira do Japão aparece no *Globo* terrestre ao fundo do cenário.

Cabeça: “No Japão, um objeto voador comandado à distância e carregado com material radioativo pousou no prédio onde mora o primeiro-ministro Shinzo Abe”.

Off

Policiais e seguranças tentavam, com uma lona, esconder o drone, pequeno helicóptero de controle remoto que pousou na residência oficial do primeiro-ministro. O equipamento levava uma pequena garrafa contendo um líquido. Era césio, mas com a taxa de radiação baixa, sem perigo para o ser humano.

O drone seria como o mostrado no vídeo acima. Pode ser comprado em qualquer loja do centro de Tóquio. Custa a partir de R\$ 2,3 mil. Episódios parecidos já aconteceram na Casa Branca, nos Estados Unidos, e nos céus de Paris - um outro drone mobilizou a polícia francesa por várias noites.

Passagem: “Os incidentes no exterior estavam sendo acompanhados pelo governo do Japão. O país não possui qualquer regulação sobre o uso de drones. Nesta quarta-feira (22), quando o aparelho foi encontrado, o primeiro-ministro Shinzo Abe não estava na residência oficial”.

A suspeita é de que se trata de um protesto pelo apoio de Abe à reativação das usinas nucleares desligadas depois do acidente em Fukushima, em 2011. A maioria da população é contra. Nesta quarta-feira (22), a Justiça decidiu que duas usinas do Sul do país poderão voltar a funcionar. Isso pode acontecer em junho.

Tempo: 01:20

Assunto 6

Sem publicidade

Religião

Nota seca fechada em William Bonner. Apesar de ser uma nota sem inserção de imagens, ao fundo do cenário virtual é possível ver uma imagem do papa abaixo do *Globo* terrestre acenando aos fiéis.

Texto da nota: “O Papa Francisco vai passar por Cuba antes de ir aos Estados Unidos, em setembro. O Vaticano quer reforçar a atuação que já teve para reaproximar os governos cubano e americano. Nos Estados Unidos, o Papa vai visitar Washington, Nova York e a Filadélfia”.

Assunto 7**Bloco 3**

Publicidade Amaciante Downy, de 15 segundos.

Reportagem seguida de ao vivo.

Política

Reportagem de Cláudia Bontempo, de Brasília sem passagem, porém ela entra ao vivo logo após a exibição da reportagem atualizando a questão da votação do projeto ao qual se refere na matéria.

A cabeça é lida por Renata, com imagem fechada na apresentadora.

Cabeça: “Os deputados retomaram, nesta quarta-feira (22), a votação do projeto que regulamenta a terceirização. O texto base, que estende a terceirização a todas as atividades, foi votado há duas semanas. Nesta quarta, os deputados discutem as emendas”.

Off

Manifestantes da CUT, contrários ao projeto, ficaram do lado de fora. As galerias do plenário foram fechadas por ordem do presidente da Câmara por razões de segurança.

“A CUT não é contrária a regulamentação da terceirização dos que já estão terceirizados. A CUT só não vai permitir, com todas as suas forças, que sejam desregulamentados todos os outros 37 milhões”, afirma o presidente da CUT, Vagner Freitas.

Mas outras centrais sindicais apoiam o projeto. A Força Sindical considera que ele assegura direitos.

“Isso vai dar mais força para o sindicato negociar, mais força para o sindicato organizar a categoria e acabar com esse mito que o trabalhador terceirizado vai continuar sendo precarizado. Com essas medidas o trabalhador terceirizado não será precarizado”, diz o presidente da Força Sindical, Miguel Torres.

O projeto regulamenta a contratação de terceiros em todas as atividades, sem restrições. A empresa terceirizada só poderá oferecer um único serviço, no qual seja especializada. A empresa contratante será obrigada a fiscalizar o pagamento dos direitos trabalhistas dos terceirizados e a recolher ao governo encargos e tributos como INSS e PIS. – Uso de arte gráfica nesse trecho para explicar sobre a terceirização.

O que, na opinião do especialista Helio Zylberststa *JN*, vai dar garantias para empresas e trabalhadores.

“O projeto vai dar segurança e ele vai induzir a terceirização sadia, a terceirização eficiente, que não rebaixa a condição de trabalho, não rebaixa o salário, mas melhora a produtividade e a eficiência”, defende Helio Zylberststa *JN*, professor da Faculdade de Economia – USP.

Já o especialista José Pastore acha que o projeto pode corrigir distorções. “Sem esse projeto de lei, a terceirização que vai prevalecer é a terceirização atual. Que ela é marcada por muita precariedade, por muito desrespeito à vida do trabalhador e aos direitos do trabalhador. Eu acho que esse projeto vai corrigir isso”, afirma José Pastore, professor da Faculdade de Economia – USP.

Da reportagem, vai direto para o ao vivo, sem intervenção dos apresentadores.

Texto da inserção ao vivo de Cláudia Bontempo no plenário de votação:

“A votação do projeto que regulamenta a terceirização está praticamente concluída. Os deputados aprovaram, na noite desta quarta, uma emenda que mantém os principais pontos do texto principal, que já foi aprovado. Entre eles, o que estende a terceirização para todas as atividades produtivas. A emenda também reduz o tempo necessário para que um ex-empregado crie uma empresa e passe a prestar serviço para a empresa onde ele trabalhou: o prazo cai de 24 meses para 12 meses.

A empresa contratante também terá que fiscalizar se as empresas terceirizadas estão em dia com as obrigações trabalhistas e previdenciárias dos empregados. Os deputados derrotados ainda tentam alterar o texto, mas o plenário ainda precisa votar outros pontos, menos polêmicos. Depois de aprovado, esse texto segue para o Senado. Se for alterado, precisa voltar para a Câmara. E, para virar lei, precisa ser sancionado pela presidente Dilma Rousseff”.

Ela se despede chamando os apresentadores no estúdio enquanto mostra uma janela dividida entre a repórter e os âncoras.

Tempo: 03:15

Assunto 8

Sem publicidade

Esporte

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Bonner fala.

Loc off

“O lutador Anderson Silva anunciou, nesta quarta-feira (22), que vai tentar disputar as Olimpíadas do Rio no ano que vem. Ele vai buscar uma vaga na equipe de taekwondo. Foi a modalidade em que começou a lutar, aos sete anos de idade. O Brasil tem quatro vagas garantidas. Duas na categoria masculina. As provas seletivas do taekwondo são no ano que vem.

A partir desse trecho volta para o apresentador no estúdio imagem fechada: Anderson aguarda julgamento por uso de substâncias proibidas na última luta dele no UFC, mas uma possível condenação não o impediria de participar da seletiva, porque a comissão atlética de Nevada, nos Estados Unidos, não é filiada à agência mundial antidopagem”

Assunto 9

Publicidade Downy, 15 segundos.

Economia

Reportagem de André Luz Azevedo, de Lisboa (Só imagens, off e passagem, sem a presença de entrevistas).

Imagem aberta nos dois apresentadores, ao fundo do cenário a bandeira de Portugal. Renata chama a notícia.

Cabeça: “O governo português fechou duas casas de câmbio que enviavam dinheiro de brasileiros para o Brasil. São as duas maiores redes de casas de câmbio que remetem dinheiro de imigrantes brasileiros”.

Off

Nesta quarta-feira (22) todas as lojas em Portugal foram fechadas.

O comunicado do Banco Central Português diz que a Money One e a Transfex, de empresários brasileiros, são suspeitas de branqueamento de capitais, ou seja, lavagem de dinheiro e do financiamento ao terrorismo. Cinco pessoas foram presas, mas os nomes não foram divulgados.

Passagem:

“Apesar do documento oficial ter a informação de que a investigação é também sobre financiamento ao terrorismo internacional e isso ter sido noticiado por toda imprensa, o Banco Central português depois fez uma retificação dizendo que a apuração é lavagem de dinheiro e financiamento ao tráfico internacional de drogas e não ao terrorismo internacional”.

Tempo: 00:51

Assunto 10

Cruzeiro e Internacional vencem e garantem vaga nas oitavas de final da Libertadores .Foto de dois jogadores, Ao clicar no vídeo, encontramos a seguinte mensagem: “Conteúdo indisponível. Infelizmente este vídeo não está mais disponível. Desculpe-nos pelo transtorno”.

Assunto 11

Juventus empata com Mônaco e se classifica para a semifinal. Foto do estúdio, conteúdo indisponível a exemplo do assunto acima. Ao clicar no vídeo, encontramos a seguinte mensagem: “Conteúdo indisponível. Infelizmente este vídeo não está mais disponível. Desculpe-nos pelo transtorno”.

Assunto 12

Publicidade, pasta Oral D de 30 segundos.

Tornado

Reportagem de Kíria Meurer, Santa Catarina.

Imagem fechada em Bonner, ele chama a notícia, enquanto no cenário virtual aparecem imagens do temporal.

Cabeça: “A cidade de Ponte Serrada, em Santa Catarina, decretou situação de emergência depois da passagem de um tornado nesta semana. Na vizinha Xanxerê, o exército está ajudando a reerguer o que foi destruído por outra tempestade no mesmo dia”.

Off:

O vídeo gravado por um morador mostra o desespero de quem viu o tornado de perto.

Sobe-som de um vídeo gravado por um cinegrafista amador.

“De repente em segundos parecia que ia acabar o mundo”, conta um morador. O único radar meteorológico de Santa Catarina, que poderia prever com alguns minutos de antecedência um fenômeno como esse, está quebrado desde janeiro. A Defesa Civil diz que vai voltar a funcionar na semana que vem. Mesmo assim, ele não cobre todo o estado – Um mapa localiza nas imagens o estado de Santa Catarina e os locais dos tornados -

Dois tornados atingiram o Oeste de Santa Catarina na segunda-feira (20). Em Ponte Serrada, pelo menos 400 casas ficaram destruídas. Em Xanxerê, onde os estragos foram maiores, homens do exército ajudam na reconstrução

Passagem: “O que mais se vê pelas ruas, pelas calçadas de Xanxerê, são pilhas de entulhos. É que os moradores não param de trabalhar mesmo debaixo de chuva na tentativa de reconstruir suas casas, de reconstruir a cidade. Mas muita coisa ficou completamente destruída”

“Acho que ainda não caiu totalmente a ficha do que a gente vai ter que fazer para poder voltar para casa. Filho pequeno chorando, 'vamos para casa mamãe' e a gente não tem como explicar dizer que não tem mais casa. Vamos reconstruir”, diz Josiane Batista, analista de crédito.

Tempo: 01:39

Assunto 13

Institucional / aniversário emissora

Imagem fechada na Renata que chama o quadro:

Cabeça: “Nesta semana em que a TV *Globo* faz aniversário, nós reunimos 16 jornalistas para relembrar os bastidores das grandes coberturas em 50 anos. O capítulo desta quarta-feira (22) vai de 1985 até 1994, a década em que o Brasil reencontrou a democracia”. Enquanto Renata fala, a logomarca do aniversário da emissora aparece no telão ao fundo.

O capítulo da série começa com vários trechos de passagens de repórteres, coberturas referentes à época, como: morte de Tancredo Neves, morte de Ayrton Sena, tetracampeonato da seleção brasileira de futebol e a polêmica cobertura política nas eleições de 89.

Sobre esse último assunto e a polêmica edição no debate do segundo turno das eleições de 89 entre Collor e Lula, vale ressaltar a fala de William Bonner: “Resumir um debate, como se faz numa partida de futebol. Coô foi a ideia na época, é um risco enorme porque qualquer seleção de trechos sempre vai poder ser questionada e foi isso que aconteceu. Isso sem contar que a edição deu mais tempo a fala de Collor que a de Lula. Foi um aprendizado pra *Globo*, A *Globo* reconheceu o erro de tentar editar um debate político, isso foi público e os textos e vídeos que esclarecem esse episódio estão no memoria*Globo.com.br*”

Tempo: 20:48

Jornal Nacional 23 de abril 2015 (quinta-feira)

O primeiro bloco do jornal nesse dia é essencialmente sobre a situação política do país envolvendo a crise financeira e o escândalo político na Petrobrás. Apenas uma pequena nota sobre educação foge ao foco direto da política.

Assunto 1

Política (Loc off) fechado na apresentadora Renata Vasconcelos

“Juiz Sérgio Moro mandou soltar Marice Correia Lima, cunhada de João Vacari”. Em seguida, entram imagens do vídeo em que Marice aparece fazendo depósito de mesada para a irmã. A nota diz que “na dúvida Moro optou por libertar Marice”. Toda a nota é coberta com imagens.

Tempo: 00:30

Assunto 2

Política (loc off) fechado no apresentador William Bonner

“Um dos delatores da operação lava jato disse na CPI da Petrobrás da Câmara era generalizada...” A nota fala de Augusto Mendonça, ex-presidente da Centauro que declarou a CPI ter se reunido várias vezes com o então tesoureiro do PT, João Vacari Neto, para acertar doações ao partido e que ele teria dado ao partido cerca de 100 milhões de reais. Praticamente toda a nota é lida no momento em que imagens são inseridas, mas no final volta para o apresentador que fala da defesa de João Vacari, que disse que as doações são legais e aprovadas pelas autoridades competentes.

Tempo: 00:43

Assunto 3

Política - Reportagem sobre a situação da Petrobrás

Imagem aberta nos apresentadores e Renata chama a matéria de Elaine Bast, Rio de Janeiro.

Cabeça: “A situação da Petrobrás interessa a investidores de todos os níveis, grandes e pequenos”.

A reportagem trata da divulgação do balanço das contas da Petrobrás um dia antes, começa mostrando uma senhora chamada Elza, que investiu cinco mil reais em ações da Petrobrás e que agora as ações só valem a metade. Na passagem, a repórter Elaine Bast diz que com a divulgação do balanço “a Petrobrás tirou uma pedra do sapato e que agora resta saber se o sapato vai andar sem a pedra”, se referindo a análise dos investidores sobre a situação da empresa. Um economista também é ouvido e corrobora com a repórter e, por fim, um dirigente da Petrobrás encerra dizendo que o que tinha de ser feito, foi feito.

Tempo: 02:06

Assunto 4

Política – Reportagem sobre a divulgação do balanço da Petrobrás, de Paulo Renato, Rio de Janeiro.

Imagem aberta nos apresentadores, mas só Bonner fala, depois a imagem fecha nele com ênfase para a “repercussão da divulgação do balanço da empresa e o prejuízo de bilhões de reais na etapa sombria da empresa”.

A reportagem trata do documento de 45 páginas, divulgado no dia anterior pela Petrobrás sobre o desvio de 6,2 bilhões de reais da empresa, o presidente da empresa aparece na reportagem em entrevista coletiva por 2 vezes, um especialista em energia também é ouvido na reportagem, o diretor da associação brasileira de indústria de máquinas e equipamentos, que fala do desemprego nessas áreas e por fim o economista-chefe da empresa que fala do corte de gastos a partir de então.

Tempo: 02:58

Assunto 5

Educação

Loc off Goiânia

Começa mostrando os dois apresentadores, mas só a Renata chama a notícia do protesto dos professores municipais. Começa com imagens da emissora sendo narradas por Renata e, em seguida, aparecem “imagens gravadas por celular” que mostram professores agredidos após confronto com a guarda municipal.

Tempo: 00:21

O segundo bloco do jornal volta a falar da Petrobrás e de política com uma reportagem e, em seguida, assuntos variados (emprego e educação).

Assunto 6

Política – reportagem sobre as condenações da operação lava jato, de Zileide Silva, Brasília

Começa fechado em Bonner

A reportagem trata do tempo que cada condenado da operação deve cumprir de pena, “é aí que se entende a importância da delação premiada. Quem não ajuda a investigação, recebe punição bem mais pesada”. – trecho da cabeça.

A repórter mostra os oito condenados da operação e na passagem ela trata do tema barganha. “A delação premiada funciona como uma barganha. O delator ajuda nas investigações e em troca recebe benefícios”. A reportagem mostra, mas não ouve o juiz Sérgio Moro como favorável a delação premiada, a reportagem encerra com uma pergunta do ministro do Supremo Tribunal Federal, ministro Carlos Veloso: “eu lhe pergunto: se não houvesse essa barganha, essa delação premiada, será que todo esse escândalo da Petrobrás, estaria revelado?”

Tempo: 02:27

Assunto 7

Emprego (Nota com arte)

A apresentadora diz “Depois de três meses seguidos de demissões, o Brasil voltou a criar empregos formais”, ao lado de Renata surge uma arte virtual mostrando os dados do Ministério do Trabalho que confirmam as informações (em março de 2015 foram 19.282 novos empregos, mas no ano o acumulado era negativo, 50.354 perderam o emprego).

Nota: 00:17

Assunto 8

Educação – Reportagem sobre um protesto dos professores de Tiago Eltz, São Paulo.

A reportagem trata de um grupo de professores de São Paulo, que teria tentado invadir o prédio da Secretaria Estadual de Educação. As imagens são de dentro do prédio, que mostram um grupo de professores quebrando os vidros do prédio. Enquanto os professores estão lá fora, a equipe de reportagem se encontra dentro do local e contraditoriamente o repórter diz que “ninguém conseguiu entrar”, mas a equipe de reportagem sim. O sindicato dos professores é ouvido na reportagem e diz que o quebra-quebra foi promovido por um pequeno grupo.

Tempo: 01:26

Notapé: 01:40 (Posição de repúdio da secretaria de educação)

O bloco três é variado com destaque para notícias curtas e de várias partes do Brasil e do mundo.

Assunto 9

Prestação de serviço

Loc off sobre a situação em Santa Catarina, pedido de doações e atualização sobre o estado no local. Lida somente por William Bonner, imagem fechada no apresentador e depois coberta com imagens do local.

“Depois do tornado em Xanxeré, 2.100 pessoas ainda estão desalojadas, entre as doações, faltam, principalmente, material de construção, a energia elétrica já foi reestabelecida e as aulas voltaram na maioria das escolas”.

Tempo: 00:22

Assunto 10

Educação

Nota lida por William Bonner com arte virtual que aparece ao lado do apresentador. “O governo federal prorrogou até 29 de maio o prazo para renovar o FIES...”

Tempo:00:21

Assunto 11

Mundo - Bruxelas

Loc off lido por Renata Vasconcelos

Líderes europeus se reuniram em Bruxelas para discutir a crise de imigrantes da África e do Oriente Médio. Os líderes fizeram um minuto de silêncio em homenagem às vítimas dos naufrágios naquele ano.

Tempo: 00:29

Assunto 12

Mapa tempo com Eliana Marques

Visivelmente gravado com bastantes artes virtuais, a apresentadora passeia pelo estúdio, mostrando as artes e dando as informações, mas sem interação com os apresentadores. Fala de todo o território nacional, por regiões, mas só dá a temperatura em quatro cidades. Ela veste um vestido solto e mostra os braços.

Assunto 13

Mundo – EUA

Loc off - A bandeira do EUA aparece ao fundo enquanto o âncora chama a notícia.

A nota trata do presidente dos EUA, que assumiu a responsabilidade pela morte de 2 reféns de terroristas. A nota mostra a imagem do presidente e das vítimas em seguida.

Tempo: 00:23

Assunto 14

Mundo – Genocídio, reportagem de Neide Duarte, Rio de Janeiro.

Imagem fechada na âncora que chama a notícia com a bandeira da Armênia ao fundo.

Cabeça: “O presidente da Alemanha usou pela primeira vez a palavra genocídio pra descrever massacres a um milhão e meio de armênios mortos na primeira guerra mundial”. A reportagem trata de homenagens aos armênios em todo o mundo naquela quinta-feira. Aqui no Brasil, a repórter mostra em São Paulo a homenagem e a história dos descendentes de armênios, netos e bisnetos dos mortos.

Tempo: 02:00

Assunto 15

Política – Reportagem sobre votação no Tribunal Superior Eleitoral, de Fernando Rêgo Barros, Brasília.

Cabeça lida por Renata confusa: “O TSE montou uma coligação que apoiou a presidente Dilma Roussef por propaganda irregular na eleição passada”

Off “Por seis votos a um...”, o TSE disse que houve propaganda irregular e uso de site particular para fazer propaganda, enquanto a lei só permite site oficial.

Tempo da reportagem: 01:57

Com notapé lido por William: 02:05

O bloco traz um único assunto, dividido em duas reportagens.

Assunto 16

Morte e homenagem – Duas reportagens seguidas sobre o diretor e produtor da *Rede Globo*, Roberto Talma

A primeira reportagem é de Pedro Bassan, do Rio de Janeiro, que fala do “fabricante de emoções”, que foi operador de videoteipe na estreia do *Jornal Nacional*, em 1969, e logo depois foi trabalhar como produtor e diretor na dramaturgia e, em 76, ajudou a salvar parte do arquivo da emissora em um incêndio e criou personagens marcantes como a dona Redonda. A reportagem mostra a fala do diretor em arquivo da emissora e é de 3 minutos e 15 segundos seguida de outra sobre a mesma temática e assinada por Mônica Teixeira, também do Rio de Janeiro e sem a participação dos apresentadores, as reportagens são seguidas. A reportagem seguinte mostra o velório, a ex-mulher, colegas de Roberto Talma e um pouco mais sobre a história dele por meio das pessoas e totaliza 05 minutos e 18 segundos do assunto. Nesse dia, 23/04/15, o *Jornal Nacional* encerra com a imagem de Roberto Talma na tela e as datas de nascimentos (29/04/1949) e de morte (23/04/15) de Roberto.

Os créditos de encerramento do jornal subiram coma imagem do diretor e sem a tradicional vinheta de encerramento do programa.

Jornal Nacional 24 de abril de 2015 (sexta-feira)

Assunto 1

Cidadania / Política

Reportagem de Ilze Scamparino, Itália.

Imagem aberta nos dois, mas só Renata chama a notícia com a imagem da Itália ao fundo.

Cabeça: “A Itália autorizou a extradição do ex-diretor de Marketing do Banco do Brasil Henrique Pizzolato. No mensalão do PT, ele foi condenado a 12 anos e sete meses de prisão”.

Off

A decisão do ministro da Justiça da Itália, Andrea Orlando, assinada nesta sexta-feira (24), é inédita na diplomacia entre os dois países. Henrique Pizzolato possui a dupla cidadania, brasileira e italiana. É a primeira vez que a Itália extradita um cidadão nacional. As garantias apresentadas pelo governo brasileiro de que os direitos humanos serão respeitados na cadeia foram decisivas. Pizzolato também receberá a assistência de um consulado italiano no Brasil. Em novembro de 2013, Pizzolato fugiu do Brasil antes do Supremo Tribunal Federal expedir o mandato de prisão no mensalão do PT. Ele foi preso na Itália em fevereiro de 2014, com o passaporte do irmão morto.

O pedido de extradição foi entregue ao Ministério das Relações Exteriores da Itália em 3 de março. Em 28 de outubro, a Corte de Apelação de Bolonha negou a extradição de Pizzolato, sustentando que o Brasil não possuía prisões adequadas. Em 12 de fevereiro deste ano, a Corte de Cassação de Roma deu o parecer contrário, favorável a mandá-lo de volta. Passagem em praça da capital italiana: “Agora é a polícia brasileira que vai conduzir o processo para levar Pizzolato de volta ao Brasil. Serão necessárias algumas formalidades, documentos e autorização do juiz da região. O Brasil tem até 20 dias para tirar Pizzolato da Itália”.

Notapé: (Renata lê, imagem fechada)

Quando começar a cumprir a pena no Brasil, Pizzolato vai poder descontar os 11 meses que ficou preso na Itália.

Tempo: 01:42

Assunto 2

Publicidade Oral B, 30 segundos.

Política

Nota seca

Imagem fechada em Bonner que fala:

“A Justiça Federal bloqueou R\$ 153 milhões do Grupo Engevix e do vice-presidente da empresa, Gerson Almada, que está preso na Operação Lava Jato. É a primeira decisão da Justiça em uma ação de improbidade administrativa. Os advogados ainda podem recorrer”.

Tempo: 00:15

Assunto 3

Violência / Intolerância religiosa

Reportagem de Rodrigo Alvarez, Jerusalém.

Imagem aberta nos dois, mas só Renata fala

Cabeça: “Cerimônias em vários países lembraram nesta sexta-feira (24) os 100 anos do massacre de 1,5 milhão de armênios na Primeira Guerra Mundial”.

Sobe-som e off

Armênios do mundo inteiro cantaram, acenderam velas e homenagearam os antepassados deles, mortos exatamente um século atrás.

Lideranças políticas da Áustria, e depois da Alemanha, dois países aliados dos turcos na Primeira Guerra Mundial, reconheceram que de certa forma também foram culpados pelo que agora chamam de genocídio.

Na solenidade em Yerevan, a capital da Armênia, os presidentes da Rússia e da França homenagearam as vítimas.

E na Turquia, centenas de nacionalistas gritaram que a Armênia mente sobre o massacre. Passagem em fundo neutro à noite: “A Turquia nega que tenha havido genocídio, dizendo que as mortes dos cristãos foram uma consequência da guerra, e não de uma campanha do extinto Império Otomano, que era controlado pelos turcos, para dizimar as minorias cristãs. Por questões políticas, muitos países preferem não se pronunciar sobre o tema”.

Na noite desta sexta-feira, os armênios voltaram a protestar, pedindo que o massacre seja considerado um genocídio. Eles iluminaram as ruas com tochas em homenagem aos mortos, que agora a Igreja Ortodoxa da Armênia transformou em santos.

Tempo: 01:21

Assunto 4

Mundo / Vulcão

Reportagem de Delis Ortiz, de Buenos Aires

Renata lê a chamada da matéria, imagem fechada na apresentadora:

Cabeça: “As cinzas do vulcão que entrou em erupção no Chile na quarta-feira (22) chegaram, nesta sexta-feira (24), ao sul do Brasil e à capital da Argentina”.

Enquanto ela fala, imagens do vulcão aparecem no telão ao fundo.

Off

Um homem tenta varrer o peso das cinzas. O vulcão continua inquietando os chilenos. Foram duas erupções em poucas horas, e uma terceira não está descartada. O Calbuco fica na Região dos Lagos. Seis mil pessoas que vivem em um raio de 20 km do vulcão tiveram que abandonar as casas.

Calbuco, no entanto não é um problema só do Chile.

Passagem: “As cinzas também chegaram à província de Buenos Aires. E, aos poucos, avançam sobre a capital. Empresas aéreas dos Estados Unidos e da Europa cancelaram voos para a capital argentina e para Montevidéu, no Uruguai, e isso pode se estender no fim de semana”.

Durante a tarde de sexta-feira (24), o vulcão voltou a lançar uma coluna de fumaça. Não há previsão de quanto tempo deve durar esse pesadelo.

Cinzas chegaram ao sul do Brasil, trazidas pelos ventos. Nuvens foram observadas nesta sexta à tarde em Bagé, no Rio Grande do Sul, perto da fronteira com o Uruguai.

Tempo: 01:07

Assunto 5

Política

Reportagem de José Roberto Burnier, São Pulo.

Imagem aberta nos âncoras, mas só Renata chama:

Cabeça: “A prefeitura de São Paulo entrou na Justiça para obrigar o Governo Federal a cumprir a lei que reduz os juros da dívida de estados e municípios”.

Enquanto ela fala, imagens da cidade de São Paulo aparecem no telão ao fundo.

Off

Se depender do prefeito, a maior cidade do país vai continuar pagando a dívida com o Governo Federal, mas vai pagar menos. Uma lei aprovada pelo Congresso e sancionada pela presidente Dilma, em novembro do ano passado, permite reduzir o que estados e municípios devem para a União.

Pela nova regra, a dívida de São Paulo seria corrigida pelo IPCA e não mais pelo IGP-DI, que costuma ser mais alto. Com isso, os juros seriam menores, o que reduziria a dívida paulistana dos atuais R\$ 62 bilhões para R\$ 36 bilhões.

O problema é que a nova lei ainda não foi regulamentada. E, de acordo com o Ministério da Fazenda, sem essa regulamentação, ela não pode ser aplicada. Seguindo o exemplo do Rio de Janeiro, o prefeito de São Paulo entrou com uma ação na Justiça Federal de Brasília para fazer a lei valer.

“É dar o tratamento isonômico para todos os estados e municípios beneficiados por uma lei que tramitou por dois anos no Congresso Nacional com a liderança é de São Paulo, que é a cidade que mais é beneficiada por essa conquista”, afirma o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad.

Nesta sexta-feira (24), o governador do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, do PMDB, anunciou que vai atrasar a parcela de R\$ 280 milhões da dívida para pagar o salário dos servidores.

Assunto 6

Educação

Reportagem de Fernando Rêgo Barros, de Brasília.

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Bonner chama:

Cabeça: “Estudantes que tentam se inscrever pela primeira vez no Fies estão enfrentando problemas e falta menos de uma semana para o fim do prazo”.

Off

Para os novos contratos, o estudante precisa ter alcançado pelo menos 450 pontos no Enem e não pode ter zerado a redação. Waleska cumpriu todas as regras, passou os últimos meses praticamente na frente do computador, mas não conseguiu.

“A dificuldade é a mesma, qualquer horário. A página não carrega, fica dando erro”, conta Waleska de Souza, estudante.

O prazo termina na quinta-feira (30) e até agora foram feitas 242 mil novas inscrições, metade do número esperado pelas faculdades. Já o prazo para as renovações do financiamento foi prorrogado.

Passagem: “Desde o início do ano, estudantes de todo o Brasil reclamam da dificuldade para fazer a inscrição no site do Fies. Em entrevista ao Bom Dia Brasil, o ministro da Educação, pela primeira vez, admitiu falhas no sistema”.

“Houve uma falha, sim, apesar de estar chegando há pouco tempo, nós temos, enquanto MEC, que pedir desculpas. Nós estamos apurando, já notamos que em alguns casos houve ataques de 'hackers', o que não é raro em grandes plataformas, no Enem isso acontece também”, Renato Janine Ribeiro, ministro da Educação.

Tempo: 01:19

Assunto 7

Bloco 4

Institucional / Aniversário emissora

Série

Ao invés de William e Renata, estão na bancada Cid Moreira e Sérgio Chapelin.

Começa com imagens nos dois, depois fecha no Cid:

Cid Moreira diz: “No próximo dia 26, domingo, a TV *Globo* completa 50 anos. O *Jornal Nacional* é mais jovem. Em setembro, comemora 46. Eu tive a honra de inaugurar o *JN*, ao lado do colega Hilton Gomes, em 1969. E estive aqui nos primeiros 27 anos. Foi um período de construção do Jornalismo da *Rede Globo*, do próprio *Jornal Nacional*, e também da relação dos brasileiros com a *Globo* e com o *JN*. Foram muitos anos vivendo o Jornalismo. Vendo a notícia chegar à redação nas anotações de um apurador, de um produtor, um repórter, um cinegrafista, um editor. Foram anos participando desse processo com entusiasmo e paixão até o momento em que cabia a nós levar a informação aos cidadãos. Ao longo dessa semana, enquanto os nossos repórteres lembravam momentos especiais da história e da carreira de cada um, alguns milhões de brasileiros fizeram o mesmo e se emocionaram com eles. E entre esses milhões que se emocionaram, estamos eu e o Chapelin. Lembrar esses momentos foi muito emocionante pra nós, e pra todos os colegas que, um dia, tiveram a responsabilidade enorme de ocupar essa bancada”.

Entra um vídeo que mostra todos os apresentadores que passaram pela bancada com notícias que marcaram os 46 anos do jornal.

Tempo: 05:06

Após o vídeo volta para o estúdio, imagem aberta, mas só Chapelin fala:

Sérgio Chapelin: “Eu tenho mais de 40 anos no Jornalismo da *Globo*. Quase metade desse tempo aqui no *Jornal Nacional*. Eu, o Cid e todos que têm ou tiveram essa missão nos telejornais e nos programas da *Globo* temos todos os motivos pra sentir orgulho por esse cinquentenário. Ter estado aqui, nesta bancada, durante todos aqueles anos, vivendo esse processo desafiador de levar os fatos aos telespectadores da melhor maneira possível, da maneira que todos entendam claramente, foi algo que é e sempre será inesquecível. Jornalismo é sempre uma obra coletiva, e fazer parte disso é algo realmente especial. O Jornalismo trata de assuntos que afetam a vida das pessoas, direta e ou indiretamente. Afeta as nossas vidas. Talvez por isso as memórias dos repórteres, que nós acompanhamos nessa semana, tenham emocionado tanta gente. É como se as memórias deles fossem as suas. As minhas. E nem importam as diferenças de opinião que cada um tenha sobre os fatos lembrados por eles. Porque a opinião é de cada um. Mas a história é de todos”.

Volta para Cid Moreira com imagem aberta: “Agora, nós vamos ver o último capítulo dessa série especial dos 50 anos do Jornalismo da *Globo*. A quinta década de lembranças, de informações de bastidores”.

Sérgio Chapelin: “A quinta década dessa história que é de todos nós”.

Entra o vídeo que mostra o último quadro da série, começa mostrando a morte do papa João Paulo II, William conversa com Ilze Scamparini, que fez a cobertura. Depois as coberturas que marcaram a última década no jornal como furacão no EUA, eleição no Brasil “*JN no ar*”, que circula pelo país em um ônibus contando histórias dos desejos do Brasil, manifestações de rua em 2013 antes e durante os jogos da Copa América, entrevistas com os candidatos a presidente do país no estúdio. A série encerra com imagens de repórteres cinematográficos, que estão há décadas na emissora e que fazem as imagens que o telespectador assiste.

Tempo: 28:20

Assunto 8

Boa noite final!

Volta pro estúdio, estão 4 apresentadores na bancada e Renata fala:

“Um momento histórico termina de um jeito inédito. Quatro pessoas na bancada, encerrando uma edição do *Jornal Nacional*. E com a emoção de reunir de novo dois símbolos da televisão brasileira”. William: “a dama primeiro”, Renata se despede, depois William, depois Chapelin e, por último, emocionado, agradecimento e despedida de Cid Moreira.

Boa noite do Cid Moreira, Sérgio Chapelin, William Bonner e Renata Vasconcellos.

Enquanto os créditos sobem, os jornalistas se abraçam.

Jornal Nacional 25 de abril de 2015 (sábado)

Sábado – O jornal não é apresentado pela dupla oficial (Bonner e Renata) é ancorado por Chico Pinheiro e Cristiane Pelajo.

Assunto 1

Integralmente dedicado a um terremoto na Ásia.

Mundo / Terremoto

Ao vivo de Márcio Gomes, de Tóquio.

(Imagem aberta nos dois apresentadores, ele começa, depois ela chama o correspondente na Ásia, Márcio Gomes, de Tóquio)

Cabeça: Chico “Um terremoto arrasou quase metade do Nepal, um país pobre e montanhoso do sul da Ásia, mais conhecido por causa do Monte Everest - a montanha mais alta do mundo. Esse foi o pior terremoto no Nepal em mais de 80 anos. Já são mais de 1,4 mil mortos”.

Cabeça: Cristiane “Vamos falar ao vivo com nosso correspondente na Ásia, Márcio Gomes, de Tóquio. Qual é a situação agora aí?”

Repórter ao vivo do estúdio em Tóquio:

Ao amanhecer no Nepal vai ser possível saber como vai se desenrolar esse segundo dia de buscas a desaparecidos, de pessoas presas nos escombros em diversos pontos do país. O aeroporto da capital, Katmandu, está fechado. Falta energia, água, em várias cidades. A torre de Dharara, do século 19, um marco histórico e turístico do Nepal, foi ao chão.

O tremor foi muito forte e fez vítimas em outros países: só na Índia foram mais de 30 mortos. Mas esse número é muito maior no Nepal, que enfrenta todo tipo de dificuldades para lidar com a tragédia.

Em seguida entra a reportagem:

Off

A imagem de sobreviventes sendo atendidos no meio da rua, na capital Katmandu, revela o grau de desespero e destruição.

Não havia estrutura para receber todos os feridos e eles não paravam de chegar aos hospitais. Por toda a cidade, prédios e casas viraram pó, inclusive pontos históricos da capital, templos. A tentativa desesperada de resgatar pessoas presas nos escombros era feita pela própria população. Num país pobre como o Nepal, as construções não estão preparadas para resistir a um impacto como esse.

O terremoto foi registrado entre as duas principais e mais populosas cidades do país, Katmandu e Pokhara. (Um mapa localiza as regiões no *Globo*)

Além de forte - 7,8 graus - foi bem próximo à superfície - 15 quilômetros-, o que só aumenta o poder de destruição. A terra também tremeu em países próximos, como a Índia, China e Paquistão. A estrutura de defesa civil do Nepal não dá conta de atender a todos os chamados e isso torna sombria a perspectiva de sobrevivência de quem ainda está soterrado. As chances de encontrar pessoas vivas debaixo de ruínas diminuem muito depois de 72 horas. Outra preocupação é com os prédios que não desabaram, mas ficaram com as estruturas abaladas. (Usa imagens de televisões locais)

Os tremores secundários - e vários já foram registrados - podem terminar por levar ao chão o que restou de pé. Milhares de pessoas resolveram ficar na rua, fora de casa, onde se sentem mais seguras.

Passagem em uma rua de Tóquio à noite: “Existem áreas no interior do Nepal que já eram de difícil acesso em tempos normais, especialmente na parte mais montanhosa do país.

Com o terremoto, várias estão isoladas, por isso vai demorar para termos os números consolidados dessa tragédia. Mas segundo as agências de ajuda humanitária, a perspectiva não é boa”.

Tempo: 03:25

Assunto 2

Mundo //Terremoto / Institucional

Reportagem e ao vivo de Clayton Conservani, Nepal

Imagem fechada em Cristiane

Cabeça: “A equipe do programa Planeta Extremo da TV *Globo* está no Nepal e foi surpreendida pelo terremoto no meio de uma estrada. Veja o relato do repórter Clayton Conservani”.

Off

“As últimas imagens dos templos de Katmandu foram gravadas por nossa equipe. Menos de 24 horas depois viraram escombros pela a força do terremoto.

Saímos da capital de Katmandu, neste sábado (25), por volta das 9h da manhã - hora local. Duas horas depois sentimos a terra tremer, quando estávamos na estrada, a 100km de distância, em direção a Pokhara.

Dentro de um micro-ônibus, nossa equipe demorou alguns segundos para perceber o que estava acontecendo. De repente o guia começou a gritar. A gente não estava entendendo direito o que

estava acontecendo até que ele falou: ‘Olha os postes’. Paramos a van e tudo tremia ao redor: os postes, as casas. Nós estávamos parados em cima de uma ponte, então fiquei preocupado também de a ponte rachar.

Passagem no Nepal: “Tivemos que abandonar o ônibus e correr o mais rápido que podíamos para fugir da área de risco. Gritos, choro e desespero. Moradores fugindo de casa, correndo pela estrada, sem saber para onde”

Vimos casas despedaçadas. A repórter Carol Barcellos também viu tudo de perto. As estradas ficaram bloqueadas por causa de avalanches de pedras, que aconteceram bem na nossa frente. No início da noite, a repórter Carol Barcellos voltou para Katmandu.

Entra o repórter ao vivo:

“Agora, a equipe está em Pokhara, a 200km de Katmandu para garantir o envio de imagens. Isso, porque temos o mínimo de infraestrutura para trabalhar. A única certeza é que temos pela frente uma longa e dramática jornada”.

Volta para o estúdio, Chico chama a repórter Carol Barcelos por telefone, que também estava na região atualiza as informações, finaliza falando da expectativa de ter sobreviventes no local.

Volta para o estúdio e Cristiane diz: “Tomara!”

Tempo: 03:18

Assunto 3

Reportagem Marcela Barros, São Paulo.

Imagem aberta nos dois, mas só Cristiane chama. Ao fundo aparece imagem de uma célula.

Cabeça: “O drama de um menino de 11 anos, que precisa de um transplante de medula óssea, ganhou repercussão nas redes sociais. E o número de doadores aumentou vinte vezes na Santa Casa de misericórdia de São Paulo”

Off

Tancrède não podia imaginar que de uma hora para outra a vida dele ia mobilizar tanta gente. Os pais contam como descobriram que o menino de 11 anos tem uma doença rara.

“Começou com uma pneumonia, fizeram pesquisa e descobriram que ele tinha mielodisplasia”, conta Luc Bouveret.

A síndrome mielodisplásica impede as células de se reproduzirem em quantidade normal na medula óssea.

A doença evoluiu para uma leucemia, quando as células produzidas na medula são cancerosas, ou seja, não cumprem as funções de combater as infecções, ajudar a parar os sangramentos e distribuir o oxigênio pelo corpo.

A única esperança para Tancrède é o transplante. Os pais pediram nas redes sociais para os amigos serem doadores de medula e a campanha se espalhou.

Até os jogadores Kaká e Neymar apoiaram. “Gostei muito de todos, porque todos estão ajudando. Porque eles são famosos e todo mundo vê”, diz Tancrède.

Passagem: “Muita gente ficou tocada com a história do menino e decidiu ajudar, sendo um doador de medula óssea. Em São Paulo, as doações são feitas no hemocentro da Santa Casa de Misericórdia. Antes, 30 pessoas por dia, em média, vinham se cadastrar. Na última semana, esse número só faz subir. Neste sábado (25), até o meio da tarde, em torno de 600 pessoas apareceram”.

“Foram algumas minhas que me disseram. E você se sensibiliza exercitando a compaixão, se colocando no lugar do outro”, diz a uma doadora.

“A gente chegou à conclusão em casa que a gente deveria vir todos juntos para tentar ser um doador”, explica um outro homem que se sensibilizou com a história.

“Onze anos, cara, não tem como não se sensibilizar”, comenta uma mulher que também se cadastrou. Normalmente, filhos do mesmo pai e da mesma mãe têm 25% de chance de serem compatíveis. Mas Tancrède e o irmãozinho só são irmãos por parte de mãe, uma americana que gerou os dois para o casal gay. Entre pessoas que não são da mesma família, a chance de ser compatível é de um para cem mil. Os pais estão agradecidos pela mobilização e esperançosos:

"Nós estamos agradecendo muito todas as pessoas que estão doando sangue, que estão se cadastrando como doadores de medula óssea", diz David Arzel.

"Acho que o amor de todo mundo vai fazer um milagre e acreditamos em milagre", diz Luc Bouveret.

Tempo: 02:30

Assunto 4

Publicidade Oral B, 30 segundos

Imagem fechada no Chico Pinheiro, enquanto ele fala, imagens do terremoto aparecem no telão ao fundo.

Entrevista com os pais de uma desaparecida no Nepal.

Cabeça: "Uma brasileira pode estar desaparecida no Nepal. Mariana Malaguti Uchôa, de 26 anos, estava morando entre as montanhas e Katmandu. Os pais estão desesperados. Eles contam que ela estava na região do terremoto e não tiveram mais notícias da filha."

Entrevista:

"Ela está exatamente no meio. Katmandu está um pouco mais abaixo e ela está no meio. Estamos sem informação", conta o empresário Carlos Uchôa, pai de Mariana.

Enquanto o pai fala, imagem do mapa situação a região aparece.

"A gente não sabe se ela estava no meio, porque tanto ela subia as montanhas como ela também descia para o centro de Katmandu para passar e-mails, comprar produtos. Então, na hora do terremoto eu não sei exatamente onde ela estava. É muito complicada a situação", diz a mãe.

"Essa que é nossa maior aflição. Peço que quem possa, eventualmente, propagar e irradiar, não só pela Mariana, mas todos os outros", pede o pai.

"Por todos os brasileiros que devem estar lá", completa a mãe de Mariana

Notapé lida por Chico:

Em nota, o Itamaraty disse que a embaixada do Brasil, em Katmandu, está mobilizada para prestar o apoio necessário aos cidadãos brasileiros no Nepal. Até o momento, a embaixada não tem a confirmação de brasileiros mortos. Os que foram localizados não estão feridos e recebem assistência. A presidente Dilma Rousseff expressou solidariedade aos familiares das vítimas do terremoto, ao povo e ao governo do Nepal.

Tempo:01:12

Assunto 5

Terremoto

Imagem aberta nos dois, mas só Chico fala, enquanto ele fala, imagens do terremoto aparecem no telão ao fundo.

Reportagem de Hélder Duarte, Nova York. Não há entrevistados, imagens de arquivo e uma passagem dão corpo a reportagem.

Cabeça: "Nas últimas décadas, vários países sofreram com a devastação provocada pelos terremotos.

Off

O serviço geológico dos Estados Unidos é uma agência que monitora desastres naturais, como terremotos, em todo o mundo. O mapa mostra os piores tremores de terra que aconteceram no planeta desde 1900. O terremoto mais forte aconteceu no Chile, em 1960: 9,5 graus na Escala Richter. Os efeitos atravessaram o pacífico e chegaram aos Estados Unidos, Filipinas e Japão. Quase 6 mil pessoas morreram.

O terremoto que matou mais gente foi na cidade de Tangshan, na China, em julho de 1976. Foi menos intenso - 7,5 graus. Mas o número estimado de vítimas foi muito maior: 655 mil pessoas. Em dezembro de 2004, um terremoto de intensidade 9,2 graus sacudiu o fundo do Oceano Índico. O suficiente para liberar a energia equivalente de 23 mil bombas atômicas e provocar um tsunami. Ondas gigantescas atingiram 13 países e mataram 230 mil pessoas. O Japão também é um país que historicamente sofre com tremores de terra devastadores. O país

está sobre o chamado círculo do fogo do Oceano Pacífico, uma área de instabilidade muito grande. Em 2011, um terremoto seguido de tsunami tirou mais de 15 mil vidas. Um ano antes, um terremoto de 7 graus na Escala Richter devastou o Haiti e 316 mil pessoas morreram. Os desabrigados chegaram a 1,5 milhão. (São usadas imagens de arquivo dos terremotos)

Passagem: Repórter está em uma rua de Nova York: “A ciência ainda não encontrou uma maneira segura de prever terremotos. Por enquanto, a maneira mais eficiente de se evitar mortes é investir na educação e no treinamento das pessoas que moram nas áreas de risco e construir prédios, pontes e estradas que possam suportar os tremores”

Tempo: 02:08

Assunto 6

Publicidade Oral B

Imagem aberta nos dois, mas só Renata chama.

Mundo / terremoto

Ao vivo com Márcio Gomes, Tóquio, volta a falar do estúdio da emissora na região. Não há inserção de imagens.

Cabeça: “O terremoto no Nepal causou deslizamentos e avalanches. Uma delas atingiu o acampamento-base do Monte Everest, a maior montanha do mundo. O local é ponto de encontro de montanhistas. Há informações de que pelo menos 13 pessoas morreram?”

Texto do repórter:

Desde o terremoto de madrugada, já houve 24 tremores de terra.

A Organização das Nações Unidas calcula que o terremoto afetou mais de cinco milhões de pessoas. O epicentro do tremor foi entre duas cidades importantes do país, Katmandu e Pokhara, próximo à superfície, o que só faz com que os efeitos sejam sentidos com maior intensidade. A previsão do tempo para este domingo (26) é de chuva, que deve se prolongar para os próximos dias, o que não é bom, pois pode provocar novos deslizamentos e dificultar o acesso das equipes de resgate.

O brasileiro que está no corredor da morte na Indonésia, Rodrigo Gularte, condenado à morte por tráfico de drogas, foi notificado sobre o fuzilamento, que pode acontecer a qualquer momento a partir de terça-feira (28).

Rodrigo tem 42 anos e foi condenado à morte em 2004 depois de tentar entrar na Indonésia com seis quilos de cocaína, escondidos em uma prancha de surf. Na tentativa de reverter a pena, a família apresentou laudos médicos às autoridades indonésias que comprovariam que ele sofre de esquizofrenia.

A data e o horário da execução não foram divulgados. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil informou que já fez diversos apelos ao governo da Indonésia e vai manter os esforços diplomáticos para tentar evitar o fuzilamento.

Tempo: 01:56

Assunto 7

Vulcão

Loc off lido por Chico Pinheiro

Imagem aberta nos dois, mas só ele chama a notícia.

Na América do Sul, o temor é com o vulcão Calbuco, que entrou em erupção no Chile. As cinzas do vulcão já chegaram à região sul do Brasil, apesar da atividade dele ter diminuído nas últimas horas. (Entram imagens)

O Calbuco ficou adormecido por mais de 40 anos e entrou em erupção na quarta-feira (22). O momento foi flagrado por um chileno, que estava num parque nacional. Até mesmo do espaço foi possível ver a extensa nuvem expelida pela montanha. Mais de 6,5 mil pessoas já deixaram as casas, num raio de 20 km.

Muitos voos com destino a Santiago, Montevideo e Buenos Aires estão sendo desviados ou cancelados.

Tempo: 00:44

Assunto 8

Publicidade Downy , 15 segundos

Imagem aberta nos dois, mas só Cristiane chama a notícia. Enquanto ela fala, imagem do vulcão aparece no telão.

“A Defesa Civil de Santa Catarina fez um balanço dos estragos nas cidades do oeste do estado, que foram atingidas por tornados, na segunda-feira (20).

Entram imagens:

O prejuízo chega a R\$ 112 milhões. Mil e cem pessoas ainda estão desabrigadas ou desalojadas.

Em Xanxerê, onde houve duas mortes, uma força-tarefa trabalha na reconstrução e limpeza da cidade. A câmera de segurança de uma casa gravou o começo da tempestade.

Numa escala de força que vai de zero a cinco, o tornado de Santa Catarina ficou entre dois e três em poder de destruição”.

Tempo: 00:36

Assunto 9

Economia

Reportagem de Elaine Bast, São Paulo.

Imagem aberta nos dois, mas só Chico chama: “Fazia mais de vinte anos que os juros do cheque especial não eram tão altos. Os juros do cartão de crédito, então, nem se fala: passam dos 300%. É crédito fácil de usar, fácil de se endividar. Difícil depois é você se livrar das dívidas”.

Enquanto ela fala, aparece uma imagem de gráfico no telão do cenário do jornal.

Off

A estudante Thalita da Mata Santos abriu conta num banco para uma amiga fazer empréstimo e acabou herdando a dívida no cartão de crédito e no cheque especial: “Triplicou a dívida! Por isso que eu vim aqui hoje para tentar negociar... né? Saber como posso me livrar dessa situação”, conta. Passagem numa agência bancária: “Para quem está no buraco da dívida, o primeiro conselho dos economistas é parar de cavar para não tornar esse poço mais fundo. Tomar dinheiro emprestado está cada vez mais caro no Brasil, especialmente no cartão de crédito e no cheque especial”

No caso desse empréstimo os juros já são os maiores em vinte anos. . Os do cartão de crédito estão em 345,8% ao ano.

Andrew Frank Storfer, diretor de economia da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), aconselha: “O cartão de crédito rotativo e o cheque especial, eles foram feitos para não serem usados. Eles foram feitos para uma emergência, algo dentro de um mês, ou no máximo um ou dois meses. Não para se manter como dívida”.

E se essa dívida se mantiver por mais tempo?

O consultor fez as contas:

Quem entrar no cheque especial hoje, devendo R\$ 500, vai estar com uma dívida até o Natal de R\$1.086.

Se rolar o valor no cartão de crédito, R\$ 1.353 até o fim do ano.

É muito dinheiro! Para quitar essa dívida vale a pena pensar em vender dias férias, antecipar o décimo terceiro salário e conversar com a família para ver onde é possível cortar gastos.

E se mesmo assim continuar enrolado, o consultor diz que é bom ter uma conversa franca no banco e trocar essa dívida cara por um empréstimo mais barato, como o desconto em folha.

“Tem que chegar para um gerente de banco, sem nenhuma vergonha, expor a sua situação, dizer como é, e perguntar como é que eu posso sair dessa situação numa forma melhor, menos machucado, pagando juros menores, mas principalmente, sabendo a capacidade de que vai poder pagar aquela dívida” aconselha Andrew Frank Storfer.

Depois de buscar informação, Thalita agora vai renegociar a dívida. E tomou uma decisão:

Jornal Nacional: Empréstimo em cartão de crédito e cheque especial nunca mais?
Thalita: Não, esse aí a gente faz cara feia para ele, né? Não quero mais. Esse não.

Tempo: 02:15

Assunto 10

Economia

Reportagem de Tatiana Nascimento Rio de Janeiro

Imagem aberta nos dois, mas só Cristiane fala, aparece um gráfico ao fundo.

Cabeça: “Para pagar as dívidas e driblar a inflação tem muita gente recorrendo às economias. O que acontece? A poupança vai minguando dia a dia”.

Off

Gastar o dinheiro aplicado na poupança não fazia parte dos planos do assistente administrativo Carlos Luiz Murga. Mas nos últimos meses ele e a mulher tiveram que escolher: manter a economia, ou pagar as contas e evitar os juros do cartão de crédito. “A gente não tem casa própria. A gente estava juntando para pelo menos tentar daqui a algum tempo ter a nossa casa, entendeu? Mas como tudo está muito caro está difícil de juntar”, conta.

Passagem na rua: “O primeiro trimestre do ano costuma ser um período de mais gastos: escola, impostos a pagar.... E de acordo com os economistas, a inflação também pesou na hora de fechar o orçamento das famílias. Para muitos brasileiros o dinheiro da poupança vem ajudando a manter as contas em dia. E os saques à caderneta superaram os depósitos”

“A gente teve que resgatar o que estava na poupança para poder usar, né? Não ficar faltando em outras partes”, diz a fisioterapeuta Josimere Costa.

Na soma de janeiro, fevereiro e março, o volume total depositado na poupança chegou a R\$ 443.034 bilhões.

Mas as retiradas no mesmo período totalizaram R\$ 466.264 bilhões.

Essa diferença negativa de R\$ 23,230 bilhões é a maior registrada desde 1995.

A inflação acumulada nos últimos doze meses também superou o rendimento da poupança.

Em um ano, o poder de compra de quem guardou dinheiro na caderneta caiu 0,86%.

“Eu não quis a poupança principalmente por causa do rendimento”, diz um rapaz.

Para o economista Luís Eduardo da Costa Carvalho, da Lecca Investimentos o desempenho da poupança é resultado de um momento mais lento da economia.

“Acredito que isso é um problema momentâneo, não é uma tendência que vá se manter. A caderneta a poupança é um instrumento importante para as famílias investirem e manterem seu patrimônio preservado”, analisa.

E é essa garantia que ainda atrai muitos poupadores.

“Para quem tem pouco dinheiro é o investimento mais seguro, né? Eu não vou especular com o meu pouco dinheiro”, garante a jornalista Jussara Magalhães.

Tempo:02:15

Assunto 11

Morte / Institucional

Reportagem de Mônica Sanches

Imagem fechada em Chico Pinheiro.

Cabeça: “Parentes e amigos se despediram neste sábado (25) do diretor da TV *Globo* Roberto Talma. O corpo dele foi cremado esta tarde, no Rio”.

Off

Estrelas das novelas, astros da música brasileira, apresentadores, diretores de TV, produtores, técnicos e tantos outros amigos chegavam e logo lembravam de uma história sobre o talento criativo de Roberto Talma.

“Ele era muito forte. Ele era um touro trabalhando. Muita energia, muito vigor”, definiu Malu Mader. “As nossas inseguranças, os nossos surtos de vaidade, os egos... Tudo... Ele sabia lidar. Ele não manipulava. Ele sabia lidar, ele sabia colocar num trilho”, disse Arlete Salles

“Tudo que a gente precisa num profissional ele tinha. Acima de tudo a ousadia, sem medo de errar”, elogiou José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, ex-vice-presidente de Operações da *Globo*.

"Você podia saltar no escuro, cair. Ele dizia: 'vem cá, vamos de novo'. Ele um paizão bonachão mesmo", disse Marília Pera.

Passagem: “Nas conversas no velório, Roberto Talma foi lembrado como um grande mestre, que formou profissionais em várias funções. Nos depoimentos, todos lembram com saudades da forma como eram tratados pelo diretor”

“Tudo que eu sei de TV foi ele quem me ensinou. Ele me pegou pela mão e me mostrou o que é fazer televisão”, garantiu Jorge Fernando.

“Gostava de ver a gente brilhar, muito generoso”, definiu Felipe Camargo.

“Ele que me descobriu e ele é que conseguiu tirar de mim até o que eu não sabia no meu primeiro trabalho”, recordou Sílvia Pfeifer.

“Uma pessoa sempre disposta a um sorriso quando você encontrava”, comentou Luciano Huck.

Roberto Talma morreu na quinta-feira (23), aos 65 anos, de falência múltipla dos órgãos. Os filhos, o caçula, Matheus, Rafael e Stephan, receberam hoje o carinho de muitos amigos movidos por uma imensa gratidão.

“Você está vendo aqui do assistente de iluminação ao diretor geral de fotografia. do presidente da empresa ao companheiro que cuidava do estúdio”, diz Tony Ramos

“Ele amava as pessoas, gostava de trocar coisas boas e palavras doces, Era amor”, disse Angélica.

Tempo: 02:13

Assunto 12

Política

Reportagem de

Imagem aberta nos dois. Chico Pinheiro fala, depois, Cristiane Pelajo.

Cabeça Chico: “O mesmo esquema de cartel descoberto na Operação Lava Jato pode ter se repetido na construção da usina nuclear de Angra 3.”

Cristiane: “A denúncia é do ex-presidente da Camargo Corrêa, Dalton Avancini. Ele diz que o PMDB e um dirigente da Eletronuclear podem ter recebido propina”.

Off

Dalton Avancini deixou a cadeia no dia 30 de março, como parte do acordo de delação premiada – em que revelou um esquema de corrupção que ia além da Petrobras. Em casa, em São Paulo, ele é monitorado por meio de tornozeleira eletrônica.

O *Jornal Nacional* teve acesso a um dos depoimentos ainda mantidos sob sigilo, e que envolve cartel e promessa de propina na usina nuclear Angra 3, no Rio de Janeiro.

No depoimento, o empreiteiro afirma que foi informado pelo diretor de energia da Camargo Corrêa, Luis Carlos Martins, de que havia acerto futuro de pagamento de propina a funcionários da Eletronuclear – entre eles, Othon Luiz Pinheiro da Silva, diretor presidente da empresa. Avancini afirmou que em agosto de 2014, às vésperas da assinatura do contrato, a construtora UTC convocou reunião para tratar do contrato de Angra.

Segundo ele, foi dito que “havia certos compromissos de pagamento de propina ao PMDB no montante de 1% e a dirigentes da Eletronuclear, ficando acertado que cada empresa iria buscar seus respectivos contatos para fazer o acerto junto a agentes políticos”.

De acordo com o empreiteiro, representantes da Camargo e da UTC deveriam se reunir para acertar os detalhes desses pagamentos ao PMDB e a dirigentes da Eletronuclear.

Passagem em fundo neutro: “O empreiteiro não revela nomes de políticos do PMDB. O caso está sendo investigado. E se for confirmado o envolvimento de políticos, a investigação vai ser enviada ao Supremo Tribunal Federal”

Segundo Dalton Avancini, a reunião convocada pela UTC teve a participação de Ricardo Pessoa, apontado nas investigações como o chefe do clube de empreiteiras. Ricardo Pessoa está preso desde novembro do ano passado.

Avancini disse ainda que nessa reunião “cogitou-se a necessidade de contratar uma empresa para dar cobertura legal ao pagamento de propina”. Mas que não sabe efetivamente se houve algum pagamento de propina ou a promessa de pagamento a alguém especial.

Na delação, Dalton Avancini também revelou combinação no edital. Disse que foi informado que, mediante acordo com a Eletronuclear, o acerto era para que as construtoras Camargo Corrêa, UTC, Odebrecht, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão Techint e EBE saíssem vencedoras. Elas se dividiram em dois consórcios. Somados, os contratos chegam a R\$ 3 bilhões, segundo ele.

A assinatura dos contratos, de acordo com o delator, ocorreu em julho de 2014, quando a Operação Lava Jato já tinha sido deflagrada.

A obra de Angra 3 começou em 1984, teve uma interrupção de mais de 20 anos, foi retomada em 2010 e deve levar mais 3 anos para ser concluída.

Os assessores da Camargo Corrêa e da construtora UTC disseram que as empresas não vão comentar o caso. O advogado de Ricardo Pessoa disse que não conversou com o cliente sobre o assunto e por isso não poderia se manifestar.

A Odebrecht afirmou que nunca participou de cartel, nem pagou propina em contratos com qualquer cliente. E que as acusações são motivadas por vingança empresarial.

A Queiroz Galvão, a Techint e a Andrade Gutierrez, também disseram que nunca pagaram propina e que seus contratos são feitos dentro da lei. Ainda segundo a Andrade Gutierrez, as acusações são levianas e sem provas.

Não conseguimos contato com a empresa EBE.

A assessoria da Eletronuclear falou em nome da empresa e do diretor presidente, Othon Luiz Pinheiro da Silva. Disse que as acusações são infundadas, que a empresa age sempre em total transparência e que o TCU aprovou a preparação das propostas de preços de Angra 3.

O PMDB negou as acusações de recebimento de propina. Disse que jamais autorizou quem quer que seja a usar o nome do partido em operações com a Eletronuclear.

Tempo: 04:09

Notapé: Imagem volta fechada em Chico, depois em Cristiane, que se revezam nas explicações dadas pelas empresas e pelos partidos citados na reportagem.

Assunto 13

Política e Economia

Image fechada em Chico Pinheiro, ao fundo imagem de bomba de combustíveis.

Reportagem de Beatriz Castro, Pernambuco.

Cabeça: “O uso maior das termoelétricas, além de aumentar o custo da energia, acabou provocando prejuízo no Porto de Suape, em Pernambuco. É que o combustível que abastece os navios está sendo usado para garantir o funcionamento das térmicas”.

Off

O Porto de Suape, no litoral sul de Pernambuco, é o maior do Norte/Nordeste. No ano passado quase dois mil navios movimentaram 15 milhões de toneladas de cargas no pátio de contêineres.

Os navios que atracam no porto não podem abastecer porque a Petrobras não está fornecendo o bunker – o óleo combustível usado pelas embarcações.

Passagem no porto de Pernambuco: “A Petrobras é a única fornecedora de óleo combustível para navios do país. Ela fornecia 5 mil toneladas do produto por mês para o Porto de Suape até setembro do ano passado. Mas há cerca de 8 meses o combustível parou de abastecer os navios de carga que atracam no porto e eles tiveram que buscar uma outra rota para escapar do desabastecimento”

“Isso obrigou que cada linha ajustasse os seus planos de viagem para adequar o abastecimento de suas embarcações em outros portos que não Suape”, diz Cleber Lucas, pres. Assoc. Bras. Dos Armadores de Cabotagem.

O economista Jocildo Bezerra fala dos prejuízos causados pelo desvio de rotas dos navios.

“Ele não pode abastecer aqui. Então é como se um avião tivesse sair de Pernambuco passar por Mato Grosso pra abastecer e ir para São Paulo. Isso certamente encareceria intensamente a viagem. E no caso do navio que traz produtos que vão ser distribuídos aqui através de Pernambuco isso tem uma implicação sobre os preços desses produtos”, comenta o economista.

O *Jornal Nacional* tentou uma entrevista para que a Petrobras explicasse o motivo da decisão. A empresa preferiu se posicionar em notas. Disse que o fornecido para o Porto de Suape está comprometido porque o óleo que deveria ir para os navios está sendo usado nas térmicas, que produzem energia – posição da Petrobrás.

A Petrobras admite que o óleo adequado para térmicas tem teor de enxofre máximo de 1%, enquanto o bunker possui teor máximo de 3,5%.

De acordo com especialistas, quanto maior o teor de enxofre maior a poluição ambiental causada pelo combustível.

A Petrobras não descarta a possibilidade de voltar oferecer o produto em Pernambuco, mas não informa quando.

“Esse problema não deveria existir num porto da dimensão de Suape e aqui em Pernambuco muito menos, tendo em vista a importância do estado como centro de distribuição logística do Nordeste”, diz o economista.

Tempo: 02:39

Assunto 14

Imagem fechada em Cristiane Pelajo.

Reportagem de Amorim Neto, Maceió.

Cabeça: “Maceió vive um drama, que se repete em muitas capitais brasileiras. A falta de atendimento básico de saúde em cidades do interior acaba levando para hospitais da capital casos simples, que podiam ser tratados facilmente em ambulatórios. O resultado dessa migração de pacientes você na reportagem de Amorim Neto”.

Off

Com uma câmera escondida, flagramos os corredores do maior hospital de urgência e emergência de Alagoas lotados. Com muitos pacientes deitados no chão. Na sala destinada a casos graves, mosquitos pousam nos pacientes.

O atendimento, às vezes, tem que ser improvisado. Um homem estava com uma seringa na boca para substituir um equipamento que está em falta. Do lado de fora, o movimento de ambulâncias vindas do interior é intenso. Uma delas estava lotada com pacientes de duas cidades. Gente que peregrinou por cem quilômetros pra conseguir atendimento adequado.

Passagem: “As ambulâncias chegam o tempo todo. Muitas trazem pacientes que poderiam ser atendidos nas suas cidades” – gravada à noite na porta do hospital.

Josilda percorreu 69 quilômetros com o filho pra tratar de uma inflamação no dente. “Um abscesso no dente. Lá teve atendimento, aí encaminhou pra cá”, conta.

Nas cidades do interior, as emergências estão lotadas. Em Porto Calvo, no norte do estado, os pacientes reclamam da falta de médicos. Uma mulher tenta atendimento para o tio e não consegue. “Vim pra emergência. Não tem médico. Eu vou pra casa. Fazer o que? Botar ele deitadinho pra descansar um pouco”, lamenta a dona de casa Nicélia Soares.

Situação que se complica ainda mais quando chegam casos graves. “Liga pro Samu e transfere”, explica uma enfermeira.

A Secretaria de Saúde do Alagoas diz que três hospitais serão construídos. Mas admite que mesmo assim ainda vai faltar leitos.

“Se o nosso governo conseguir realizar essas construções e essa ampliação, e nós conseguirmos ampliar essa negociação de leitos, nós ainda vamos ficar com uma carência de mais de mil leitos no estado de Alagoas”, diz Rosângela Wyszomirska, secretária de Saúde/AL

A direção do hospital de Porto Calvo disse que não há falta de médicos. E explicou que naquele momento o paciente ficou sem atendimento, porque a plantonista saiu sem esperar que a rendição dela chegasse.

Tempo: 02:26

Assunto 15

Arte

Imagem aberta nos dois, mas só Cristiane chama a notícia.

Reportagem de Graziela Azevedo, São Paulo.

Cabeça: “A arte do spray saiu das ruas e ganhou as *paRedes* do Pavilhão das Culturas Brasileiras, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Mais de 60 artistas estão na 3ª Bienal Internacional do Graffiti”.

Toda a reportagem é coberta com trilha sonora.

Off

No parque, o movimento e a vida vão se misturando às cores e aos traçados que se espalham. Quase não tem divisão entre fora e dentro, rua e prédio na 3ª Bienal do Graffiti. As pinturas que colorem as grandes cidades aqui ganham também outras dimensões. Os bonecos já foram grafites, agora, em retalhos recheados, têm a tarefa de atrair doação de roupas para quem precisa. Essa vocação militante está na raiz do graffiti, que nasceu na Roma antiga onde se escrevia palavras de ordem em carvão nas paredes.

O tempo passou e agora dá até para ouvir o graffiti.

"É bem divertido", diz uma menina que foi ver a exposição.

Jornal Nacional: "O que é isso?"

"Uma caixinha de música", responde a visitante.

Jornal Nacional: É? Mas meio diferente....

"Muito louca", diz ela.

Passagem: “Pela janela do ônibus, balançando dentro do carro, na correria. É assim que a gente costuma ver o graffiti. Mas essa parada para observar melhor muda não só o ponto de vista, mas até a imagem que muita gente tem dessa arte de rua”

A mãe do Luís hoje gosta, mas admite que já teve preconceito.

“De que era coisa de vadiagem, sabe, uma maloqueira a mais. Hoje não, hoje já vejo mais como arte. Você anda nas ruas de São Paulo por exemplo, tem coisas belas. E assim o colorido dá uma vida também, nas cidades”, conta Dailza França, cabeleireira.

Agora as pessoas se encantam em conhecer melhor esse parente mais popular da arte dos museus e das galerias. Uma arte que tem seus ídolos e referências como o americano Pose2 e sua pintura abstrata, o alemão Tasso, famoso pela ilusão 3D que cria. Há o estilo tão particular do japonês Gean. As máscaras que fazem os detalhes na pintura da paraense Drika. As pinceladas surrealistas do baiano "Da Lata", que desta vez trocou paredes por telas. Mas é o spray que une esses artistas das ruas, uma gente que deixa a vida menos cinza.

“Eu acho bem bonito, que é uma coisa agrada os olhos, que diferencia desses, é dessas coisas pretas digamos assim, pretas e brancas da cidade. Eu acho interessante”, comenta o estudante Luiz Felipe França.

E bem mais divertida.

Tempo: 03:01

Assunto 16

Esporte

Aos 45 anos, Fofão fala da disputa da terceira final da Superliga pelo Rio de Janeiro. Foto da jogadora ao lado e conteúdo indisponível. Ao clicar no vídeo, aparece a mensagem: “Este vídeo não está mais disponível. Desculpe-nos pelo transtorno”.

Assunto 17

Esporte

Reportagem de Bruno Laurence, São Paulo

Cabeça lida por Cristiane, mas a imagem está aberta nos dois apresentadores. Após 46 anos, Palmeiras e Santos se reencontram em final de Paulistão.

Tempo: 02:08

Notapé: Cristiane volta com imagem fechada falando do horário dos jogos que serão exibidos pela *Globo* no domingo.

Jornal Nacional – 27 de maio de 2015 (segunda-feira)

Cenário – descrição

A bancada continua no alto e embaixo a redação do jornal visível aos telespectadores, mas a bancada agora é menor e de cor neutra, o *Globo* não existe mais e o telão que ficava abaixo dele, agora, é maior e imagens relacionadas às notícias são expostas enquanto os apresentadores leem. Em algumas chamadas de notícias, ao invés de imagens relacionadas a temática, é usada a logomarca do jornal no telão ao fundo.

Ao longo do programa, a principal mudança é que, agora os apresentadores, até então estáticos em suas cadeiras, levantam da bancada e vão até um telão à direita em que os repórteres podem ser vistos em tamanho real conversando com os apresentadores.

Percebemos também a presença de enquadramentos laterais, ao invés de frontais.

Os enquadramentos também mudaram para acompanhar a caminhada dos apresentadores e ao longo das edições podemos perceber os apresentadores explicando termos e questões técnicas, ao mesmo tempo em que simplificam para o telespectador a demora, por exemplo, para os repórteres que estão do outro lado do mundo ouvir e responder as perguntas, o que em TV se denomina delay.

A partir desse dia, o conteúdo do *Jornal Nacional* No portal *GI* traz um vídeo exclusivo para assinantes, sobre o qual não tivemos acesso.

Assunto 1

Bloco 1

Publicidade Halls, 15 segundos.

Mundo / Terremoto / Nepal

Ao vivo

Bonner chama os repórteres Carol Barcelos e Clayton Conservani, direto de Nepal, para depoimento sobre a situação na região.

Enquanto o apresentador fala, ele se levanta da bancada e vai até o telão à direita do estúdio, onde interage com os repórteres. Ao longo da conversa, Renata também levanta e vai até o local.

Cabeça: “O número de mortos do terremoto fortíssimo de sábado no sul da Ásia subiu pra quatro mil. Os feridos são mais de sete mil. Os repórteres Carol Barcellos e Clayton Conservani contam que houve mais um tremor durante a noite no Nepal e como está a atual situação no local”.

A cabeça começa fechada em Bonner, ao fundo aparecem imagens que lembram um terremoto, e, seguida, ele levanta e vai explicando que a conversa com os repórteres que estão no Nepal, terá longas pausas devido a distância e dificuldade de comunicação.

O bate-papo entre apresentadores e repórteres nos deixa em dúvida se é uma entrevista ou tomada de depoimentos. Durante toda a entrevista, Carol Barcelos (repórter mais nova) segura o microfone para Clayton Conservani (veterano da emissora), mas ela também dá o depoimento e impressões sobre o que está vivendo no Nepal, ao tempo em que também entrevista Clayton. Não há inserção

de imagens durante essa passagem ao vivo do programa. Durante a entrevista, os repórteres falam de toda a equipe da *Globo* que está no Nepal e das dificuldades deles.

Tempo: 05:45

Assunto 2

Mundo / Terremoto / Nepal

Publicidade NEC, 30 segundos.

Entrevistas

Ainda de pé e do lado do telão, os apresentadores chamam a segunda reportagem, que tem a mesma temática que a primeira. Imagem começa aberta nos apresentadores, depois fecha nele. Cabeça Bonner: “As brasileiras que a Carol Barcellos encontrou no aeroporto de Katmandu, estavam super preocupadas com os pais. O *Jornal Nacional* levou as imagens delas aos pais da Daniele Pio, na Zona Norte do Rio”.

“A gente está tendo a felicidade de agora receber a imagem da nossa filha e não vê a hora dela chegar, de estar abraçando, beijando, e de não deixar ela nem tão cedo sair daqui”, disse Marinez Pio, mãe de Danielle.

“Foi como se tirassem uma tonelada de cima de mim ver essa imagem. Foi muito bom, fiquei muito feliz. Eu diria que eu renasci”, comentou Marcos Pio, pai de Danielle.

Depois entra Renata já sentada à bancada.

Cabeça Renata: “Em Nilópolis, na Baixada Fluminense, os pais de Monique tiveram uma reação bem parecida”

“Foi maravilhoso ver você, principalmente ver você sem nenhum arranhão. Vocês duas. Pra mim foi uma alegria muito grande meu amor”, disse Josete Correa Santos, mãe de Monique.

“Eu aguardo você aqui ansiosamente. Onde você estiver eu vou te beijar muito. Volte urgentemente. Beijo minha linda, maravilhosa. Te amo”, ressaltou Ronaldo Cardoso Santos, pai de Monique.

Tempo: 01:18

Assunto 3

Mundo / Terremoto / Nepal

Publicidade Oi total, 30 segundos.

Entrevista por telefone

Renata chama a notícia, inicialmente imagem fechada na apresentadora, depois Bonner aparece do lado sentado, mas não fala.

Cabeça: “O guia Carlos Santalena comanda uma expedição de 24 brasileiros no Nepal. Eles estão em um acampamento em Lobuche, que fica a 4,9 mil metros de altitude, perto do campo-base do Everest. O Carlos deu um depoimento por telefone”

Enquanto ouvimos a fala do guia por telefone são inseridas imagens da região.

“Quando teve o primeiro tremor, saímos correndo para fora do alojamento. Foi muito assustador, ficamos o dia inteiro em alerta, dormindo próximo à porta, com saco de dormir. Hoje a gente foi fazer um reconhecimento no nosso acampamento base, e nosso acampamento, infelizmente, foi inteiramente deteriorado. As barracas voaram com a propulsão causada pela avalanche. A gente ainda está tomando a decisão sobre como prosseguir com a expedição ou não. Ainda estamos assustados. Estamos bem, aqui, graças a Deus. Nossa impressão é que a gente nasceu de novo”.

Tempo: 00:51

Assunto 4

Polícia

Loc off

Imagem começa aberta nos dois apresentadores, mas só Renata chama a notícia, em seguida, entram imagens de celular e outras feitas pela emissora.

Cabeça: “A polícia descobriu um túnel com dez metros de profundidade e vinte de extensão na maior penitenciária do Rio Grande do Norte”.

Imagens:

Para descer pelo túnel, os presos fizeram também uma escada gigantesca. O presídio foi destruído em uma rebelião que aconteceu no mês passado. Sessenta e sete presos fugiram, este mês.

Tempo: 00:19

Assunto 5

Política

Loc off

Imagem fechada em Renata, no telão aparece a logomarca do jornal.

Cabeça: “A presidente Dilma Rousseff visitou, nesta segunda-feira (27), a cidade de Xanxerê, em Santa Catarina”.

Entram imagens:

A cidade foi a que mais sofreu com os tornados que atingiram o estado, na semana passada.

O Governo Federal vai liberar R\$ 5,8 milhões para obras de reconstrução. Mil e cem pessoas ainda estão desabrigadas ou desalojadas. A Defesa Civil estima que o prejuízo na região passe de R\$ 100 milhões.

Tempo: 00:24

Assunto 6

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Temporal

Reportagem de Patrícia Nobre, Salvador

Bonner chama a notícia, imagem fechada, depois imagem aberta em que Renata também aparece. Imagem frontal e depois lateral.

Cabeça: “Um temporal alagou ruas e provocou deslizamentos de terra em Salvador. Quatorze pessoas morreram”

Off

A chuva começou de madrugada. Salvador parecia uma cidade cortada por rios. As mortes foram nas áreas perto de encostas. No bairro Bom Juá, na periferia, a terra deslizou e atingiu duas casas. Cinco pessoas morreram.

Em outra região, o muro de contenção desabou e fez a terra da encosta deslizar. Seis casas desapareceram debaixo da lama. Logo após o soterramento, três pessoas foram resgatadas.

Passagem: “Os Bombeiros receberam informações de que há mais gente soterrada e, por isso, o trabalho de resgate não para. Os moradores da região ajudam como podem nos dois locais onde há buscas. É um trabalho complicado porque há muita lama, uma lama fofa. É preciso muito cuidado”.

Depois de mais de sete horas soterrado, um adolescente foi retirado com vida. "Tudo o que eu mais quero agora é ficar perto dele", afirma uma moradora.

Apesar do esforço e das orações, até o início da noite desta segunda-feira (27), sete pessoas foram encontradas mortas em uma das comunidades atingidas. Entre elas, um menino de 12 anos. "Uma turma foi por aqui, outra por lá, mas infelizmente, não deu para salvar ninguém", conta um morador.

Tempo: 01:22

Assunto 7

Ao vivo com José Roberto Burnier, de São Paulo

Saúde

A imagem começa fechada em Bonner sentado, que se levanta, passa pela frente da bancada, até chegar ao telão onde conversa com o repórter. Depois Renata também faz uma pergunta, mas permanece sentada.

Cabeça: “O número de casos de dengue esse ano em São Paulo já é o maior desde de 1987, quando esses números começaram a ser registrados. Vamos ao vivo conversar com o repórter José Roberto Burnier. Boa noite, Burnier! Que recorde é esse?”

Texto repórter:

Um recorde que ninguém quer, Bonner! Boa noite! Primeiro deixa eu explicar porque estou aqui no comando do exército. É que soldados do Exército brasileiro foram convocados para a guerra contra a dengue em São Paulo. Os números são impressionantes: 222 mil casos no estado. Em números absolutos, a cidade que tem a maior quantidade é Campinas, com 26 mil, depois Sorocaba, com 19 mil, e a capital, São Paulo, com 18 mil.

Dos 222 mil casos, quase 213 mil são autóctones. Ou seja, as pessoas pegaram a dengue no próprio estado. E é esse número de autóctones que é recorde absoluto desde que o Centro de Vigilância Epidemiológica passou a fazer esse levantamento.

Enquanto as pesquisas sobre a prevenção não chegam, os procedimentos não mudam. O *Aedes aegypti* é um mosquito que se reproduz muito, um mosquito gera outros 400 em apenas um mês de vida, e se reproduz em água limpa, parada, dentro de casa.

Com a crise hídrica, muita gente começou a estocar água em casa - em balde, em tanque, em latões, em caixas d'água - sem tampa. E qualquer poça de água, por menor que seja, já é suficiente para o mosquito se reproduzir. (Repórter faz gestos de limpeza de casa)

O número de casos ainda pode aumentar até o início de maio. Segundo as autoridades de saúde, quanto mais quente, maior a velocidade de reprodução do *Aedes aegypti*. Como São Paulo teve um primeiro trimestre mais quente que o mesmo período em 2014, já era esperado que, no fim de abril, houvesse uma maior quantidade de mosquitos atacando a população.

O repórter encerra “amém, assim seja”, no que se refere ao controle do “bicho”.

Não há inserção de imagens durante o ao vivo.

Tempo: 03:57

Assunto 8

Educação

Reportagem de Malu Mazza, Paraná

Renata chama a reportagem em pé, perto do telão.

Cabeça: “Os professores estaduais do Paraná entraram em greve pela segunda vez neste ano. Nesta segunda-feira (27), eles voltaram a protestar contra as mudanças no plano de previdência no estado”.

Off

Escolas ficaram fechadas em todo o estado. Milhares de professores se reuniram na Assembleia Legislativa do Paraná, em Curitiba. O prédio foi todo cercado por policiais a pedido do presidente da casa, o deputado estadual do PSDB Ademar Traiano.

“Nós não somos contra qualquer movimento reivindicatório, mas não podemos permitir que vândalos possam agir e depredar o patrimônio público que até agora ninguém ressarciu”, afirma Ademar Traiano (PSDB), deputado estadual.

Os manifestantes não puderam entrar no Plenário para acompanhar a votação do projeto que muda as regras da previdência dos funcionários públicos estaduais. Em fevereiro, os servidores do estado ocuparam a Assembleia Legislativa para evitar a votação da proposta.

A greve dos servidores terminou depois de 29 dias. Os professores dizem que retomaram a paralisação porque o governo não cumpriu tudo o que foi combinado da primeira vez.

“Somente duas das nossas propostas foram acolhidas, portanto não é de acordo. Não tem consenso e o governo quebrou os compromissos que assumiu”, diz Marlei Fernandes, presidente do Sindicato dos Professores – PR.

Para o governo do Paraná, comandado por Beto Richa do PSDB, o projeto de mudanças na previdência alivia as contas do estado. E não coloca em risco a aposentadoria dos servidores.

“O estado vai continuar se responsabilizando pelo pagamento das aposentadorias dos servidores do Paraná e a discussão se deu de forma bastante transparente e que foi amplamente discutida com os servidores e com a sociedade do Paraná”, afirma Eduardo Sciarra, secretário da Casa Civil – PR.

Passagem: “O projeto foi aprovado na noite desta segunda-feira e nesta terça-feira (28) será feita a segunda votação quando poderão ser apresentadas emendas. Os professores dizem que vão permanecer acampados em frente à Assembleia. A votação final deve ser ainda nesta semana”

Notapé: Renata já sentada à bancada, imagem fechada:

Na tarde desta segunda-feira (27), a Justiça do Paraná determinou que os professores voltem ao trabalho imediatamente. O sindicato dos professores declarou que ainda não recebeu a ordem.

Tempo: 02:13

Assunto 9

Sentado, William chama a notícia.

Nota seca com arte ao lado do apresentador nos mesmos moldes de antes.

O aumento de impostos começou a ter efeito na arrecadação. No mês passado, o Governo Federal arrecadou R\$ 94 bilhões, quase 0,5% a mais do que em março do ano passado. Mas no primeiro trimestre, como um todo, a arrecadação, já descontada a inflação, caiu 2%.

Tempo: 00:19

Assunto 10

Publicidade Amaciane Downy, 15 segundos

Política

Nota seca

Imagem fechada em Bonner, no telão aparecem imagens de dinheiro, e depois a logomarca do jornal.

O Ministério da Fazenda decidiu reformular o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, o Carf. O conselho é responsável por analisar os recursos contra decisões da Receita Federal e está sob suspeita. A Operação Zelotes investiga um esquema de venda de decisões e já identificou prejuízo de R\$ 5 bilhões. A ideia do ministério é tornar obrigatório o sorteio eletrônico dos processos e reduzir o número de conselheiros. Hoje são mais de 300. As mudanças ainda vão passar por uma consulta pública.

Tempo: 00:35

Assunto 11

Política

Nota seca

Imagem fechada em Bonner sentado, no telão ao fundo aparecem imagens que se parecem com instalações, canos, não é possível identificar melhor.

Bonner: “O Ministério Público apresentou mais uma denúncia contra o ex-tesoureiro do PT João Vaccari; Renato Duque, ex-diretor da Petrobras, e Augusto Mendonça, do Grupo Setal. Os procuradores alegam que parte da propina que seria destinada a Renato Duque foi entregue a uma editora a pedido de Vaccari. Segundo a denúncia não houve a prestação dos serviços. Os três foram denunciados por lavagem de dinheiro. Eles já são réus em outros processos da Operação Lava Jato”

Entra Renata – imagem fechada:

“O advogado de Renato Duque disse que a denúncia é fantasiosa e sem base concreta. O advogado de João Vaccari disse que não há provas contra o cliente e que Vaccari nunca orientou Augusto Mendonça a fazer depósitos para a editora. E a advogada de Augusto Mendonça disse que o cliente reitera as denúncias feitas no acordo de delação premiada”.

Tempo: 00:49

Assunto 12

Publicidade Secretaria Nacional de Turismo, 30 segundos

Política

Entrevista

Imagem aberta nos apresentadores sentados, Bonner chama a notícia:

Cabeça: “O presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, repudiou a morte de inocentes nas mãos dos terroristas do Estado Islâmico. Foi numa entrevista exclusiva ao programa Roberto D’Ávila, da *GloboNews*, que vai ao ar nesta segunda-feira (27)”.

Entra a entrevista, mas só entra o áudio estrangeiro, após 32 segundos, William volta e diz que tiveram problemas, que ele gravou a tradução do represidente, mas que por algum motivo não foi ao ar. Ele relembra rapidamente o que disse o presidente da Palestina:

William: “Ele diz que o islã não defende, de forma nenhuma, que cristãos, yazidis, que gente de qualquer religião seja exterminada. Que não há base no islã pra isso e que esses extremistas têm que responder à lei por esses assassinatos que tem cometido”.

Renata ajuda como texto oficial que ela lê na lauda:

Renata: “Somos contra esse comportamento. E acredito que o estado islâmico e organizações extremistas semelhantes devem ser combatidos”.

Tempo: 01:25

Assunto 13

Violência / Preconceito / Morte

Reportagem de Hélder Duarte seguida de ao vivo

Imagem aberta nos dois apresentadores, depois fecha no Bonner. Enquanto ele fala, a imagem da bandeira dos EUA se forma no telão.

Cabeça: “Os Estados Unidos enfrentam, mais uma vez, protestos por causa da morte de um jovem negro por policiais brancos. Freddie Gray morreu há nove dias, em Baltimore, no estado de Maryland. Nesta segunda-feira (27) foi o enterro”.

Off

(A reportagem não tem sonoras nem passagem, só imagens e texto, são usadas imagens de emissoras locais de circuito interno de TV e de arquivo da família da vítima)

A Igreja Batista de Baltimore ficou lotada de parentes e amigos. A Casa Branca mandou três representantes para a despedida a Freddie Gray, um jovem negro de 25 anos. A polícia prendeu Freddie há duas semanas porque ele estava com um canivete. Imagens mostram o rapaz sendo arrastado até o camburão, gritando. Ele foi internado com fraturas graves na coluna cervical, entrou em coma e morreu uma semana depois.

Durante uma cerimônia no domingo (26), o pastor Jamal Bryant perguntou: “Quantos dos nossos filhos terão que morrer até que as vidas dos negros sejam tratadas com igualdade?”

Autoridades estão investigando o caso. Seis policiais foram afastados. Eles não explicaram como Freddie teve a coluna fraturada.

Uma onda de protestos - alguns violentos - tomou conta de Baltimore. No fim de semana, 35 pessoas foram presas por vandalismo. A irmã gêmea de Freddie pediu o fim da violência. Mas nesta segunda-feira (27), no fim do dia, dezenas de jovens jogaram pedras e garrafas contra policiais. Sete deles ficaram feridos, um em estado grave. O Batalhão de Choque respondeu com bombas de efeito moral. Vândalos saquearam lojas e destruíram carros da polícia. Um tentou escapar, mas foi preso.

Renata está sentada e levanta para chamar ao vivo o repórter no telão. A imagem dos dois juntos dá a ideia de que estão no mesmo ambiente:

Renata: “Vamos até Baltimore, conversar com o repórter Hélder Duarte, que tem mais informações sobre essa onda de protestos”.

Entra repórter ao vivo do estúdio da emissora em Nova Iorque:

A situação piorou muito nas últimas horas. Baltimore, uma das grandes cidades americanas e que fica a uma hora de Washington, se transformou numa zona de guerra.

O governador do estado de Maryland decretou estado de emergência e acionou a Guarda Nacional. A prefeita de Baltimore decretou toque de recolher, das 22h às 5h.

Tudo isso porque a polícia perdeu o controle de várias áreas da cidade. Gangues saquearam lojas, colocaram fogo em farmácia, roubaram dinheiro e cartões de débito de uma agência de pagamentos - como se fosse uma lotérica.

A imprensa já fala até da necessidade de haver uma intervenção militar na cidade. O governo federal diz que está pronto para agir, é só ser convocado pelas autoridades locais.

Este não é um caso isolado. A tensão tem aumentado nos Estados Unidos nos últimos meses.

Os protestos não são apenas pela morte do Freddie, mas pela morte de mais um negro por um policial branco. Não há dados oficiais do governo americano, mas foram vários casos nos últimos anos. Só para lembrar dois do ano passado: Michael Brown, em Ferguson, e Eric Garner, em Nova York. Esses protestos geraram uma onda gigantesca de manifestações que pararam várias grandes cidades americanas.

Tempo: 03:47

Assunto 14

Polícia / Morte

Reportagem de Rodrigo Alvarez, Indonésia.

Imagem fechada em Bonner sentado.

Cabeça: “A família do brasileiro Rodrigo Gularte foi convocada a comparecer ao presídio onde ele está internado, na Indonésia, às 18h desta terça-feira (28), hora local. Rodrigo foi condenado à morte por tráfico de drogas. O horário do fuzilamento não foi divulgado oficialmente”

Off

As ilhas da Indonésia sempre foram sinônimo de férias, surfe ou romance. Mas Nusakambangan é o inferno. É uma ilha-presídio de onde traficantes de drogas dificilmente saem vivos. Rodrigo Gularte foi levado para o presídio por tentar entrar na Indonésia com seis quilos de cocaína. O padre que acompanha os presos diz que o brasileiro vive atordoado. “Ele acha que se sair da cela vai ser executado dentro do carro,” disse o capelão Romo Carolus. Os problemas mentais de Rodrigo, atestados por médicos, foram ignorados pela Justiça da Indonésia sob a alegação de que ainda não existiam no dia do crime. O advogado que defende o brasileiro entrou com um outro recurso.

"Argumentamos que por causa da doença mental a capacidade de decisão dele foi afetada, e portanto ele deveria ter tido um guardião durante o julgamento", disse o advogado Ricky Gunawan.

Mas a nova audiência foi marcada para semana que vem, tarde demais. Depois que as famílias são avisadas, só o procurador-geral e o presidente da Indonésia podem cancelar o fuzilamento. Passagem: “A menos de 24 horas para o fim do prazo legal, e aqueles que torcem por Rodrigo se apegam a uma última esperança. Afinal, a diplomacia brasileira ainda tenta; e o advogado dele insiste com as autoridades locais que a lei da Indonésia proíbe a execução de uma pessoa com doença mental” – Repórter

Mas, na entrada do presídio onde vão acontecer os fuzilamentos, ninguém mais tem dúvida: só um milagre pode salvar Rodrigo Gularte e outros oito condenados da pena de morte. Na entrada do pátio que leva ao presídio, os moradores disputavam espaço com lentes gigantes dos fotógrafos. Os indonésios queriam ver de perto as famílias dos condenados. No fim da tarde, Angelita Muxfeldt, a prima que há três meses acompanha Rodrigo, voltou depois de mais uma visita. Não deu entrevistas, e só longe da câmera desabafou, arrasada e inconformada. Disse que, lá no fundo, ainda espera uma decisão de última hora para salvar o primo. Notapé: Renata lê sentada, enquanto os dados aparecem em uma arte.

“Segundo o Itamaraty, hoje existem 864 brasileiros presos ou detidos no exterior por posse de drogas, sendo 478 na Europa. Na Ásia, onde o Rodrigo Gularte foi preso, são 57”

Tempo: 02:44

Assunto 15

Mapa tempo com Maria Júlia Coutinho, Maju, veste um vestido cor laranja sem mangas e com a cintura marcada por um cinto grosso. É uma moça negra, que estreia no mapa tempo.

Renata, sentada, diz: “Agora a gente vai ver a previsão do tempo e de um jeito diferente”. Renata levanta: “Porque a partir de agora quem vai tratar da previsão do tempo é Maria Júlia Coutinho, que vai falar com a gente aqui ao vivo todos os dias aqui no *Jornal Nacional*. Boa noite, Maria Júlia! Como fica o tempo?”

Maria Júlia entre no telão, de São Paulo, respondendo a pergunta de Renata e mostrando imagens do tempo em várias regiões do país, assim como as tradicionais mínimas e máximas temperaturas previstas.

Da bancada, Bonner faz uma pergunta e ela responde.

Tempo: 02:42 (Tempo bem maior, mais que o dobro do destinado nas edições anteriores)

Assunto 16

Esporte

Reportagem de Édson Viana, Rio de Janeiro

Imagem abasta nos dois apresentadores. Renata lê:

Cabeça: “Agora o destaque do esporte nesta edição do *Jornal Nacional* é pra uma despedida. Ontem uma super craque que brilhou nas quadras por quase três décadas se despediu da torcida brasileira”.

Depois, Bonner: “Aos 45 anos!”

Entra a reportagem

Começa com Fofão levantando uma taça com a ajuda do marido e depois relembra o dia anterior, jogo de despedida.

Tempo: 02:30

Assunto 17

Mundo / Terremoto / Nepal

Imagem aberta em Bonner na bancada, depois fechada. Enquanto ele fala, imagens do terremoto aparecem no telão.

Reportagem de Clayton Conservani, Nepal. Reportagem presencial com três passagens e narração rouca.

Cabeça: “O número de mortos do terremoto fortíssimo de sábado no sul da Ásia subiu pra quatro mil. Os feridos são mais de sete mil. É no Nepal que se concentra a maior parte das vítimas. Muita gente ainda está presa em escombros, e os enviados Clayton Conservani e Ari Júnior mostram os trabalhos de resgate”.

Off

O som frequente da ambulância sinaliza que toda ajuda é bem-vinda neste momento. Os médicos turcos foram convocados porque são especialistas em tragédias. E mesmo com tanta boa vontade a situação continua crítica em Katmandu.

No local em que é feito o atendimento de emergência em Katmandu faltam médicos, remédios e leitos. As pessoas que chegam, como um menininho acompanhado do pai, têm que aguardar embaixo de tendas.

O pai conta que o teto da sala desabou em cima do pequeno Mamesm Tamang de 11 anos. Alívio e lágrimas às vezes estão bem perto.

Passagem: “Não falta empenho para conter a tristeza. E 48 horas depois do terremoto mais forte ainda pode existir esperança embaixo dos escombros. As equipes de resgate estão em busca de sobreviventes e corpos. Um trabalho difícil, arriscado” – repórter está rouco em meio ao desastre.

Equipes de vários países chegam para ajudar. Espanha, França, Japão, China e Israel mandaram socorristas. Nos escombros de um prédio, uma equipe da Turquia encontrou um homem com vida. São muitas casas e prédios para serem vasculhados. Um comerciante conta que perdeu a loja e uma funcionária que está soterrada.

Passagem: “Dos escombros dá para salvar alguma coisa ainda. Uma família está retirando o que sobrou depois do terremoto”

Para quem têm tão pouco, qualquer objeto salvo é valioso, mesmo que para isso seja preciso colocar a vida em risco mais uma vez.

Passagem: “No templo hindu de Pashupatinath os corpos são cremados pelos familiares. Mas o número de mortos é tão grande que tem fila de espera para esse ritual de despedida e purificação.” Cercadas de fogueiras as famílias esperam pacientes e calmas. Uma virtude do povo nepalês que precisa de muito pouco para voltar a ser feliz.

Tempo: 02:50

Assunto 18

Mundo / Terremoto / Nepal

Reportagem de Carol Barcelos

No telão, continuam imagens do terremoto. Imagem aberta nos apresentadores e depois fechada em Renata, que chama a notícia:

Cabeça: “O desespero pra sair de Katmandu é grande. As pessoas se aglomeram nos aeroportos e rodoviárias da capital nepalesa. E é isso que a gente vê na reportagem da Carol Barcellos e do Cláudio Carneiro”.

Off

Como deixar o pesadelo para trás, mesmo que seja por alguns quilômetros? Os ônibus que partem de Katmandu saem lotados. Alguns vão para cidades vizinhas, que foram menos atingidas pelo terremoto.

Passagem no meio do tumulto: “No aeroporto, a chance de voltar para casa provoca tumulto. Indianos disputam espaço num avião enviado pelo governo da Índia para resgatá-los. O clima é de muito desespero para voltar”.

Muita gente dorme no aeroporto à espera de voos. Num desses acampamentos improvisados, a equipe do *Jornal Nacional* encontrou duas brasileiras.

“Não sabia o que estava acontecendo, a gente não sabia de nada, a gente demorou a perceber que era um terremoto. A gente não sabia se era um ataque aéreo, os prédios caíam, a fumaça subia. Foi uma coisa horrível”, conta a pediatra Danielle Sulamita Pio.

“No início era um leve tremor e eu fiquei ‘é um trem aqui embaixo?’. E daqui a pouco começou tudo a cair, e fumaça a subir. E a gente correndo. ‘É um avião caindo?’. Até a gente saber que era um terremoto foi um pouco demorado”, relembra a fisioterapeuta Monique Corrêa Santos.

Desde o terremoto que atingiu o Nepal no sábado (24), às 11h26, horário local, já era possível sentir a terra tremer muitas outras vezes. A mais forte, durante uma entrevista na embaixada brasileira.

(É usado um trecho em que a equipe está entrevistando a embaixadora do Brasil no Nepal e começa um tremor forte, as imagens mostram gritos e desespero, inclusive, da equipe de reportagem).

Na segunda-feira (27), a equipe reencontrou a embaixadora. “Não vou dizer que estou totalmente tranquila, mas enfim, melhorou um pouco né”, contou Maria Teresa Pessôa, embaixadora do Brasil no Nepal.

Há um alerta para o risco de outros tremores nas próximas 36 horas.

Assustado, um turista diz: “Pode vir algo maior por aí. Preciso ir embora”.

Nas ruas, há filas para conseguir água. O governo do Nepal pediu aos comerciantes que reabram as lojas, principalmente mercados e mercearias, mas a maioria continua de portas fechadas. Tentar retomar a vida ainda é impossível, diante de tanta dor. Um homem conta que não teve dúvidas na hora de optar: “Preferi fechar as portas e cuidar da família”. Para Monique e Danielle, faltam algumas horas. Elas já conseguiram voo.

“Quero dizer para o meu pai e para a minha mãe que eles são as pessoas mais importantes da minha vida. Eu achei que ia morrer. Amo vocês demais, pai e mãe”, diz Danielle.

“Eu tenho certeza que vocês estão aí orando pela gente, pra gente ir embora seguro. Fica tranquilo que a gente não sofreu nenhum arranhão apesar de todo o transtorno e todo o pavor. A gente tá bem, bem mesmo”, diz Monique.

Tempo: 03:33

Assunto 19

Mundo / Terremoto / Nepal

Reportagem de Márcio Gomes (sem passagem) e ao vivo em seguida

Imagens abertas do estúdio com os apresentadores, mas só William chama a notícia:

Cabeça: “Organizações humanitárias do mundo inteiro enviam ajuda ao Nepal”

Off

Lençol, água, comida, medicamentos. Os mantimentos estão sendo enviados de trem e de helicóptero. O país parou. Nove entre dez militares nepaleses estão envolvidos nos resgates e na difícil tarefa de organizar o caos.

Essa mobilização mundial esbarra em outra dificuldade: como fazer a ajuda chegar a um país tão pobre? Nesta segunda-feira (27), um avião mantimentos da Índia não conseguiu pousar no aeroporto de Katmandu.

O Unicef fez as contas: um milhão de crianças precisam de ajuda imediata no Nepal. A União Europeia já havia liberado 3 milhões de euros para atender as necessidades imediatas.

Nesta segunda-feira, a ONU doou US\$ 15 milhões para aliviar os efeitos da crise humanitária. A Cruz Vermelha e o Exército da Salvação estão recebendo doações pela *internet*. O dinheiro é usado para comprar roupas, tendas e produtos de higiene.

Os Estados Unidos prometeram US\$ 10 milhões, além de enviar equipes especializadas de resgate. China, Israel, Canadá, Grã-Bretanha, Alemanha estão entre os países que se mobilizaram para enviar geradores de energia, remédios, tendas, camas de hospitais e kits de sobrevivência.

Na Índia, onde morreram 66 pessoas no terremoto, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, doou o salário dele para o Fundo Nacional de Auxílio às Vítimas.

Entre as imagens que chegam do mundo, uma das mais impactantes é a feita pelo alpinista alemão Jost Kobush, um sobrevivente. Toneladas de neve e pedras desceram o Monte Everest, a montanha mais alta do mundo, depois de mais um tremor a sacudir a região, no sábado (25).

Um drone, um avião não tripulado, registrou o que ficou de pé, em Katmandu depois que a terra tremeu. O que se vê é destruição a perder de vista.

Depois da reportagem, volta para o estúdio e Renata chama Márcio Gomes, correspondente na Ásia, Japão, país também que sofre com os terremotos. Ela levanta da bancada e vai até o telão conversar com o repórter e dá bom dia devido a diferença de fuso. Márcio Gomes fala da experiência do Japão com tragédias e prevenção de terremotos. Ele fala de uma rua no Japão e mostra um kit de socorro que os japoneses costumam usar em casos como esse. Ele diz que tem um kit desse em casa. A imagem aberta dos dois, enquanto conversam, dá a impressão de que estão no mesmo lugar.

Tempo: 05:19

Jornal Nacional 28 de abril de 2015 (terça-feira)

Assunto 1

Publicidade Crefisa, 30 segundos

Mundo / Terremoto / Tibete

Loc off

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Renata chama a notícia, imagem de terremoto no telão.

“A primeira imagem do *Jornal Nacional* desta terça-feira (28) foi do pavor provocado pelo terremoto de sábado (25) no Tibete. Gritos desesperados eram ouvidos em meio a deslizamentos

de terra. Eram 14h11 de sábado (25). Um sobrevivente resgatado, na segunda-feira (27), tinha gravado tudo com o celular. O tremor deixou 25 mortos no Tibete e 72 na Índia”

As imagens são creditadas da seguinte forma: “TIBETE, sábado”.

Tempo: 00:30

Assunto 2

Publicidade Heineken, 15 segundos

Mundo / Terremoto / Nepal

Reportagem de Carol Barcelos, Nepal

Imagem aberta nos dois, depois fecha em Bonner, que chama sozinho a notícia.

A ONU estima em torno de 8 milhões o número total de pessoas afetadas por esse desastre, quase um terço da população. Perto de Katmandu, os repórteres Carol Barcellos, Ari Júnior e Lucas Munhoz visitaram, nesta terça-feira (28), um vilarejo que foi arrasado.

A tragédia no Nepal fez o tempo parar em Khokana. Todos os moradores tiveram que deixar suas casas. O cenário não parece real. O vilarejo a 10 quilômetros da capital do país, Katmandu, está abandonado.

Passagem: “As equipes de resgate ainda não chegaram a Khokana. Por isso, não se sabe quantas pessoas podem estar soterradas na cidade. Tomadas por escombros, as ruas desapareceram”

A equipe do *Jornal Nacional* encontrou um homem que faz um ritual. Com o olhar perdido, ele conta que a filha de 4 anos morreu.

No abrigo montado a alguns quilômetros do local, um nepalês explica: “A estrada para chegar à nossa região é muito estreita”. E desabafa: “Quando as equipes vão chegar para nos ajudar? Não sei.”

Talvez esta ajuda tenha mesmo que vir das próprias mãos. Nesta terça-feira, um senhor decidiu voltar para casa porque prefere conviver com a imagem da tragédia a continuar nas ruas.

Quatro dias depois do terremoto, o povo nepalês se esforça para voltar a sorrir, e dá sinais de que pode estar pronto para recomeçar.

Reportagem situa no mapa a região onde a repórter se encontra a exemplo de edições anteriores.

Tempo: 01:57

Assunto 3

Mundo / Terremoto / Nepal

Ao vivo Carol Barcelos e Clayton Conservani

Imagem fechada em Renata, que levanta da bancada em direção ao telão pra chamar os repórteres ao vivo. No telão passa uma arte de um terremoto. Ela explica que demora cinco segundos pra eles ouvirem a apresentadora e a exemplo da edição anterior, Carol segura o microfone e assume a posição de repórter ao dar as notícias e entrevista o também repórter Clayton Conservani. Bonner, da bancada, também faz perguntas.

Cabeça: “No Nepal, o terremoto de 7,8 graus matou mais de 5 mil pessoas. Os feridos chegam a quase 11 mil. O *Jornal Nacional* conversa, nesta terça-feira (28), com os enviados especiais Carol Barcellos e Clayton Conservani sobre o trabalho de resgate, a comunicação e o aeroporto do país”.

Eles falaram que nas últimas 24 horas não houve nenhum tremor de terra, a situação está melhorando. Ao vivo sem inserção de imagens.

Tempo: 05:49

Assunto 4

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Meio ambiente

Ao vivo com Hélder Duarte, Nova York

Imagem fechada em Bonner, que levanta da bancada em direção ao telão, passa em frente a bancada para falar com Hélder Duarte. O apresentador faz algumas perguntas e o repórter responde sem inserção de imagens.

Cabeça: “A revista Nature Climate Change, que é dedicada a estudos sobre as mudanças climáticas, divulgou uma pesquisa de cientistas suíços que desenha um futuro nada agradável. O correspondente Hélder Duarte explica o que é que esse estudo tem de mais preocupante”.

Texto do repórter que está no estúdio da emissora em Nova York:

Os cientistas disseram que essa é a primeira vez que conseguem quantificar a frequência dos eventos extremos do clima que são provocados pelo aquecimento global. Embora o calor e a chuva forte sempre tenham existido, os cientistas explicam que, se os efeitos do aquecimento global continuarem avançando como eles avançam hoje, os eventos extremos do clima como o calor acima de 50 graus, que já matou pessoas na Europa em anos anteriores, e tempestades devastadoras, podem aumentar até 62 vezes nos próximos anos. Pode chegar ao ponto em que as pessoas terão que ficar trancadas em casa durante dias, ou semanas, porque o calor e a umidade do ar estarão insuportáveis.

Se for feito algo para controlar os efeitos do aquecimento global, a média de crescimento cai para um ritmo menor: até 14 vezes.

Eles compararam dados do ano de 1900, quando a emissão dos gases que provocam o efeito estufa e, conseqüentemente, o aquecimento global, não era tão alta, com a emissão de hoje em dia, e conseguiram chegar ao seguinte resultado: o aquecimento global já é responsável por 75% das ondas de calor e por 18% das tempestades devastadoras, como as de São Paulo.

Os cientistas também levaram em consideração os efeitos naturais. E fizeram mais um alerta: se não controlarmos os efeitos do aquecimento global, a quantidade de tempestades devastadoras pode dobrar nos próximos anos.

Tempo: 3:15

Assunto 5

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Politica

Reportagem de Malu Mazza, Curitiba.

Imagem aberta, mas só Bonner chama a notícia, enquanto arte de canos entram no telão.

Cabeça: “O juiz federal Sérgio Moro começou os interrogatórios dos processos contra empreiteiras e funcionários da Petrobras acusados de desviar dinheiro da empresa”.

Off

O ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa falou por quatro horas e meia. Ele cumpre prisão domiciliar no Rio de Janeiro e chegou nesta segunda-feira (27) à noite a Curitiba. Em uma foto ele aparece jantando em uma churrascaria acompanhado de agentes da Polícia Federal.

No depoimento, o ex-diretor da Petrobras disse que entre 2010 e 2011 tentou acabar com o chamado clube das empreiteiras, que teria se organizado para dividir obras da Petrobras. Ou seja, queria permitir que outras empresas participassem das licitações. (imagens do depoimento são menores, entram em arte).

Ele disse que se reuniu algumas vezes com Ricardo Pessoa, ex-presidente da UTC e apontado com o chefe do cartel.

“Eu tive uma reunião com o Ricardo Pessoa, com Marcio Faria e Rogerio Araújo dizendo que estava impossível continuar daquele jeito, e que eu ia fazer uma quebra do cartel. Eu estava enjoado com aquilo e não ia mais considerar aquele processo. E eles me falaram que eu ia quebrar a cara, porque eu iria licitar empresas que não iam dar conta do contrato, mas eu fiz isso. Forcei a barra com a diretoria de Serviços. Não foi fácil quebrar essa posição com a diretoria de Serviços, mas em algumas licitações nós chamamos empresas que não eram do cartel”, afirmou Paulo Roberto Costa.

Passagem: “Na semana que vem o juiz Sérgio Moro vai interrogar os outros réus do processo. Depois, estes processos já entram na fase final e o juiz deve dar as sentenças para cada acusado”.

Tempo:01:57 (sem notapé)

Notapé lido pelos apresentadores que se revezam em imagens fechadas para dar a posição dos envolvidos na matéria.

Bonner: “A Odebrecht declarou que nega os fatos e que é lamentável ver uma mentira ser reconstituída e emendada tantas vezes ao longo de vários depoimentos sem que isso traga qualquer consequência para o réu confesso”

Renata: “A UTC não comenta investigações em andamento”

Bonner: “Sobre o jantar de Paulo Roberto Costa na churrascaria, a Polícia Federal de Curitiba declarou que a situação é regular, que Paulo Roberto estava sob proteção policial. Ele estava hospedado num hotel por não cumprir mais o regime fechado e foi levado para jantar”

Renata: “O juiz Sérgio Moro afirmou que o deslocamento de Paulo Roberto Costa foi autorizado sob escolta para o depoimento, que, no deslocamento, é impossível manter o ex-diretor da Petrobras em prisão domiciliar e que o jantar foi durante o deslocamento”.

Correção: Na reportagem original, as respostas das empresas UTC e Odebrecht às acusações de Paulo Roberto Costa entraram de maneira incorreta. O texto original foi modificado na versão para a internet. A correção foi apenas na internet!

Tempo: 02:42

Assunto 6

Política

Nota seca

Imagem fechada em Renata, no telão passam imagens de dinheiro e do símbolo da Petrobrás.

“**Marice e Youssef ficam frente a frente.** Em Curitiba, a cunhada do ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto e o doleiro Alberto Youssef ficaram frente a frente, durante uma acareação. Youssef reafirmou que Marice Correa de Lima recebeu por duas vezes dinheiro desviado da Petrobras e que esse dinheiro era para Vaccari. Marice manteve a versão de que nunca recebeu propina e de que não conhecia o doleiro. Os delegados da força-tarefa da Lava Jato continuam investigando Marice e vão ouvir o ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto”.

Tempo: 00:27

Assunto 7

Mundo / Violência / Nigéria

Loc off

Imagem aberta nos apresentadores, mas William chama a notícia. Imagem da bandeira da Nigéria se forma no telão, depois entram mapa da região e imagens da emissora no local.

“O exército da Nigéria anunciou a libertação de 200 meninas e 93 mulheres que eram reféns dos terroristas do Boko Haram. Os militares informaram que o resgate foi durante uma operação na floresta de Sambisa, que fica a cem quilômetros de Chibok. Há um ano, quase 300 estudantes dessa aldeia Chibok foram levadas por integrantes do grupo Boko Haram. Na noite desta terça, as forças armadas da Nigéria disseram que, entre as pessoas libertadas, não estão as meninas sequestradas no ano passado”.

Tempo: 00:32

Assunto 8

Publicidade Premier Play (Futebol e Bhrama) , 30 segundos

Reportagem de Luís Fernando Pinto, EUA

Imagem fechada em Renata e depois aberta, mas só ela chama a notícia.

Cabeça

“Nos Estados Unidos, todas as atenções estão sobre a cidade de Baltimore, onde houve protestos violentos depois da morte de um jovem negro que estava em poder da polícia. A reportagem é dos enviados especiais Daniel Peter, Orlando Moreira e Luís Fernando Silva Pinto”.

Off – A reportagem usa trechos de imagens de emissoras locais.

O dia amanheceu com a Guarda Nacional nas ruas de Baltimore. A cidade tenta evitar as cenas de violência de segunda-feira (27), as piores em quase 50 anos.

Lojas foram saqueadas e 144 carros incendiados. Mais de 200 pessoas foram presas e 20 policiais ficaram feridos, alguns com gravidade.

Uma mãe ficou furiosa quando viu o filho no meio da confusão. Outro rapaz tentou parar um carro blindado, queria protestar pacificamente e acabou algemado com a namorada. O fogo também destruiu 15 prédios em diferentes bairros.

Passagem: “A imagem mostrada no vídeo acima se tornou a maior cicatriz de Baltimore. O local seria um centro para o atendimento de idosos que iria abrir em três meses. Iria atender aos idosos em 60 apartamentos. Tudo o que sobrou foram pedaços de madeira queimada, os pisos desabados, uma parede em pé. O que era uma esperança para essa comunidade virou escombros”.

Os protestos começaram há 10 dias com a morte de Freddie Gray. O jovem negro de 25 anos sofreu fraturas graves na coluna enquanto estava sob custódia da polícia. Seis policiais foram afastados.

A cidade ficará uma semana sob toque de recolher.

Passagem: “Essa farmácia foi saqueada e incendiada na segunda-feira (27). No dia seguinte, a comunidade estava limpando os escombros”.

“Estou aqui prestando um serviço. As pessoas destruíram porque estão frustradas, cheias de raiva, e muitos simplesmente não sabem como se conter”, diz Tony.

Shaquinn Holmes diz: “Eu peço a todos que rezem pela minha cidade, pelas pessoas daqui e para que, nós, um dia, tenhamos justiça”.

Notapé fechado em Renata:

O presidente Barack Obama condenou a violência em Baltimore e disse que é preciso melhorar a relação entre a polícia e a comunidade negra em todo o país.

Tempo: 02:34

Assunto 9

Política

Reportagem de Zileide Silva, Brasília

Imagem fechada em Renata com imagens de dinheiro e símbolo da Petrobrás no telão.

Cabeça: “O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, do PMDB, negou nesta terça-feira (28) que seja o autor de um requerimento sob suspeita na Operação Lava Jato. A força-tarefa que investiga a corrupção na Petrobras quer analisar o arquivo de informática da Câmara”.

Off – A reportagem usa outro veículo, convergência de conteúdo.

O documento foi citado em reportagem do jornal “Folha de S. Paulo”. Mostra o presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha, do PMDB do Rio, como autor dos arquivos em que foram redigidos dois requerimentos pedindo informações ao Tribunal de Contas da União e ao Ministério de Minas e Energia sobre contratos do grupo Mitsui com a Petrobras. Passagem: “Em um dos depoimentos da delação premiada o doleiro Alberto Youssef disse que o grupo Mitsui teria interrompido o pagamento de propina para o PMDB e que o deputado Eduardo Cunha teria apresentado os requerimentos pedindo as informações como forma de pressionar o grupo a voltar a fazer os pagamentos. Cunha é investigado na Operação Lava-Jato pelo Supremo Tribunal Federal, acusado de ter recebido propina. Ele nega”. A repórter está em um corredor da Câmara dos Deputados.

Segundo o presidente da Câmara, a então deputada Solange Almeida, atual prefeita de Rio Bonito, no estado do Rio, também do PMDB, é a autora dos requerimentos. Ela teria apenas pedido ajuda para a assessoria dele para redigir os textos. Nesta terça-feira (28), Eduardo Cunha apresentou dois documentos, um que mostra que os pedidos de informação foram autenticados no gabinete da então deputada. A autenticação é como uma assinatura eletrônica. O que confirma, segundo Eduardo Cunha, que foi ela a autora dos pedidos. O outro documento mostra uma contradição, na opinião do deputado. Os requerimentos foram apresentados no dia 11 de julho de 2011. Já o

arquivo, um mês depois, em 10 de agosto. Nesta segunda-feira (27) ele exonerou do cargo o diretor do Centro de Informática da Câmara, Luiz Antônio da Eira. “Estranhamente na semana passada eu determinei uma mudança da carga horária da área de TI, e essa mudança da carga horária provocou uma revolta. O pessoal não estava cumprindo a carga horária e eu determinei o ponto eletrônico, a mudança da carga horária na quinta-feira e, de repente, 24 horas, 48 horas depois aparece um documento de "old". Então essas coisas todas têm que ser investigadas”, afirma Eduardo Cunha.

Nesta terça-feira o presidente da CPI da Petrobras, Hugo Motta (PMDB/PB), disse que pode convocar a ex-deputada para depor. “Só ela pessoalmente é quem pode nesse momento esclarecer, até porque o requerimento foi de sua autoria quando ela estava como deputada federal. Isso se faz necessário para que essas ilações e denúncias que pairam sobre o Congresso Nacional na pessoa do presidente da Câmara possam ser o quanto esclarecidas”, diz Hugo Motta.

Luiz Antônio da Eira, o diretor do Centro de Informática que foi exonerado, disse que é funcionário concursado da Câmara há 25 anos e que respeita as regras da Casa.

A ex-deputada Solange Almeida, do PMDB, voltou a dizer que apresentou vários requerimentos durante a vida parlamentar e que não se lembra deste especificamente. Solange disse ter certeza de que não houve pedido de Eduardo Cunha.

Tempo: 03:01

Assunto 9

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos.

Desemprego

Reportagem de Paulo Renato Soares, Rio de Janeiro

Imagem fechada em Renata, que chama a notícia, enquanto no telão aparece uma imagem de uma carteira de trabalho.

Cabeça: “O desemprego nas maiores regiões metropolitanas do Brasil subiu para o maior nível dos últimos três anos, segundo a pesquisa mensal do emprego divulgada pelo IBGE”.

Ir de porta em porta não ajudou. Luciane está à procura de trabalho, e mesmo para as vagas mais simples, só tem ouvido não.

“Estou há três meses desempregada batendo de porta em porta e até agora nada”, afirma Luciane Santos.

Passagem: “A disputa por uma vaga ficou mais difícil em março. A indústria e a construção civil, grandes empregadoras, fecharam postos de trabalho e a taxa de desemprego subiu para 6,2%: a maior em três anos. Só em 2015 foi a terceira alta consecutiva nas seis regiões metropolitanas onde a pesquisa é feita” – gravada em um local de obra, repórter está com proteção usada pelos operários na cabeça. Uma arte aparece com os números ao lado do repórter.

Na comparação de março deste ano com o mesmo mês de 2014, é em Salvador a pior situação para quem está procurando trabalho. Depois vem Recife, São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Traduzindo: são mais 280 mil pessoas que passaram a procurar emprego no mês passado. No total, 1,5 milhão de brasileiros estão desempregados.

“A gente observou uma redução da população ocupada muito acentuada de fevereiro para março porque reflete simplesmente a deterioração da economia. A gente já verifica um certo aumento de pessoas entrando no mercado de trabalho procurando por novas vagas como reflexo da piora do desemprego e queda da renda. Então o desemprego aumentou por causa dessas razões”, explica o economista Rodrigo Leandro de Moura.

Tempo: 01:35

Assunto 10

Economia

Imagem aberta nos apresentadores, mas Só Bonner chama. No telão aparecem gráficos.

Reportagem de Paulo Renato Soares, Rio de Janeiro – sem passagem. Usa o mesmo entrevistado da reportagem anterior.

Cabeça: “Enquanto o desemprego aumentou, a renda dos brasileiros diminuiu de fevereiro para março. E foi a maior queda dos últimos doze anos”.

Off

A obra já não segue no mesmo ritmo de antes, aí no fim do mês passado o Tiago percebeu, da pior maneira, essa parada no mercado.

“A construção civil deu uma diminuída bastante, bastante, bastante mesmo. Quem tem o seu está se segurando. A gente foi proibido de fazer hora extra. Estamos segurando com garra. Quem puder segurar até o final do mês, segura. Quem não puder, vai cair”, disse Tiago.

O trabalhador da construção civil foi o que mais sofreu com a queda na renda em março: 5,6% menor do que em fevereiro. Outro que perdeu bastante foi o empregado do comércio.

O único setor que registrou alta na renda dos trabalhadores foi a da intermediação bancária. Gente que trabalha em bancos, financeiras e seguradoras.

Na média, o resultado é negativo. O rendimento real do trabalhador, descontada a inflação, ficou em R\$2.134,60. Caiu 2,8%. Na comparação de um mês pro outro, é a maior queda desde janeiro de 2003.

“A renda real do trabalho, ela caiu, no meu entendimento, por uma conjunção de fatores. O desemprego mais alto, com tendência de crescimento, contribuiu para a queda real da renda porque os trabalhadores acabam obtendo menores reajustes nas negociações. E, segundo, a inflação crescente está corroendo rápido o salário dos trabalhadores”, diz o economista Rodrigo Leandro de Moura.

Tempo: 01:34

Assunto 11

Cultura / Institucional

Imagem fechada em Bonner, que chama a notícia.

Reportagem de Renato Biazzini, São Paulo.

Cabeça: “Morreu, nesta terça-feira (28), em São Paulo, o ator e diretor de teatro Antônio Abujamra. Ele tinha 82 anos”.

No prédio de uma esquina movimentada de São Paulo, um apartamento do sétimo andar amanheceu em silêncio na terça-feira (28).

Passagem: “Logo cedo, a funcionária que cuidava de Antônio Abujamra ligou para um dos filhos dele. Avisou que o ator, diretor e apresentador estava desacordado. Logo depois, o médico da família chegou e constatou a morte por infarto do miocárdio”

Os parentes não quiseram falar. Os amigos lembraram como Abujamra encarava a morte.

“A morte, tanto para ele como pra mim, não era uma tragédia. Não era um final terrível. É uma coisa que faz parte da vida”, diz Gregório Bacic, diretor do programa "Provocações".

Antônio Abujamra nasceu em Ourinhos, no interior paulista. Era formado em filosofia e Jornalismo. Trabalhou como crítico de teatro, mas se realizou no palco, dirigindo e atuando. Teve problemas com a censura durante o regime militar. Gostava de dizer que o fracasso era mais divertido que o sucesso.

Montou mais de 150 espetáculos. Na televisão, mostrou seu talento em várias emissoras. Na *Globo*, ganhou destaque em 1989, na novela "Que rei sou eu?". Foi escolhido o melhor ator de TV fazendo o bruxo Ravengar.

Sempre irreverente, comandava o programa *Provocações*, na TV Cultura, desde o ano 2000.

“Além da imensa personalidade cênica e teatral, era um homem de uma cultura fantástica”, lembra o apresentador Jô Soares.

“Um amigo excepcional, que estava sempre rindo, mas sempre combatendo o preconceito, os tabus. Sempre avançando”, comentou o ator Juca de Oliveira.

Tempo: 02:11

Notapé: William diz “O artista deixa dois filhos e dois netos e o velório será...”

Assunto 12

Publicidade Cacau Show, 30 segundos

Política / Economia

Reportagem de Beatriz Castro, Pernambuco

Imagem aberta nos apresentadores e depois fechada em Renata, que chama a notícia, enquanto um gráfico e moedas aparecem no telão.

Cabeça: “A presidente Dilma Rousseff reconheceu nesta terça-feira (28) que a economia passa por dificuldades. E voltou a dizer que o ajuste nas contas públicas é necessário para o crescimento. A presidente foi à inauguração de uma fábrica ítalo-americana de automóveis, em Pernambuco”.

Off – A reportagem exalta a fábrica, detalha o nome da mesma e a cabeça chama atenção para a situação econômica do país.

Em Goiana, na Zona da Mata, Norte do estado de Pernambuco, um investimento de R\$ 7 bilhões fez surgir uma das fábricas de automóveis mais modernas do mundo.

Passagem: “A fábrica está produzindo 600 carros por semana, mas tem capacidade instalada para fabricar 250 mil por ano. E essa é a meta já para o ano que vem, quando deverá empregar quatro mil trabalhadores. Ela inaugura um novo ciclo econômico na região com a criação de um polo automotivo no território dos canaviais”.

Manoel já foi canavieiro no mesmo terreno onde hoje confere a pintura dos carros.

Manoel Inácio da Silva, auxiliar de produção: Se chamava aqui Engenho Terra Rica. **Jornal Nacional:** E essa terra é rica mesmo?

Manoel: Era rica e agora é mais rica ainda.

A fábrica da Jeep, do grupo Fiat Chrysler, atraiu 16 indústrias de peças e componentes. Setecentos robôs fazem de tudo.

Na inauguração, a presidente Dilma Rousseff falou sobre a importância do desenvolvimento regional.

“Esse país precisa para crescer e se tornar forte, que suas regiões sejam fortes. Daí, a importância pra mim desse projeto, e desse projeto que mostra a capacidade também do povo nordestino e do povo pernambucano”, afirma a presidente Dilma Rousseff.

Juliana fez treinamento na Europa e hoje comanda cem metalúrgicos.

“É muito gratificante pra mim estar agora aqui vendo todo esse crescimento profissional e podendo ser multiplicadora desse conhecimento”, conta Juliana.

Tempo: 01:49

Assunto 13

Política

Nota seca

Imagem aberta nos dois apresentadores, depois fecha em Bonner.

Depois de 33 anos, a senadora Marta Suplicy deixou nesta terça-feira (28) o Partido dos Trabalhadores. Ela acusou a direção do PT de limitar e isolar a atuação dela depois que tentou tomar providências em relação aos escândalos de corrupção envolvendo a legenda. O presidente do PT, Rui Falcão, negou que Marta Suplicy tivesse sido cerceada pelo partido e disse que a saída dela se deve a ambições eleitorais.

Tempo: 00:25

Assunto 14

Publicidade Oi, 30 segundos

Loc off

Imagem aberta, mas Só William chama.

No segundo dia de greve dos professores do Paraná teve confusão. A PM aumentou a área de isolamento do Palácio do Governo e da Assembleia Legislativa. Os manifestantes tentaram entrar com o carro de som, mas os policiais usaram sprays de pimenta, bombas de gás e jatos de água. É a segunda vez que os professores do Paraná entram em greve neste ano. Eles protestam contra mudanças no plano de previdência que estão em votação (imagens do protesto).

Tempo: 00:28

Assunto 15

Temporal / Deslizamento de terra / Bahia

Ao vivo e reportagem

Patrícia Nobre, Salvador (ao vivo), Mário Anchieta (reportagem).

Renata, de pé, começa a falar com a repórter no telão.

Cabeça: “Subiu para 15 o número de mortos por causa da chuva forte em Salvador. Ainda há muita lama no local onde 11 das 15 pessoas morreram soterradas”.

Texto da repórter:

Equipes da Defesa Civil fizeram um levantamento detalhado para identificar as áreas de altíssimo risco. Foram mapeadas 16 áreas na cidade. Com base nesse levantamento, o prefeito assinou um decreto para reconhecer a situação de emergência nessas áreas, para facilitar a liberação de dinheiro. As 300 casas que estão nas áreas de risco terão que ser desocupadas imediatamente.

As famílias desalojadas têm a opção de ir para abrigos temporários ou de receber o chamado aluguel social. O grande problema é que as pessoas resistem em sair das casas com medo de invasões e roubos. A presidente Dilma Rousseff garantiu o apoio do exército para proteger o patrimônio dessas pessoas.

Após dar as informações a repórter chama a reportagem a seguir:

Reportagem:

Foi mais um dia de dor para os moradores da comunidade do Barro Branco, onde o deslizamento de um barranco na madrugada desta segunda-feira (27) soterrou seis casas. Nesta terça-feira (28) cedo os bombeiros encontraram o corpo de Sivaldo Silva Filho, que faria aniversário nesta terça-feira (28). À tarde, outros dois corpos foram encontrados: o da mãe de Sivaldo, uma senhora de 55 anos, e o de uma adolescente.

Passagem: “Uma busca como essa sempre é muito difícil por causa dos escombros e principalmente pela grande quantidade de terra que desce do barranco. Os tratores e caçambas, que trabalham 24 horas por dia, já retiraram de lá mais de 300 toneladas de barro e ainda falta muito. A empresa responsável calcula que vai levar pelo menos duas semanas para limpar tudo isso”.

Foram 11 mortes em Barro Branco. Samuel, de 12 anos, era o único filho de Sandro. O porteiro escapou e conseguiu salvar a mulher, mas não teve tempo de resgatar o menino.

“Uma experiência que ninguém gostaria de passar. É algo que dói na alma”, lamenta o porteiro Sandro Oliveira.

A terra também deslizou no bairro de Bom Juá. Quatro pessoas de uma mesma família morreram, entre elas dois adolescentes. Minutos depois do deslizamento que causou as mortes, um morador conseguiu gravar o momento em que a terra desceu outra vez.

Em outro bairro popular de Salvador um prédio de cinco andares desabou. Por sorte, só um rapaz teve ferimentos leves. No bairro do Lobato, dez casas foram soterradas, mas também só uma pessoa se feriu. A prefeitura calcula que a chuva deixou mais de 500 desabrigados. Muitos perderam as casas, mas há famílias que tiveram que sair porque os imóveis foram condenados pela Defesa Civil. Em uma escola municipal estão 20 famílias e tudo o que elas conseguiram salvar. No caso de Tatiana, algumas roupas.

"A metade ali eu dei para botar dentro de uma sacola, enrolar e trazer. Só. O resto perdi tudo", conta Tatiana.

Tempo: 04:01

Assunto 16

Publicidade Friboi, 30 segundos

Previsão do tempo

A previsão do tempo é relacionada à situação na Bahia.

Bonner, de pé, chama a previsão do tempo com Maria Júlia Coutinho perguntando sobre a chuva na Bahia. Ela responde e depois mostra a previsão para as outras regiões.

Renata, da bancada, pergunta sobre a previsão sobre o Norte do país.

Tempo: 02:58

A sequência de perguntas e respostas parece combinada, por que após responder a apresentadora da previsão do tempo da uma pausa visível para que os apresentadores sigam perguntando.

Assunto 17

Mundo / Terremoto / Nepal

Reportagem de Clayton Conservani

Imagem aberta e depois fechada em Renata, que chama a notícia, enquanto imagem de um terremoto entra no telão.

Cabeça: “No Nepal, o terremoto de 7,8 graus matou mais de 5 mil pessoas. Os feridos chegam a quase 11 mil. Os enviados especiais Clayton Conservani e Claudio Carneiro acompanharam, nesta terça-feira (28), a corrida das equipes de resgate contra o tempo”.

Off

Katmandu sofre para se reerguer. A cidade devastada pelo terremoto, enfrentou chuva forte nesta terça-feira (28). Em um acampamento para desabrigados, famílias inteiras querem apenas uma lona para se proteger.

A ajuda humanitária se multiplica na mesma velocidade em que aparecem problemas. O médico turco Ilhan Ozturk separa os remédios que vão para áreas isoladas e mais necessitadas. Ele diz que os principais problemas são as infecções pulmonares e gastrointestinais causadas pela contaminação da água.

Não é preciso ir longe para testemunhar que a busca por sobreviventes não para. Equipes de resgate unem forças. Em uma casa de cinco andares, nepaleses, franceses e holandeses vasculham os escombros. Um homem explica para o socorrista holandês que recebeu uma mensagem de celular do tio dizendo que estava salvo.

Três cães são usados na busca, que termina em decepção depois de sete horas de trabalho. Três pessoas morreram. Uma equipe enviada pela Índia resgatou uma mulher nesta segunda-feira (27).

Na noite desta segunda-feira para esta terça-feira, uma equipe da China conseguiu encontrar dois homens. Um deles passou 62 horas sob os escombros. Os socorristas precisaram dar oxigênio e soro para ele enquanto estabilizavam o lugar para evitar que os destroços se mexessem e esmagassem o homem.

E o caso mais impressionante: um homem de 28 anos foi encontrado no que sobrou de um prédio de apartamentos. Ele passou 80 horas, ao lado de três corpos, sem água nem comida. Os médicos disseram que foi um caso de pura vontade de viver.

São essas histórias com final feliz que trazem de volta a esperança para Katmandu. No meio da rua, encontramos pessoas fazendo doações. As tradicionais feiras voltam a colorir as vielas.

E em uma casa a falta de energia elétrica, causada pelo terremoto, é amenizada por uma tradicional canção de amor nepalesa.

Tempo: 03:03

Assunto 18

Publicidade Ministério do Turismo, 30 segundos

Mundo / Violência / Execução

Reportagem de Rodrigo Alvarez, Indonésia.

Cabeça: “O brasileiro Rodrigo Gularte foi executado, nesta terça-feira (28), na Indonésia, depois de 11 anos preso por tráfico de drogas”.

Off

O dia amanheceu movimentado como poucos na ilha de Nusakanbangan. Os parentes do brasileiro Rodrigo Gularte e de outros sete condenados foram vê-los vivos pela última vez.

No fim da tarde, quando os barcos voltaram, trouxeram notícias. Um dos australianos condenados se casou com a namorada na prisão, o outro pintou em um quadro a própria morte com um tiro no peito.

E depois de ser despedir do primo que considerava um irmão, Angelita chegou com um choro que parecia eterno. Ao lado dos advogados de Rodrigo que faziam um último protesto exaltado contra o presidente Joko Widodo, Angelita falou a jornalistas indonésios em inglês: "É o dia em que o Rodrigo estava mais calmo, ele não queria que eu chorasse".

Quando soube da notícia, no sábado (25), Rodrigo disse que era injusto matá-lo por causa de um único crime, mas nesta terça-feira nem tocou no assunto.

Angelita: Ele está bem tranquilo.

Jornal Nacional: Você disse claramente para ele o que ia acontecer hoje?

Angelita: Não.

Às 20h, Angelita e o diplomata Leonardo Monteiro voltaram ao presídio com a missão difícil de reconhecer o corpo depois do fuzilamento.

Passagem: "Às 00h25 na Indonésia, 14h25 no Brasil. Doze policiais indonésios dispararam contra Rodrigo Gularte. Nove usaram balas de festim, três tinham munição verdadeira e mataram o brasileiro. A filipina Mary Jane teve a execução adiada na última hora e os outros sete condenados também morreram".

Só nesta terça-feira, pessoas próximas de Rodrigo contaram o que foi o seu último grande pedido: ele não queria ser cremado no país onde sofreu por mais de uma década. Mesmo que fosse morto, Rodrigo queria voltar para o Brasil.

Notape: "O governo brasileiro declarou que o fuzilamento de um segundo brasileiro é um fato grave no âmbito das relações entre os dois países e que o Brasil vai se esforçar junto aos organismos internacionais para acabar com a pena de morte no mundo. A nota manifesta pesar e solidariedade à família de Rodrigo Gularte". Nota lida por Bonner, imagem fechada.

Tempo: 02:26

Assunto 19

Política

Reportagem de Camila Bonfim, Brasília.

Imagem aberta, mas só William chama a reportagem. Canos e o símbolo do Petrobrás entram no telão.

Cabeça: "O Supremo Tribunal Federal revogou a prisão preventiva de nove empreiteiros presos desde novembro em Curitiba. Eles vão ficar em prisão domiciliar e com tornozeleiras eletrônicas"

Off

O julgamento começou pelo pedido de liberdade do dono da construtora UTC, Ricardo Pessoa, preso há mais de cinco meses em Curitiba. Ricardo Pessoa é apontado como o chefe do chamado Clube de Empreiteiras. Ele é réu por lavagem de dinheiro, corrupção e formação de quadrilha. A defesa alegou que as medidas tomadas contra ele são suficientes. "Ele está afastado da gestão dos negócios. Mas se esse argumento não impressiona, há um segundo argumento. A Petrobras notificou várias empreiteiras, entre outras a UTC, no sentido de que ela não poderá mais celebrar contratos com a Petrobras", disse o advogado Alberto Toron.

O subprocurador-geral da República, Edson Oliveira de Almeida, defendeu a manutenção da prisão. "Organização criminosa esta que não foi ainda totalmente desvendada. A magnitude do dano ao patrimônio público, do dano à nossa sociedade, ainda não foi totalmente mensurada. E nem todos os atores também não foram ainda identificados", afirmou.

O relator, ministro Teori Zavascki, considerou que a prisão se tornou uma espécie de pena antes da sentença.

"A prisão preventiva representa simplesmente uma antecipação da pena. A jurisprudência do tribunal tem orientação segura de que em princípio não se pode legitimar a decretação da prisão preventiva unicamente com o argumento da credibilidade das instituições, nem a repercussão nacional de certo episódio, nem o sentimento de indignação da sociedade", disse o ministro Teori Zavascki.

Os ministros Dias Toffoli e Gilmar Mendes seguiram o relator. A ministra Cármen Lúcia e o ministro Celso de Mello discordaram, alegando que Ricardo Pessoa ainda pode influenciar testemunhas.

A decisão foi estendida a outros oito executivos e funcionários de construtoras, presos desde novembro.

(A repórter cita todos os presos com imagens em 3x4)

Além de Ricardo Pessoa, vão sair da prisão Agenor Franklin Medeiros, diretor afastado da OAS; Ertton Medeiros Fonseca, diretor de negócios afastado da Galvão Engenharia; João Ricardo Auler, presidente afastado do Conselho de Administração da Camargo Corrêa; José Ricardo Nogueira Breghirolli, funcionário afastado da OAS; José Aldemário Pinheiro Filho, conhecido como Leo Pinheiro, presidente afastado da OAS; Mateus Coutinho Sá Oliveira, diretor afastado da OAS; Sérgio Cunha Mendes, ex-vice-presidente executivo da Mendes Júnior; e Gerson Almada, vice-presidente afastado da empreiteira Engevix.

Passagem: “Os nove empresários e funcionários não ficarão em liberdade. A decisão é que eles cumpram prisão domiciliar, monitorados por tornozeleira eletrônica. O STF também determinou que eles continuem afastados das atividades nas construtoras e compareçam à Justiça a cada 15 dias. Eles também ficam proibidos de manter contato com outros investigados e precisam entregar os passaportes em 48 horas”.

Notapé fechado em Bonner: “O juiz Sérgio Moro informou que ainda não foi notificado oficialmente sobre a decisão do Supremo Tribunal Federal”.

Tempo: 03:18

Assunto 20

Vídeo exclusivo para assinantes

Jornal Nacional 29 de abril de 2015 (quarta-feira)

Assunto 1

Violência / Drogas

Loc off (imagem aberta, mas só Renata chama)

“A região conhecida como Cracolândia, em São Paulo, teve tumulto, no fim da tarde desta quarta-feira (29). A prefeitura desmontou barracas usadas por traficantes e dependentes. Em protesto, eles armaram fogueiras. Na confusão, pelo menos um policial militar disparou um tiro. Duas pessoas ficaram feridas (imagens aéreas) Segundo a polícia, o soldado tinha sido atacado e deu um tiro apontando para o chão. Os feridos teriam sido atingidos por estilhaços. Os ferimentos foram leves. O PM está internado”.

Notapé: Renata em imagem fechada lê: “A prefeitura de São Paulo anunciou a abertura de mais 150 vagas no programa Braços Abertos, que oferece trabalho e moradia em hotéis alugados aos dependentes químicos”.

Tempo: 00:39

Assunto 2

Publicidade Friboi, 30 segundos

Mundo / Violência/ EUA

Reportagem de Luis Fernando Silva Pinto

Imagem fechada em Bonner, imagem dos EUA no telão se forma.

Cabeça: “Nos Estados Unidos, a cidade de Baltimore se tornou o centro das atenções por causa dos protestos violentos dos últimos dias, provocados pela morte de um jovem negro. Aos poucos, Baltimore tenta voltar ao normal. A esquina que até esta terça-feira (28) estava ocupada por manifestantes, nesta quarta-feira (29) foi tomada pelo trânsito. A segurança continua reforçada”.

“Temos que respeitar a polícia, mas também queremos ser respeitados”, resumiu uma mãe.

Passagem: “Por causa da segurança, o esporte mais tradicional dos Estados Unidos, o beisebol, teve um momento único em Baltimore. Em mais de 100 anos de história, um jogo sem público.

Os protestos começaram há duas semanas, por causa da morte de Freddie Gray. O jovem negro sofreu fraturas na coluna enquanto estava em poder da polícia. Na terça-feira, as autoridades conseguiram evitar a violência dos últimos dias”.

O toque de recolher ajudou, mas muita gente ficou na rua para protestar pacificamente. Cidadãos comuns deram os braços para separar os manifestantes mais exaltados dos policiais, que acabaram usando gás lacrimogêneo para dispersar a multidão. E 35 pessoas foram presas durante a noite.

Notapé: “Na noite desta quarta-feira (29), os protestos continuavam acontecendo em Baltimore e em outras cidades americanas. Todos são pacíficos” – Fechado em Bonner.

Tempo:01:34

Assunto 3

Publicidade NEC, 30 segundos

Mundo / Terremoto / Nepal

Reportagem de Carol Barcelos, Nepal

Imagem fechada em Renata, quanto imagens do terremoto passam no telão;

Cabeça: “Quase meio milhão de nepaleses precisou sair de casa, por causa do terremoto. A Carol Barcelos e o Claudio Carneiro acompanharam uma família que teve a sorte de poder voltar - pra retomar a vida”.

Katmandu dá sinais de vida. O comércio está abrindo as portas. O tráfego barulhento, voltando. É um recomeço, ainda que lento.

“Estamos preparados para qualquer dificuldade. No Nepal, somos acostumados a enfrentar problemas desde que nascemos, vamos reconstruir o que foi destruído”, garante o jornalista nepalês Arpan Sherman.

Sair das ruas é o primeiro passo.

Passagem: “Em um dos maiores abrigos montados depois do terremoto, famílias já desmontam as tendas e se preparam para voltar pra casa”.

Um alívio depois de quatro dias de incertezas.

“O medo ainda vai demorar a passar, mas é indescritível o que sentimos ao entrar em casa”, diz um músico.

Mas ainda há milhares de pessoas sem ter para onde voltar.

“Vou para a casa de um amigo. Porque ficar aqui, vivendo assim, é coisa para bicho, e não para seres humanos. Nessa tragédia, perdi minha dignidade”, diz uma mulher.

Em um templo hindu, religião seguida por 80% da população, se reúnem para orar.

“Pedimos saúde, paz mental e alegria”, diz uma visitante.

Em um dos momentos mais difíceis de sua história, eles mantêm intacta sua essência. E surpreendem:

“Não oramos só pelo Nepal, oramos pelo universo”, diz um visitante do templo.

Tempo: 01:53

Assunto 4

Astronomia

Ao vivo Alan Severiano, Nova York.

Renata começa falando da bancada, depois se levanta em direção ao telão.

Cabeça: “Astrônomos do mundo todo passaram o dia de olho nos telescópios. O lançamento de uma nave russa que levaria carga para Estação Espacial Internacional deu errado. O correspondente Alan Severiano acompanhou esse assunto o dia todo”.

Texto do repórter, que está no estúdio em Nova York. Ele chama imagens do circuito interno da nave.

A nave M27M está rodando descontroladamente no espaço, e a Agência Espacial Russa admitiu que ela não vai conseguir chegar à Estação Internacional, onde vivem seis astronautas.

A nave partiu, na terça-feira (28), do Cazaquistão. E logo depois de se separar do foguete, começou a girar. Ela pode levar até duas semanas para cair no nosso planeta. Quando a nave entrar

na atmosfera, pode pegar fogo, ou se partir em vários pedaços. Mas, para tranquilizar, os cientistas lembram que dois terços do planeta são cobertos por água. E tem áreas com pouca ocupação humana, como plantações, florestas, desertos. Então, o risco de os pedaços atingirem alguém é mínimo.

Os astronautas procuram sempre ter uma reserva de seis meses de comida, água, oxigênio. A Nasa garante que não há risco de faltar comida, até porque uma nave americana está se preparando para decolar para a Estação Internacional, no dia 19 de junho.

Essas naves fazem uma espécie de delivery, desses que a gente pede em casa. Só que têm um carregamento milionária. O prejuízo com a perda da nave russa é de US\$ 50 milhões.

Tempo: 02:27 Renata pergunta do lado do telão e Bonner, da bancada.

Assunto 5

Publicidade Oi, 30 segundos

Energia elétrica / Prestação de serviço

Nota seca

Renata chama a notícia em imagem fechada e sem imagem específica no telão.

A Venezuela vai começar a racionar energia elétrica. A jornada de trabalho no serviço público vai cair de oito horas para seis. E o governo vai controlar o consumo em shoppings e hotéis. As deficiências do sistema e o consumo alto por causa do calor provocaram apagões nesta quarta-feira (29) em pelo menos oito estados da Venezuela.

Tempo: 00:20

Assunto 6

Energia elétrica / Prestação de serviço

Imagem fechada em Bonner, que chama a notícia e depois abre. No telão uma imagem de uma lâmpada.

Reportagem de: Alberto Gaspar, São Paulo

Cabeça: “A necessidade de poupar energia levou pesquisadores da USP a desenvolver um sistema de aquecimento que aproveita a geladeira”.

Seja em aparelhos de ar condicionado, freezers ou geladeiras, a refrigeração depende de um fluido que circula dentro dos aparelhos, em tubos e serpentinas. Quando comprimido por um motor o gás esquenta. Reduzida a pressão, a temperatura cai. Ele se torna líquido, gelado. E assim, sucessivamente. Texto coberto com uma arte virtual que mostra o que está sendo falado na prática.

Passagem: “Nesse processo de esquentar e esfriar há uma liberação de calor, que nas geladeiras domésticas é bem perceptível na parte de trás, em uma tubulação que fica quente, e é inclusive usada por muita gente para aquele velho truque de secar roupas molhadas, o que, aliás, não é recomendado pelos fabricantes. Mas o fato é que esse calor que normalmente se perde, é dissipado no ar, pode ser aproveitado com uma invenção simples, desenvolvida por pesquisadores da USP”

O professor da escola politécnica mostra o sistema, que já foi até patenteado: o gás bem quente é desviado para uma serpentina dentro de um reservatório de água. O calor aquece a água, que, neste caso, abastece uma torneira.

Jornal Nacional: Aquela boa água para lavar louça.

Professor: Exatamente.

Ao mesmo tempo, o gás já volta à geladeira mais frio, o que diminui o consumo de energia elétrica. “A melhoria da eficiência de geladeira é em torno de 10% a 13%”, explica o professor de engenharia mecânica da USP, José Roberto Simões Moreira.

Quanto maior o abre-e-fecha da porta, mais o motor trabalha e mais água pode ser aquecida. Ideal para estabelecimentos comerciais, o sistema também seria útil em residências e poderia até ser equipamento opcional em novos modelos.

“Hoje toda economia que for possível, não só para o consumidor mas também pensando no país de uma forma ampla, a matriz energética do país, é positiva toda eficiência energética que for possível ser realizada”, diz o professor.

Tempo: 02:08

Assunto 7

Publicidade Premier Play, Bhrama e futebol, 30 segundos

Renata á aparece do lado do telão, de onde chama Maria Júlia Coutinho com a previsão para a quinta-feira.

Maria Júlia está com um vestido de cor forte, puxado para o rosa e com os braços a mostra. Ela dá boa noite, para todos e informa que o “JN” vai dizer como fica o tempo no feriado. Da bancada, Bonner faz pergunta.

Mapa tempo

Tempo: 02:53

Assunto 8

Economia

Nota Seca

Renata chama em imagem fechada com uma arte ao lado da apresentadora em que aparecem os números sobre os quais ela fala.

“O Comitê de Política Monetária decidiu aumentar a taxa básica de juros da economia em meio ponto percentual – para 13,25% ao ano. A decisão foi unânime. Foi o quinto aumento seguido”.

Tempo: 00:12

Assunto 9

Política

Nota Seca

William lê a nota sem nenhuma imagem ou arte.

“O PSB e o PPS anunciaram nesta quarta-feira (29) que vão virar um único partido. O nome, só em junho, quando a fusão for confirmada. Juntos, PSB e PPS têm três governadores, sete senadores e 45 deputados federais”

Tempo: 00:14

Assunto 10

Publicidade Premier Play Bhrama Futebol, 30 segundos

Prestação de Serviço

Ao vivo Tiago Eltz, São Paulo

Imagem fechada em Bonner, depois ele levanta, passa pela frente da bancada e vai até o telão para chamar o repórter.

Cabeça: “Mais de 4 milhões de brasileiros ainda não entregaram a declaração do Imposto de Renda. O prazo termina à meia-noite desta quinta-feira (30), zero hora de sexta-feira (1)”.

Texto do repórter que está em um escritório de contabilidade:

A recomendação dos contadores para quem ainda está atrasado com a declaração é: entregue do jeito que ela estiver. A Receita permite que, lá na frente, as pessoas corrijam a declaração que foi entregue dentro do prazo, e não cobra nada por isso. Mas se o contribuinte atrasar a entrega paga multa de, no mínimo, R\$ 165 e que pode chegar a até 20% do imposto devido.

Mesmo se ainda não tiver encontrado o recibo de uma despesa médica ou de educação, por exemplo, a pessoa deve enviar a declaração.

O segundo maior motivo de malha fina são gastos com médicos e educação. O primeiro é quando a pessoa não declara algum ganho que teve ou o ganho e a renda de algum dependente. Mesmo assim a recomendação é entregar dentro do prazo. Mas quando a pessoa for fazer a correção da declaração, tem que ter o recibo. Se não tiver o recibo de uma despesa declarada, não faz diferença se vai ser lá na frente ou agora, ela vai cair na malha fina de qualquer maneira.

Tempo: 01:52

Assunto 11

Internet / TV/ Comunicação

Reportagem de Mônica Teixeira, Rio de Janeiro

Imagem aberta e depois fecha em Renata, que chama a notícia.

Cabeça: “O IBGE divulgou nesta quarta-feira (29) um estudo sobre o acesso dos brasileiros à *internet* móvel. E essa Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios também revelou informações importantes sobre o futuro da televisão no Brasil”

Off

O mundo virtual é realidade para quase metade dos brasileiros: mais de 85 milhões de pessoas surfaram na rede em 2013. Ainda tem muita gente excluída do universo digital, mas em cinco anos, o aumento foi de mais de 50%.

E pela primeira vez dá para saber como as pessoas acessaram a *internet*. Muitas já dispensaram o computador: sete milhões de brasileiros se conectaram só pelo tablet ou pelo celular. Na maioria dos estados da região Norte eles viraram os principais meios de acesso à rede. Em 43% das casas no Amapá, navegar só pela telinha do celular. (Arte com os dispositivos)

O IBGE também investigou que tipo de TV o brasileiro tem em casa. São 103 milhões de aparelhos no país. Só Dona Maria Emília tem dois. A TV da sala é novinha e moderna. Já na do quarto a imagem é cheia de chuvisco. E a TV é quase uma relíquia.

“Deve ter uns 18 a 20 anos”, conta Maria Emília.

Passagem: “A TV de tubo, que nem é fabricada mais, é o único modelo que existe na sala de mais da metade das casas brasileiras. E a informação sobre a quantidade dessas TVs é importante porque elas só vão poder receber o sinal digital se a pessoa comprar um conversor.

A partir do ano que vem, o sinal analógico já vai começar a ser desligado, e a meta do governo é fazer a substituição pelo sinal digital em todo o país até 2018”.

Em abril do ano que vem Brasília deverá ser a primeira grande cidade a ter o sinal analógico desligado.

“Ninguém vai deixar de assistir televisão porque o sinal está sendo melhorado agora tecnicamente do analógico para o digital. Então todas as medidas que forem necessárias para garantir que a população tenha acesso à televisão continue a assistir a sua televisão aberta, gratuita e de qualidade vão ser tomadas pelo governo”, afirma Pedro Lucas Pereira Araújo, do Departamento de Banda Larga.

O sinal digital deixa a imagem ainda mais limpa, sem fantasmas e ruídos. Com mais definição e qualidade. Em 2013, o sinal digital de TV aberta chegou a um terço das casas. E Dona Maria Emília vai comprar o conversor. Ela não pretende aposentar a TV que já faz parte da família.

“No tempo dela, quando eu comprei, estava todo mundo junto. Meu pai era vivo. A gente tem amizade às coisas. Então não quero me desfazer dela não”, diz a aposentada Maria Emília de Souza.

Tempo: 2:42

Assunto 12

Política

Reportagem de Malu Mazza, Curitiba

Renata chama a notícia, imagem fechada e no telão aparece o símbolo da Petrobrás e canos.

Cabeça: “Os nove réus da Operação Lava Jato que conseguiram habeas corpus do Supremo Tribunal Federal já estão em casa, em prisão domiciliar. São executivos das empresas investigadas por desvio de dinheiro da Petrobras e estavam presos há seis meses”.

Off

Pela manhã, dois executivos saíram da carceragem da Polícia Federal e sete, de um presídio em Pinhais, na região metropolitana de Curitiba. Todos estavam em carros com proteção nos vidros. Eles foram levados para a Justiça Federal. Saíram de lá com as tornozelas eletrônicas liberados para voltarem para suas casas em São Paulo e Brasília.

Passagem: “Os executivos vão ficar em prisão domiciliar. Podem sair para trabalhar, mas estão proibidos de retomar as funções nas empreiteiras. Também não podem ter empregos na mesma

área que atuavam. E a partir de agora, a cada 15 dias eles têm que se apresentar à Justiça”. – Gravada em uma rua de Curitiba à noite.

Entre os executivos está Ricardo Pessoa, dono da UTC, apontado como chefe do chamado “Clube das Empreiteiras”, que teria sido formado para fraudar licitações da Petrobras. Foi a partir de um recurso do advogado dele que o Supremo Tribunal Federal decidiu liberar os réus da Lava Jato.

Além do dono da UTC, saíram da prisão quatro executivos da OAS; um da Galvão Engenharia; um da Camargo Corrêa; um da Mendes Júnior; e um da Engevix. Todos afastados de suas funções. Dos nove réus que deixaram a prisão, sete vão prestar depoimento na Justiça Federal, em Curitiba, já na semana que vem.

Notapé: “O doleiro Alberto Youssef, delator do esquema de corrupção na Lava Jato, continua preso e prestou mais um depoimento na Justiça Federal. Foi no processo contra os executivos que saíram da prisão nesta quarta-feira (29). Youssef voltou a dizer que as empreiteiras formaram um cartel” – Lido por Bonner imagem fechada.

Tempo: 01:53

Assunto 13

Protesto/ educação/ violência

Imagem aberta e depois fecha, mas os dois apresentadores continuam no vídeo. Bonner chama a notícia.

Reportagem de Dulcinéia Novaes, Curitiba.

Cabeça:”A polícia do Paraná reprimiu com bombas de gás e com balas de borracha um protesto de professores da rede estadual, que estão em greve. Sete pessoas foram presas e mais de 200 ficaram feridas”

Off

Policiais da Tropa de Choque usaram bombas de efeito moral, jatos d’água, gás lacrimogênio e gás de pimenta para dispersar os professores. O Centro Cívico, onde ficam o Palácio do Governo e a Assembleia Legislativa do Paraná, foi palco de cenas de violência nesta quarta-feira (29) à tarde.

A Prefeitura de Curitiba diz que cerca de 200 manifestantes ficaram feridos. Um repórter cinematográfico da Rede Bandeirantes foi atacado por um cachorro da Polícia Militar. Ele está internado e vai passar por cirurgia. A Secretaria de Segurança Pública informou que 20 policiais também se feriram. O repórter Diego Sarza acompanhou um dos momentos mais tensos.

Entra um vídeo feito por outro repórter.

O gás lacrimogênio se espalhou pela região. Nas creches próximas ao Centro Cívico as crianças tiveram de ser retiradas às pressas.

Passagem: “Os professores queriam acompanhar as sessões de votação de um projeto do governo, que mexe no fundo de previdência dos servidores públicos. Mas foram impedidos de entrar na Assembleia Legislativa”.

Desde domingo (26), centenas de policiais cercam o palácio do governo e a Assembleia, a pedido do presidente da casa, o deputado estadual do PSDB Ademar Traiano. Ele alega que a medida é para evitar vandalismo.

Em fevereiro, os funcionários estaduais ocuparam a Assembleia Legislativa para evitar a votação da proposta de mudança na previdência. A greve terminou depois de 29 dias. Os professores retomaram a paralisação esta semana e dizem que não houve acordo sobre as mudanças na previdência.

“Nós queremos ter o direito de dizer aos deputados que eles têm a possibilidade de votar contra o projeto do governo. É isso que nós queremos”, afirma Marlei Fernandes, Sindicato dos Professores- PR.

O governador Beto Richa, do PSDB, disse que os manifestantes começaram a confusão.

“Os policiais ficaram parados protegendo o prédio público conforme a determinação do Judiciário. Na medida em que os manifestantes avançam nos policiais, eles têm que reagir. E temos imagens que mostram pessoas infiltradas que não são do movimento dos professores, que radicalizavam,

que queriam arruaça, promover o confronto, queriam a baderna, depredação do patrimônio público. E essas pessoas estão presas”, diz Beto Richa (PSDB), governador do Paraná.

Dentro da Assembleia Legislativa, os deputados aprovaram a mudança na previdência dos servidores. E a proposta agora segue para a sanção do governador Beto Richa

Tempo: 03:06

Assunto 14

Mundo / Terremoto / Nepal

Imagem fechada em Bonner, no telão imagem do terremoto

Reportagem de Clayton Conservani

No Nepal, o dia começou com manifestações em Katmandu contra a demora do governo em ajudar as vítimas do terremoto. Os repórteres Clayton Conservani e Ari Júnior estavam lá.

Os gritos não são de dor, mas de revolta. Um efeito ainda adormecido do terremoto que devastou a cidade no último sábado (25).

Passagem: “Um grupo de oposição ao governo fechou a principal avenida de Katmandu. Eles protestaram contra a falta de alimentos, remédios e transporte”.

A polícia conteve os cerca de 200 manifestantes. Apesar da tensão, não houve conflito e ninguém foi preso. Bem ao lado, na rodoviária, uma fila de quase dois quilômetros. Muitos querem deixar Katmandu ou voltar para as vilas onde nasceram.

Uma estudante diz que está indo embora porque a família está preocupada. Ouvimos que vai ter escassez de água e comida.

Os ônibus não foram suficientes. Quem conseguiu uma vaga foi embora assim: espremido nos ônibus ou se arriscando no teto. Segundo o governo, cerca de 350 mil pessoas já deixaram Katmandu depois do terremoto.

A cidade pede socorro, e ele está chegando. Conseguimos autorização para entrar em uma área restrita do aeroporto. Lá ficam armazenadas as doações que chegam do mundo inteiro. Até agora foram 240 toneladas. O problema é a distribuição.

As estradas que ligam Katmandu a outras cidades menores são precárias e estreitas. As curvas são fechadas e com muitos abismos. O perigo das rodovias não espantou um grupo de voluntários. Com seus caminhões coloridos, vão levar os donativos. Eles partem felizes para uma missão nobre e necessária.

Tempo: 02:14

Assunto 15

Conteúdo exclusivo para assinantes

Jornal Nacional - edição de quarta-feira, 29/04/2015

Jornal Nacional de 30 de abril de 2015 (quinta-feira)

Assunto 1

Publicidade Oi, 30 segundos

Mundo / Violência / Religião

Reportagem de Roberto Kovalick, Londres

Cabeça aberta nos dois, depois fecha em Bonner, que chama a notícia.

Cabeça: “A justiça do Paquistão condenou à prisão perpétua dez homens acusados de planejar o atentado

contra Malala Yousafzai, a adolescente que defende o direito das meninas à educação Depois de quase perder a vida, Malala Yousafzai conquistou o mundo e agora começa a ver a justiça ser feita”

Off

Há três anos ela levou um tiro na cabeça quando voltava em um ônibus escolar para casa no noroeste do Paquistão. A menina se tornou alvo porque, desde os 11 anos de idade, liderava uma campanha contra a lei dos extremistas do Talibã, que proibia as mulheres de frequentarem escolas.

Duas colegas também ficaram feridas no ataque. Malala foi levada para um hospital na Inglaterra, onde se recuperou e retomou a campanha.

No ano passado, quando tinha 17 anos, ela se tornou a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz.

Passagem: “Os dez homens julgados nesta quinta-feira (30) foram condenados à prisão perpétua. Pelas leis do Paquistão devem ficar 25 anos na cadeia. Eles teriam participado do planejamento do atentado. O homem que atirou em Malala e o chefe do Talibã na região, que ordenou o ataque, teriam fugido para o Afeganistão”. – Em uma rua de Londres.

O Talibã já não é mais tão forte na terra de Malala. Mas, apesar da decisão desta quinta-feira, ela e a família seguem morando em uma cidade do interior da Inglaterra. Ameaçados de morte, eles não podem voltar para o lugar onde nasceram.

Tempo: 01:34

Assunto 2

Estrada

Reportagem de Fabiano Vilela, Pará

Imagem fechada em Bonner, que chama a notícia. No telão imagem da rodovia.

Cabeça: “Entre as pessoas que vão pegar estrada nesse feriado, as que passarem pela Rodovia Transamazônica não vão ter diversão nenhuma. Ela corta sete estados, com mais de quatro mil quilômetros de extensão”.

Off

O primeiro trecho foi inaugurado em 1972, durante o governo militar. Mas, 43 anos depois, metade da Transamazônica ainda não recebeu asfalto. Os repórteres Mário de Paula e Fabiano Villela registraram o resultado disso no Pará.

Passagem 1: “Pegar a Transamazônica, no sudoeste do Pará, é como pilotar no deserto. Ou em uma trilha no meio da mata, cheia de buracos e pontes precárias. E quando você acha que nada pode ser pior: a viagem foi interrompida no quilômetro 211 da Transamazônica, entre os municípios de Rurópolis e Placas. Nenhum veículo consegue passar. A explicação está bem na frente: uma carreta e um ônibus atolados” – Passagens participativas.

“Água é o que a gente ganha dos outros. Passa um dá água, passa outro arruma ou vai buscar. E a comida vai acabando”, afirma o caminhoneiro Oséas Ramos.

Para sair dos atoleiros, só com a ajuda dos colegas ou pagando até R\$ 100 pelo serviço de um trator.

Em outro trecho da BR-230, entre Pacajá e Novo Repartimento, o motorista do caminhão de cimento pisa fundo, mas não consegue vencer o lamaçal. São tantos acidentes na rodovia que os motoristas tentam se prevenir.

Jornal Nacional: O que o senhor está fazendo?

Joviano José Antônio, caminhoneiro: Eu estou retirando a parte inferior do para-choque, porque onde tem esses barros, enrosca e arranca fora.

Passagem 2: “A gente acabou de conversar com o motorista que retirou o para-choque e ao lado, um o ônibus parou no buraco”.

“Ainda bem que não está molhado, se tivesse molhado já era”, diz o motorista Gilmar Martins.

A situação também é crítica na ligação da Transamazônica com a BR-163, por onde vem a produção de soja de Mato Grosso em direção aos portos do Pará.

Passagem 3: “A camada de lama tem mais de um metro. E só quando faz sol e a estrada começa a secar é que os veículos mais pesados conseguem passar sem a ajuda dos tratores”.

Com a rodovia nesse estado, também sobrou para a equipe do *Jornal Nacional*.

Às 20h55 noite, a equipe está tentando voltar para Altamira, só que não consegue seguir viagem por causa de um atoleiro que se formou e ninguém consegue passar. Está tudo cheio de lama. O carro só conseguiu passar porque foi puxado por um caminhão.

Nos últimos cinco anos, é a terceira vez que o *Jornal Nacional* denuncia as péssimas condições da Transamazônica no Pará.

“Eu viajo aqui desde 81 e cada dia que passa em vez de melhorar, eles vão deixando”, lamenta um motorista.

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes informou que as obras nas rodovias citadas não estão paralisadas. E que os repasses estão ocorrendo de acordo com a programação do órgão. O Denit explicou ainda que as obras entram em ritmo mais lento no período de chuvas na região Norte, de dezembro até mais ou menos maio. E que o ritmo aumenta na estiagem, a partir de junho.

Assunto 3

Publicidade Crefisa, 30 segundos

Ciência / Saúde

Cabeça fechada em Renata, que chama a notícia, enquanto a imagem de um mosquito se forma no telão.

Reportagem de Cristina Maia – Piracicaba,

“Mais de cem mil mosquitos geneticamente modificados entraram nesta quinta-feira (30) na guerra contra a dengue, no interior de São Paulo”.

Off

A cada semana vão ser liberados de 800 mil a um milhão de mosquitos geneticamente modificados. O papel deles é buscar uma fêmea do *Aedes Aegypti* para reprodução. Segundo os cientistas, os descendentes destes mosquitos vão morrer antes de chegar à vida adulta, interrompendo o ciclo de transmissão da dengue.

Como quem transmite a dengue é só a fêmea, foram produzidos em laboratório machos que receberam dois genes adicionais que são transmitidos para as próximas gerações. Um deles carrega a proteína TTA, que faz com que os filhotes morram antes da fase de reprodução.

Eles herdam também uma espécie de marcador, que fica visível sob uma luz específica, o que torna o monitoramento mais simples e eficiente – Usada arte para explicar melhor

Passagem: “Piracicaba é a primeira cidade de São Paulo a receber o projeto. A princípio ele vai ser desenvolvido apenas num bairro e deve durar de dez meses a um ano. Se os resultados forem tão positivos quanto os testes realizados no interior da Bahia, onde a infestação foi reduzida em até 90%, o chamado ‘*Aedes Aegypti* do bem’ será solto em outros locais com epidemia na cidade” – Grava em uma rua de Piracicaba (fundo desfocado).

“Estamos apostando, porque é uma teoria nova. Faz cem anos que temos o mesmo método de tratamento, que é através da retirada das larvas, e está se mostrando que não é uma forma totalmente eficaz. Quando você diminui o agente transmissor, automaticamente você também diminui a doença”, diz Pedro Mello, secretário de saúde de Piracicaba.

Tempo: 01:34

Assunto 4

Ciência

Loc off

Imagem basta nos apresentadores, imagem dos planetas no telão. Bonner chama a notícia.

“Chegou ao fim a missão da sonda espacial americana Messenger, que orbitava o planeta Mercúrio. Segundo a Nasa, a sonda colidiu nesta quinta-feira (30) com a superfície do planeta, que é o mais próximo do sol. Desde 2011, a Messenger tirou mais de 270 mil fotos de Mercúrio”

Tempo: 00:19

Assunto 5

Mundo / Ciência

Publicidade Oi, 30 segundos

Loc off

Imagem aberta nos dois apresentadores, as mesmas imagens dos planetas continuam no telão, e dessa vez, Renata chama a notícia.

“A nave russa, mostrada na quarta-feira (29) no *Jornal Nacional*, continua vagando, desgovernada, no espaço. Ela mandaria suprimentos para Estação Espacial Internacional, mas os cientistas russos admitiram que não esperam retomar mais o controle. A expectativa é que a Progress entre de novo na atmosfera em duas semanas e caia no mar”.

Tempo: 00:21

Assunto 6

Ciência / Saúde

Reportagem de Janaína Lepri – São Paulo

Renata chama a notícia, inicialmente, imagem aberta nos dois, depois fecha em Renata, com imagem de DNA no telão.

Cabeça: “O Brasil foi escolhido para participar de uma pesquisa internacional inédita sobre a ELA – esclerose lateral amiotrófica. A doença ganhou visibilidade no ano passado por causa de uma campanha que começou na *internet*”.

Off

Foi uma febre, só que gelada. Já lembrou do desafio do balde de gelo? Mas lembra que não era só uma brincadeira? A água gelada na cabeça também acordou o mundo para a esclerose lateral amiotrófica, ou ELA.

As doações feitas por quem topou o desafio serão investidas em uma pesquisa inédita com 15 mil pacientes do mundo todo. Cem brasileiros vão participar. Paulo foi primeiro a doar material genético no país. Ele descobriu a ELA há um ano e meio e já perdeu boa parte dos movimentos.

“Tenho certeza que vai colher bastante frutos, essa pesquisa. Eu tenho a esperança ainda de ter a cura dessa doença”, disse Paulo Alexandre Amaral, engenheiro

Passagem: “Os pesquisadores querem descobrir o que causa a ELA. Eles já sabem que o nosso corpo é como uma enciclopédia, com três bilhões de letras. Dentro, tem todas as nossas informações: cor de cabelo, dos olhos. É o genoma. Mas, às vezes, em algum capítulo, uma letra de uma palavrinha pode estar trocada ou faltando. E isso muda todo o fim da história, fazendo com que a gente desenvolva a doença. É esse "erro" que os cientistas vão procurar agora” – Passagem gravada em uma biblioteca com livros, fazendo uma comparação;

Uma parte do trabalho será feita nos Estados Unidos e outra nos países que enviaram as amostras. No Brasil, o Centro de Estudos do Genoma Humano da USP será o responsável pela análise.

“Não é um trabalho fácil. Por isso que precisa um esforço internacional para poder analisar esses dados e poder tirar a limpo, descobrir realmente quais são essas letrinhas. E a partir daí desenvolver drogas pro tratamento de ela”, explica Mayana Zatz, diretora do Centro do Genoma Humano - USP

Com o medicamento certo e o diagnóstico rápido, é possível controlar o avanço dessa doença, que é degenerativa. Mas os pesquisadores pensam além: querem o caminho para a cura.

“Existem diversos passos pra que se consiga atingir esse objetivo. E esse certamente é um desses passos. Ele não é o passo final, mas ele é um desses passos certamente”, diz Miguel Mitne Neto, coordenador de pesquisa do IPG e pesquisador associado do projeto Genoma – USP

Notapé: “Você encontra outras informações sobre a pesquisa na nossa página na *internet*” – Renata lê em câmera fechada, com o endereço eletrônico do portal *GI.com.br/jornalnacional* na tela, *convergência empresarial* e multimídia.

Tempo: 02:33

Assunto 7

Mundo / Violência sexual

Publicidade Oi, 30 segundos

Imagem fechada em Renata, depois entram imagens da região sobre a qual se fala.

Loc off

“Trechos de um relatório interno da Organização das Nações Unidas, publicados pelo jornal britânico “The Guardian”, acusaram 14 soldados franceses de abuso sexual contra crianças na África. Os abusos teriam acontecido entre dezembro de 2013 e junho de 2014 num centro para desabrigados na República Centro-Africana. Os soldados foram conter a violência entre milícias cristãs e rebeldes muçulmanos que tinham tomado o poder. O presidente francês François Hollande prometeu punição severa se a acusação for confirmada”.

Tempo: 00:33

Assunto 8

Política

Nota seca

Imagem fechada em Bonner

“O juiz federal Sérgio Moro aceitou denúncia contra o ex-diretor da Petrobras Renato Duque, contra o ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto e contra o ex-presidente do Grupo Setal Augusto Mendonça. Desta vez, os três vão responder por lavagem de dinheiro. Eles são acusados de enviar para uma editora parte da propina destinada a Renato Duque. Segundo a denúncia, isso foi feito a pedido de Vaccari e não houve a prestação dos serviços. Os três já são réus em outros processos da Operação Lava Jato”

Imagem fechada em Renata

Renata: “A defesa de Vaccari declarou que não existem provas contra ele, que Vaccari nunca orientou Augusto Mendonça a fazer qualquer depósito para editora e que todas as doações ao PT foram legais e fiscalizadas pelas autoridades. A defesa de Renato Duque disse que a denúncia é uma fantasia e que vai mostrar a improcedência da acusação. A advogada de Augusto Mendonça afirmou que ele reitera as denúncias feitas no acordo de delação premiada”.

Enquanto os dois lêem a notícia a cor do telão muda de azul para um avermelhado, mas não é possível definir nenhuma imagem.

Tempo: 00:55

Assunto 9

Publicidade Oi, 30 segundos

Nota Seca

Bonner chama com o mesmo fundo avermelhado no telão da notícia anterior.

“O Ministério Público Federal no Rio de Janeiro repatriou US\$ 29 milhões - cerca de R\$ 87 milhões - do ex-gerente da Petrobras Pedro Barusco. O dinheiro estava bloqueado na Suíça. É resultado de propinas que Barusco recebeu por contratos entre a Petrobras e a empresa holandesa SBM, entre 1999 e 2012. Na delação premiada, Barusco declarou que tinha fora do país US\$ 97 milhões”

Tempo: 00:29

Assunto 10

Educação / Protesto

Nota Coberta

De pé e do lado do telão, Bonner chama a notícia.

“Em Curitiba, os professores estaduais desmontaram o acampamento em frente ao Palácio do Governo, mas continuam em greve.

Segundo a Polícia Militar, mil pessoas participaram de uma manifestação, nesta quinta-feira (30), em apoio aos professores do Paraná.

Um vídeo divulgado na *internet* mostra a confusão de quarta-feira (29) gravada de uma janela do Palácio do Governo. Algumas pessoas não identificadas comemoraram quando os policiais lançaram bombas e jatos d'água contra os manifestantes. – O vídeo é ampliado (imagem).

O governo do Paraná, administrado por Beto Richa do PSDB, lamentou a situação e anunciou que vai investigar o que aconteceu. Duzentas e treze pessoas ficaram feridas no protesto de quarta-feira.

Nesta quinta-feira (30), o governo divulgou imagens da manifestação e reafirmou que pessoas infiltradas entraram em confronto com a polícia”

Notapé: Lido por Bonner já sentado na bancada: “Os treze detidos na quarta-feira no protesto já foram soltos. A Secretaria de Segurança Pública do Paraná disse que eles estavam com pedaços de pau e barras de ferro. E que está estudando todas as imagens gravadas pelo governo para identificar quem cometeu crimes. Por enquanto, ninguém que aparece no vídeo foi identificado”.

Tempo: 01:15

Assunto 11

Miscigenação/ Brasil

Publicidade Ministério do Turismo, 30 segundos

Passagem de Mário Bonella, Espírito Santo

Cabrça começa aberta, depois fecha em Renata, que chama um pedaço da cabeça, depois abre novamente e Bonner encerra a cabeça.

Renata: “O *Jornal Nacional* mostra o testemunho de um momento muito legal que foi registrado pela afiliada da *Rede Globo* no Espírito Santo, a TV Gazeta. É a história de um índio ianomami de 70 anos de idade que passou a vida alimentando dois sonhos. Um deles era manter contato com outros índios, de outras regiões do país. Pra isso, ele saiu de Roraima e foi percorrer o Brasil”.

Bonner: “O outro sonho, foi o acaso que ajudou a realizar. Quem conta pra gente é o repórter Mário Bonella”.

A reportagem começa com a passagem do repórter em um ponto alto da cidade de Alfredo Chaves, no Espírito Santo.

Passagem: “O índio Matakí estava viajando pelo Brasil para visitar algumas aldeias e seguir em direção ao norte do Espírito Santo, quando o carro em que ele estava quebrou no município de Alfredo Chaves. É um lugar cheio de montanhas, muito procurado por quem pratica voo livre.

Acontece que voar era o outro sonho do índio Mataké”.

Corta e volta para o estúdio, imagem aberta e depois fechada em Bonner que dá continuidade a história.

Bonner: “E acontece que contaram essa história pra um instrutor de voo de parapente chamado Rodolfo Cavalini, que ajudou o índio a realizar. E você, tá pronto pra decolar?”

Entram imagens do voo do índio cedidas pelo instrutor.

Sobe-som – Enquanto voa, o índio canta em tupi.

Volta para o estúdio, imagem aberta e Renata fala:

“O *Jornal Nacional* quis saber do ianomami Mataké se valeu a pena ter esperado 70 anos por esse momento”

Volta para as imagens do índio.

“Você se torna uma criança no voo. Você tem que voar um dia. Todos vocês. É uma delícia. É fantástico. É ótimo”, afirma o índio.

Tempo: 02:32

Não é uma reportagem convencional e sim uma história contada em pedaços pelo repórter, pelos apresentadores e pelo índio. O instrutor de voo não fala, apenas cede as imagens. A reportagem encerra a edição do telejornal, apesar de no portal o conteúdo estar no meio da edição.

Assunto 12

Política

Nota seca

Imagem fechada em Renata, a cor lilás no telão.

“O ministro Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal, prorrogou por mais 60 dias o prazo de investigação de 20 inquéritos sobre o suposto envolvimento de políticos no esquema de corrupção na Petrobras. O ministro orientou ainda que a Polícia Federal e a Procuradoria-Geral da República atuem de forma "harmoniosa". Nas últimas semanas, procuradores e delegados tiveram divergências na condução das investigações”

Tempo: 00:25

Assunto 13

Publicidade Crefisa, 30 segundos

Política

Reportagem de Camila Bomtempo, Brasília

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Renata chama,

Cabeça: “A presidente Dilma Rousseff se reuniu nesta quinta-feira (30) com representantes de centrais sindicais. Ela falou sobre direitos trabalhistas e o projeto que regulamenta a terceirização que está tramitando no Congresso”.

A reunião foi no Palácio do Planalto. A presidente disse que é urgente que as contratações sejam regulamentadas para trazer proteção a empregos e salários. Mas defendeu que a terceirização não pode ser irrestrita.

“A regulamentação do trabalho terceirizado, ela precisa manter, do nosso ponto de vista, a diferenciação entre atividades-fim e atividades-meio nos mais diversos ramos da atividade econômica. Para nós, isso é necessário para assegurar que o trabalhador tenha a garantia dos direitos conquistados nas negociações salariais e também por uma razão ligada à nossa previdência, para proteger a Previdência Social da perda de recursos, garantindo sua sustentabilidade”, disse Dilma Rousseff.

Passagem: O projeto que regulamenta a contratação de terceirizados em todas as atividades, sem restrições, já está tramitando no Senado, mas ainda não há data para votação. Se o texto sofrer alguma alteração, o projeto volta para a Câmara e depois vai direto para a sanção da presidente Dilma Rousseff” – gravada na Câmara.

O projeto aprovado na Câmara estabelece que a empresa contratante será obrigada a fiscalizar o pagamento dos direitos trabalhistas dos terceirizados. E a recolher ao governo encargos e tributos, como Imposto de Renda, INSS e PIS.

Algumas centrais sindicais são contra a terceirização. O deputado Paulo Pereira da Silva disse que a regulamentação dará segurança nos contratos de trabalho.

“Daqui para a frente, você não terá mais fornecedor de mão de obra, você não terá mais trabalhador que não sabe quem vai pagar seus direitos. Regulamenta não só para os trabalhadores, mas também para as empresas. As empresas terão uma regra, a partir de agora, para poder reger o seu futuro”, disse o deputado Paulo Pereira da Silva, SD-SP.

Um especialista em relações do trabalho diz que o projeto traz novas garantias para o trabalhador terceirizado.

“As empresas, elas têm atividades que precisam ser executadas com divisão do trabalho. E elas executam isso escolhendo a melhor maneira de fazer essa divisão do trabalho. Isso independe da atividade-meio e atividade-fim. O que é importante, porém, é que se garanta a proteção de todos os trabalhadores. Isso é muito mais importante do que ficar com essa esgrima de atividade-meio e atividade-fim”, diz José Pastore, professor da USP.

Tempo: 02:43

Assunto 14

Política

Notacoberta

Imagem fechada em Renata.

Cabeça: “O Tribunal Superior Eleitoral rejeitou, total ou parcialmente, as contas de nove partidos nos balanços referentes ao ano de 2009, em todos os casos por uso irregular do dinheiro do fundo partidário. O TSE determinou que eles devolvam dinheiro aos cofres públicos”

Off – Texto coberto com arte que mostra quanto cada partido deve devolver.

O PT tem que devolver quase R\$ 5 milhões; o PV, R\$ 1,3 milhão; o PPS, R\$ 1 milhão; o PSOL, R\$ 400 mil; o PSDB, R\$ 225 mil. Os outros partidos condenados a devolver dinheiro foram o PTdoB (R\$ 188 mil); o PCB (R\$ 161 mil); o PSB (R\$ 135 mil); e o PRTB (R\$ 46 mil). O TSE

também determinou que os partidos paguem multa e fiquem um período sem receber o fundo partidário.

Notapé: “Segundo o TSE, a devolução de quase R\$ 5 milhões que o PT terá que fazer é a maior já aplicada a um partido no país.

O PT e o PSDB informaram que vão recorrer da decisão. O PSOL afirmou que a decisão foi mais política do que jurídica e que também vai recorrer. O PSB declarou que já recorreu. O PPS não comentou a desaprovação das contas. O *Jornal Nacional* não conseguiu contato com representantes dos outros partidos: PV, PCB, PTdoB e PRTB” – imagem fechada em Renata.

Tempo: 01:18

Assunto 15

Publicidade Itaú Criança, 30 segundos

Educação / Economia

Ao vivo Zileide Silva, Brasília

Bonner chama fechado (imagem de uma lousa no telão), depois levanta, passa em frente a bancada e vai ao telão.

Cabeça: “À meia-noite termina o prazo de inscrição para os contratos novos do Fundo de Financiamento Estudantil. A inscrição para o Fies só pode ser feita pela *internet*, mas tem dado muito problema. A repórter Zileide Silva estava em uma faculdade do Distrito Federal que ofereceu computadores para ajudar os candidatos”.

Texto da repórter (apresentador faz pergunta ao lado do telão e a apresentadora faz da bancada)

De quatro estudantes, duas conseguiram, mas não foi fácil: foram várias tentativas. Já outros dois, que também tentaram muito, não conseguiram por uma série de problemas: ou o sistema saía do ar, ou na última hora não aceitava a inscrição, há um determinado código não era aceito. Mas eles já contaram que não vão desistir.

O Ministério da Educação não tem um número exato de vagas. Ele tem um orçamento e o número de vagas depende do valor de cada contrato. O Ministério tinha uma meta: pouco mais de 250 mil novos contratos. Essa meta, provavelmente, já foi atingida. Lembrando que, no primeiro semestre do ano passado, foram 480 mil novos contratos, quase o dobro.

Quem não conseguir a vaga agora é como no vestibular: tem que esperar a próxima edição. Só que o Ministério da Educação não sabe quando isso vai acontecer, por causa do orçamento. O Fies é concorrido por causa dos juros, que são baixos: 3,4% ao ano. E o estudante só começa a pagar o empréstimo quando conclui o curso. Um detalhe muito importante: o prazo que termina nessa quinta-feira (30) é apenas para novos contratos. Para quem já tem o Fies e vai renovar o financiamento, o prazo vai até 29 de maio.

Bonner: “É um prazer falar assim como você de pertinho Zileide, muito boa essa técnica do *Jornal Nacional*”. Espécie de merchandising institucional.

Ela sorri. A imagem mostra os dois como se estivesse no mesmo ambiente.

Tempo: 02:44

Assunto 16

Política

Entrevista

Imagem fechada em Renata

Cabeça: “O senador Renan Calheiros criticou a participação do partido dele, o PMDB, na coordenação política, que está a cargo do vice-presidente Michel Temer. Segundo Renan, a coordenação política não pode se transformar em mera distribuição de cargos”.

Entrevista:

“O aparelhamento não pode ter dono, nós temos é que acabar com o aparelho, mas não precisamos apenas mudar de dono. O PMDB não pode transformar a coordenação política, sua participação no governo, em uma articulação de RH, para distribuir cargos e boquinhas. Eu acho que isso tudo faz parte de um passado do Brasil que nós temos que cada vez mais deixá-lo para trás”, disse Renan.

Notapé: “A resposta a Renan Calheiros saiu numa nota do vice-presidente Michel Temer. Ele declarou que não vai usar o cargo para agredir autoridades de outros poderes e que o respeito institucional é a essência da atividade política. Temer afirmou que tem trabalhado para construir harmonia e estabilidade, e que não sairá desta trilha”. Imagem fechada em Renata.

Tempo: 01:06

Assunto 17

Publicidade Itaú Criança, 30 segundos

Mundo / Política

Reportagem de Pedro Vedova, Berlim

Imagem aberta nos apresentadores, mas só Bonner chama a notícia.

Cabeça: “O jornal alemão “Bild” acusou a primeira-ministra alemã, Angela Merkel, de ajudar os Estados Unidos a espionarem a Europa”.

Off

A confiança abalada entre os europeus. O maior jornal do Alemanha acusa o serviço secreto do país de bisbilhotar os próprios aliados.

A espionagem faria parte de um acordo com os Estados Unidos. A Alemanha receberia informações privilegiadas se grampeasse o alto escalão da França, da Comissão Europeia e de empresas, como a Airbus.

O presidente da Comissão Europeia pediu ação às autoridades alemãs. A França entrou em contato com o governo. A Airbus foi além: prometeu apresentar queixa-crime contra a espionagem de segredos industriais.

Passagem: A denúncia constrange o governo da Alemanha. A oposição lembra que a própria primeira-ministra se irritou ao descobrir que espionagem chegava à palma de sua mão”.

Nem o velho celular de Merkel escapou. A Agência de Segurança Nacional americana grampeou conversas, segundo o ex-espião Edward Snowden. Dalí teriam saído 300 relatórios sobre a primeira-ministra.

Na época, Merkel, irritada, chegou a dizer que "espiar amigos era perda de energia". Para a oposição, se Merkel sabia sobre a espionagem, das duas uma: ou ela mentiu ou a Alemanha não tem amigos na Europa.

Tempo: 01:26

Assunto 18

Mundo / Preconceito/ EUA

Ao vivo, de Fábio Turci, EUA

Bonner chama o ao vivo, imagem fechada, (bandeira dos EUA se forma no telão), depois abre, ele passa em frente a bancada e vai até o telão. O apresentador faz pergunta ao repórter que está no estúdio da emissora em Nova York. Renata faz pergunta da bancada.

Cabeça: “Nos Estados Unidos, surgiram nesta quinta-feira (30) informações novas sobre uma morte que provocou uma onda de protestos. A de um rapaz negro chamado Freddy Gray, que estava em poder de policiais”.

Off

Uma TV local teve acesso a um relatório da autópsia e noticiou que ele se feriu dentro do carro da polícia. O corpo tinha um ferimento na cabeça, compatível com um parafuso que existe dentro do carro. O equivalente ao Instituto Médico Legal do Brasil negou.

Mas a informação se soma a outras já divulgadas. A imprensa americana já divulgou uma versão de que ele teria se debatido dentro do carro da polícia. Então, ele se feriu sozinho ou foi machucado?

A abordagem foi no dia 12 de abril. A única arma que ele tinha era um canivete. Quando foi retirado pelos policiais, estava seriamente ferido na coluna, na altura do pescoço, foi internado em coma e morreu uma semana depois.

E tem ainda uma história de uma atitude suspeita dos policiais que levavam o rapaz pra delegacia.

O relatório da investigação preliminar foi divulgado oficialmente mostra que a van da polícia que levava Gray pra delegacia fez uma parada que não era conhecida, uma câmera de segurança filmou. A investigação está agora com a promotoria. E os 6 policiais envolvidos continuam preventivamente afastados.

As manifestações de protesto continuam.

Tem: 02:27

Assunto 19

Educação / Greve

Loc off

Imagem fechada em Renata, depois entram imagens da paralisação.

“Professores estaduais em greve protestaram em alguns estados nesta quinta-feira (30). Em Florianópolis, um grupo está acampado na Assembleia Legislativa há três dias.

Em São Paulo, os professores bloquearam um sentido da Avenida Paulista e na noite desta quinta fizeram uma manifestação na Secretaria de Educação. A greve em São Paulo completou 49 dias”.

No estúdio Bonner diz:

“Deixa eu fazer uma correçãozinha. Na reportagem, há pouco, o *Jornal Nacional* disse que a greve dos professores estaduais de Santa Catarina começou na semana passada. Não foi isso não! Na verdade, a greve começou no dia 24 de março, há quase um mês.

Tempo: 00:32

Assunto 20

Publicidade NEC, 30 segundos

Imagem fechada em Bonner.

Entrevistas

Cabeça: “O presidente do Senado, Renan Calheiros, do PMDB, criticou nesta quinta-feira (30) a presidente Dilma e a coordenação política do governo. Interlocutores dizem que ele está contrariado porque perdeu a indicação de cargos importantes no governo, mais recentemente o Ministério do Turismo. Nesta quinta, Renan disse que a decisão da presidente Dilma de não fazer o pronunciamento tradicional do Dia do Trabalhador foi um erro”.

Entrevista:

“O governo não tem agenda, não tem iniciativa, há um vazio evidente que fragiliza o governo. O governo tem que sair da paralisia, da falta de iniciativa. Essa coisa da presidente da República não poder falar no dia primeiro porque não tem o que dizer é uma coisa ridícula, ridícula. Isso enfraquece muito o governo”, afirmou Renan.

Volta William do estúdio, imagem fechada.

Em resposta a Renan Calheiros, o ministro Miguel Rosseto, da Secretaria-Geral da Presidência, disse que o Palácio do Planalto mantém diálogo permanente com a população.

Entrevista:

“O governo respeita todas as manifestações, faz parte da democracia brasileira e portanto vai sim se manifestar através das redes sociais e de todos os instrumentos que dispõe para se comunicar neste momento com os trabalhadores”, disse.

Tempo: 01:20

Assunto 21

Mundo / Protesto

Loc off

Imagem aberta, mas só Renata chama, depois cobre com imagens do protesto.

“Dois mil manifestantes saíram às ruas de Milão, na Itália, em protesto contra a Expo 2015, que começa na sexta-feira (1º). Eles reclamam que época de crise, o dinheiro gasto com a feira poderia ter sido usado para incentivar o crescimento econômico e a criação de empregos. Este ano, a exposição reúne mais de 140 países e tem como tema a alimentação sustentável.”

Tem: 00:23

Assunto 22

Publicidade Downny

Prestação de Serviços / Imposto de Renda

Nota Seca

Renata lê enquanto uma arte com os números falados aparece ao lado dela.

Termina à meia-noite o prazo para entrega da declaração do Imposto de Renda. Até às 20h, a Receita Federal tinha recebido mais de 27 milhões de declarações. Pelas contas do governo, 162 mil contribuintes ainda precisavam declarar. Quem perder o prazo vai pagar multa. No mínimo, de R\$ 165.

Tempo: 00:20

Assunto 23

Vacinação / Saúde

Nota Seca

Bonner lê enquanto uma cartela aparece ao lado dele no estúdio.

A campanha nacional de vacinação contra a gripe começa na próxima segunda-feira (04). Até o dia 22 de maio, a meta é vacinar mais de 39 milhões de pessoas. Esta campanha é voltada para crianças de seis meses a cinco anos, doentes crônicos, idosos, trabalhadores da saúde, índios, gestantes, mulheres que tiveram filho recentemente, presos e funcionários do sistema prisional. Quem tem alergia a ovo não pode ser vacinado.

Tempo: 00:31

Assunto 24

Publicidade Downny , 30 segundos

Nota Seca

Imagem fechada em Bonner

O ministro do Tribunal Superior Eleitoral Gilmar Mendes, responsável por analisar as contas de campanha da reeleição da presidente Dilma, disse nesta quinta-feira (30) que há suspeita de graves irregularidades e determinou que a prestação de contas fique disponível no site do tribunal por mais um ano.

Neste período, segundo Gilmar Mendes, os órgãos de fiscalização, como o Tribunal de Contas, a Receita Federal e o Ministério Público, vão fazer novas análises dos documentos.

Tempo: 00:29

Assunto 25

Ciência / Animal

Reportagem de José Roberto Burnier, São Paulo

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Bonner chama a notícia.

Imagem de terremoto no telão.

Cabeça: “Cientistas descobriram o que faz animais pressentirem catástrofes, como terremotos. A partir dessa descoberta, os pesquisadores dizem que vai ser possível alertar e salvar comunidades inteiras”.

Off

As imagens no vídeo são de câmeras instaladas no Parque Nacional Yanachaga Chemillen, no centro do Peru. Tamanduás, leopardos, tatus, aves, batem em retirada, assustados. Vinte dias depois, em agosto de 2011, um terremoto de sete graus na escala Richter sacudiu toda a região. O mesmo comportamento foi observado por cientistas, em 2004, no terremoto seguido de um tsunami no Oceano Índico, que matou mais de 200 mil pessoas.

O estudo também foi feito na África, com macacos, elefantes e outros outros mamíferos.

Passagem: Que os animais têm essa capacidade sensorial de prever fenômenos naturais, isso já se sabia. Mas agora os cientistas encontraram uma explicação. Quando duas placas tectônicas se movem, uma contra a outra, esse fenômeno produz um gás que sai de baixo e vem para a superfície, e depois para a atmosfera. O gás é rico em íons positivos, que são átomos carregados

eletricamente. Esses íons positivos aumentam a produção de um hormônio que faz com que os animais fiquem mais agitados, hiperativos. E é por isso, segundo os cientistas, que eles abandonam aquela área, aquela região. Foram pesquisados vários tipos de animais, desde aves até os mamíferos, e entre os mamíferos, os felinos” – em um zoológico de São Paulo.

Outra pesquisa, chefiada por um cientista francês radicado no Brasil, constatou que as mesmas partículas atômicas liberadas pelo gás provocam alterações nas ondas de rádio na atmosfera.

Ele conta que, 12 dias antes do terremoto que devastou o Haiti em 2010, as medições mostraram essas alterações. Mas ainda não se tinha certeza de que era por causa de um terremoto. Agora, pela primeira vez, as duas pesquisas começam a andar juntas, para que um dia seja possível prever com mais precisão a ocorrência dos abalos.

“Precisa se reproduzir essa pesquisa em outros lugares também. A grande ideia é ter um futuro, eu diria, a médio prazo, uma previsão de umas duas semanas para prever esses fenômenos catastróficos”, diz o físico da Universidade Mackenzie, Jean-Pierre Raulin.

Tempo:02:33

Assunto 26

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Mundo/ Terremoto/ Nepal

Reportagem de Roberto Kovalic, Tóquio

Imagem aberta, mas só Renata chama a notícia, imagem de terremoto no telão.

Cabeça: “Cães farejadores ajudaram a salvar dois jovens nesta quinta-feira (30), no Nepal”.

Off

Quem vê um garoto de 15 anos sentado, com cara de sono, não imagina pelo que ele passou. Foram 144 horas debaixo de uma pilha de escombros, em um bairro de Katmandu.

Socorristas do Nepal e dos Estados Unidos se uniram para tentar tirá-lo dali. Chegavam mais homens, equipamentos, e o que parecia improvável em meio a tamanha tragédia, se confirmou. Em uma maca, sujo, ele surgiu consciente. Enfraquecido, mas sem soltar a mão do bombeiro.

O jovem Pema Lama traz alegria à multidão, que celebra os homens que fizeram o resgate. Horas depois, no hospital de campanha, ainda precisava de um pente, mas estava vivo para contar sua história.

"Estava almoçando no térreo quando o terremoto aconteceu. Tentei escapar, mas fiquei preso", conta Pema.

Passagem: Segundo especialistas em resgate, histórias incríveis como a de Pema acontecem quando o sobrevivente não tem nenhuma fratura e encontra um local protegido, como um vão. O garoto nepalês contou ainda que, nos cinco dias que ficou sob os escombros, conseguiu alcançar dois tabletes de manteiga para comer, e espremeu um pano molhado para ter alguma água” – gravada em uma rua de Tóquio.

E outras histórias como essa, surgiram. Uma jovem que trabalhava em um hotel sobreviveu 130 horas sem uma gota d'água.

A delegação israelense que está no Nepal para ajudar as vítimas da tragédia divulgou fotos que comoveram o mundo: o nascimento de um bebê, na quarta-feira (29), em um hospital de campanha. O menino nasceu com dois quilos e a mãe passa bem.

Na quinta-feira (30), a mãe do bebê de apenas 5 meses que ficou mais de 22 horas soterrado contou aos jornalistas que conseguia ouvir o filho chorar em frente às ruínas da casa onde morava.

Novas imagens surgiram, nesta quinta, do momento do tremor. Uma, perto de Katmandu, mostra os templos ruindo ao redor de assustados turistas.

Um vídeo gravado por um norueguês mostra o pânico no momento da avalanche na montanha mais alta do mundo. Os alpinistas se refugiam nas barracas. Uma delas reza. Depois disso, muitos desistiram, e aguardam helicópteros que devem buscá-los. Em outro vídeo, uma construção caiu no meio de uma rua movimentada na capital do Nepal. Dois homens que passavam numa motocicleta foram atingidos. Eles sobreviveram.

Já são 6.100 mortos na tragédia.

Tempo: 02:49

Assunto 27

Trânsito

Ao vivo de César Menezes, São Paulo

Imagem aberta e Renata chama o repórter, mas não se levanta da bancada. Enquanto ela fala, imagem da estrada no telão. Ela diz que ele está no *Globocop* e ele não aparece so mostra imagens do alto das saídas da cidade. César Menezes fala do tempo, que será detalhado a seguir melhor por Maria Júlia.

Tempo: 01:27

Assunto 28

Tempo

Renata começa na bancada e de lá levanta para falar com a apresentadora do tempo de São Paulo, que brinca, sorri com a Renata. Bonner faz pergunta da bancada também.

Maria Júlia: “Vamos falar da temperatura? Vamos falar de algumas capitais?”

Bonner pergunta da bancada: “Tem algum lugar que vai ficar molhadinho no feriado?”

Maria Júlia: “O mapa está molhadinho”

Tempo: 03:13

Assunto 29

Esporte

Nota Seca

Lida por Bonner com arte ao lado dele no estúdio

“O Comitê Organizador Rio 2016 prorrogou o prazo pra reserva de ingressos até a próxima quarta-feira, 6 de maio. Os esportes mais procurados são o vôlei, o futebol e a natação.

O comitê confirmou a Arena Corinthians como sede do futebol em São Paulo com seis jogos do feminino e quatro do masculino. A página do *JN* na *internet* tem as informações sobre esse processo de reserva de ingressos” – *Convergência empresarial*. O site aparece na tela.

Tempo: 00:28

Assunto 30

Edição exclusiva para assinantes

(Vídeo só para assinantes)

Jornal Nacional 1 de maio de 2015 (sexta-feira)

Assunto 1

Publicidade Crefisa, 15 segundos

Política / Protesto

Reportagem de Alberto Gaspar, São Paulo

imagem fechada em Renata.

Cabeça: “Em São Paulo, milhares de pessoas participaram das comemorações do Dia do Trabalho promovidas pela Força Sindical e pela CUT”.

Off

A festa da Central Única dos Trabalhadores começou cedo, em três pontos diferentes do Centro de São Paulo. Depois, os grupos seguiram em caminhada até o Vale do Anhangabaú.

Foram 50 mil participantes, segundo os organizadores. A polícia calculou que 5 mil pessoas passaram por lá. O ato com o tema 'em defesa dos direitos trabalhistas, da democracia, da Petrobras, e da reforma política' teve participação de outras centrais sindicais e de movimentos sociais.

Entre os políticos, o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Miguel Rosseto, e o ex-presidente Lula. A CUT combate o projeto que regulamenta a terceirização.

Passagem: As apresentações musicais só começaram à tarde. A comemoração organizada pela Força Sindical reuniu uma multidão na Zona Norte da cidade. Ao todo, 20 mil pessoas, segundo a Polícia Militar”.

No cálculo dos organizadores, 1 milhão.

O tema era 'crescimento econômico com garantia de direitos e empregos'. A Força Sindical apoia o projeto sobre terceirização.

Além de dezenas de artistas, incluindo alguns dos principais nomes da música sertaneja, políticos também ocuparam o palco, como o ministro do Trabalho e Emprego, Manuel Dias, o senador Aécio Neves e o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Na festa, que durou seis horas, 19 carros foram sorteados.

Tempo: 01:39

Assunto 2

Trabalho / Comemoração

Nota Coberta

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só William chama a notícia.

Cabeça: “Nesta sexta-feira (1º), o Dia do Trabalhador foi comemorado com eventos em várias cidades brasileiras”

Texto gravado pelos apresentadores

William: Em Salvador, teve festival de música no Pelourinho. O encontro foi organizado por duas centrais sindicais: a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB).

Renata: Na periferia Fortaleza, além de shows, foi organizada uma caminhada de três quilômetros.

William: Sindicalistas e professores do Paraná também participaram de uma caminhada em Curitiba. Eles protestaram contra a ação da polícia durante uma manifestação na quarta-feira (29). Nesta sexta, os manifestantes tingiram de vermelho o espelho d'água da praça em frente ao Palácio do Governo.

Renata: No Rio de Janeiro, a festa foi em ritmo de samba em um palco montado pela CUT no Centro.

Trabalhadores também se reuniram no Centro de Belo Horizonte. À tarde, representantes de movimentos sociais montaram acampamento em frente à Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Tempo: 00:52

Assunto 3

Política / Trabalho

Vídeo

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só William chama a notícia. Depois a imagem fecha nele.

Cabeça: “A presidente Dilma Rousseff usou as redes sociais para falar com os trabalhadores neste primeiro de maio. Em vez do discurso em rede nacional de televisão, ela preferiu divulgar três vídeos na *internet*. No primeiro, ela disse que a política de valorização do salário mínimo foi uma das maiores conquistas dos trabalhadores dos últimos treze anos. No outro, falou sobre a legitimidade das manifestações. Disse que hoje o Brasil vive em plena democracia e que é importante saber reivindicar sem violência e sem repressão. Por último, a presidente falou sobre o projeto que regulamenta a terceirização, que está tramitando no Congresso”.

Vídeo da presidente:

“Sei que é importante regulamentar o trabalho terceirizado no Brasil para que 12,7 milhões de trabalhadores terceirizados tenham proteção no emprego, direitos trabalhistas e previdenciários e garantias de um salário digno. Regulamentar a terceirização significa também maior segurança para o empregador. A regulamentação do trabalho terceirizado precisa manter a diferenciação entre as atividades fins e meio nos vários setores produtivos”, disse a presidente Dilma Rousseff.

Tempo: 01:17

Assunto 4

Publicidade Sadia, 15 segundos

(Novo anúncio)

Política

Entrevista

Imagem aberta nos dois apresentadores, depois fecha em Renata, que chama só a notícia.

Cabeça:

“O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, do PMDB, também falou sobre o projeto que regulamenta a terceirização. Em São Paulo, onde participou das comemorações do dia do trabalho, ele disse que a presidente Dilma tem que ter cautela - e defender a posição da maioria dos partidos da base aliada e não só a posição do PT, que se declarou contrário à terceirização”.

Entrevista:

“O próprio projeto da terceirização que o governo agora pode agora equivocadamente assumir a tese do PT não pode servir para dividir a base. Se você tem vários partidos participando de um processo de coalizção e esses partidos têm posições. Se o governo quer liderar um processo em que o PT não tem a maioria do parlamento. Só com o PT o governo não governa. É um erro quando o PT fica isolado do resto da base e é um erro maior ainda quando o governo assume a pauta do PT”, afirmou o presidente da Câmara Eduardo Cunha.

Tempo: 00:47

Assunto 5

Publicidade Visa, 15 segundos

(Novo anúncio)

Comemoração / Protesto / Trabalho

Reportagem de Pedro Vêdova, Berlim

Imagem aberta nos dois apresentadores, bandeira da Alemanha se forma no telão, mas só Renata chama a notícia.

Cabeça: “Na Alemanha, o 1º de Maio é um dia de protestos, mas também de festa”.

Off

Todas as cores da Alemanha no 1º de Maio. São senhores, famílias, gente que desperta cedo para se manifestar.

Os protestos alemães são como blocos, precisam de autorização para desfilar, mas nem sempre a música prevalece sobre as palavras de ordem.

Passagem: “Na Alemanha, todo mundo pode se manifestar, inclusive os neonazistas. Mas um grupo sentado não concorda com esse tipo de manifestação e faz de tudo para bloquear o protesto. A polícia assiste bem de perto o desenrolar do impasse”.

A manifestação foi distante do centro, menos de 50 apareceram. Em número muito maior, os antinazistas assistiram aos rivais levantarem bandeiras. O protesto dos neonazistas acabou sem desfile. O grupo rival se deu por satisfeito. Uma criança, no meio de Alemanhas tão distantes, aprendia o certo e o errado.

Mas, o 1º de Maio não é só uma data de protestos, é uma celebração nacional. Em uma praça, a festa é das crianças e elas ganham uma programação intensa.

Festas um pouquinho menos família transbordam as ruas. A música eletrônica não abafa a tradicional dúvida: é Dia do Trabalho ou do Trabalhador? Os alemães, em festa, exaltam a sua escolha. Fazem com gosto hora-extra nos parques da capital.

Tempo: 01:46

Assunto 6

Trabalho / Protesto / Violência

Reportagem de Roberto Kovalick, Londres.

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só William chama a notícia.

Cabeça: “Muitos países tiveram violência nas manifestações do 1º de Maio”.

Não teve clima para festa na Turquia. O governo proibiu manifestações no centro de Istambul. Mas uma multidão desafiou. A polícia não economizou bomba de gás, nem bala de borracha.

Na Grécia, todo mundo do mesmo lado. Integrantes do governo foram carinhosamente recebidos para criticar as medidas de austeridade impostas pela União Europeia em troca de ajuda financeira ao país.

Na Espanha, houve críticas ao corte de gastos no serviço público. O país já saiu da recessão, mas o desemprego ainda é alto. Na França, um comício da extrema direita teve a atenção desviada por um grupo feminista, famoso pelos protestos desinibidos. Mas teve também manifestação mais séria.

Passagem: “A austeridade foi o alvo dos protestos em grande parte da Europa. Na Grã-Bretanha não é feriado, um dia normal, e a economia está bem melhor do que no resto do continente”. – Austeridade não é uma palavra comumente usada no telejornal. Aparece pela primeira vez na análise,

Na Ásia, uma das maiores manifestações foi na Indonésia. Na Coreia do Norte, uma festa ensaiada, cada passo coreografado. Em um dos últimos redutos comunistas do planeta, ninguém se arrisca a reclamar nem se o jogo oferecido aos trabalhadores estiver ruim. Já na vizinha Coreia do Sul, um dos países onde há mais protestos no mundo, os manifestantes já conhecem a tática da polícia para dispersar multidões e vieram precavidos com capas de chuva.

Tempo: 01:46

Assunto 7

Publicidade Heineken, 30 segundos.

Reportagem de Ilze Scamparino, Roma.

Imagem aberta nos dois, bandeira da Itália se forma no telão, e Bonner chama sozinho a notícia.

Cabeça: “Na Itália, terminaram em violência os protestos contra os gastos da Expo 2015, que foi aberta nesta sexta-feira (1), em Milão”.

Off

Foi uma invasão anunciada de 500 encapuzados, vestidos de preto que destruíram parte do Centro de Milão. Puseram fogo em carros, lojas e bancos, usando coquetel molotov. A polícia respondeu com gás lacrimogêneo. Os manifestantes deixaram uma imagem inédita: as roupas pretas espalhadas pela rua.

A alguns quilômetros do local, outro grupo também protestava, mas pacificamente, contra os gastos de um evento mundial inaugurado nesta sexta-feira: a Expo Milão, a exposição universal que custou US\$ 15 bilhões. Os ativistas reclamam que, em uma época de crise, o dinheiro gasto com a feira poderia ter sido usado para incentivar o crescimento econômico e a criação de empregos.

A Expo Milão reúne mais de 150 países e tem como tema a alimentação sustentável. O Papa Francisco mandou uma mensagem ao vivo pedindo comida para todos. (imagem da TV de Roma)

Passagem: “A Expo Milão vai durar seis meses. Três mil policiais foram enviados à cidade para reforçar a segurança. Apesar dos enfrentamentos e dos danos materiais, o governo italiano informou que poucas pessoas ficaram feridas. Vários manifestantes foram presos”.

Tempo: 01:25

Assunto 8

Ao vivo de Alan Severiano, Nova York

Renata está em pé ao lado do telão, onde a bandeira norte-americana se forma, ela chama o repórter. Ela faz perguntas de lá ao repórter.

Cabeça: “A procuradoria da cidade de Baltimore indiciou nesta sexta-feira (1º) seis policiais pela morte que provocou uma onda de protestos nos Estados Unidos: a de um jovem negro chamado Freddie Gray”.

Texto do repórter, que está no estúdio da emissora em Nova York.

Seis policiais estão presos. Segundo a imprensa americana, três são brancos e três são negros. A procuradora Marilyn Mosby foi incisiva: disse que é um caso de homicídio. As acusações variam de um policial para outro. Mas em geral eles vão responder por homicídio, negligência, agressão e cárcere privado.

Gray sofreu uma lesão no pescoço, no caminho para a delegacia. A procuradora disse que ele foi colocado no camburão da polícia algemado com as mãos para trás e as pernas amarradas, sem cinto de segurança. Ela não quis dizer se os policiais aceleraram de propósito, mas garantiu que eles pararam várias vezes para ver o que estava acontecendo.

Nesses momentos, Freddie Gray pediu ajuda várias vezes, ajuda de um médico, disse que não conseguia respirar. Em vez de atender o rapaz, os policiais preferiram atender outra ocorrência. Ela disse ainda que Freddie foi preso ilegalmente, porque portava uma arma que é permitida pela lei do estado de Maryland.

(Bonner pergunta da bancada ao repórter)

Logo depois que os policiais foram indiciados, a população de Baltimore fez um buzição nas ruas para comemorar. Várias manifestações já estavam agendadas, como uma em Nova York. Centenas de pessoas se juntaram ao protesto de 1º de Maio, pedindo o fim da brutalidade da polícia. (Parte do texto coberto com imagens).

Marilyn Mosby, de 35 anos, está há apenas quatro meses no cargo de procuradora. Ela virou celebridade nos Estados Unidos e disse que ninguém está acima da lei.

A família de Freddie Gray comemorou: disse que está satisfeita, que esse é um primeiro passo: o indiciamento dos policiais. Já o sindicato dos policiais disse que eles não fizeram nada de errado.

Tempo: 02:17

Assunto 9

Publicidade Getnet, 30 segundos

(Nova propaganda)

Reportagem de Wallace Lara, São Paulo

Imagem fechada em Renata, que está sentada na bancada, depois imagem abre nos dois lateralmente, mas só ela fala.

Cabeça: “O brasileiro Cláudio de Moraes, de 24 anos, é a vítima mais recente da violência entre torcedores do futebol brasileiro. No domingo (26), Cláudio foi atacado por integrantes de uma torcida organizada do Santos. Ele era palmeirense”.

Off

As imagens do circuito interno mostram o Cláudio, a namorada e um amigo, saindo da estação de trem, sem saber que cerca de 15 torcedores do Santos esperam do lado de fora.

As câmeras não mostram a emboscada. O amigo de Cláudio consegue correr de volta para a estação e pula a catraca. O rapaz armado com uma barra de ferro desiste da perseguição. A namorada de Cláudio também conseguiu se salvar. Mas Cláudio apanhou com barras de ferro.

A investigação usou as redes sociais para identificar Fernando Carlos Martins Júnior, que já está preso. A Justiça decretou também a prisão dos irmãos Odilander e Guilherme dos Santos, que estão foragidos. Odilander, segundo a polícia, tem passagens por receptação e tráfico de drogas e foi preso duas vezes, em brigas nas cidades de Santos e Assunção, no Paraguai.

“Qualquer torcedor rival, qualquer um que deixasse a estação naquele momento, trajando uma roupa de um rival, ou com comportamento que indicasse a predileção por um clube rival, seria vítima desse grupo”, afirma o delegado de Polícia Mário Sérgio de Oliveira Pinto.

Passagem: “O torcedor do que foi agredido sofreu morte cerebral. A família doou os órgãos dele. Cláudio Fernando de Moraes foi enterrado nesta sexta-feira (1º) em um cemitério da Zona Norte de São Paulo”. (gravada no cemitério)

A família de Cláudio, conhecido como Dudu, disse que espera pela justiça e está fazendo orações pelos agressores.

“Eu rezo por eles e pelos pais deles, porque os pais não fabricaram uma pessoa assim”, diz Mauro Antônio Mendes, tio de Cláudio.

“Espero que consiga capturar os restantes, porque eles não são torcedores, são assassinos, que acabaram levando um menino que tem um coração de ouro”, lamenta Wellington Lucas, cunhado de Cláudio.

Tempo: 01:55

Assunto 10

Imagem fechada em Bonner, que chama a notícia.

Reportagem de José Roberto Burnier, São Paulo.

Cabeça: “O roubo de cargas, no Brasil, cresceu 16% em um ano. As quadrilhas estão atacando também dentro das cidades”.

Off

Em Ribeirão Preto, interior paulista, R\$ 850 mil em produtos eletrônicos não chegaram onde deviam. Foram roubados na estrada. No interior de Sergipe, pneus, remédios, geladeiras e produtos agrícolas também ficaram pelo caminho. De Norte a Sul do país, quadrilhas especializadas em roubo de carga provocam um prejuízo de R\$ 1 bilhão por ano.

Um levantamento feito pela Associação das Transportadoras mostra que, em todo o país, os roubos aumentaram 16% em 2014. Dos 17,5 mil casos registrados, 85% foram no Sudeste. Só no Rio de Janeiro, o aumento foi de 66%. (usado arte, um mapa com gráfico para ilustrar a situação)

De acordo com o relatório, é dentro das cidades que acontece a maioria dos roubos. O vídeo acima mostra um caminhoneiro sendo rendido. Ao chegar ao Rio de Janeiro pela Avenida Brasil, ele é obrigado a encostar em um local específico. Os assaltantes abrem o baú e começam a retirar a carga. O ajudante do motorista é forçado a descarregar. Em São Paulo, a região preferida pelos ladrões é a da 25 de março, no Centro.

Passagem: “Como o roubo de cargas dentro das cidades está aumentando muito, as transportadoras estão procurando adaptar os sistemas de monitoramento e de segurança que eles já têm nas estradas para as áreas urbanas. Uma transportadora, por exemplo, acompanha as entregas que estão sendo feitas na Vila Guilherme na Zona Norte de SP. Do local, eles conseguem monitorar o trajeto do caminhão, o tempo de abertura da porta do baú, onde está a carga e, ainda, analisar os sinais que são emitidos pelos localizadores que eles instalam em vários pontos do veículo. Eu não vou falar quais pontos exatamente pra não alertar a bandidagem”. (gravada no local de monitoramento).

A transportadora registra um roubo de grande porte a cada dois meses. Por ano, a empresa gasta R\$ 50 milhões com segurança. “Infelizmente, a gente acaba absorvendo muito desse prejuízo e alguma coisa a gente acaba transferindo para o consumidor também, para o nosso cliente”, conta Antonio Marim, gerente nacional de riscos da Braspress.

O assessor de segurança da Associação das Transportadoras de Carga, Paulo Roberto de Souza, diz que o policiamento é falho. “A resposta que os órgãos do estado têm nos dado é insuficiente para um problema que, cada vez mais, cresce. Inteligência policial, identificação de receptadores, identificação dessas quadrilhas e, aí sim, ação em força com força compatível para o enfrentamento dessas quadrilhas”, conclui Paulo Roberto de Souza.

A Secretaria da Segurança Pública de São Paulo informou que, em 2015, prendeu 25 envolvidos em roubos de carga. E que a Polícia Civil mapeia as áreas com mais ocorrências. Esses dados são compartilhados com as polícias e delegacias especializadas de todo o estado. A Delegacia de Roubos e Furtos de Cargas do Rio, declarou que identificou quadrilhas e prendeu seis chefes. A delegacia afirma que a Operação Ronda Qualificada coíbe o crime em locais de maior incidência e coleta informações pros inquéritos em andamento. A Polícia Militar do Rio declarou que os mais de 40 batalhões do estado atuam nas áreas com maior ocorrência de crimes.

Tempo: 03:30

Assunto 11

Publicidade Vanish e judô , 1:30

(nova propaganda)

Reportagem de Elaine Bast

Imagem fechada em Bonner, a carteira de trabalho se forma no telão.

Cabeça: “As transformações do mercado de trabalho vistas no Brasil nos últimos anos fizeram mudar o perfil das empregadas domésticas em São Paulo. Mas grande parte dessas trabalhadoras ainda enfrenta problemas antigos”.

Off

Vilmara começou a trabalhar na roça ainda criança, para ajudar os pais. Aos 14 já era doméstica. Sem registro, sem hora extra. “Durante a semana ficava no serviço, então nem saía”, conta Vilmara Oliveira.

Só no último emprego é que ela conseguiu ter a carteira assinada. “Eu tenho orgulho do meu serviço e faço meu serviço feliz. Você tem que exigir o seu direito, já que você tem o seu direito, você tem que exigir”, defende.

Passagem: “Em São Paulo, nos últimos dez anos o número de empregadas domésticas com carteira de trabalho assinada cresceu 30%. De cada dez, quatro estão registradas no emprego. Ainda é pouco, é menos da metade, e é só com esse registro que são garantidos benefícios importantes como a aposentadoria. Assinar a carteira, aliás, é um dever do patrão” (gravada em uma agência de emprego, com arte a lado da repórter)

A aprovação, há dois anos, da proposta da Emenda Constitucional 72, conhecida como a PEC das Domésticas, ajudou a acelerar a contratação com carteira, diz a pesquisadora da Fundação Seade Dieese.

“A gente sabe que ela influenciou, mas também outros fatores, como a crescente formalização do mercado de trabalho, ela contribuiu bastante para esse assalariamento com carteira crescer”, diz Márcia Halben Guerra, pesquisadora da Seade Dieese.

Ainda é preciso regulamentar, por exemplo, o pagamento do FGTS, auxílio-creche e adicional noturno. Hoje já estão em vigor o pagamento de hora extra e o limite de 44 horas semanais de trabalho. Infelizmente, direitos que não fazem parte ainda da vida de várias trabalhadoras domésticas que encontramos em uma agência de empregos.

“Eu mesmo, vou dizer a você, nunca, nunca ganhei hora extra. Sempre passei três horas, quatro horas do serviço, mas nunca nenhuma me deu hora extra”, diz Cleide Leite, desempregada.

O estudo feito em nove mil lares também traçou um perfil das domésticas que têm hoje carteira assinada: elas são cada vez mais velhas, a maioria é negra e só uma minoria dorme no emprego.

A desempregada Vânia Bahia faz parte deste grupo e agora está à procura de um novo endereço.

“Eu gosto mais de arrumação, limpeza, passear com cachorro, adoro animais. Então, se alguém me ‘ver’, também me contrate que eu estou desempregada, quero dormir no emprego”, diz. – Termina de forma bem humorada.

Tempo: 02:28

Assunto 12

Educação / Prestação de serviços

Nota Seca

Imagem fechada em Renata e vai fechando ainda mais a medida em que ela lê a nota.

A Justiça Federal em Mato Grosso suspendeu o prazo final para novas inscrições do financiamento estudantil (Fies) em todo o Brasil. Oficialmente as inscrições terminaram na quinta-feira (30), mas o juiz Rafael Carvalho entendeu que estudantes foram prejudicados por falhas no sistema de inscrição na *internet*, e prorrogou o prazo por tempo indeterminado.

Na prática, a decisão só vai valer depois que o MEC for comunicado oficialmente, o que deve acontecer na segunda-feira (04). E o Ministério já disse que assim que for comunicado vai recorrer.

Tempo: 00:31

Assunto 13

Publicidade Tridente, 15 segundos

(nova Publicidade)

Reportagem de Luciano Abreu, Benjamin Constant, AM.

Imagem fechada em Renata na bancada.

Cabeça: “Dezenove municípios do Amazonas estão em situação de emergência por causa da cheia. Ao todo, 123 mil pessoas estão sofrendo as consequências das inundações”.

Off

Pouco mais de 1.000 quilômetros separam Manaus de Tabatinga, cidade amazonense na fronteira com a Colômbia. No município, a cheia do Rio Solimões afeta 9 mil pessoas. Bairros inteiros estão alagados. Ainda assim, muitos moradores preferem ficar. Gente como o aposentado Raimundo Malafaia, que levanta o assoalho de madeira, mas não abandona a casa. “Não saio de casa não, tem que ficar aqui mesmo, até a água baixar”, ele conta.

Na área rural de Tabatinga, não dá para saber onde acaba a água e começa a terra. Tudo virou rio. Faltam 16 centímetros para o Solimões atingir a marca histórica de 1999, quando chegou a 13,82 metros.

No município vizinho, Benjamin Constant, cada centímetro de subida do Solimões é um transtorno a mais para a população.

Passagem: “Como a cheia do Rio Solimões atingiu principalmente a área do centro comercial da cidade, o prejuízo no comércio é calculado em pelo menos 50%, quer dizer, eles estão vendendo a metade daquilo que deveriam vender, e não precisa nem explicar porque. A dificuldade de acesso afasta a clientela. A equipe do *Jornal Nacional* entrou em uma loja onde eles fizeram o que é conhecido na região como maromba, eles subiram o piso para poder entrar”.

Dentro da loja alagada da dona Almerinda Magalhães, os produtos estão encalhados. “Não vende, não vende nada, nada. Não entra gente aqui”, relata a comerciante.

Onofra Bispo e os dois filhos foram para um abrigo, depois que a casa onde moram alagou. “Aqui está melhor do que ficar no alagado”, conta a dona de casa. Em Anamá, a 160 quilômetros de Manaus, quase toda a cidade está debaixo d’água. A defesa civil do estado distribuiu até agora 370 toneladas de cestas básicas para as famílias afetadas pela cheia no Amazonas. – À medida que vai citando as regiões do estado, o mapa aparece na tela.

Tempo: 02:00

Assunto 14

Terremoto / Nepal

Loc off

Imagem aberta em Bonner, imagem terremoto se forma no telão.

Cabeça: “Subiu para 6.250 o número de mortos no terremoto do Nepal. Nesta sexta-feira (1º) foi divulgado mais um registro do momento do tremor na tarde de sábado (25)”

Texto coberto com imagens:

Em uma praça em Kathmandu, a câmera começou a balançar. As colunas e o teto de uma construção desabaram. Só uma estátua resistiu.

Imagens gravadas hoje por um drone mostram o que restou da cidade de Bhaktapur, considerada um patrimônio da humanidade. Templos e construções centenárias estão em ruínas. O governo do Nepal voltou a pedir ajuda internacional. Para reconstruir casas, hospitais e monumentos, a estimativa é que seriam necessários, no mínimo, US\$ 2 bilhões.

Tempo: 00:45

Assunto 15

Loc off

Lido por Renata, imagem aberta nos dois apresentadores, enquanto uma imagem de um vulcão de forma no telão.

Cabeça: “O Serviço Nacional de Mineração e Geologia do Chile anunciou, nesta sexta-feira (1º), que a atividade do vulcão Calbuco deve durar vários meses”.

Texto coberto com imagens de uma TV chilena.

Na quinta-feira (30), o vulcão entrou em erupção pela terceira vez em uma semana. As cinzas se espalham até a Argentina e provocaram o cancelamento de voos.

Tempo: 00:15

Assunto 16

Publicidade Itaú Criança, 15 segundos.

Mapa tempo

Bonner começa sentado e depois se levanta da bancada, pedindo licença a Renata, enquanto passa pela frente da bancada, onde está a apresentadora, para falar com Maria Júlia Coutinho no telão, de onde diz a ela. “Maia Júlia, boa noite. Eu senti frio hoje no Rio de Janeiro. Será que eu tive alucinação?” O apresentador se inclui na notícia e Maria Júlia o recebe sorrindo.

Ela responde: “Não teve alucinação não. Fez frio mesmo”.

Ele: “Que bom que eu não tô ficando louco!”

Renata faz pergunta sobre as outras regiões da bancada.

Tempo: 03:13

Assunto 17

Esporte

Reportagem de Guilherme Pereira, São Paulo

Imagem aberta nos dois apresentadores e vai fechando em Bonner que chama só a notícia.

Cabeça: “Dez brasileiros vão disputar as finais da etapa da Copa do Mundo de Ginástica, em São Paulo. Um deles é o campeão olímpico Arthur Zanetti, que precisa de um tratamento especial para suportar tanto esforço nas argolas”.

Off

Em um esporte que exige tanto do corpo, o corpo exige cuidados.

Passagem: “Por isso, depois de uma sessão de treinos como essa, o Arthur faz um trabalho especial de fisioterapia, que vem dando resultados, melhorando o desempenho nas provas. Essa é uma das armas do campeão olímpico”. (No local de treinamento)

Gegê, a fisioterapeuta, usa um método chamado “rolfing” para tratar as dores e realinhar a postura em um esporte que o atleta precisa ter muita força.

Músculos e veias saltados: sinais do quanto o corpo está sendo cobrado e até mesmo danificado.

“Ele é como se fosse um carro de corrida. Terminou a corrida, o carro vai para a oficina e os mecânicos buscam onde foi o desgaste. Se o carro está desalinhado, as peças. E é isso que eu faço com o Arthur”, explica Maria Eugênia Ortiz, fisioterapeuta de Arthur Zanetti.

O trabalho começou logo depois dos Jogos Olímpicos de Londres. Em três anos, a postura melhorou. Parece pouco, mas não é.

"Meio centímetro não é nada. Mas quando você vê no alto rendimento, meio centímetro é muita coisa", diz o campeão olímpico Arthur Zanetti.

“Se ela não estivesse comigo, com o Arthur esse tempo agora, acho que o Arthur não teria se mantido dois anos no topo”, Marcos Goto, técnico de Arthur Zanetti.

Nesta sexta-feira (1º), na fase de classificação para a Copa do Mundo, Arthur ficou em primeiro lugar nas argolas com a melhor nota da carreira. Durante a prova, fez as suas tradicionais caretas. São muitas! Algumas são normais, outras são de dor. Para diferenciá-las, só mesmo Gegê.

“É como um filho. Você sabe quando acorda de mal humor porque dormiu mal, porque brigou com a namorada ou está com preguiça. Às vezes eles tentam enrolar a gente, mas a gente sabe careta do que é”, diz Maria Eugênia Ortiz, fisioterapeuta de Arthur Zanetti.

Tempo: 02:06

Assunto 18

Publicidade Ministério do Turismo, 30 segundos

Reportagem de Hélder Duarte, Nova York

Imagem aberta nos dois e depois fecha em Renata , que chama a notícia, a bandeira dos Eua se forma no telão.

Cabeça: “O *Jornal Nacional* fez uma visita a um dos lugares mais interessantes de uma das cidades mais interessantes do mundo. O Museu Whitney, de Nova York, mudou de endereço.”

Off

Metal, vidro, linhas irregulares, assimétricas. O prédio poderia ser uma enorme tela aberta em um dos bairros mais turísticos de Nova York, o Meatpacking District.

O projeto é do arquiteto italiano Renzo Piano, o mesmo que criou o Centro Georges Pompidou, em Paris.

Por dentro, o Museu Whitney tem oito andares dedicados à arte americana contemporânea.

Passagem: “As galerias são gigantescas. É como se o visitante estivesse em um espaço aberto, porque o prédio não tem colunas. As paredes são de madeira e são móveis. A luz natural entra por todas as partes. Quem vai tem uma sensação enorme de liberdade”.

No novo Whitney, o Rio Hudson faz parte da exposição. Do outro lado, o prédio se abre para a cidade e recebe esculturas. A arte está até nas escadas internas. Mas nada disso teria importância se não fosse o acervo do museu. São 22 mil peças, entre fotografias, instalações, filmes, obras de mestres das artes plásticas: Jasper Johns, Edward Hopper, Jackson Pollock, Andy Warhol.

O diretor do museu, Adam Weinberg, explica que o Whitney representa a arte dos Estados Unidos. “Não cobrimos as Américas. Mas, por exemplo, se houver um artista brasileiro trabalhando aqui nos Estados Unidos, ele poderia entrar no nosso acervo. A ideia é mostrar pontos de vista diferentes de artistas que interagem com a cultura americana”, diz.

Tempo: 02:12

Assunto 19

Violência/ Assalto

Reportagem de Pedro Bassan e de Márcia Brasil. Rio de Janeiro e ao vivo

Cabeça aberta lateralmente e depois vai fechando em Bonner

Cabeça: “O assunto que abre esta edição vai causar espanto, mas não porque seja uma surpresa. Nós vamos mostrar cidadãos brasileiros sendo atacados por delinquentes na rua. O que espanta é que as cenas de violência contra trabalhadores foram registradas no mesmo lugar que o *Jornal Nacional* já mostrou muitas e muitas vezes: o Centro do Rio de Janeiro. A reportagem é de Sérgio Leite, Márcia Brasil e Pedro Bassan”

Vinte e quatro de janeiro de 2014. Em três horas de gravação, no Centro do Rio, quatro roubos e um arrastão em um ponto de ônibus que terminou em pancadaria. Na época, a Polícia Militar disse que fazia o patrulhamento da região.

“A Polícia Militar tem trabalhado de forma dinâmica em toda a área do centro com policiamento a pé, policiamento em viatura, policiamento de motocicleta”, disse a major Bianca Machado, portavoz da Polícia Militar, à época.

Pouco mais de dois meses depois, a equipe de reportagem voltou para aquela área e, quando o repórter Eduardo Tchao fazia uma entrevista sobre a falta de segurança no Centro, a entrevistada foi assaltada. Depois deste episódio diante da câmera, a polícia afirmou que 50 PMs iriam reforçar o policiamento naquela área.

Em novembro de 2014, os assaltantes não só continuavam por ali, como apareceram armados. Além de novos flagrantes de roubos de cordões, nossas câmeras viram uma mulher quase ser esfaqueada em um ponto de ônibus.

Passagem: “Seis meses depois, o *Jornal Nacional* apontou as câmeras no mesmo lugar. Novamente, os ladrões estava no local, e a polícia, não. Dessa vez, as consequências foram ainda piores.” – gravada na rua, local do assalto.

Um homem de 52 anos esperava para voltar para casa no fim de um dia de trabalho. Mas ele não subiu no ônibus. Em instantes, foi cercado por três jovens. Um deles erguendo uma faca. Tudo

muito rápido. Quem estava em volta saiu correndo. O homem, assustado, nem percebeu direito o que aconteceu e, de repente, levou quatro facadas.

Toda a ação dos assaltantes durou apenas seis segundos. Eles nem se preocupam em sair correndo, enquanto o homem sai andando em busca de socorro, caminhando ensanguentado pelo Centro do Rio com um grande ferimento no ombro e o cordão ainda pendurado no pescoço.

“Eu estava no ponto de ônibus, tentaram me roubar, e me furaram. Eram uns seis, passaram por mim, olharam e voltaram para me roubar”, conta um homem.

“Isso é um absurdo. Isso tem que acabar. Pelo amor de Deus, eu não aguento mais ver assalto nesse Rio de Janeiro. Eu não estou aguentando mais, todo dia, eu vejo assalto. Isso é uma gangue. Pelo amor de Deus, autoridades do Rio de Janeiro. Outro dia, eu também quase fui assaltada, mas saí correndo para uma viatura, senão iam me assaltar também. Estavam com uma faca na mão” desabafa uma mulher.

A polícia e os bombeiros só chegaram meia hora depois. O homem ferido esperava deitado na portaria de um prédio.

O mesmo grupo já tinha feito outra vítima um pouco antes. A equipe de reportagem acompanhou a movimentação deles durante dois dias. Eles ficam caminhando por ali durante horas, na mesma calçada, procurando por um cordão em um pescoço ou alguém distraído no celular.

Foi por isso que atacaram um outro rapaz. O jovem saiu correndo atrás dos ladrões, perseguiu o grupo por vários metros, dando voltas em uma banca de jornais. Chegou a entrar em confronto com um dos meninos. Até que, no outro quarteirão foi cercado, derrubado e desistiu.

Assaltos e corre-corre são comuns no Centro do Rio. Em outra rua, um dos suspeitos entrou correndo em um bar. Foi derrubado e agredido por várias pessoas. Quando tentava fugir, foi apanhado pela camisa. Já em pé, foi agredido de novo. Nenhum policial apareceu. E o rapaz voltou a caminhar tranquilamente pelas ruas.

Depois Renata se levanta da bancada e vai até ao telão conversar com Pedro Bassan, que está na região central do Rio de Janeiro, que dá a posição da Secretaria de Segurança do Rio sobre o reforço do policiamento. Bonner faz pergunta da bancada.

Tempo: 06:45

Jornal Nacional 2 de maio de 2015 (sábado)

Assunto 1

Edição de sábado apresentada por Ana Paula Araújo e Alexandre Garcia (não são os apresentadores titulares)

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Economia / Dia das mães

Reportagem de Wallace Lara, São Paulo.

Imagem fechada em Ana Paula, com moedas e gráfico no telão.

Cabeça: “Este ano a expectativa é de presentes mais modestos para os Dia das Mães. Isso em uma data que é a segunda mais importante para o comércio. Só perde para o Natal”.

Off

A opção do Erick foi perfume. “O preço das coisas está realmente muito alto, o Brasil está muito caro para se viver”, ele diz. A do Antônio, roupa. “Esse ano ainda foi mais caro que no ano passado”, conta.

Em comum, a reclamação dos preços.

Passagem: “Durante todo o dia a equipe do *Jornal Nacional* conversou com muitos consumidores. E eles disseram que gastaram mais esse ano. Mas atenção mães: isso não significa que o presente melhorou. Alguns filhos e maridos gastaram mais, infelizmente, por causa da inflação”.

Para o engenheiro Luis Cláudio um bom negócio seria pagar no máximo os R\$ 200 que ele gastou da última vez.

Luis Cláudio: Estou pretendendo ou nessa mesma faixa ou menor um pouquinho.
Jornal Nacional: Por que menor?

Luis Cláudio: Porque dependendo, né, a crise, a inflação, tudo vai subindo.

Para o professor de esportes Tiago Berlofa, o presente do ano passado não é mais uma alternativa. “Uma viagem é uma coisa que já dei e pode ser que esse ano não aconteça”, ele relata. Presentes modestos e de preferência que podem ser pagos à vista e com desconto. “Além do momento econômico, a gente tem que evitar contas, porque a situação do país não agrada ninguém, ultimamente”, conta o advogado Antônio José Contente.

Uma pesquisa mostrou que a tendência do consumidor esse ano é priorizar os pagamentos à vista. Só 24% dos entrevistados pensam em fazer financiamentos.

“Sem dúvida nenhuma, o dia das mães é um dia prioritário e muito importante, portanto o consumidor vai consumir no dia das mães, só que com muita cautela, com uso inteligente do seu dinheiro, porque o orçamento realmente está muito apertado e ninguém quer se endividar ou financiar nesse momento”, explica Nicola Tingas, economista-chefe da Acrefi

A prazo ou à vista, elas exigem presente. “Que nem criança espera Papai Noel, a gente espera dia das mães”, diz a médica Cristina Bezerra.

Jornal Nacional: E se o presente vier um pouco mais modesto do que o do ano passado?

Cristina Bezerra: Não tem problema, o que vale é a lembrança.

Tiago Berlofa já está pensando no argumento que vai usar no próximo dia 10 de maio. “Acho que presente a mãe, principalmente, ela entende bastante. O importante é lembrar”, conta.

Tempo: 02:08

Assunto 2

Economia

Reportagem de Ismar Madeira, Belo Horizonte

Imagem fechada em Alexandre Garcia, com gráfico e moedas no telão que remetem ao tema economia.

Cabeça: “Uma consequência da economia mais fraca é o aumento do número de brasileiros que não pagam dívidas que já tinham sido negociadas com os credores”.

Off

Gustavo deixou de pagar as prestações de um empréstimo há dois anos. Mas acha que este é um bom momento para negociar com o banco. “A crise está tão grande que estão fazendo de tudo para quem está devendo, poder pagar para liquidar o saldo”, ele diz.

Passagem: “Negociar a dívida para reduzir os juros e parcelar o pagamento é uma prática comum de quem quer tirar o nome do vermelho. O que chama a atenção agora é a quantidade de gente que fez isso e não está conseguindo cumprir o compromisso. Deixou de pagar de novo a mesma dívida”.

Um levantamento do Banco Central mostra que 16,6% de todo o crédito renegociado com os bancos estavam com o pagamento atrasado por até 90 dias, em março. É o pior índice desde dezembro de 2013.

A inadimplência é ainda maior na pesquisa feita pelo SPC, que considera todos os setores, incluindo o comércio. Neste caso, 48% das pessoas que renegociaram as dívidas disseram que estavam com parcelas atrasadas, em fevereiro.

Jaqueline Ferreira é uma delas. Deixou de pagar uma conta de telefone em novembro. Negociou o pagamento em três parcelas, mas só quitou a primeira. Voltou a ficar inadimplente e diz que está difícil limpar o nome na praça. “Eu gostaria, mas, como eu estou desempregada, se eu negociar, eu vou ter que pagar. Como que eu vou pagar?”, ela questiona.

Segundo o Procon, as condições de pagamento costumam piorar em uma renegociação. Por isso, o melhor é pensar bem na hora de fechar o acordo. “Eu posso pagar essa parcela que estou assumindo aqui agora? Porque se ele assina o compromisso e não vai e não arca com esse

compromisso, ele vai entrar em uma situação muito pior. Pode ser executado”, explica Maria Lúcia Scarpelli, coordenadora do Procon de BH.

É o que Cristian Fortunato quer evitar. Ele já conseguiu uma boa negociação com o banco no passado e vai tentar novamente. “Meu conselho é o seguinte: chorem, chorem muito, fale, expresse, fale a verdade, fale sempre a verdade e coloque sempre na mesa, ‘oh, está acontecendo isso, está acontecendo aquilo. Eu não estou conseguindo, mas eu preciso do meu nome’”, aconselha o segurança patrimonial Cristian.

Tempo: 02:16

Assunto 3

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Reportagem de Aline Oliveira, Russas, Ceará.

Imagem fechada em Renata, depois abre e mostra os dois apresentadores, mas só ela chama a notícia.

Cabeça: “No Ceará, um modelo de abastecimento, feito em parceria com a população, tem levado água de qualidade para 435 mil famílias. E esse sistema funciona até mesmo no período em que não chove”.

Off

No sertão do Ceará, Dona Vera tem água potável em casa 24 horas por dia. "Agora a gente tem tudo mais fácil, na torneira, na hora que a gente quer", conta a agricultora Vera Pereira da Silva. Para ter água assim, os moradores tiveram que passar a cuidar do sistema de abastecimento. São eles que fazem a leitura dos hidrômetros, testam a qualidade da água, identificam e consertam pequenos vazamentos.

"Olho vivo, não pode deixar passar nada. Tem que tirar o vazamento logo para não ficar desperdiçando água", afirma o operador Narcésio Mendes.

Esse modelo é uma parceria entre a ONG "Sistema Integrado de Saneamento Rural", Sisar, e as comunidades, que ajudam a definir até o valor da conta. E discutem a melhor maneira de usar a água.

"São essas questões que a gente discute, que é importante o uso racional, que é importante que a comunidade se envolva", diz Miriam Vieira Cruz, presidente da Associação Beneficente de Cristais.

Passagem: “Ter água nas torneiras mesmo depois de três anos de estiagem é difícil, principalmente na zona rural. Mas, lá, os moradores, que aprenderam a gerenciar o próprio sistema de abastecimento, encontraram soluções para não deixar faltar água em casa”.

Hoje, no Ceará, 435 mil famílias em 137 municípios são atendidas por esse sistema. "O louvável é que essas comunidades não entraram carro-pipa”, afirma Hélder Cortez, diretor de saneamento rural da Cagece.

A zona rural de Russas, a 160 quilômetros de Fortaleza, é um desses exemplos. A fonte de água lá agora é um novo poço. Os moradores mandaram perfurar com o dinheiro arrecadado com o pagamento da própria tarifa.

"No caso aqui foi emergencial, o poço secou, então a gente tinha esse fundo de reserva para dar a solução do sistema", explica o responsável técnico Erlandio Diógenes. Quem já sofreu com a falta d'água, sabe o valor de cada gota que sai da torneira. "Eu me emociono, hoje a gente tem essa riqueza”, diz a secretária do Sisar Marilene Silva.

Tempo: 02:04

Assunto 4

Mapa

Alexandre Garcia começa sentado, levanta da bancada e vai até o telão encontrar Maria Júlia, onde pergunta sobre o tempo. Ana Paula também faz pergunta da bancada.

Tempo: 02:57

Assunto 5

Publicidade Oi *internet*, 30 segundos

Naufrágio

Loc off lido por Alexandre (no telão se forma o mapa da Europa), imagem aberta nos dois apresentadores, depois são inseridas imagens.

A guarda costeira italiana resgatou 220 migrantes que tentavam chegar à Europa pelo Mediterrâneo. Eles viajavam em botes e foram salvos na sexta-feira (1º), entre a Líbia e a Sicília. Número de barcos aumentou muito entre sexta-feira e sábado porque o tempo melhorou na região. No mês passado, mais de mil pessoas morreram em naufrágios nessa mesma travessia.

Tempo: 00:26

Assunto 6

Mundo/ Terremoto / Nepal

Loc off

Imagem aberta nos dois apresentadores, imagem terremoto no telão, e só Ana fala, depois são inseridas imagens do Nepal.

Uma semana depois do terremoto que arrasou o Nepal, as autoridades descartaram a possibilidade de encontrar novos sobreviventes. Já são quase 7 mil mortos e 14 mil feridos. As equipes de socorro ainda não conseguiram chegar a áreas remotas do país, onde milhares de pessoas estão desaparecidas.

A ONU pediu que o governo do Nepal libere a ajuda internacional que está retida no aeroporto de Katmandu. Neste sábado (2), começou a retirada dos escombros em Patan, patrimônio mundial da humanidade. Palácios, praças e templos viraram ruínas. O sábado também teve homenagens às vítimas da tragédia.

Tempo: 00:38

Assunto 7

Publicidade Oi *internet*, 30 segundos

Mundo / Casamento / Nepal

Loc off

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas só Alexandre chama a notícia, depois são inseridas imagens.

Uma cerimônia em Katmandu chamou a atenção do mundo. O casamento entre uma francesa e um nepalês, que estava marcado pra semana passada e foi adiado por causa do terremoto. Os noivos fizeram questão de manter os planos. Foi uma festa discreta, com menos convidados, para lembrar que a vida continua.

Tempo: 00:23

Assunto 8

Publicidade Ultrafarma, 30 segundos

Mundo / Terremoto / Japão

Reportagem de Márcio Gomes, Japão

Imagem abasta nos dois apresentadores, mas só Aana chama a notícia, imagem vai fechando nela e no telão aparece o mapa do Japão.

Cabeça:

“Um tremor de baixa intensidade atingiu neste sábado (2) o sul e o sudeste do Japão. Ninguém se feriu. Essa rotina de terremotos fez o país investir em sistemas avançados de prevenção - mas ainda há muitos perigos por lá”.

Off

Quem vê prédios tão altos, pode imaginar que não combinam com uma cidade onde os terremotos fazem parte do dia a dia. Mas os japoneses desenvolveram tecnologia para se proteger. Nas fundações dos prédios mais modernos, um sistema de molas absorve o abalo quando a terra treme. Às vezes, uma espécie de amortecedor fica no alto. Evita, como em um conjunto de

edifícios de 40 andares, exibido no vídeo acima, que eles se toquem no caso de um balanço provocado por um grande tremor.

Por lei, toda construção erguida a partir de 1981 precisa resistir a fortes terremotos. Prédios e casas que vieram antes da lei são aconselhados a reforçar as estruturas. Como em uma escola mostrada na reportagem, que recebeu barras de aço na fachada.

Passagem: “Viver em Tóquio é viver esperando o próximo grande terremoto, previsto pelos cientistas, mas não se sabe para quando. E se o número de vítimas e as perdas materiais serão enormes, é porque a tecnologia de prevenção ainda não chegou para todos” (em uma rua com casas antigas)

O grande perigo está em casas antigas, muitas de madeira. Elas se espalham por toda a cidade. Às vezes nos bairros mais nobres, ao lado de prédios modernos. Uma convivência arriscada. No terremoto de Kobe, no Centro do Japão, em 1995, mais de seis mil pessoas morreram: a maioria vítima dos incêndios, que se alastraram com facilidade por causa desse tipo de habitação. Segundo as estimativas, em Tóquio, depois de um terremoto de grandes proporções, vão morrer 23 mil pessoas, 16 mil por causa do fogo! Além disso, frágeis, as casas antigas desabariam com mais facilidade, interrompendo rotas de fuga em ruas estreitas.

O Governo banca parte da reforma. Foi o incentivo para o seu Yamamoto. Com 65 anos, ele nasceu em uma casa de 1932 e herdou o trabalho do pai em uma tinturaria que fica no térreo. Yamamoto diz que primeiro vai trocar o telhado e espera que outros façam o mesmo. "Se os vizinhos da rua não reformarem as casas, sei que não adianta muito. E quero me sentir mais seguro aqui", conta ele.

Tempo: 02:52

Assunto 9

Violência / Preconceito / EUA

Reportagem de Alan Severiano, Nova York

Imagem fechada em Ana Paula, imagem da bandeira dos EUA se forma no telão.

Cabeça: “A decisão do Ministério Público americano de acusar seis policiais pela morte do jovem negro Freddie Gray não acalmou os ânimos dos manifestantes nos Estados Unidos. Milhares de pessoas saíram às ruas neste sábado (2) pedindo justiça”.

Off

Comemoração e frustração caminharam juntas. Nas mais de 30 cidades americanas que tiveram protestos neste sábado (2), teve aplausos para a procuradora que acusou seis policiais pela morte de Freddie Gray.

Mas o grito era também contra o abismo social entre brancos e negros, ricos e pobres. A prefeita de Baltimore distribuiu comida para a população carente, que pediu escolas melhores. Uma senadora disse que a América tem de entender que precisa investir nas comunidades. Passagem: “Em Nova York, o protesto deste sábado (2) foi no bairro do Harlem. Brancos e negros se uniram contra o racismo e a brutalidade da polícia. Eles marcharam até a delegacia do bairro e fizeram um minuto de silêncio”

Depois foram seguidos de perto pela polícia, mas não houve confronto. Os seis policiais acusados pela procuradora de Baltimore ficaram poucas horas na prisão e foram liberados na sexta (1). Cada um pagou uma fiança equivalente a mais de R\$ 750 mil. Todos respondem por negligência e agressão.

Caesar Goodson Junior é acusado também de homicídio doloso e pode pegar 30 anos de cadeia. Ele dirigiu a van da polícia onde Freddie Gray foi transportado depois de ser preso. O rapaz teve uma lesão no pescoço durante a viagem e morreu uma semana depois.

Um homem diz que é inaceitável que a cada 28 horas um negro seja morto pela polícia nos Estados Unidos. O *Jornal Nacional* perguntou a ele se o fato de três policiais serem negros muda alguma coisa. Ele responde que todos têm de pagar. “Acredito na justiça e ponto final”, conclui.

Tempo: 01:57

Assunto 10

Publicidade Shell, 15 segundos

Política

Ao vivo de Giovana Telles, Brasília

Imagem começa fechada em Ana Paula, depois, abre, ela levanta da bancada e vai até o telão conversar com a repórter. É possível ouvir o barulho das pisadas da apresentadora se deslocando pelo estúdio.

Cabeça: “A Operação Lava Jato tem várias etapas pela frente. Depoimentos importantes estão marcados pra semana que vem, em Curitiba”. Vamos ao vivo até Brasília conversar com a repórter Giovana Telles”.

Texto da repórter:

O juiz Sérgio Moro quer ouvir cinco dos nove executivos de empreiteiras que saíram da carceragem esta semana em Curitiba e foram para prisão domiciliar, por determinação do STF. A lista de depoimentos de segunda-feira tem: Dalton dos Santos Avancini, João Ricardo Auler e Eduardo Leite, da Camargo Corrêa e Ricardo Pessoa, da UTC, apontado na investigação como chefe do cartel das empreiteiras na Petrobras. E, na quarta, deve ser Ouvido Erton Medeiros, da Galvão Engenharia. (A repórter lê os nomes escritos em um bloco de anotações).

Como eles estão fora do Paraná, tiveram que informar como vão se deslocar para as audiências, isso inclui onde vão embarcar e a que horas e como vão voltar pra casa.

Alguns empreiteiros já prestaram esclarecimentos para a Polícia Federal. Agora vai ser a primeira vez que vão ser interrogados pelo juiz Sergio Moro.

Os processos dos empreiteiros no Paraná estão na fase final. Isso quer dizer que já houve coleta de provas, depoimentos de testemunhas de acusação e defesa. Agora serão ouvidos os próprios empreiteiros. Assim que os depoimentos dos empreiteiros acabarem, o juiz Sergio Moro vai abrir um prazo para Ministério Público e defesa. E, na sequência, ele vai decidir quem é culpado e quem é inocente.

Ana Paula pergunta do estúdio e a repórter responde, Alexandre também pergunta da bancada. Não há inserção de imagens enquanto a repórter fala.

Uma data certa de julgamento ainda não há. Mas o juiz Sérgio Moro tem julgado rapidamente as ações da Operação Lava Jato. A operação começou em março do ano passado, nesse tempo - um ano e um mês - ele já julgou 21 réus 19 foram condenados.

Como os processos dos empreiteiros estão na fase final, a expectativa é que eles sejam julgados até o fim de junho. Se forem condenados, o tempo que eles passarem em prisão domiciliar conta na redução da pena. O cálculo é: um dia de prisão domiciliar reduz um dia da pena.

As investigações sobre os políticos no Supremo ainda estão bem na fase inicial. Semana que vem, de acordo com documentos que a Polícia Federal mandou para o STF estão marcados sete depoimentos. Quatro de deputados e três de senadores.

Essa semana, alguns depoimentos de políticos foram remarcados. E só vão ser feitos mais para o fim do mês. O ministro Teori Zavascki, que é o relator do processo da Lava Jato no Supremo, prorrogou por dois meses o prazo de investigação para 20 dos 26 inquéritos que estão no STF. No total, 48 políticos de sete partidos são investigados. Entre eles 35 deputados e senadores eles têm foro privilegiado. Por isso serão julgados no STF, não pela Justiça Federal no Paraná.

Tempo: 04:09

Assunto 11

Publicidade Friboi, 15 segundos

Violência/ Venda ilegal de eletrônicos / Rio de Janeiro

Reportagem de Eduardo Tchao, Rio de Janeiro.

Imagem fechada em Alexandre

Cabeça: “O *Jornal Nacional* mostrou na sexta-feira (1º) uma série de assaltos a trabalhadores indefesos, em pleno Centro do Rio de Janeiro. Um homem chegou a ser esfaqueado. Neste sábado

(2), a Polícia Militar aumentou o patrulhamento nessa região. Os repórteres Eduardo Tchao e Júnior Alves mostram na reportagem acima para onde vai uma parte dos celulares roubados no Centro do Rio”.

Off

No Centro do Rio, celulares de última geração, ainda nas caixas, são vendidos no meio da rua. Os camelôs agem livremente.

Jornal Nacional: Esse é original mesmo?

Camelô: É, ‘pô’.

Aparelhos que nas lojas custam mais de R\$ 2 mil são vendidos por valores bem mais baixos.

Jornal Nacional: Esse é quanto?

Camelô 1: R\$ 350

Camelô 2: ‘Tá’ R\$ 500

Camelô 3: R\$ 300

Um camelô também vende celulares usados.

Jornal Nacional: Mas ele é zero, não?

Camelô: É seminovo, ‘pô’. É original. Se tiver algum aparelho, eu ‘abaixo’ o preço.

Passagem: “A polícia afirma que muitos dos celulares usados vendidos em camelôs são roubados. Já os aparelhos novos, chegam de outra forma. São quadrilhas especializadas que agem em lojas de rua e até dentro de shoppings”.

Em um shopping da Zona Norte, as câmeras de uma loja flagraram a ação dos bandidos. Eles levaram um funcionário para o depósito e roubaram os celulares.

Imagens exibidas no vídeo acima mostram o assalto a uma loja em um prédio do Centro, dois dias atrás. Três bandidos armados renderam os funcionários e levaram vários aparelhos. A Polícia já prendeu seis pessoas ligadas às quadrilhas que roubam celulares e está à procura de outros oito suspeitos. Neste sábado (2), policiais militares apreenderam com um ambulante seis aparelhos celulares, sem notas fiscais. Mas ele foi liberado, porque não havia prova de roubo.

Tempo: 01:57

Assunto 12

Esporte

“Brasileiros dão show na etapa da Copa do Mundo de Ginástica Artística, em São Paulo”. Ao lado da chamada aparece uma foto com um atleta na barra, mas o conteúdo não está mais disponível.

Assunto 13

Futebol

Nota coberta

Ana Paula chama a notícia, imagem aberta nos dois.

A nota fala dos campeões em dois estados, Brasília e Rio Grande do Norte.

Tempo: 00:48

Assunto 14

Publicidade Friboi, 15 segundos.

Futebol

“Mais 12 torcidas vão conhecer os campeões nas decisões dos estaduais no domingo”.

Imagem aberta nos dois apresentadores, mas Alexandre chama a notícia.

Reportagem de Eduarda Streb, Porto Alegre.

“Gama é o campeão do Braziliense e o América-RN, do Potiguar”. Ao lado da chamada aparece uma foto de um dos campeões, mas o conteúdo não está mais disponível.

A reportagem traz um mapa de 12 decisões nos estados, mas não mostra todos com imagens.

Tempo: 02:17

Assunto 15

Publicidade Shell, 15 segundos

Economia

Reportagem de Elaine Bast, São Paulo.

Imagem aberta e vai fechando em Alexandre. Imagem de gráfico e moedas no telão.

Cabeça: “Os consumidores estão ajustando as contas para lidar com o cenário de preços em alta e economia fraca. Um estudo comprovou que os brasileiros estão reavaliando gastos e reduzindo até aquelas compras à prestação, que sempre fizeram muito sucesso”.

Off

Roupas a espera de um comprador. Algumas nem chegaram a ser colocadas na prateleira. Estão na fila, no estoque de uma grande loja de comércio popular em São Paulo. As vendas na região caíram em média 15% este ano.

“A queda foi generalizada. Isso desde o segundo semestre do ano passado. E esse ano ficou um pouquinho mais difícil. Esse ano estamos iniciando um ano um pouco mais difícil”, aponta Nelson Tranquez Junior, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas do Bom Retiro.

Passagem: “E o resultado do estoque alto é a promoção. Muitas peças que estão com desconto ainda são da coleção de verão, roupas que já deveriam ter saído da loja no fim do carnaval” – gravada em uma loja em promoção.

E olha só o motivo: “A gente tem medo de gastar. A inflação está subindo dia a dia, então, o orçamento muda, então a gente tem apertar o cinto”, comenta a secretária Bela Ferreira. “Quem comprava dez peças, hoje compra cinco. Quem compra cinco, compra duas e quem comprava duas, sumiu”, diz o vendedor Wilson Madureira.

Segundo uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito, feita em 26 capitais e no Distrito Federal, 56% dos brasileiros estão revendo gastos que estavam planejados para 2015 e pretendem cortar produtos considerados não essenciais. E 53% decidiram diminuir as compras parceladas com medo do que pode acontecer no futuro. (Usada uma arte com animação, bonecos que representam pessoas nas compras)

É o que Regina de Lima tem feito. “Se não você fica presa em uma dívida por muito tempo, e você acaba ficando sufocada o ano inteiro”, afirma a vice-diretora de escola. Os consumidores também têm sentido mais dificuldade para conseguir crédito. É o que disseram quatro em cada dez entrevistados. Deste grupo, a maior reclamação é que os comerciantes estão recusando o cheque pré-datado. “O comerciante tem evitado isso justamente para se precaver na inadimplência nesse segmento”, explica Marcela Kawauti, economista do SPC.

E em um cenário assim, ganha quem tiver dinheiro no bolso. “Pela crise financeira no país é mais fácil que você compre à vista, o desconto é maior”, diz um consumidor.

“O consumidor que souber passar por 2015 com cautela e com inteligência pode chegar bem em 2016”, afirma a economista Marcela.

E Maria já tem uma estratégia para isso. Nunca compra na primeira loja que entra.

Jornal Nacional: Pesquisa bastante e gasta bastante sola de sapato?

Maria José Pereira: É, tem que gastar sola.

Tempo: 02:38

Assunto 16

Mundo / Reinado / Inglaterra

Reportagem de Roberto Kovalick, Londres

Imagem fechada em Ana Paula.

Cabeça: “Esse é um sábado (2) de festa em Londres. Os britânicos comemoram o nascimento da filha do Príncipe William e da duquesa de Cambridge, Kate Middleton. A princesinha é agora a quarta na linha de sucessão ao trono real”.

Off

É uma menina! No alto e em bom som. O sineteiro não é oficial, é só mais um fã, mas dá aquele colorido à realeza britânica. “Eu me sinto feliz, orgulhoso, extasiado porque George tem uma irmã”, ele conta.

E foi essa palavra "irmã" que marinheiros escolheram para homenagear a mais nova princesa. Ela nasceu com 3 quilos e 700 gramas, apenas duas horas depois que a Duquesa Kate foi levada para a maternidade.

É família moderna e o aviso saiu em uma rede social. Mas é também a monarquia e um anúncio cheio de formalidade foi colocado no palácio de Buckingham, informando que a menina nasceu às 8h34.

Na maternidade, os mais fanáticos, acampados ali por mais de 10 dias, também celebraram. Um sinal de que logo conheceriam a princesa. William saiu apressado. E voltou com o primogênito George. O menino, que vai completar 2 anos, já aprendeu que, para encantar os súditos, um gesto é infalível.

Uma cena semelhante ocorreu 30 anos atrás. William foi levado pelo pai, o príncipe Charles, para conhecer o irmão Harry, que tinha acabado de nascer na mesma maternidade. Nesse caso, o aceno veio na saída.

O parto, neste sábado (2), foi normal. Kate se recuperou rápido e, em poucas horas, já estava elegante e sorridente ao lado do marido para apresentar a filha.

Muita gente não conseguiu ver a menina, mas em segundos a foto se espalhou pelo mundo.

Passagem: “Foi rápido. Menos de 10 horas depois do nascimento, a família está indo para casa, em um carro dirigido pelo próprio príncipe William. A princesa nascida neste sábado (2) é quarta na linha de sucessão. Dificilmente, vai ocupar o trono, mas, pela multidão, já tem lugar garantido no coração dos britânicos”.

E o nome? "Alice", apostam as australianas. "Elizabeth", querem as escocesas.

O anúncio, só depois que ela for apresentada à rainha, que estava em uma cerimônia no interior da Inglaterra, usando vestido rosa. Dizem que é para mostrar como estava feliz com a chegada da bisneta. A rainha e todo o reino.

Tempo: 03:07

Assunto 17

Publicidade Mastercard, 15 segundos

(nova)

Política

Reportagem de Júlio Mosquera, Brasília.

Imagem aberta e depois vai fechando em Alexandre Garcia, que chama a notícia e no telão aparece o símbolo da Petrobrás e de canos.

Cabeça: “Uma lista entregue à Justiça Federal, no Paraná, revelou novos indícios sobre o esquema de desvio de dinheiro na Petrobras”.

A reportagem do jornal O Estado de S. Paulo mostra que dez operadores do esquema de propina entraram e saíram da empresa centenas de vezes entre 2000 e 2014.

As planilhas entregues à justiça, as quais o *Jornal Nacional* também teve acesso, indicam o nome e o número da identidade do visitante, além da data e a hora das visitas. E revelam que os operadores fizeram mais de 2.200 visitas a funcionários e dirigentes da empresa.

Entre eles, os ex-diretores de abastecimento Paulo Roberto Costa, de serviços Renato Duque, da área internacional Nestor Cerveró, além do ex-gerente Pedro Barusco. Todos eles são acusados de participar do esquema de desvio de dinheiro.

Os registros mostram que os operadores também visitaram os ex-presidentes da Petrobras José Sergio Gabrielli e Graça Foster, os ex-diretores da área internacional Jorge Zelada, de exploração e produção Guilherme Estrella, e de gás e energia Ildo Sauer.

Passagem: O Ministério Público Federal explicou que as empreiteiras pagavam propina a dirigentes da Petrobras para conseguir contratos. Esses dirigentes precisavam dos operadores para receber o dinheiro e repassá-lo a políticos e partidos políticos sem deixar rastros. Eram os operadores que pagavam a propina em dinheiro vivo ou mandavam para contas no exterior, principalmente na Suíça.

A lista de visitantes da Petrobras traz 10 dos 11 supostos operadores investigados por crimes como lavagem de dinheiro, corrupção e fraude em licitações: Zwi Skornicki, Milton Pascowitchi, Shinko Nakandakari, Mario Frederico Mendonça Goes, Atan de Azevedo Barbosa, Cesar Roberto Santos de Oliveira, Guilherme Esteves de Jesus, Bernardo Schiller Freigurghaus, Luis Eduardo Campos Barbosa da Silva e Augusto Amorim Costa.

João Vaccari Neto, ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores, é o único que não aparece nos registros oficiais de visitas à Petrobras.

O operador que mais esteve na Petrobras foi Luis Eduardo Campos Barbosa. Esteve com Pedro Barusco, Renato Duque e Paulo Roberto Costa. Luiz Eduardo Campos foi sócio de Julio Faerman, e é acusado de pagar propina em nome da empresa holandesa de plataformas SBM.

Zwi Skornicki, representante do estaleiro Kepell Fels, esteve na empresa mais de 500 vezes. Ele visitou os ex-presidentes da Petrobras José Sérgio Gabrielli e Graça Foster, além de ex-diretores da empresa investigados na Lava Jato. De acordo com Pedro Barusco, Zwi repassou dinheiro desviado da Petrobras para o próprio Barusco, para Renato Duque e também para o PT.

O empresário Augusto Amorim Costa, da Queiroz Galvão, fez mais de 400 visitas a dirigentes como Graça Foster, Renato Duque, Pedro Barusco e Jorge Zelada.

Shinko Nakandakari, que em delação premiada confessou ter pago propina em nome da Galvão Engenharia, esteve na Petrobras 175 vezes. Encontrou diretores como Jorge Zelada, Renato Duque e Pedro Barusco.

Notapé dividido entre os dois apresentadores:

Alexandre: Os advogados de Luis Eduardo Campos Barbosa da Silva e de Shinko Nakandakari declararam que os clientes são engenheiros de óleo e gás e que é natural terem ido à Petrobras para reuniões de trabalho.

Ana: O advogado de Atan de Azevedo Barbosa afirmou que o cliente foi funcionário da Petrobras por 18 anos e que retornou à empresa apenas por causa das amizades que fez por lá.

Alexandre: A defesa de Cesar Roberto Santos de Oliveira e da empresa GDK disse que é natural que representantes da GDK tenham ido à Petrobras resguardar os direitos da empresa, e que tudo foi dentro da legalidade.

Ana: Zwi Skornicki confirmou as visitas à Petrobras e disse que realizou centenas de reuniões técnicas e comerciais como representante comercial. Mas que essas reuniões jamais envolveram atos ilícitos.

Alexandre: As defesas de Renato Duque, Nestor Cerveró e Jorge Zelada afirmaram as visitas trataram de assuntos de interesse da Petrobras.

Ana: O ex-diretor Ildo Sauer não é investigado. Ele disse que nunca negou audiências e que elas não envolveram atos ilegais.

Alexandre: A Queiroz Galvão reiterou que suas atividades seguem rígidos padrões de ética e estão de acordo com as leis.

Ana: O ex-tesoureiro do PT, João Vaccari, voltou a negar que tenha sido operador do esquema. O Partido de Trabalhadores tem afirmado que todas as doações foram legais e aprovadas pelas autoridades.

Alexandre: A Petrobras não quis comentar. O *Jornal Nacional* não conseguiu contato com as demais pessoas e empresas citadas na reportagem.

A notapé dura quase dois minutos.

Tempo: 05:03

Assunto 18

Conteúdo exclusivo para assinantes. O vídeo não está disponível.